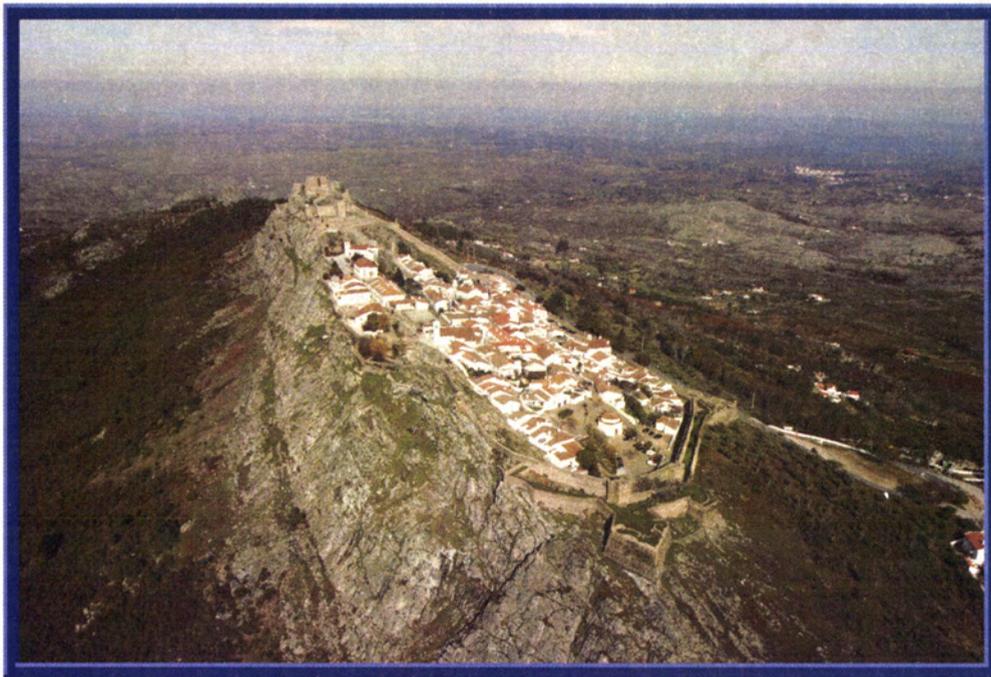


UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Departamento de Linguística e Literaturas

O FALAR DE MARVÃO



**Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem e da
Comunicação apresentada por:**

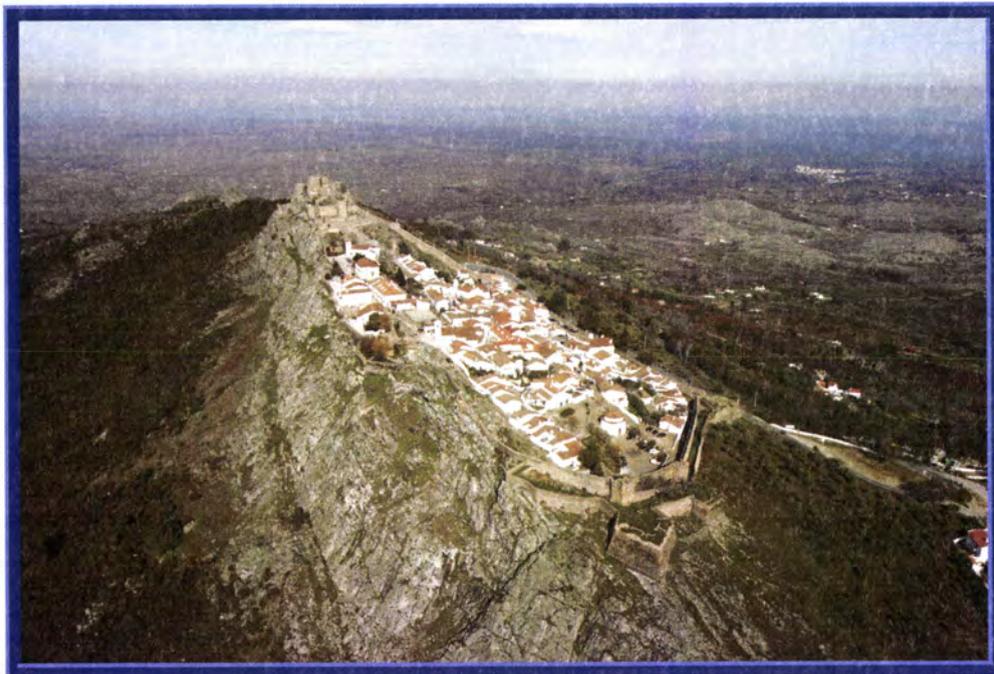
TERESA SUSANA BENGALA SIMÃO

Orientadora: Ana Paula F. Banza F. Santos

2010

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Departamento de Linguística e Literaturas

O FALAR DE MARVÃO



**Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem e da
Comunicação apresentada por:**

TERESA SUSANA BENGALA SIMÃO

Orientadora: Ana Paula F. Banza F. Santos

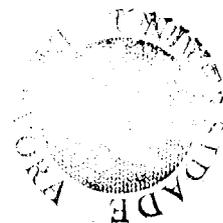


176 405

2010

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Departamento de Linguística e Literaturas

O FALAR DE MARVÃO



**Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem e da
Comunicação apresentada por:**

TERESA SUSANA BENGALA SIMÃO

Orientadora: Ana Paula F. Banza F. Santos

2010

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Departamento de Linguística e Literaturas

O FALAR DE MARVÃO

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem e da
Comunicação apresentada por:**

TERESA SUSANA BENGALA SIMÃO

Orientadora: Ana Paula F. Banza F. Santos

2010

Índice

Resumo	8
Abstract	9
Dedicatória	10
Preâmbulo	11
Agradecimentos	13
Introdução	15
1. Prolegómenos	15
2. Metodologia	20
Capítulo 1 – Estudos dialectológicos realizados no distrito de Portalegre	27
Capítulo 2 – Caracterização do concelho de Marvão	51
2.1. Origens do topónimo “Marvão”	51
2.2. Localização e geografia física de Marvão	54
2.3. Evolução do povoamento do concelho	56
2.4. Economia	59
2.5. Demografia	61
Capítulo 3 – Principais aspectos fonético-fonológicos	65
Transcrição fonética	65
3.1. Vocalismo	67
3.1.1. Vogais tónicas	67
3.1.1.1. Orais	67
3.1.1.2. Nasais	73

3.1.2. Vogais átonas	76
3.1.2.1. Orais	76
3.1.2.2. Nasais	84
3.2. Ditongos	88
3.2.1. Decrescentes orais	88
3.2.2. Crescentes orais	94
3.2.3. Decrescentes nasais	96
3.3.4. Crescentes nasais	100
3.3. Consonantismo	102
3.3.1. Consoantes oclusivas	102
3.3.1.1. Bilabiais	102
3.3.1.2. Dentais	103
3.3.1.3. Velares	104
3.3.2. Consoantes fricativas	104
3.3.2.1. Labiodentais	104
3.3.2.2. Dentais	105
3.3.2.3. Palatais	106
3.3.3. Consoantes africadas	107
3.3.4. Consoantes nasais	107
3.3.4.1. Bilabial	107
3.3.4.2. Alveolar	108
3.3.4.3. Palatal	109
3.3.5. Consoantes laterais	109
3.3.5.1. Alveolar	109
3.3.5.2. Palatal	111
3.3.6. Consoantes vibrantes	112
3.3.6.1. Alveolar	112
3.3.6.2. Uvular	113
3.4. Processos fonológicos gerais	114
3.4.1. Supressão	114
3.4.2. Inserção	115
3.4.3. Metátese	117
3.4.4. Dissimilação	118

3.4.5. Assimilação	120
3.4.6. Desnasalização	121
3. 5. Acentuação	123
Capítulo 4 – Principais aspectos morfo-sintáticos	125
4.1. Determinantes	125
4.1.1. Artigos	125
4.1.1.1. Definidos	125
4.1.1.2. Indefinidos	126
4.2. Nomes	126
4.2.1. Número	126
4.2.2. Género	130
4.2.3. Aumentativos	132
4.2.4. Diminutivos	132
4.2.5. Colectivos	133
4.3. Adjectivos	134
4.3.1. Graus	134
4.3.1.1. Comparativo	134
4.3.1.2. Superlativo	135
4.4. Pronomes	137
4.4.1. Pessoais	137
4.4.2. Possessivos	142
4.4.3. Demonstrativos	143
4.4.4. Relativos	144
4.4.5. Interrogativos	145
4.4.6. Indefinidos	145
4.5. Formas de tratamento	147
4.6. Verbos	150
4.6.1. Conjugações	150
4.6.2. Tempos e Modos	151
4.6.3. Conjugação Reflexa	154
4.6.4. Pessoa	155
4.6.5. Verbos especiais	158

4.6.6. Perífrases gramaticais	161
4.7. Advérbios e locuções adverbiais	161
4.7.1. Tempo	161
4.7.2. Lugar	163
4.7.3. Quantidade	164
4.7.4. Modo	164
4.7.5. Negação	166
4.7.6. Afirmção	167
4.7.7. Dúvida	167
4.7.8. Inclusão	167
4.7.9. Exclusão	168
4.7.10. Outros	168
4.8. Preposições e locuções prepositivas	168
4.9. Conjunções e locuções conjuncionais	170
4.9.1. Coordenativas	170
4.9.2. Subordinativas	170
4.10. Interjeições e expressões interjectivas	173
4.11. Formação de palavras	178
4.11.1. Composição	178
4.11.2. Derivação	180
4.12. Etimologia Popular	186
4.13. Outros aspectos morfo-sintáticos	187
Capítulo 5 – Léxico	189
5.1. Glossário sobre o Homem	189
5.2. Alcuñas	238
5.3. Provérbios e máximas populares	252
Conclusão	259
Bibliografia	264
Anexos	276

Anexo 1 – Os nossos informantes	AI
Anexo 2 – Carta Dialectal do Continente Português	AII
Anexo 3 – Mapa Dialectal do Continente Português	AIII
Anexo 4 – Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental	AIV
Anexo 5 – Mapa da Classificação dos Dialectos Galego-portugueses	AV
Anexo 6 – Inquérito linguístico	AVI
Anexo 7 – Documento de demarcação do concelho de Marvão em 1264	AVII
Anexo 8 – Principais zonas de conflito na Guerra da Restauração	AVIII

Índice de figuras e gráficos

Fig. 1 – Sr. João Pereira preparando uma peça de artesanato.	21
Fig. 2 – Sr. José Braz exibindo um mangual.	22
Fig. 3 – Grupo de trabalhadores do Pereiro.	22
Fig. 4 – Marvão visto de São Salvador de Aramenha.	51
Fig. 5 – Mapa que evidencia a localização de Marvão no contexto europeu e português.	54
Fig. 6 – Vista panorâmica da parte norte do concelho.	55
Fig. 7 – Vista panorâmica da parte sul do concelho.	55
Fig. 8 – Mapa que ilustra o território de Marvão aquando da atribuição da carta de foral.	58
Fig. 9 – As quatro freguesias que constituem o concelho de Marvão.	59
Fig. 10 – Gráfico da distribuição percentual dos marvanenses por sector de actividade.	60
Fig. 11 – Tabela da evolução da população do concelho de Marvão de 1900 a 2004.	62
Fig. 12 – Pirâmide etária – 1991.	63
Fig. 13 – Pirâmide etária – 2001.	63
Fig. 14 – Gráfico da evolução do nível de instrução dos marvanenses.	64

Resumo

Nesta dissertação, é estudado o *Falar de Marvão*, um concelho de raia, do Alto Alentejo, com baixa densidade demográfica, população muito envelhecida e uma taxa de analfabetismo acima da média nacional e regional.

O presente estudo é composto por cinco capítulos. Nos dois primeiros, são apresentados os estudos dialectológicos realizados no distrito de Portalegre e é caracterizado o concelho de Marvão. O estudo do falar desenrola-se ao longo dos três capítulos principais, dedicados aos aspectos fonético-fonológicos e morfo-sintáticos, bem como ao léxico relacionado com o Homem.

O *Falar de Marvão* está integrado nos dialectos portugueses centro-meridionais, mais especificamente na variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo. Assim, apresenta a maior parte das características identificadas pelos linguistas do século XX sobre esta região dialectal, demarcando-se, contudo, por algumas particularidades que o distinguem dos falares dos concelhos circundantes, essencialmente ao nível de alguns aspectos fonético-fonológicos e do léxico.

Palavras-chave: dialectologia; falares; variação linguística; linguística; identidade regional; Marvão; Alto Alentejo; património imaterial.

Abstract

The Marvão's dialect

In this dissertation is presented a study on *The Marvão's Dialect*, a bordering district from Alto Alentejo, with a low demographic density, very old population and a rate of illiteracy above the national and regional average.

This study is composed by five chapters. In the two first chapters, are presented the dialectological studies, which took place in the district of Portalegre, and there is also characterized the district of Marvão. The study of the dialect is developed along the three main chapters, which are dedicated to the phonetic, phonologic, morphologic and syntactic aspects, as well as the lexicon related to the human being.

The Marvão's dialect is integrated in the centre-meridional portuguese dialects, specifically in the Beira Baixa and Alto Alentejo's diversity, presenting the main characteristics identified in this dialectical region by the linguists of the XX century. However, it distinguishes itself by some particularities, which differentiate it from the dialects spoken in the surrounding districts, mainly on the level of some phonetic and phonologic aspects and the lexicon.

Keywords: dialectology; dialects; linguistic variation; linguistics; regional identity; Marvão; Alto Alentejo; immaterial patrimony.

Dedicatória

A todos os nossos conterrâneos, que partilham connosco
o *Falar de Marvão*.

Preâmbulo

“Acudamos a tudo enquanto é tempo! De ano para ano extinguem-se ou transformam-se muitas cousas e surgem outras de novo em vez delas.”

Leite de Vasconcelos

“Conhecer a vida local em todas as fontes de informação que ela nos pode fornecer (...) é não somente uma utilidade com vantagens de ordem histórica e científica, como também de ordem material e, sobretudo, moral e cívica.”

Possidónio Laranjo Coelho

Naturais e residentes na aldeia dos Alvarrões¹, desde cedo tomámos contacto com a variedade linguística desta região, que adquirimos como língua materna.

O ingresso no ensino básico veio despertar-nos para a existência de uma norma e para as diferenças entre esta e a variante regional, o que veio a acentuar-se com o convívio com pessoas de outros concelhos ao longo do percurso escolar e profissional. Contudo, para sempre ficaram na memória enunciados da comunidade que nos envolvia, tais como: “Ó filha, traz o aldarinho p’ra baranda!” ou “Pranta o cravero aqui no piel.”.

Se o interesse pelo tema da dialectologia já vinha crescendo desde cedo, o ingresso na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e, em particular, no curso de Línguas e Literaturas Modernas despertou-nos para o aprofundamento dos estudos nesta área.

Ao entrarmos no mercado de trabalho, o facto de termos leccionado em vários locais do país e, especialmente, em diversas localidades do distrito de Portalegre, ouvindo constantemente variantes regionais distintas, levou-nos a registar muitas dessas realidades e despertou-nos para a necessidade de estudarmos mais em concreto a variante regional do nosso concelho.

Aquando da frequência do mestrado em “Língua, Cultura Portuguesa e Didáctica”, na Universidade da Beira Interior, sob a orientação do Professor João Malaca Casteleiro, iniciámos o estudo do “Falar de Marvão”.

¹ Aldeia rural localizada na parte sul do concelho de Marvão, pertencente à freguesia de São Salvador de Aramenha.

Se, por um lado, este estudo nos dá um enorme prazer, por outro, enquanto marvanenses que somos, constitui também um dever cívico. Numa altura em que a globalização da cultura e dos fluxos migratórios cada vez mais esbate as diferenças existentes entre os vários povos, temos obrigação de estudar, compreender e perpetuar as nossas tradições e, intimamente associado a elas, o nosso modo particular de falar, preservando a identidade cultural da nossa região e evitando, assim, a dissolução da memória da variante regional de Marvão. Afinal, para que servem esses ditos, expressões e fórmulas regionais, se não for para nos ajudar a descobrir uma filosofia concreta da existência, a do nosso concelho do Alto Alentejo?

Temos consciência de que este é um trabalho em progresso; contudo reúne aqui um conjunto de pistas que podem suscitar investigações complementares reveladoras de aspectos que ficaram ocultos na história (e idiosincrasia) da população marvanense.

Évora, Abril de 2010

Agradecimentos

Chegado, finalmente, o momento de apresentar esta monografia, reconhecemos que só foi possível chegar até aqui com a ajuda de muitas pessoas que conosco colaboraram. Assim, gostaríamos de expressar os nossos sinceros agradecimentos a todos aqueles que, directa ou indirectamente, o tornaram possível:

Começamos por agradecer à Professora Doutora Ana Paula Banza, pela forma como acolheu este trabalho já em curso e pela orientação e preciosa ajuda que, desde o primeiro momento, nos dedicou.

Ao Professor Doutor João Malaca Casteleiro, docente no mestrado de “Língua, Cultura Portuguesa e Didáctica”, na Universidade da Beira Interior, que nos incentivou a enveredar por este ramo de investigação e nos forneceu o primeiro apoio para o arranque desta dissertação.

Ao Professor Doutor Jorge Oliveira, nosso conterrâneo e amigo, que nos forneceu referências bibliográficas sobre o concelho de Marvão e, inclusivamente, partilhou conosco exemplares da sua biblioteca pessoal, e que, desde que teve conhecimento deste trabalho, sempre nos incentivou, até pelo seu exemplo académico e de dedicação ao concelho de que é natural.

Aos nossos pais, que a todo o momento nos relembram diversos aspectos do *Falar de Marvão*, e a toda a família mais próxima, que muito abdicou da nossa companhia e muito apoio nos deu para prosseguirmos.

Aos informantes² escolhidos para aplicação dos inquéritos linguísticos nas várias localidades do concelho, nomeadamente:

Ana da Conceição Cebolas de Oliveira;

Antónia da Conceição Pires Pena;

António Velez Gonçalves;

Felicidade da Costa Lourença;

Fernanda Dias;

Hermínia Oliveira;

Isaura Sequeira Trindade;

Jacinta da Silva Candeias;

² Consultar fotos de alguns informantes no Anexo 1.

João Bernardo da Conceição Pereira;

João Gavancha;

Joaquim das Dores Raposo;

Joaquina da Conceição Viegas;

Joaquina Gonçalves Carrilho;

José Braz Fernandes Maroco;

Júlio Meira Batista;

Leonardo Matias Guilhens;

Maria das Dores Freire Costa;

Palmira dos Remédios Marujo;

Vitorino Cebolas Barreta.

Ao veterinário e amigo José Caldeira Martins, por ter partilhado connosco a sua recolha efectuada ao longo de muitos anos ao serviço no concelho de Marvão.

A todos os marvanenses, nossos caros conterrâneos, que durante estes anos nos forneceram, e continuam a fornecer, informação de cariz etnográfico e dialectológico, bem como a proporcionar momentos de convívio e boa-disposição inesquecíveis.

A todas as instituições e amigos que nos permitiram ter acesso à bibliografia consultada no decorrer deste trabalho.

A todos os colegas de trabalho e amigos que sempre nos incentivaram e ajudaram a seguir em frente.

Por fim, ao Rui, pela companhia e incentivo que sempre nos deu, sem dúvida, imprescindíveis para ter conseguido chegar ao final deste trabalho.

Introdução

1. Prolegómenos

“Os cavaleiros têm uns vocábulos e os lavradores outros e os cortesãos outros e os religiosos outros [...] os da Beira têm umas falas e os d’Alentejo outras e os homens da Estremadura são diferentes dos d’Antre-Douro e Minho; porque assim como os tempos também as terras criam diversas condições e conceitos.”

Fernão de Oliveira

Há muito que o Homem deixou de ter a ilusão de que a língua deve ser igual para todos, pois não há língua sem variação. O Português não é excepção e, enquanto língua viva, a sua variação pode ser motivada pela passagem do tempo (diacrónica), pelo espaço (diatópica ou dialectal), pelas diferenças sociais dos seus falantes (diatrática) ou pela situação de comunicação (diafásica).

Na presente monografia, que visa retratar o estudo de um falar – o *Falar de Marvão* – debruçar-nos-emos, essencialmente, sobre a variação diatópica, ainda que muitos aspectos do modo de comunicar das pessoas do concelho de Marvão estejam também associados aos outros tipos de variação.

Ainda que, comparativamente a outras línguas, a língua portuguesa apresente uma relativa uniformidade, deparamo-nos com variações dialectais ao nível da fonologia, da morfologia, da sintaxe, do léxico, da semântica e, essencialmente, da fonética. Por isso mesmo, os vários estudos que se desenvolveram ao longo dos séculos XIX e XX centraram-se essencialmente no domínio da fonética, o que se verificou também em relação ao concelho de Marvão.

Em finais do século XIX, José Leite de Vasconcelos deu os primeiros passos no âmbito dos estudos dialectológicos em Portugal, apresentando esses resultados através de diversos artigos disseminados pelas revistas da época, entre elas a *Revista Lusitana*.

Em 1893, o referido autor apresentou, pela primeira vez, uma carta dialectológica³ do nosso país. Mais tarde, em 1901, na obra “*Esquisse d’une*

³ Cfr. VASCONCELOS, 1897: 15, 16. Consultar também Anexo 2: “Carta Dialectológica do Continente Português”.

Dialectologie Portugaise”, sistematizou as principais características dos dialectos portugueses, sob o ponto de vista da fonologia, da morfologia e da sintaxe. Em 1929, tornou a publicar o mapa dialectológico⁴, acrescentando-lhe algumas modificações.

Assim, ao traçar o mapa dialectal do país, a zona de Marvão, inicialmente, encontrava-se enquadrada no sub-dialecto de Fundão, Castelo Branco e Portalegre, passando, em 1901, a estar englobada na região do dialecto meridional⁵, mais concretamente no sub-dialecto alentejano, e, em 1929⁶, no sub-dialecto do Alto Alentejo.

Segundo este autor, no âmbito da fonética, esta região dialectal apresenta como principais traços distintivos:

- a existência somente de duas sibilantes predorso-dentais – [s], [z];
- a distinção entre [b] e [v];
- a monotongação;
- o advérbio “nã” em próclise;
- a existência de [ü] e [ö];
- a nasalização da vogal que precede a consoante intervocálica nasal.⁷

No que concerne à morfologia, Leite de Vasconcelos apresenta como principais características⁸:

- a formação do plural dos nomes terminados em –al, –el... em –ales, –eles...;
- o uso de “mano” como forma de tratamento;
- o uso de formas especiais do pronome acusativo, quando aglutinado com formas verbais terminadas em [z] ou [r]: “dêxemos-a”, “matas-o”, por vezes com *i* de ligação (“mátasi-o”);
- o uso do pronome “le”, no dativo, quer no singular, quer no plural, em vez de “lhe” ou “lhes”;
- as terminações verbais em –im, em vez de –em;
- a primeira pessoa do plural do Pretérito Perfeito do Indicativo em –rmos (ex: “almoçarmos”);

⁴ Cfr. Anexo 3: “Mapa Dialectológico do Continente Português”

⁵ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 28, 125.

⁶ Cfr. VASCONCELOS, 1929: 795.

⁷ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 75.

⁸ Cfr. VASCONCELOS, 1896: 220 – 222; VASCONCELOS, 1987: 104- 120.

- a não utilização da segunda pessoa do plural, sendo esta substituída pela terceira do plural;

- o uso dos sufixos –acho, -icho, -ito.

No que diz respeito à sintaxe⁹, registou como características da região do Alentejo:

- a utilização de “nunca” frequentemente com a função de “não”;

- o colectivo “gente” conjugado como a primeira pessoa do plural (“a gente q’remos sempre”);

- o uso das formas “d’ele”, “d’ela” e respectivo plural em vez de “seu” e “sua”, para evitar ambiguidades;

- a utilização de “pois” com o sentido de “pois sim”;

- o uso da expressão “vou à de N.” em vez de “vou a casa de N.”.

Em 1959, na sequência da aplicação do “Inquérito Linguístico Boléo”, Manuel Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva publicaram um novo mapa dialectológico¹⁰, segundo o qual, a zona de Marvão surgiu enquadrada no Falar de Castelo Branco e Portalegre¹¹, mais concretamente no subfalar de Portalegre¹².

Estes linguistas consideraram como principais características deste falar:

- a passagem frequente do *a*, quer em posição livre, quer em posição travada, a *e*;

- a redução do [ej] a [e];

- o [i] pretónico soar como [i];

- o [ẽ] receber com frequência um [i] paragógico;

- o [ẽw̃] soar muitas vezes como [ẽw̃];

- o [o] final passar com frequência a [i].

No subfalar de Portalegre, registaram ainda um descuido de pronúncia na sílaba final.

⁹ Cfr. VASCONCELOS, 1896: 223; VASCONCELOS, 1987: 121, 122.

¹⁰ Cfr. Anexo 4: “Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental”.

¹¹ Cfr. BOLÉO, 1962: 107, 108. Paiva Boléo, ao justificar a divisão que propusera com base nas afinidades entre as duas localidades, salienta que o Tejo não é fronteira entre o falar de Portalegre e o de Castelo Branco e chama a atenção para o facto de a Igreja Católica, em 1956, restabelecer a Diocese de Castelo Branco e Portalegre.

¹² Cfr. BOLÉO, 1962: 100.

Mais tarde, em 1971, Lindley Cintra sugeriu uma nova proposta de classificação dos dialectos portugueses, surgindo esta região enquadrada nos Dialectos Portugueses Centro-meridionais¹³.

Este definiu como traços fonéticos diferenciadores do Sul:

- a monotongação do [ej] e do [oj];
- a realização da sibilante correspondente aos grafemas *s* e *ss* como predorsodental.

Na subdivisão dos dialectos centro-meridionais, Marvão enquadra-se no grupo de dialectos do centro-interior e sul, mais especificamente na região da Beira Baixa e Alto Alentejo (que tem como principais núcleos Portalegre e Castelo Branco), cuja zona se encontra delimitada pela isófona da palatalização da vogal *u*.

Assim, além da palatalização do [ü], constituem também características distintivas desta zona:

- a palatalização do *a* tónico para [ɛ], quando em contacto com consoante ou semi vogal palatal ou quando, na sílaba anterior, existe ou existiu uma das vogais ou semi vogais átonas *i* ou *u*;
- a representação do ditongo grafado como «ou» por [ö].
- a labialização do [e];
- a queda da vogal átona final grafada como «o» ou a sua redução ao som [i]¹⁴.

Associados à variação diatópica, surgem os conceitos de “dialecto” e “falar”. Segundo alguns dialectólogos, entre os quais Manuel de Paiva Boléo¹⁵, estas designações são usadas em função de um maior ou menor afastamento em relação à língua padrão respectivamente. Já Lindley Cintra¹⁶ usou a designação “dialecto” para definir variedades que ocupam uma zona, tendo considerado apenas três, nomeadamente, dialectos galegos, dialectos portugueses setentrionais e dialectos portugueses centro-meridionais. Este autor usou a denominação “falar” quando se reportou a variedades que ocupavam apenas uma localidade.

¹³ Cfr. CINTRA, 1995: 141 – 163; CUNHA, 2006: 11. Consultar também o Anexo 5: “Mapa da classificação dos dialectos galego-portugueses.”

¹⁴ Em 1957, Helmut Lüdtke (LÜDTKE, 1957: 106 – 110), a propósito do vocalismo do Alto Alentejo, refere Marvão, Castelo de Vide e outras localidades de Portalegre como sítios onde se verificou a queda das vogais –u e –i (ou –e).

¹⁵ Cfr. BOLÉO, 1962.

¹⁶ Cfr. CINTRA, 1995.

Assim, optámos por seguir a nomenclatura adoptada pela escola de Cintra e reportamo-nos sempre à variedade linguística existente no concelho aqui em estudo como “O Falar de Marvão”, encarando a designação “falar” como sinónima de *locolecto*¹⁷.

¹⁷ Designação usada por FERREIRA et al, “Variação Linguística: perspectiva dialectológica”, p. 483 in FARIA, 1996.

2. Metodologia

O trabalho aqui apresentado há muito que vem sendo preparado, uma vez que exige um longo período prévio de recolha de informação. Se, aquando do surgimento da ideia de realizar uma tese intitulada *O Falar de Marvão*, já dispúnhamos de alguns vocábulos e expressões que ao longo dos anos vínhamos recolhendo, para que pudéssemos dar continuidade a essa ideia, muito houve ainda que pesquisar, quer no terreno, quer no domínio da investigação bibliográfica.

Assim, no âmbito do mestrado em “Língua, Cultura Portuguesa e Didáctica”, na Universidade da Beira Interior, em 2003/2005, optámos por construir um inquérito¹⁸, que pretendíamos abrangente, de forma a tirar o máximo partido das conversas com os nossos informantes. Começámos por consultar outros inquéritos realizados por linguistas portugueses, nomeadamente, os dos Professores Paiva Boléo e Lindley Cintra, os quais nos serviram de base para a criação do nosso. Seleccionados desses inquéritos os campos que vinham ao encontro da realidade do concelho de Marvão, socorremo-nos da ajuda de um marvanense (Joaquim Garção Simão) para tentar adaptá-lo o mais possível às características dos falantes com que iríamos contactar.

O facto de sermos naturais de Marvão e de termos aqui uma vasta rede de relações constituiu, sem dúvida, uma mais-valia para o desenvolvimento do nosso trabalho, pois, ao chegarmos a casa dos informantes seleccionados e nos apresentarmos, imediatamente fomos bem aceites e nos convidaram a entrar nos seus lares e a participar nas suas actividades quotidianas, como se pertencêssemos à família. Esta aceitação foi para nós deveras proveitosa, pois proporcionava um clima de muito à vontade e espontaneidade, o ambiente ideal para aplicar um inquérito linguístico e, muitas vezes, ir além do questionário pré-estabelecido.

No que concerne à selecção dos informantes¹⁹, optámos por escolher homens e mulheres nas quatro freguesias que constituem o território marvanense, que fossem, de preferência, analfabetos ou com pouca instrução, naturais do concelho e sempre lá tivessem vivido. Procurámos também que fossem pessoas extrovertidas, de forma a tornar a recolha mais natural e fluida.

¹⁸ Cfr. Inquérito Linguístico, Anexo 6.

¹⁹ Cfr. Anexo I “Os nossos informantes”.

Para poder registar na íntegra a informação dos diversos encontros, optámos por utilizar um gravador de voz.

Com o intuito de apurar o mais possível as características deste falar, nos vários encontros que tivemos com os informantes, procurámos acompanhá-los nas suas actividades do quotidiano, o que foi deveras vantajoso. Quantas vezes o nome de um determinado objecto, de um determinado alimento, de uma determinada erva, de uma determinada técnica agrícola... não nos surgiu no meio da horta onde regavam, na tapada onde guardavam o gado, na barraca onde se dedicavam ao artesanato, na cozinha em que íamos petiscando, nos caminhos por onde passeávamos e nos mostravam outras realidades... Sem dúvida, momentos inesquecíveis que ajudaram a tornar esta investigação muito mais rica e interessante!²⁰



Fig. 1: Sr. João Pereira preparando uma peça de artesanato

²⁰ Ao expressarmos os nossos sentimentos a propósito dos momentos enriquecedores que vivemos junto dos informantes escolhidos, não podemos deixar de citar um excerto da Introdução feita por Luís F. Lindley Cintra na obra *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (CINTRA, 1995: 9-10): “Atrás dos falares que tinha vindo estudar, era toda uma humanidade humilde mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialectologia me tinha posto em contacto. Se mais nada, no vasto terreno da linguística, conservasse um dia interesse para mim, creio que esta experiência seria só por si suficiente para me obrigar a reconhecer e afirmar que vale a pena o ramo dos estudos para que a vida me conduziu.

Bem sei que a dialectologia nem é a única ciência que leva ao contacto com os homens do campo (...) – juntamente com a etnografia (...) um dos meios mais próprios para levar a um conhecimento íntimo do camponês, a um descobrimento da sua verdadeira personalidade. Através das palavras que emprega, através das conversas que essas palavras sugerem e provocam, o homem que temos à nossa frente vai-se-nos pouco a pouco desvendando. O questionário que utilizamos, organizado por campos de significado, serve-nos de guia na exploração empreendida. Cada pergunta serve de ponto de partida a uma nova excursão pelo mundo do inquirido. E que melhores caminhos se poderiam desejar do que os abertos pelas palavras, pelos signos que representam os objectos que ele conhece e as noções que vivem no seu espírito?”



Fig. 2: Sr. José Braz Maroco exibindo um mangual



Fig. 3: Grupo de trabalhadores do Pereiro (Joaquim Raposo, Palmira Marujo e Leonardo Guilhens)

A circunstância de, enquanto estávamos a realizar esta pesquisa, termos participado, em 2005, no número 13 da “Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão”, dedicada às “Memórias da Freguesia de São Salvador de Aramenha” e no livro “Marvão à Mesa com a Tradição”, em 2008, foi para nós também uma grande mais-valia, pois, ao andarmos junto da população a recolher informações relacionadas com a etnografia das várias aldeias, sempre nos surgiram novos vocábulos e novas expressões, que também aproveitámos para este trabalho. O mesmo sucedeu quando tivemos de preparar uma comunicação intitulada “Identidade Linguística na Raia de

Marvão”²¹, a qual exigiu regressar ao campo, especialmente às localidades da raia, e nos despertou para certas realidades do falar que inicialmente não prevíamos estudar.

Realizado o trabalho de campo, organizámos três bases de dados em Excel: 1- dados de natureza lexical; 2- dados de natureza fonético-fonológica; 3- dados de natureza morfo-sintáctica. A forma como estas bases de dados foram construídas permite a manipulação fácil de diferentes tipos de informação: onde surgiu determinada característica, quem foram as pessoas que a evidenciaram, bem como algumas variações com que nos deparámos. Estas foram, sem dúvida, um suporte imprescindível para o trabalho que a seguir desenvolvemos e sê-lo-ão também para futuros estudos sobre o *Falar de Marvão*.

De notar que, da totalidade da informação recolhida, muita teve de ficar reservada para estudos futuros, pois chegámos à conclusão de que dispúnhamos de um volume de informação excessivo para uma tese de mestrado. A título de exemplo, quando decidimos encerrar a pesquisa e o carregamento das bases de dados, possuíamos cerca de 4000 entradas lexicais, tendo optado por trabalhar apenas o léxico referente ao Homem (1509 entradas). Contudo, em muitos dos exemplos que constam dos capítulos da fonética e fonologia e da morfo-sintaxe, incluímos muitas vezes vocábulos pertencentes a outros campos semânticos.

Antes de passarmos à caracterização do concelho em estudo e à descrição das principais características do *Falar de Marvão*, pesquisámos o que já existia sobre o concelho no âmbito da dialectologia. Como nos deparámos com pouca informação e consideramos que as fronteiras físicas não correspondem às fronteiras linguísticas, achámos pertinente incluir um conjunto de obras que tematizam a dialectologia do distrito de Portalegre. Assim, sem a pretensão de procedermos a uma recolha exaustiva, no capítulo um desta tese, mais do que elencarmos um conjunto de obras que retratam o panorama linguístico regional no último século, pretendemos dar uma breve noção da sua organização e do seu conteúdo, aspecto que considerámos relevante para futuros estudos sobre as características dialectais do distrito de Portalegre. No que concerne à organização deste capítulo – “Estudos dialectológicos realizados no distrito de Portalegre” –, optámos por organizá-lo por ordem cronológica, não se verificando esse critério apenas quando apresentamos mais do que uma obra do mesmo autor. Nesse caso, juntámo-las todas, elencando-as desde a mais antiga à mais recente.

²¹ Comunicação apresentada na Universidade de Évora, no âmbito da “Jornada de Falares Fronteiriços”, no dia 22 de Fevereiro de 2008.

Como o modo de falar das gentes de um determinado local não é alheio às especificidades desse mesmo local, o capítulo dedicado à caracterização do concelho de Marvão visa facilitar a compreensão do que seguidamente será apresentado, dando assim a conhecer o concelho sob diversas perspectivas, nomeadamente, as origens do topónimo “Marvão”, a sua localização e geografia física, a evolução do seu povoamento e da sua demografia, bem como a economia, ilustrando essa descrição com imagens e gráficos, no corpo do trabalho e em anexo.

O estudo do falar propriamente dito desenvolve-se ao longo dos três capítulos centrais do trabalho: “Principais aspectos fonético-fonológicos”, “Principais aspectos morfo-sintáticos” e “Léxico”.

Quanto à descrição dos “Principais aspectos fonético-fonológicos”, ao longo de todo o capítulo, incluímos os exemplos em transcrição fonética, usando para o efeito o Alfabeto Fonético Internacional (fonte: SILDoulosIPA93), seguindo-se, entre parênteses, a versão da norma. De notar que não foi nossa pretensão fazer um estudo exaustivo da fonética e fonologia deste falar, mas apenas apresentar os aspectos que considerámos mais relevantes pela sua singularidade, confrontando sempre a nossa descrição com outros estudos realizados anteriormente no concelho, em localidades próximas ou que partilhem com Marvão algumas particularidades. Na verdade, consideramos que esta metodologia permite ao leitor ter uma noção mais exacta do *Falar de Marvão* no panorama dialectal do Alto Alentejo, tomando mais facilmente consciência das afinidades que existem com outras variantes geograficamente próximas e não só.

No que diz respeito ao quarto capítulo, “Principais aspectos morfo-sintáticos”, a metodologia utilizada foi a mesma do capítulo anterior; contudo, neste apenas incluímos transcrição fonética quando esta se revelou imprescindível para a boa compreensão do fenómeno registado. Também aqui não pretendemos estudar exaustivamente as características morfo-sintáticas deste falar, mas tão só aquelas que consideramos serem as suas principais.

Relativamente ao último capítulo, o estudo do “Léxico”, de entre a muita informação que os inquéritos linguísticos nos permitiram recolher, seleccionámos apenas a que pertence ao campo semântico do Homem (composto por 1509 entradas), reservando todo o outro material para trabalhos futuros.

Neste capítulo, além dos regionalismos lexicais, incluímos vocábulos que ilustram fenómenos fonéticos já evidenciados no capítulo dois deste trabalho, à

semelhança da metodologia adoptada por muitos outros autores, desde Leite de Vasconcelos até autores do século XXI, e também porque consideramos que assim conseguimos dar uma visão mais geral do léxico usado no dia-a-dia dos marvanenses.

Quanto à organização do glossário, as entradas lexicais são apresentadas sob a forma de artigos e de remissões.

No primeiro caso, a entrada lexical é seguida da transcrição fonética e da informação gramatical e semântica a ela relativa. Sempre que considerámos pertinente, incluímos alguns exemplos no sentido de clarificar o significado. Quando nos deparámos com palavras homónimas, registámo-las na mesma entrada, diferenciando-as pela atribuição de numeração árabe, não tendo sido considerado qualquer critério em especial para a atribuição da ordem dessa numeração.

No segundo caso, a entrada lexical inclui apenas a transcrição fonética, a classificação gramatical e a remissão através da abreviatura O. m. q., seguida da palavra a procurar.

Ainda quanto à estrutura das entradas, as palavras invariáveis apresentam uma forma única. No que diz respeito aos verbos, estes são indexados pela forma correspondente ao infinitivo; tendo-se optado por incluir, entre parênteses, a preposição requerida por estes sempre que esta não seja usada na norma. Quanto aos substantivos e adjectivos, os que se flexionam em género e têm por base o mesmo lexema, são indexados pela forma do masculino, seguida do morfema do feminino. No caso dos substantivos e adjectivos que possuem a mesma forma para o feminino e para o masculino, variando apenas o artigo, inclui-se apenas a forma do singular, sem variação do género.

Sempre que os substantivos e adjectivos possuem género fixo, masculino ou feminino, são indexados pela forma correspondente ao singular, seguida da classificação morfológica s. m., s. f., etc. No caso das locuções e das expressões idiomáticas ou fraseológicas, caracterizámos esse vasto conjunto como perífrases gramaticais (*perif. gram.*) e incluímo-las tal qual surgem na oralidade.

De notar que optámos por apresentar na entrada as palavras ou expressões tão próximas quanto possível da forma como foram ouvidas, ainda que em seguida incluamos a transcrição fonética das mesmas. Na eventualidade de este trabalho poder vir a chegar, como desejamos, a um público mais alargado, que desconhece o alfabeto fonético, existirá assim a possibilidade de identificação imediata do vocábulo ou



expressão, prática que, aliás, é adoptada por muitos dos autores que consultámos no âmbito deste trabalho.

Por estarem relacionadas com o Homem, considerámos interessante incluir também neste capítulo uma pequena mostra das alcunhas usadas no concelho de Marvão (264 exemplos), prevendo-se também, a médio prazo, a realização de um trabalho mais exaustivo sobre esta temática, no qual se compilarão todas as alcunhas recolhidas até ao momento e outras que venham a surgir, bem como a sua explicação. Como consideramos a obra “Tratado das Alcinhas Alentejanas”, da autoria de Francisco Ramos e Carlos Silva, uma referência neste domínio, confrontámos a recolha aqui apresentada com a referida obra, no sentido de averiguar quais as que já aí se encontram coligidas.

Ao longo da recolha, surgiram-nos diversos provérbios e máximas populares que optámos por incluir na parte final deste trabalho, totalizando 88 entradas. Na verdade, trata-se de um recolha só possível devido à longa permanência no terreno, pois são expressões que surgem no diálogo de forma espontânea e inesperada.

Como recentemente fora lançado, pela portalegrense Deolinda Milhano, o “Dicionário de Ditados”, considerámos pertinente confrontar a nossa pequena recolha com essa obra, a fim de verificarmos também quais as expressões marvanenses que já se encontram aí registadas.

Com vista a clarificar alguns assuntos abordados ao longo do corpo do trabalho, incluímos em anexo informação diversificada, que se pode revelar útil aos interessados por esta temática.

Capítulo 1 - Estudos dialectológicos realizados no distrito de Portalegre

No âmbito da presente dissertação de mestrado, considerámos importante dar a conhecer alguns estudos já realizados, no domínio da dialectologia, durante o século XX até à actualidade, sobre o distrito de Portalegre e, mais concretamente, o concelho de Marvão. Para o efeito, desenvolvemos um levantamento aprofundado, ainda que não exaustivo, seleccionando, entre as muitas obras que abordam a história, a cultura e a língua do Norte Alentejano, as que nos pareceram mais relevantes:

PICÃO, José da Silva (1903). *Através dos Campos – Usos e Costumes Agrícola – Alentejanos (concelho de Elvas) (2ª ed.)* Lisboa: Neogravura, Lda, 1947.

Ainda que seja uma obra essencialmente etnográfica, tem interesse do ponto de vista da linguística, pois recolhe um grande número de regionalismos característicos de Elvas. À medida que o autor vai dando a conhecer os usos e costumes do concelho de que era natural, introduz termos típicos da região, destacando-os em itálico. No capítulo VII, referente às alfaias agrícolas, verifica-se uma maior abundância desses regionalismos, uma vez que o autor teve o cuidado de organizar uma “Descrição alfabética da alfaiaria agrícola antiga e moderna, usada na região”; espécie de glossário, que ocupa cerca de trinta páginas da obra. Embora seja uma publicação com mais de cem anos, pois surgiu pela primeira vez em 1903, nela encontramos vocábulos que ainda hoje também ouvimos no concelho de Marvão.

PIRES, António Thomaz (1913). *Vocabulário alentejano.* Elvas: António José Torres de Carvalho.

Esta obra começa com uma espécie de prefácio, redigido por Leite de Vasconcelos, no qual este linguista explica a génese da obra, uma recolha feita

oralmente por António Pires, no concelho de Elvas, a pedido de Vasconcelos, para que este a pudesse usar nos seus estudos dialectológicos.

Esta compilação concentra vocabulário pertencente à linguagem do povo, bem como vocábulos literários que experimentaram modificações na pronúncia familiar das pessoas mais ou menos cultas. Segundo Leite de Vasconcelos, surgiram palavras novas, outras que saíram do uso comum da língua e outras que são alterações de vocabulário que na linguagem literária tem outra forma.

A colectânea é composta por cerca de 150 páginas e surge organizada por ordem alfabética. A maior parte das entradas lexicais vem explicada apenas através de um sinónimo; poucos são os casos em que o vocábulo surge em contexto. Mais uma vez, encontrámos alguns regionalismos comuns à região de Marvão.

Arquivo Transtagano – Revista Regionalista (1933-1935). Elvas: direcção e edição de António José Correia de Carvalho.

Publicada entre 1933 e 1935, esta revista quinzenal concentra diversos artigos sobre as tradições das terras transtaganas, com maior incidência sobre o concelho de Elvas, já que esta revista era aí editada e os seus colaboradores eram maioritariamente naturais desse concelho. Entre os vários artigos, realçamos alguns de José Alves Capela e Silva, como por exemplo: “A Ceifa”, “As Debulhas”, “Os Ratinhos”, “Os Ganadeiros Alentejanos” e “As Sementeiras”, por serem textos que, além de retratarem a actividade agrícola do Alentejo na década de 30, incluem diversos regionalismos. No artigo “As Sementeiras”, publicado em Fevereiro de 1935, e, por isso, o mais recente de todos os que referimos, nota-se uma preocupação acrescida por parte do autor em clarificar alguns desses termos da linguagem popular elvense, já que incluiu um pequeno glossário em que explica alguns dos vocábulos que redigira a itálico no decorrer do texto.

CAPELA E SILVA, José Alves (1936). “Esboços da vida rural no concelho de Elvas – As feiras” in *Revista Lusitana* vol. XXXV, pp. 38-49.

Num artigo de onze páginas, Capela e Silva reflecte sobre as mudanças que se verificaram na agricultura, no reinado de D. Dinis, destacando essencialmente as feiras. Na descrição dos preparativos e da realização desses eventos, com destaque para as feiras dos porcos, utiliza diversos regionalismos, destacados no texto em itálico. No final do artigo, inclui uma espécie de glossário, intitulado “Notas”. Neste, ao longo de duas páginas, colige por ordem alfabética e explica todos esses vocábulos.

CAPELA E SILVA, José Alves (1939). *Ganharias*. Lisboa: Imprensa Baroeth.

Ao longo de cerca de trezentas páginas, Capela e Silva vai dando a conhecer as diversas tarefas agrícolas, desde as sementeiras, às mondas, às debulhas..., bem como caracterizando algumas profissões inerentes ao meio campesino. À medida que vai desenvolvendo os temas anteriormente referidos, vai introduzindo regionalismos destacados a itálico. Por vezes, transcreve excertos de falas dos trabalhadores, que surgem igualmente em itálico e estão repletos de vocabulário característico da região de Elvas.

No final do livro, surge uma parte intitulada “Vocabulário”, na qual se encontram reunidos e explicados os vários regionalismos que foram surgindo ao longo da obra. De notar que, ao analisarmos esta espécie de glossário, detectámos alguns termos também característicos da zona de Marvão.

CAPELA E SILVA, José Alves (1947). *A Linguagem Rústica no Concelho de Elvas*. Lisboa: Revista de Portugal.

Segundo uma declaração prévia do autor, esta obra representa o culminar de um estudo efectuado durante mais de trinta anos, ao longo dos quais, em convívio com a população do concelho de Elvas, foi coligindo diversos regionalismos. Num glossário com, sensivelmente, duzentas páginas, José Capela e Silva reúne e explica, por ordem

alfabética, vocábulos e expressões típicos da sua terra Natal. Se algumas entradas incluem somente a palavra e a sua breve explicação, a maior parte delas conta também com um ou mais excertos nos quais o vocábulo surge enquadrado. A obra contém ainda algumas ilustrações a corroborar a explicação apresentada.

Ao analisarmos esta vasta colectânea, deparámo-nos com alguns vocábulos também recolhidos no concelho de Marvão. Alguns desses apresentam o mesmo significado; contudo, outros há cujo sentido é bastante distinto.

CAPELA E SILVA, José Alves (1950). *Memórias Alentejanas*. (2ª ed.) Elvas: Tipografia Progresso, 1952.

Quarenta anos depois de ter vindo para o Alentejo, o autor reflecte sobre como era a zona de Elvas e como foi evoluindo a vida agrícola nessa região, bem como sobre as festas que se organizavam no monte. Ao registar essas memórias nesta pequena obra, vai introduzindo diversos regionalismos, destacados no texto em itálico.

Ao analisá-los, constatámos que alguns deles também existem no concelho de Marvão, especialmente nas áreas lexicais da gastronomia e da habitação.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1937). “Pronúncia e Significação de Alguns Vocábulos Populares do Alto Alentejo (1ª e 2ª Colectâneas)” – Separata da *Revista de filologia A Língua Portuguesa*, direcção de Rodrigo Sá Nogueira, vol. IV, Lisboa.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1939), “Pronúncia e Significação de Alguns Vocábulos Populares do Alto Alentejo (3ª Colectânea)” – Separata da *Revista de filologia A Língua Portuguesa*, direcção de Rodrigo Sá Nogueira, vol. V, Lisboa.

Nestas três colectâneas, Carvalho Costa reúne um número considerável de vocábulos, recolhidos maioritariamente por si nas diversas aldeias do Alto Alentejo²². Estas obras consistem, basicamente, em glossários, organizados por ordem alfabética, nos quais as entradas lexicais surgem explicadas através de sinónimos ou de expressões

²² Segundo Alexandre Costa, na 2ª colectânea desta obra, estão incluídos também diversos vocábulos extraídos dos trabalhos de José Alves Capela e Silva, publicados no *Arquivo Transtagano*, já antes aqui referido.

perifrásticas, sendo frequente o recurso a exemplos, de forma a clarificar o sentido do vocábulo num determinado contexto. Neste conjunto de glossários, além de vocábulos “inéditos”, estão incluídas muitas entradas lexicais que resultaram da deturpação de outras palavras existentes na Língua Portuguesa, surgindo, por vezes, várias entradas que consistem em derivações de termos já existentes. Em alguns casos, há breves explicações etimológicas ou alusivas ao fenómeno fonético-fonológico que esteve na base das alterações, e, por vezes, pequenos comentários, nos quais o autor sugere algumas explicações em relação ao surgimento ou ao uso dos regionalismos. Em algumas entradas, existe ainda a indicação do local ou locais da recolha, sendo os restantes considerados pelo autor de uso geral em todo o Alto Alentejo²³.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1963). *Curiosidades do Falar Popular do Alto Alentejo – Distrito de Portalegre*. Portalegre: Edição da Junta Distrital.

A obra divide-se em três capítulos. No primeiro, intitulado “Vocabulário Geral do Falar Popular do Alto Alentejo”, estão registados vocábulos e expressões com a pronúncia com que foram ouvidos e o critério de selecção é o desconhecimento do seu significado ou o facto de este estar registado de forma diferente nos dicionários. Contudo, desconhecemos quais os dicionários usados pelo autor para fazer esse confronto. A organização deste capítulo é semelhante à das três colectâneas anteriormente referidas. Quanto às fontes, Carvalho Costa baseia-se, mais uma vez, no *Arquivo Transtagano* e na recolha por si efectuada junto da população das aldeias do distrito de Portalegre. Como a maioria dos vocábulos ou expressões não tem indicada a localidade da recolha, o autor assume serem comuns a todo o Alentejo. No que concerne a Marvão, embora, nas “Notas Preliminares”, o autor faça referência a este concelho como um dos locais de recolha, em toda a compilação indica apenas dois vocábulos

²³ Estas colectâneas de Alexandre Costa representaram o início de uma vasta obra dedicada, entre outros aspectos, à etnografia e às recolhas dialectológicas, que o transformaram no autor que mais estudos publicou sobre as várias localidades do distrito de Portalegre e não só. Na sua obra *Gente de Portugal – sua Linguagem – seus Costumes*, vol. IV, publicada em 1985, está incluída a vasta lista das suas obras publicadas, que nos permite ter a noção do seu percurso editorial e do seu interesse por questões relacionadas com a etnografia e a variação diatópica.

Dada a extensão da sua obra, destacaremos aqui apenas algumas dessas publicações.

como sendo exclusivos de lá; designadamente, “grafinola” – grafonola (recolhido na Escusa) e “pansar” – pensar (recolhido no Porto da Espada).

No segundo capítulo – “Ironia no Falar Popular – Cacofonias – Frase elíptica – Rima e é Verdade, Frase com sentido diferente daquele que se usa, mas proferida sem malícia e Graças da Linguagem Popular” – Carvalho Costa debruça-se sobre a questão da ironia, mais concretamente, a forma como esta é usada no falar do povo do distrito de Portalegre. Assim, depois de apresentar vários tipos de ironia, vai exemplificando-os com frases recolhidas junto da população de Alagoa, clarificando em que consiste a ironia aí contida. Quanto aos restantes temas presentes no título deste segundo capítulo, o procedimento é semelhante: explicação dos fenómenos, exemplificação e comentário.

No que diz respeito ao capítulo III, intitulado “Linguagem Popular de Nisa”, este surge organizado em duas partes: a primeira dedicada aos gentílicos e a segunda aos apodos do concelho de Nisa. No final, o autor apresenta ainda alguns adágios e reserva seis páginas a “Uma Amostra do Falar Popular de Nisa”, parte em que apresenta um excerto da *Monografia da Notável Vila de Nisa*²⁴, da autoria de José Francisco Figueiredo, e recorda algumas expressões extraídas da obra de Maria de Lurdes S. M. P. Curado Banha, autora do *Memorial em Verso da Notável Vila de Nisa, sua História, Gentes, Usos e Costumes* e também presentes na obra de Alexandre Costa *Gente de Portugal – Sua Linguagem – Seus Costumes*, vol. III²⁵. Este excerto da *Monografia da Notável Vila de Nisa* inclui uma breve síntese de traços caracterizadores dessa zona, essencialmente do domínio da fonética e da morfologia. O léxico da região é caracterizado como arcaico, ressaltando-se a semelhança fonética com os dialectos açorianos.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1964). *Nótulas Etnográficas e Linguísticas Alentejanas (Apresentadas em expressões populares)*. Portalegre: Edição da Junta Distrital.

²⁴ Trata-se de uma monografia publicada pela primeira vez em 1956 e fac-similada em 1989. Ao longo de cerca de quinhentas páginas, são retratados os mais diversos aspectos referentes à vila de Nisa. Contudo, à linguagem é dedicado um espaço muito reduzido, já que ocupa somente quatro páginas, que foram transcritas na íntegra por Alexandre de Carvalho Costa na obra que aqui citamos.

²⁵ Esta obra pertence a um conjunto de quatro volumes, publicados entre 1982 e 1985, nos quais Alexandre Costa reúne um enorme conjunto de ditados populares, seguidos da explicação do seu emprego e, por vezes, também de outros ditados sinónimos. Tal como o título indica, esta é uma obra que concentra ditados recolhidos em todo o país. Ainda que reconheçamos alguns deles por já os termos ouvido em Marvão ou no Alto Alentejo, nada nos indica o local da sua recolha.

Esta obra consiste numa colectânea de cento e quarenta expressões populares, recolhidas no distrito de Portalegre e organizadas por ordem alfabética. Além da explicação da expressão (mais ou menos exaustiva), verifica-se em todos os casos a preocupação de incluir o excerto em que surge. Quando algumas expressões se utilizam no contexto de certas tradições, o autor opta por incluir quadras e cantigas relacionadas; sendo de notar que estas não contêm regionalismos.

De notar que grande parte das tradições e das características linguísticas registadas pelo autor são comuns a Marvão.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1966 – 1977). “Entretimentos Etnográficos e Filológicos – volumes 1 – 10”. in Separata do *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, nº 12 - 21. Matosinhos: Papelaria e Tipografia Leixões.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1975). *Entretimentos Etnográficos e Filológicos – volume 11*. Braga.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1976 – 1977). *Entretimentos Etnográficos e Filológicos – volumes 12 - 14*. Edição da Junta Distrital de Portalegre.

Durante doze anos, Alexandre Carvalho Costa dedicou-se a coligir e a explicar “nótulas colhidas aqui e ali, tanto em documentos escritos, disseminados por diversos livros e revistas, como da tradição oral.”²⁶. Estes catorze volumes mantêm sempre a mesma organização, ou seja, são compostos por três capítulos, designadamente, “Hipóteses acerca da origem de vários modos de dizer ou expressões”, “Etimologias populares, lendas e historietas respeitantes a alguns topónimos” e “Vária”, que inclui subcapítulos distintos de volume para volume.

Ao longo desta vasta obra, muitas são as referências relativas ao distrito de Portalegre e aos concelhos que o integram, entre os quais Marvão.

No que concerne ao primeiro capítulo dos vários volumes, este concentra um conjunto de expressões e a sua explicação, quanto ao uso e quanto à origem.

²⁶ Cfr. palavras preliminares do autor in COSTA, 1966: 5.

No segundo capítulo, destacamos a explicação do nome de alguns topónimos do distrito de Portalegre, bem como as lendas relativas à fundação dessas localidades.

O terceiro capítulo, como já foi referido, é o que apresenta uma maior diversidade de volume para volume, havendo subcapítulos dedicados à etimologia, à linguagem popular do Alentejo, a apelidos e alcunhas, a antropónimos que sofreram deturpação, entre outros.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1968-69). “Alagoa (concelho de Portalegre) – Aldeia Pitoresca do Alto Alentejo – Estudo Histórico, Etnográfico e Linguístico” in Separata do Boletim *O Distrito de Braga*, vol. IV, Braga.

No que respeita a aspectos linguísticos, o autor dedica duas páginas à questão das formas de tratamento e apresenta uma colectânea de anedotas, ditos, sentenças, ironias populares e cacofonias, recolhidos na tradição oral, mantendo os vocábulos tal qual foram proferidos pelos informantes. Sempre que surgem formas que se afastam da norma, segue-se, entre parêntesis, o vocábulo correspondente ao português padrão.

Ao longo de toda a obra, à medida que vai dando conta das particularidades da aldeia de Alagoa, Carvalho Costa vai também introduzindo alguns regionalismos, sempre devidamente clarificados. No capítulo IX, dedica ainda atenção às “Alcunhas usadas em Alagoa²⁷”, evidenciando a sua origem e o seu significado.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1973). *Gentílicos e Apodos Tópicos de Portugal Continental*. Portalegre: Edição da Junta Distrital.

Esta recolha, efectuada a nível nacional, encontra-se dividida em duas partes, nomeadamente, uma dedicada aos gentílicos e outra aos apodos tópicos. No âmbito deste estudo, destacamos apenas as informações referentes ao distrito de Portalegre e a todas as freguesias, aldeias e lugares que o constituem.

²⁷ Ainda que, mais tarde, Carvalho Costa venha a apresentar muitas outras monografias sobre diversas aldeias do distrito de Portalegre, de notar que a referente a Alagoa (de onde era natural) foi a primeira a ser publicada e é muito mais desenvolvida que as restantes.

Na primeira parte, o autor opta por apresentar a sua recolha do geral para o particular, dedicando o capítulo primeiro aos habitantes das capitais de distrito, o segundo aos das cidades não sedes de distrito e das sedes de concelho e o terceiro aos gentílicos dos habitantes das freguesias, aldeias e lugares de cada concelho.

Ao longo do primeiro capítulo, à medida que se vai debruçando sobre os gentílicos das várias localidades, o autor adopta diferentes metodologias. Nalguns casos, apenas indica a designação dos habitantes de determinado local, noutros opta por apresentar uma explicação mais exaustiva, baseada na etimologia dos vocábulos.

Já na segunda parte, a ordem por que surgem os apodos é aleatória. Os que dizem respeito ao distrito de Portalegre surgem misturados com todos os outros e algumas vezes são comuns a outros lugares do país. No que concerne aos apodos, em alguns deles apenas surge a referência ao local de onde são naturais os habitantes, havendo noutros uma explicação dessa designação.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1973). “Lendas – Historietas – Etimologias Populares e outras Etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental” in Separata do *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Série III, nº 75-78, 1971/72) Lisboa.

À semelhança do título anterior, trata-se de uma obra sobre todo o território nacional, da qual destacamos a informação relativa ao distrito de Portalegre, nomeadamente, Portalegre, Nisa, Assumar, Atalaia, Benavila, Comenda, Degolados, Ervedal, Escusa, Ouguela, Póvoa e Meadas e Santo Amaro.

No que respeita à metodologia adoptada, em muitas explicações, o autor opta por transcrever a entrada de uma enciclopédia. Noutros casos, encontramos exactamente a mesma informação contida nas muitas monografias escritas pelo autor sobre as localidades do distrito de Portalegre.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1981-1982). *Gente de Portugal – sua Linguagem – seus Costumes*, vol. I – Tomos I-III. Portalegre: Assembleia Distrital de Portalegre.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1983). *Gente de Portugal – sua Linguagem – seus Costumes*, vol. II. Portalegre: Assembleia Distrital de Portalegre.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1984). *Gente de Portugal – sua Linguagem – seus Costumes*, vol. III. Portalegre: Assembleia Distrital de Portalegre.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1985). *Gente de Portugal – sua Linguagem – seus Costumes*, vol. IV. Portalegre: Assembleia Distrital de Portalegre.

Segundo o autor, esta vasta obra resulta de diversos anos de pesquisa, quer oral, quer em documentos escritos dispersos por boletins, revistas e periódicos. Esta colectânea de expressões, ditos, provérbios e frases feitas ocupa quatro volumes, sendo o primeiro composto por três tomos.

Nos vários volumes, as entradas surgem organizadas por ordem alfabética e todas elas vêm seguidas de uma explicação, em alguns casos mais breve, noutros mais longa. Muitas vezes, ao tentar explicar determinada entrada, o autor acaba por nos dar a conhecer certos usos e costumes da região em que é usada. Ainda que a obra diga respeito a todo o país, em diversas expressões há alusão à localidade onde foram recolhidas e muitas delas foram ouvidas em terras do Alto Alentejo. Tal facto não é de admirar, pois o autor é natural da aldeia de Alagoa, uma freguesia do concelho de Portalegre e, ao longo de toda a sua vida, os seus estudos incidiram bastante sobre a etnografia e a linguagem das localidades do Alto Alentejo.

Ao longo das cerca de 1600 páginas que compõem esta colectânea, entre as inúmeras entradas que compõem esta vasta obra, detectámos algumas que também são comuns ao falar de Marvão; contudo, não muitas.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1986). *Nisa – vila concelhia do distrito de Portalegre – Gentílicos e Apodos aplicados aos habitantes da vila de Nisa e ainda algumas localidades do concelho*. Nisa: Câmara Municipal de Nisa.

Trata-se de um opúsculo de trinta páginas, dividido em duas partes. Na primeira, o autor clarifica o conceito de gentílico e apresenta alguns característicos do concelho de Nisa.

Já na segunda parte, são apresentados apodos e a sua explicação, quer de Nisa, quer de outras povoações do distrito de Portalegre. Ainda nesta parte, surgem duas páginas de adágios e, na parte final da obra, inclui-se um capítulo intitulado “Uma amostra do falar popular de Nisa”. Neste capítulo, incluiu o autor uma transcrição de um excerto da obra *Monografia Notável de Nisa*, de José Francisco Figueiredo, seguida da apresentação dos traços gerais da maneira de falar de Nisa, essencialmente ao nível da fonética.

Na parte final da obra, Carvalho Costa compila ainda “expressões tipicamente nisorras²⁸”, retiradas da obra de Maria de Lurdes Seabra Mascarenhas Banha, intitulada *Memorial em Verso da Notável Vila de Nisa, sua História, Gentes, Usos e Costumes*, publicada em 1982.

As últimas páginas da obra são dedicadas à colisão de alguns prolóquios toponímicos recolhidos por Teófilo Braga no Alentejo²⁹.

CARREIRO, Maria Eduarda Ventura (1948). *Monografia Linguística de Nisa*. Dissertação de Licenciatura policopiada, apresentada à Universidade de Lisboa.

Por considerar que a região de Nisa carecia de um estudo linguístico mais aprofundado, Maria Eduarda Carreiro escolheu esta localidade como objecto de estudo para a sua dissertação de licenciatura, ainda que não tivesse aí quaisquer raízes.

²⁸ As expressões aqui apresentadas constam também da sua obra *Gente de Portugal – sua Linguagem e seus Costumes*, publicada em 1984.

²⁹ Entre estes é de destacar o “enxota-pardais de Marvão”.

Depois de uma breve introdução, a autora começa por caracterizar Nisa, introduzindo, já nessa parte, alguns regionalismos, que surgem destacados em sublinhado. Seguem-se seis partes, ao longo das quais é apresentado um estudo exaustivo do falar da região.

A parte I é dedicada à fonética, a parte II à morfologia, sendo a formação de palavras apresentada na parte III. A parte IV é dedicada à sistematização do vocabulário, o qual surge organizado por ordem alfabética. Sempre que o vocábulo possa oferecer algumas dúvidas, a par da sua explicação surge um exemplo, em que a palavra aparece devidamente enquadrada. Na parte V, a autora coligiu um vasto conjunto de frases feitas, maneiras de dizer e adágios, também organizados por ordem alfabética. A parte VI inclui rimas populares e infantis, dedicando a autora a parte VII (e última) a outros textos populares, como por exemplo, quadras, contos, orações e ensalmos.

FIGUEIREDO, José Francisco (1956). *Monografia da Notável Vila de Nisa*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Câmara Municipal de Nisa, (1989, reimpressão fac-similada).

Numa obra com quase quinhentas páginas, distribuídas por quinze capítulos, José Figueiredo dá a conhecer um pouco da história, das lendas, dos monumentos, das instituições, das figuras ilustres, bem como alguns aspectos etnográficos, folclóricos e culturais de Nisa. No que concerne à linguagem, só no capítulo XII são dedicadas quatro páginas à linguagem popular.

Como já antes foi referido, esta informação referente à linguagem foi citada na íntegra por Alexandre de Carvalho Costa, no capítulo II da obra “Curiosidades do Falar do Alto Alentejo”.

PAULINO, Maria de Lourdes Semedo (1959). *Arronches – Estudo de Linguagem e Etnografia*. Dissertação de Licenciatura policopiada, apresentada na Universidade de Lisboa.

Orientada por Luís F. Lindley Cintra, Maria de Lourdes Paulino optou por estudar a terra onde habitualmente passava férias: Arronches. Assim, organizou o seu

trabalho em cinco partes: uma introdutória e quatro de desenvolvimento, divididas em diversos capítulos, onde apresenta os aspectos etnográficos, a linguagem, a literatura popular e um glossário com o léxico característico de Arronches.

Na parte introdutória, é feito um resumo da história da vila, seguindo-se a caracterização geográfica, económica e social do concelho.

Na parte correspondente aos aspectos etnográficos, a autora dá a conhecer os usos e costumes do concelho de Arronches, aspectos religiosos, bem como as actividades económicas da terra, dando especial ênfase às actividades agrícolas. À medida que vai apresentando os diversos capítulos, vai introduzindo no texto regionalismos, que se destacam por estarem sublinhados.

No que concerne à parte dedicada à linguagem, esta está organizada em três capítulos: a fonética, a morfologia e a sintaxe, ao longo dos quais o falar é apresentado.

Quanto à literatura popular, a autora incluiu no seu trabalho contos e produção poética de alguns habitantes e um capítulo dedicado ao cancionero. Na apresentação destes textos, ainda que não tenha recorrido à transcrição fonética, tentou, tanto quanto é possível, utilizando o alfabeto normal, fornecer uma transcrição da forma fonética das palavras.

Na quarta parte, estão coligidos os vários regionalismos dispersos ao longo da obra, bem como outros recolhidos pela autora, sendo estes organizados por campos lexicais

VILHENA, Maria da Conceição (1965). *Falares de Herrera e Cedillo*. Dissertação de Licenciatura policopiada, apresentada na Universidade de Lisboa.³⁰

Ainda que as povoações de Herrera e Cedillo³¹ sejam espanholas, a verdade é que lá se fala português, o que justifica a inclusão da obra em causa neste trabalho.

³⁰ Esta tese veio a ser publicada em 2000, quer em português, quer em castelhano:

VILHENA, Maria da Conceição (2000). *Falares de Herrera e Cedillo*. Mérida: Junta de Extremadura/Gabinete de Iniciativas Transfronterizas.

VILHENA, Maria da Conceição (2000). *Falares de Herrera e Cedillo*. Mérida: Junta de Extremadura/Gabinete de Iniciativas Transfronterizas/Consejería de Cultura (Trad. Juan Carrasco González).

³¹ Herrera e Cedillo fazem fronteira com Montalvão e Malpica do Tejo. Montalvão (pertencente ao distrito de Portalegre) fica localizado a oeste de Cedillo e Malpica do Tejo (já pertencente a Castelo Branco) está situada a norte de Herrera. Como tal, são localidades relativamente próximas de Marvão.

A dissertação em causa, sobre os *Falares de Herrera e Cedillo*, apresenta um vasto estudo linguístico dos falares destas localidades, distribuído por cinco partes.

A primeira, de cariz introdutório, apresenta a situação das duas localidades, um pouco da sua história e a forma como decorreu a recolha dos dados.

A segunda parte contempla o estudo linguístico propriamente dito, sendo este composto por quatro capítulos. O primeiro diz respeito ao domínio da fonética, o segundo ao domínio da morfologia, o terceiro à sintaxe, referindo-se o quarto à estilística (da fonética, da morfologia, da sintaxe e da lexicologia).

A terceira e quarta partes consistem, respectivamente, numa colectânea de textos fonéticos e numa recolha de literatura oral. A apresentação deste tipo de literatura desenrola-se ao longo de quatro capítulos: o primeiro composto por contos e outras narrativas, o segundo pelo romanceiro, o terceiro pelo cancionero e o quarto por orações, superstições, adágios e outros.

O glossário dá corpo à quinta parte, organizando-se em capítulos, de acordo com os campos lexicais estudados: o da Terra, no primeiro capítulo, o dos Animais, no segundo, o do Homem, no terceiro. O quarto capítulo inclui Vocabulário Diverso e o quinto é dedicado à Onomástica (antroponímia e toponímia).

BARATA, José Pedro Martins (1966). “Apontamentos sobre a fala viva de Montalvão e da Póvoa e Meadas, no extremo Norte do Alentejo”. Separata da *Revista de Portugal – série A: Língua Portuguesa* – vol. XXXI. Lisboa.

Depois de um breve enquadramento geográfico das vilas de Montalvão e Póvoa e Meadas, o autor começa por referir algumas características da pronúncia das localidades em estudo e de outras que se localizam nas proximidades, designadamente, Castelo de Vide, Alpalhão e Nisa.

Em seguida, apresenta alguns “aforismos e frases vulgares”, bem como “frases soltas ditas em Montalvão e em Póvoa e Meadas”. A maior parte da obra é dedicada ao capítulo “Alguns termos da fala-viva no extremo norte do Alentejo”, no qual, por ordem alfabética, se apresentam diversos vocábulos típicos das localidades em estudo, seguidos da sua explicação e, na maior parte dos casos, de um pequeno excerto em que surge o vocábulo contextualizado.

De salientar que, embora as localidades estudadas sejam relativamente próximas de Marvão, notam-se diferenças bastante significativas nos respectivos léxicos.

BAPTISTA, Cândida da Saudade C. (1967). *O Falar da Escusa*. Dissertação de Licenciatura policopiada, apresentada na Universidade de Lisboa.

Orientada pelo Professor Lindley Cintra, esta dissertação constitui até ao momento a única obra dedicada mais particularmente ao modo de falar dos habitantes do concelho Marvão, ainda que restringindo esse estudo apenas a uma das aldeias que o constituem – a Escusa.

O conteúdo da dissertação, que aborda em profundidade as particularidades do falar da Escusa, distribui-se pela Introdução e por quatro partes, cada uma dividida em diversos capítulos. Na Introdução, é feita uma breve caracterização da aldeia da Escusa, que contempla a sua localização geográfica, a explicação do topónimo, os aspectos demográficos, as características da população e as actividades económicas. Faz-se ainda referência aos informantes que contribuíram para a realização do trabalho.

A primeira parte é composta por quatro capítulos, sendo o primeiro dedicado à fonética, o segundo à morfologia, o terceiro à sintaxe e o quarto à estilística.

A segunda parte é constituída por uma compilação de textos fonéticos e a terceira por um vasto conjunto de exemplos da literatura popular, organizados sob as designações de contos (cap. I), romanceiro (cap. II), cantigas (cap. III), cancionero (cap. IV), orações (cap. V) e adágios (cap. VI).

Relativamente à quarta parte, esta é composta por um extenso glossário, organizado segundo diversas áreas lexicais, designadamente: a Terra, as Plantas, os Animais, o Homem, a Indústria e outras ocupações e a Onomástica, sendo todas estas também subdivididas em áreas mais específicas.

SIMÃO, Maria de Lurdes Pinheiro (1969). *O Falar da Povoação de Alagoa – concelho de Portalegre*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.

Natural do distrito de Portalegre, mais propriamente da localidade de Galegos (concelho de Marvão), Maria de Lurdes Simão optou por estudar o falar da aldeia de Alagoa, de onde era natural Alexandre Carvalho Costa³², com quem trocara impressões. Talvez por isso, a obra começa com uma apresentação feita por este autor.

Depois de um prefácio (I) e de uma introdução (II), na qual evidencia algumas obras de Carvalho Costa, segue-se a caracterização da região onde se integra a aldeia de Alagoa (III). Na parte IV, é apresentada a aldeia propriamente dita, dedicando a autora o capítulo V à caracterização do povo e o VI ao casal de informantes. No capítulo VII, são apresentados os costumes da terra. Ao longo de todos estes capítulos, Maria de Lurdes Simão vai introduzindo alguns regionalismos entre aspas, sendo muitos deles comuns ao falar de Marvão.

No que concerne às características do falar de Alagoa, estas surgem organizadas em diversas rubricas, nomeadamente: fonética; morfologia e sintaxe; algumas alcunhas e sua razão de ser; formas de tratamento; expressões típicas; maneira de datar os acontecimentos; rifões alusivos aos meses; descrição de alguns jogos e folclore (profano e religioso).

De notar que, ao longo das cerca de setenta páginas que constituem esta obra, a autora opta por não usar transcrição fonética, tentando aproximar o mais possível a grafia da oralidade.

No final, foram incluídas algumas fotos da aldeia, de algumas actividades económicas da altura e dos seus informantes.

ROCHA, Maria Regina de Matos [1970]. *Costumes e Falar de Fortios*. Manuscrito, não paginado.

Este trabalho sobre a aldeia dos Fortios e o seu falar, que se encontra na biblioteca da Universidade de Lisboa, desenvolve-se em cerca de cento e sessenta páginas manuscritas.

³² Este autor publicou diversas obras sobre a sua aldeia, bem como muitas outras localidades do distrito de Portalegre, sendo algumas delas também citadas ao longo deste capítulo.

Este estudo começa com uma Introdução, na qual a autora narra o seu contacto com o meio, descreve as características do informante escolhido, bem como a aldeia de Fortios. É na introdução que ficamos a saber que o estudo se desenrolou durante o ano de 1970, uma vez que o manuscrito não se encontra datado.

O corpo do trabalho é constituído por quatro partes. Na primeira, a autora descreve a habitação típica da aldeia de Fortios e apresenta as principais actividades agrícolas que aí se desenvolvem, assim como a vida espiritual e as diversões. À medida que vai efectuando essa descrição, vai introduzindo diversos regionalismos, que se destacam por estarem entre aspas. Inclui também fotografias e desenhos, que permitem esclarecer melhor alguns dos conceitos apresentados.

Na segunda parte, encontra-se o estudo do vocalismo oral e nasal, quer em sílaba tónica, quer em sílaba átona.

A terceira parte é constituída fundamentalmente por um glossário, com cerca de mil quatrocentas e setenta entradas e organizado por campos semânticos.

Na quarta parte, a autora apenas apresenta a bibliografia que consultou.

ALEXANDRE, Maria do Guadalupe Tansmontano (1976). *Etnografia, Linguagem e Folclore de Castelo de Vide*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.

Resultante de uma tese de licenciatura orientada pelo Professor Manuel Paiva Boléo, esta monografia de Maria do Guadalupe Alexandre³³ começa com um enquadramento geográfico da vila de Castelo de Vide, seguido de uma breve resenha histórica e de algumas informações de carácter toponímico. Depois de caracterizar as gentes da vila, os seus informantes e de descrever os métodos e técnicas utilizados na elaboração do trabalho, a autora descreve também as actividades económicas, os usos e costumes e as festas e romarias da região em estudo. À medida que essa descrição se vai desenrolando, vão sendo introduzidos termos típicos de Castelo de Vide, tal qual foram pronunciados, e que se destacam na escrita por virem colocados entre parêntesis. Em alguns momentos, verifica-se mesmo a inclusão de textos tal qual foram recolhidos, como sucede, por exemplo, na explicação do fabrico do azeite e do vinho. No desenrolar dessa vasta descrição, surge ainda um outro tópico dedicado às alcunhas.

³³ Natural de Castelo de Vide, esta autora conhece bem a história, os costumes e as particularidades linguísticas da vila.

O capítulo dedicado à linguagem começa por algumas Considerações Gerais, entre as quais a de que o falar de Castelo de Vide integra a sub-região de Portalegre e Castelo Branco. Aí se apresentam também as principais características do falar desta localidade. Na Introdução, são referidas algumas particularidades fonéticas e sintáticas mantidas pelos estudantes e pelas pessoas cultas, bem como outras “tipicamente populares”.

Segue-se uma descrição minuciosa da linguagem das gentes de Castelo de Vide, no que diz respeito à fonética, à morfologia, à sintaxe e à onomasiologia. Nesta última parte, são apresentados, por ordem alfabética, uma série de vocábulos da língua padrão, seguidos das designações que têm na região em estudo.

Mesmo no final da obra, existe ainda um pequeno glossário, organizado também por ordem alfabética, no qual surgem mais alguns exemplos do léxico típico de Castelo de Vide.

MATIAS, Maria de Fátima de Rezende F. (1984). “Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)”. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XVIII e XIX. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas.

Esta obra resulta da dissertação de licenciatura em Filologia Românica apresentada pela autora em 1974, na Universidade de Coimbra, sob a orientação do Professor Paiva Boléo. Segundo Maria de Fátima Matias, “Trata-se, com efeito, de um estudo de falares fronteiriços, feito à luz das perspectivas da Sociolinguística.”³⁴.

No que concerne à sua organização, a obra é composta por cinco capítulos, antecedidos por uma parte intitulada Preliminares e pela Introdução. Na primeira, estão presentes algumas observações sobre as povoações dos concelhos em estudo (Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença), bem como algumas orientações metodológicas. A Introdução assume um carácter histórico-geográfico e nela a autora refere-se às relações, de diversa índole, entre as localidades de Portugal e Espanha.

Quanto ao capítulo I, intitulado “O contacto de línguas: dimensões sociolinguísticas do problema”, depois de alguma reflexão sobre a sociolinguística,

³⁴ MATIAS, 1984: 1.

Maria de Fátima Matias centra-se nos condicionalismos, de natureza variada, associados à problemática do bilinguismo.

Os restantes quatro capítulos assumem um carácter estritamente linguístico, incidindo concretamente sobre a fonética, a morfologia, a sintaxe e o léxico das povoações estudadas. Além de uma perspectiva descritiva, a autora adota também uma perspectiva comparativa, tendo sempre presente o problema da interferência linguística.

De notar que esta obra está enriquecida com diversos mapas que ilustram a realização de alguns sons e a distribuição de algumas designações no espaço em estudo, o que facilita a sua compreensão.

CASTELO JÚNIOR, Francisco Augusto (1990). *Memórias As do Oco*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre.

Esta obra concentra um conjunto de memórias publicadas em jeito de folhetim, no jornal “A Rabeca”³⁵, em 1951, a partir do nº 1617.

Castelo Júnior, vestindo a pele do vagabundo Oco, que terá existido entre 1844 e 1912, escreve-lhe as memórias, recriando desta forma uma recolha histórico-etnográfica da cidade de Portalegre. De forma satírica, o autor vai apresentando o quotidiano portalegrense do fim do século dezanove, referindo-se a temas muito diversos, como os costumes, as festas, as bruxarias, a gastronomia, os pregões, a toponímia e o vestuário, entre outros. À medida que avança na sátira, o autor vai introduzindo no texto alguns regionalismos, que se destacam por surgirem em itálico.

No final desta obra, foi incluído um pequeno glossário, organizado por ordem alfabética, onde se encontram coligidos os vários termos ou expressões disseminados pelos textos, seguidos da sua explicação, organizada a partir de sinónimos.

³⁵ Jornal portalegrense, dirigido por João Diogo Casaca.

VIDAL, João Nunes. “Ritos de Passagem do Nordeste de S. Mamede” in *Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 1 (1991). Portalegre: Câmara Municipal de Marvão, pp. 13 – 26.

Entusiasta da recolha de usos e costumes do concelho de Marvão, João Nunes Vidal, ao redigir este artigo sobre os ritos de passagem, foi introduzindo alguns vocábulos típicos do concelho de Marvão, explicando, por vezes, em nota de rodapé, o seu significado ou fornecendo sinónimos pertencentes ao português padrão.

DIAS, Joaquina Rosa P. Guerreiro (1997). *Anexins e Nomes Engraçados de Campo Maior*. Campo Maior: edição de autor.

Tal como o título indica, estamos perante uma pequena obra dedicada exclusivamente ao registo de anexins/alcunhas de Campo Maior, sendo estas apresentadas em verso. Aproveitando a veia poética que a caracteriza, esta autora encontrou uma forma diferente de registar para a posteridade as alcunhas dos seus conterrâneos. Ao longo dessas cerca de trinta páginas de quadras, Rosa Dias usou uma linguagem o mais próxima possível da oralidade.

Os diversos anexins encontram-se reunidos no final da obra, totalizando quatrocentos e cinquenta.

BUCHO, Domingos Almeida (2000). *Dicionário Lagóia – Relação de palavras e expressões curiosas utilizadas na cidade de Portalegre*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre.

Estamos perante uma obra dedicada essencialmente ao léxico da cidade de Portalegre e considerada pelo autor como “...uma recolha etnográfica, um inventário de vocábulos e expressões curiosas, engraçadas, típicas, não exclusivas de Portalegre, mas que aqui se usaram pela minha geração e precedentes.”³⁶

No fundo, esta obra resume-se, essencialmente, a uma compilação de entradas lexicais³⁷, compostas por palavras ou expressões, ordenadas por ordem alfabética e intercaladas com algumas ilustrações intrinsecamente associadas aos regionalismos que

³⁶ BUCHO, 2000:12.

³⁷ Compilação que, incluindo as imagens, ocupa cerca de setenta páginas.

representam. A par da sua explicação, surge uma referência ao facto de estarem ou não dicionarizadas e de terem o mesmo sentido ou outro diferente, já que foi feito um confronto com o *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, da Sociedade de Língua Portuguesa.

Como forma de enriquecer o seu *Dicionário*, Domingos Bucho inseriu na obra os resultados dos testes de originalidade que efectuara, no sentido de averiguar quais as palavras ou expressões exclusivas de Portalegre. Inquiridos colaboradores de Faro, Évora, Lisboa, Santarém, Guarda, Porto e Bragança, chegou à conclusão de que 51,4% das entradas lexicais recolhidas eram desconhecidas ou tinham outro significado naquelas localidades (cerca de 4,4%). No entanto, importa ter em conta que esta “percentagem de originalidade” é obtida por comparação com localidades de zonas geográficas muito distintas, revelando-se bastante menor se comparado com outras cidades do distrito, nas quais é possível também encontrar a maioria dos regionalismos aqui compilados, que não são, afinal, exclusivos da cidade, mas antes do Norte Alentejo.

FLORENCIO, Manuela (2001). *Dialecto Alentejano – Contributos para o seu estudo* (2ª edição). Lisboa: Edições Colibri, 2005.

Esta obra surge na sequência da elaboração de uma tese de mestrado em Linguística, orientada pelos professores Ana Maria Martins e Ivo Castro, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Julho de 2000.

É composta por dois capítulos, que se subdividem em várias partes. No primeiro, intitulado Introdução, são apresentadas as razões da escolha do tema, são clarificados alguns conceitos teóricos, é referido o enquadramento do “Alentejo nas diferentes propostas de classificação dos dialectos portugueses”, destacando-se o papel de Leite de Vasconcelos no âmbito da dialectologia portuguesa, e é apresentada a metodologia a seguir.

O segundo capítulo, já pertencente ao corpo do trabalho propriamente dito, permite-nos conhecer “O Dialecto Alentejano no início do século XX”, relativamente às suas características fonético-fonológicas, morfológicas, sintácticas e lexicais. Nesta parte, são ainda apresentadas as “Variedades dialectais alentejanas” e as “Características gerais do dialecto alentejano”, bem como algumas “Considerações finais”.

Na verdade, estamos perante uma obra baseada, sobretudo, nas “recolhas dialectológicas realizadas por Leite de Vasconcellos, entre 1883 e 1936”³⁸, que nos permite ter acesso a muito do material sobre o *dialecto alentejano* por este recolhido e até à data ainda não publicado na íntegra³⁹; o que a torna uma obra de consulta obrigatória no âmbito dos estudos linguísticos sobre o Alentejo.

No que diz respeito ao léxico, este é caracterizado de forma muito breve no corpo da obra, encontrando-se a sua compilação inserida nos Anexos, sob a designação de “Vocabulário do Alentejo”. Esta colectânea reúne cerca de 1100 entradas, maioritariamente relacionadas com a vida campesina e recolhidas em vários pontos do Alentejo, em relação às quais não é apresentada qualquer explicação. No que diz respeito ao Alto Alentejo, essa recolha teve lugar, sobretudo, em Tolosa, Avis, Sousel e Fronteira, havendo apenas um vocábulo recolhido em Marvão (“adrêgo”⁴⁰). No entanto, consideramos que muitos dos que foram recolhidos noutras localidades do Alto e Baixo Alentejo também se utilizam no concelho de Marvão.

BARROS, Vítor Fernando e GUERREIRO, Lourivaldo Martins (2005). *Dicionário de Falares do Alentejo*. Porto: Campo das Letras.

De acordo com o título e segundo o autor, “Esta seara vocabular está organizada nos moldes de um dicionário tradicional, sem preocupações etimológicas.”⁴¹. Este dicionário ocupa cerca de cento e setenta páginas, ao longo das quais as entradas lexicais surgem por ordem alfabética.

No que concerne à explicação de cada entrada, surge a classificação morfológica, seguida do significado, com recurso a sinónimos e/ou perífrases. No final de muitas definições, aparece também a sigla referente ao nome do autor da fonte bibliográfica consultada ou ao local em que o vocábulo foi recolhido. Assim, constatámos que a maior parte dos locais de recolha apresentados pertence ao Baixo Alentejo, havendo, contudo, algumas referências a localidades do Alto Alentejo, tais

³⁸ FLORÊNCIO, 2001:14.

³⁹ Segundo Manuela Florêncio, os dados recolhidos por Leite de Vasconcelos sobre o *Dialecto Alentejano* encontravam-se em fase de publicação, devendo vir a integrar o volume VIII de *Opúsculos*, que contemplará os *dialectos estremenho, alentejano e algarvio*. Até ao momento, só foi possível ter acesso aos primeiros artigos de Vasconcelos sobre o Alentejo, porque estes, ainda em sua vida, foram publicados na *Revista Lusitana II*, entre 1890 e 1892. Todo o resto do material coligido não chegou a ser tratado e antes deste estudo jamais fora dado a conhecer.

⁴⁰ Ainda que este vocábulo venha indicado como recolhido em Marvão, durante as nossas pesquisas, nunca o ouvimos, por isso desconhecemos o seu significado.

⁴¹ BARROS, 2005: 13.

como Portalegre, Nisa, Tolosa, Avis e Elvas, entre outras. No que respeita às fontes bibliográficas consultadas, encontram-se referências múltiplas a Domingos Bucho e ao seu *Dicionário Lagóia*, o qual, como já foi referido, se reporta essencialmente à cidade de Portalegre.

Encontram-se neste dicionário alguns vocábulos comuns ao falar de Marvão, ainda que muitos não tenham indicação do local da recolha ou esse seja no Baixo Alentejo.

Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão, nº 13, ed. especial – São Salvador de Aramenha – História e Memórias da Freguesia (2005). Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Marvão e Junta de Freguesia de São Salvador de Aramenha.

Esta obra encontra-se dividida em três capítulos, nomeadamente, “Memórias Históricas da Freguesia de São Salvador da Aramenha”, “Memórias Etnográficas da Freguesia de S. S. da Aramenha” e “Documentos”. No âmbito do estudo que aqui desenvolvemos, interessa essencialmente o capítulo II, pois, à medida que se vão apresentando os aspectos etnográficos da freguesia, vão surgindo no texto regionalismos, que se evidenciam por estarem redigidos em itálico. Este léxico, disseminado ao longo do texto, referente à etnografia, encontra-se depois coligido num glossário apresentado no final do segundo capítulo, de nossa autoria.

No que concerne ao glossário, este está organizado por ordem alfabética e os vocábulos ou expressões fixas surgem explicados a partir de sinónimos ou perífrases.

FREIRE, Emília. “Venhem lá falar com’em Marvão” in *Alentejo Terra Mãe* nº 6 (1º Trimestre de 2007). Edição da Fundação Alentejo Terra-Terra Mãe, pp. 68 – 69.

Na rubrica “Dialecto”, Emília Freire entrevistou-nos, uma vez que investigamos na área da dialectologia e já desenvolvemos alguns trabalhos sobre o falar de Marvão. Ao longo do artigo, são apresentados alguns traços gerais das características fonético-fonológicas, morfo-sintáticas e lexicais do falar de Marvão. Nessa entrevista, justificamos ainda algumas diferenças existentes entre as várias aldeias que integram o

concelho e o que pode conduzir à deturpação de vocábulos existentes no português padrão.

FREIRE, Emília. “Falemes entã à moda d’Alpalhã” in *Alentejo Terra Mãe* nº 8 (3º Trimestre de 2007). Edição da Fundação Alentejo Terra-Terra Mãe, pp.74- 75.

Na rubrica “Dialecto”, surge uma entrevista feita por Emília Freire a José Caldeira Martins, veterinário do concelho de Marvão e natural de Alpalhão, sobre o falar da sua terra. Na origem da recolha está apenas o gosto que há muito nutre pela recolha de “expressões engraçadas ou diferentes”, aliado a uma profissão que lhe permite conviver com muita gente.

Neste artigo, a jornalista vai incluindo em itálico os vários regionalismos proferidos, quer por Caldeira Martins, quer pelos dois informantes de Alpalhão que com ele colaboraram, Engrácia Luciano e João Domingos. Em algumas situações, a autora optou mesmo por transcrever excertos da conversa, tentando aproximar o mais possível a escrita da oralidade.

MARTINS, Adelaide, MENA, Emília e SIMÃO, Teresa (2008). *Marvão – à mesa com a tradição*. Lisboa: Edições Colibri.

Ainda que seja esta uma obra sobre as tradições gastronómicas do concelho de Marvão, interessa no âmbito deste estudo, na medida em que, ao longo do texto, vão surgindo diversos regionalismos, destacados em itálico. No final do livro, existe um glossário, organizado por ordem alfabética, que concentra todos esses vocábulos ou expressões. As explicações dessas entradas lexicais são de cariz sinonímico ou perifrástico.

Capítulo 2 - Caracterização do concelho de Marvão

A variação de uma língua está intimamente associada ao percurso histórico-social dos seus falantes e das comunidades em que estes se inserem. Assim, considerámos pertinente a apresentação de alguns aspectos referentes à história, à demografia e à etnografia do concelho em estudo.

2.1. Origens do topónimo “Marvão”

No que diz respeito à origem do topónimo *Marvão*, muito se tem reflectido e teorizado, tendo surgido, até à data, diversas explicações, que a seguir se apresentam.



Fig. 4: Marvão visto de São Salvador de Aramenha

Segundo o padre Diogo Pereira Sotto Maior⁴², em 1619, no “Tratado da Cidade de Portalegre”, Marvão terá sido fundado pelos moradores de Medóbriga⁴³ e não por

⁴² Cfr. SOTTO MAIOR, 1984: 39, 40.

⁴³ Para Sotto Maior, baseado seguramente em Resende, Medóbriga é a cidade romana que, em 1935, Leite de Vasconcelos reconheceu denominar-se Ammaia.

“mouros”. A este propósito, refere o autor duas lendas, encontrando-se numa delas uma explicação para a denominação “Marvão”:

Quando Medóbriga foi conquistada e destruída por Cássio Longino, a sua população viu-se forçada a fugir e a refugiar-se nos rochedos onde actualmente se situa a sede do concelho. Ao subirem tão íngreme encosta, os habitantes em fuga iam desfalecendo e caindo, dizendo uns para os outros: “maluão, maluão; e daqui mudado o l em r se chamou Maruão...”.

Segundo um documento manuscrito do século XVIII, intitulado *Anteguidades e Algumas Notabilidades da Villa de Castelo de Vide e seu Termo*⁴⁴, conta-se que um capitão, chamado “Capitam Bidé”, ao cercar a cidade de “Arménia”, que na altura se chamava “Medrobigua”, os seus habitantes pediram-lhe três dias para tomar uma decisão e, à traição, de noite, dirigiram-se ao monte em que hoje se situa Marvão. Quando o capitão soube da fuga para tal sítio, simplesmente respondeu: “...deixai-os ir, que mal vão; querem dizer os traidores, que daqui se corrompeo a palavra; donde agora se vem a chamar a Villa de Marvão, que esta naquelle mesmo sitio, e se dis ser da propria gente, que fugio edificada.”

Ainda que apresente esta versão, o autor⁴⁵ deste manuscrito não concorda com ela. No seu ponto de vista, “...não se devia desta palavra tomar o nome a villa de Marvão; e parece que o devia tomar por corrupção do nome da Cidade desamparada, que se chamava Mirobriga; ou Medobriga...”⁴⁶.

Possidónio Laranjo Coelho veio, em 1982, apresentar uma explicação muito semelhante às referidas anteriormente, marcada também por um valor pejorativo. Segundo este autor⁴⁷, no seio do povo surgiu a justificação de que o nome *Marvão* deriva de *Mal Vão* – expressão proferida pelos habitantes do município quando se referiam aos prisioneiros de guerra e militares que para lá iam desterrados, já que D. Fernando declarou a vila *couto de homisiados*, para assim garantir mais facilmente a defesa da fronteira e o povoamento durante o longo período de guerra com Castela.

⁴⁴ OLIVEIRA, 1997: “Castelo de Vide e Marvão num manuscrito anónimo do século XVIII” in *Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 7, p. 13.

⁴⁵ Embora seja um documento anónimo, Jorge de Oliveira (*op. cit.* pp. 11, 12.) considera que integra a correspondência dirigida a Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, enviada por um pároco de Castelo de Vide.

⁴⁶ *Id.*, p. 13.

⁴⁷ Cfr. COELHO, 1982: 48.

Augusto Pinho Leal⁴⁸ e, mais tarde, também Possidónio Laranjo Coelho⁴⁹ (baseado nele) apresentam uma teoria diferente, defendendo que o topónimo tem a sua origem no nome de um cavaleiro do Islão, senhor de Coimbra – *Ibn Maruan* – que, em 776, se refugiara no morro onde actualmente se situa a sede do concelho.

Adel Sidarus⁵⁰ defende também que o topónimo Marvão terá origem mourisca e explica-a fundamentadamente. No século X, o historiador cordovês Isa Ibn Áhmad ar-Rázi, ao relatar as façanhas de Ibn Maruán e a sua dinastia, já se reporta a este local como “...o Monte de Amaia, conhecido hoje por Amaia de Ibn Maruán...”. Nesse mesmo texto, surgem também outras designações, tais como: «“Fortaleza de Amaia”, “A sua [de Ibn Mauan] fortaleza de Amaia”, “Fortaleza de Amaia-o-Monte”», deixando o documento perceber que, de todas, a denominação que acabou por prevalecer foi a de “Amaia de Ibn Maruán”, designação que evidencia o nome do seu fundador em detrimento da sua importância enquanto ponto estratégico-militar.

Ainda de acordo com Adel Sidarus⁵¹, o fundador de Marvão, Ibn Maruán⁵², terá sido um nobre de Mérida, que se destacou no último quartel do século IX “...como rebelde e caudilho “muladi” (autóctone islamizado).” e, juntamente com a sua família, liderou a contestação contra os emires de Córdoba. Depois de se ter refugiado na fortaleza de Ammaia e de ter fugido para o norte de Portugal, regressou a Badajoz e, a partir daí, tentou reconquistar o seu poderio político-militar. Assim, foi considerado o fundador de Badajoz (em 875 d. C.) e também de Marvão (em 877 d. C.)⁵³.

Um ano mais tarde, José Bueno Rocha⁵⁴ veio reforçar o que já fora defendido por Adel Sidarus. Assim, aponta como data de origem do nome o ano de 876. Segundo este autor, nessa altura, à montanha chamada *Amaiense* (desde os tempos de Plínio) passou a chamar-se *Amaya Ibn Marwan*. Com o passar dos tempos, na sequência da Reconquista Cristã, desapareceu do topónimo a referência à cidade romana. Ao longo

⁴⁸ Cfr. PINHO LEAL, 1875:115a.

⁴⁹ Cfr. COELHO, 2001: 42.

⁵⁰ Cfr. “Amaia de Ibn Maruán: Marvão”, in *Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 1, pp. 13 – 26.

⁵¹ *Id.*, *ibid.*.

⁵² ‘Abd ar-Rah.ma:n Ibn Marwa:n Ibn Yu:nus al-Jillí:qi (Abderramão filho de Marvão filho de Iúnece – i.e. Johannes – João- o Galego).

⁵³ Desde 1998 que em Badajoz se comemora a sua fundação, Almassassa, por Ibn Maruán. Por influência do que aí se faz e em parceria, a partir de 2006, Marvão passou também a festejar a sua fundação, no primeiro fim-de-semana de Outubro.

⁵⁴ Cfr. ROCHA, José Bueno, “El origen del topónimo “Marvão”, in *Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 2, pp. 91 – 93.

da Idade Média, e até posteriormente, tem-se conhecimento de diversas grafias do nome *Marvão*; impondo-se esta forma só a partir do século XVI.

Das explicações aqui apresentadas, afigura-se-nos como a mais credível a de Adel Sidarus. O facto de ter analisado as crónicas árabes do historiador Rázi⁵⁵ permitiulhe ter acesso a informação que outros autores anteriormente desconheciam, tendo, por isso, sugerido outras explicações que não foram, até ao momento, postas em causa por estudos mais recentes.

2.2. Localização e geografia física de Marvão

No que concerne à sua localização geográfica, o concelho em estudo fica situado no Nordeste Alentejano, mais concretamente, na vertente Norte da Serra de S. Mamede, distrito de Portalegre, e tem como limites: a Norte/Nascente o rio Sever (que constitui a raia internacional entre Portugal e Espanha), a Sul o concelho de Portalegre e a Poente o concelho de Castelo de Vide.



Fig. 5: Mapa que evidencia a localização de Marvão no contexto europeu e português⁵⁶

⁵⁵ Cfr. os originais dessas crónicas referentes a Marvão in JIMENEZ, 2005, pp. 100-101.

⁵⁶ Mapa cedido pelo Professor Doutor Jorge Pestana Oliveira.

Em termos físicos, o concelho de Marvão está actualmente dividido em duas zonas completamente distintas: uma parte montanhosa e com relevo acidentado, em que predominam os vales ricos em água, propícios à cultura de produtos hortícolas (a Sul da vila) e outra designada por *Sáfara* ou *Safra*, caracterizada por manchas de afloramentos graníticos, mais propícia à pastorícia e à cultura de cereais (a Norte do morro).



Fig. 6: Vista da parte norte do concelho⁵⁷



Fig. 7: Vista da parte sul do concelho⁵⁸

⁵⁷ Foto da autora.

2.3. Evolução do povoamento do concelho

Contrastando nitidamente com a típica planície alentejana, marcada pelas frequentes secas estivais, e detentora de um microclima muito peculiar, muitos são os vestígios que comprovam a presença do Homem nesta zona desde épocas muito remotas. Segundo Jorge de Oliveira: “As comunidades humanas mais antigas, durante o Paleolítico, procuravam os verdejantes vales drenados por cursos de água permanentes. No concelho de Marvão as margens do Rio Sever foram o cenário eleito.”⁵⁹ Desde essa época, nunca mais o concelho deixou de ser habitado, ainda que o povoamento durante os vários períodos nem sempre se tenha verificado nas mesmas zonas.

Assim, de acordo com a *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*⁶⁰, as primeiras comunidades do Paleolítico deixaram as suas marcas nas zonas da Mãe-Velha, do Batão, das Amoreiras e dos Vidais.

Com o início da agricultura e as primeiras tentativas de sedentarização, no Neolítico e também no Calcolítico, alguns dos locais habitados anteriormente (Batão e Vidais) continuaram a ser escolhidos pelas comunidades e a esses juntaram-se outros próximos, nomeadamente a zona da Retorta e dos Pombais. Na zona sul, foram encontrados vestígios dessa ocupação na zona da Aramenha.

Com o avançar para a Idade do Ferro, verificou-se uma procura de locais com uma altitude um pouco mais elevada e, por norma, protegidos. Assim, foram encontrados vestígios proto-históricos no Castelo do Vidago, no Castelo do Corregedor e no da Crença. Terá sido também nessa altura que o local onde actualmente se situa a vila de Marvão foi escolhido para fixação de alguma comunidade da Idade do Ferro.

Ao longo do período da romanização, na área que actualmente constitui o concelho, e à semelhança do que sucedeu noutros pontos da Península Ibérica, os Romanos procuraram locais em que a terra fosse fértil e pudessem pôr em prática as diversas técnicas agrícolas que dominavam. As zonas do Pereiro, Pombais, Amoreiras,

⁵⁸ Foto da autora.

⁵⁹ Cfr. OLIVEIRA, Jorge de, “Património Arqueológico Regional” in *Marvão – Obra Única do Homem e da Natureza* (documento de Pré-Candidatura), pp. 27-28.

⁶⁰ Cfr. OLIVEIRA, Jorge et al, in *Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 14 (*Número especial*), *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*, p.11 – 32.

Garriancho e essencialmente a parte sul do concelho (Porto da Espada, Escusa, São Salvador de Aramenha...) foram os locais escolhidos para as explorações agrícolas. O Vale da Aramenha, nos inícios do século I, veio a ser o local escolhido pelos Romanos para a construção da cidade de Ammaia, a qual terá sido uma cidade de lazer, satélite da cidade de Mérida.

Por volta do século V, o império romano do Ocidente começou a desagregar-se devido à pressão exercida pelas tribos germânicas. A cidade de Ammaia sucumbiu então e, devido à instabilidade que se viveu entre o século V e o período da Reconquista Cristã, a ocupação do actual território do concelho de Marvão reorganizou-se de outro modo. Surgiram, assim, pequenos núcleos habitacionais em zonas inóspitas do concelho, essencialmente a norte da crista quartzítica de Marvão, de preferência junto de cursos de água. O Vale do Cano, o Monte Velho, a Fonte Souto, o Vale de Ródão são alguns desses aglomerados populacionais da Alta Idade Média⁶¹.

Na Primavera de 711, os Árabes iniciaram a conquista peninsular e, poucos anos depois, terão chegado à Ammaia. Na sequência desses ataques, houve necessidade de novo repovoamento. Os habitantes dos pequenos núcleos anteriormente formados refugiaram-se, então, na serra de Marvão, passando o morro a constituir uma espécie de refúgio. No ano de 877, como já foi referido, o muladi Ibn Maruán ergueu uma fortaleza no penhasco, que, depois de conquistada e refortificada pelos cavaleiros cristãos, continuou a constituir o local de refúgio para as gentes do concelho.

Passada a época conturbada da Reconquista, esta fortaleza continuou a ter uma importância decisiva em relação a Castela, mas a pouca população que aí residia pôde ir aos poucos escolhendo outros lugares para se estabelecer. Conquistada por D. Afonso Henriques entre 1160 e 1166, foi-lhe atribuída a primeira carta de foral já no reinado de D. Sancho II, mais concretamente em 1226. De notar que nessa altura o município englobava quase todo o território que hoje pertence ao distrito de Portalegre⁶², o que contrasta com a sua dimensão actual, resultante da progressiva fragmentação a que foi sujeito em função da criação de novos concelhos a sul do Tejo, à medida que a região ia sendo povoada.

⁶¹ *Id.*, pp. 27 e 28.

⁶² Cfr. COELHO, 2001: 58.

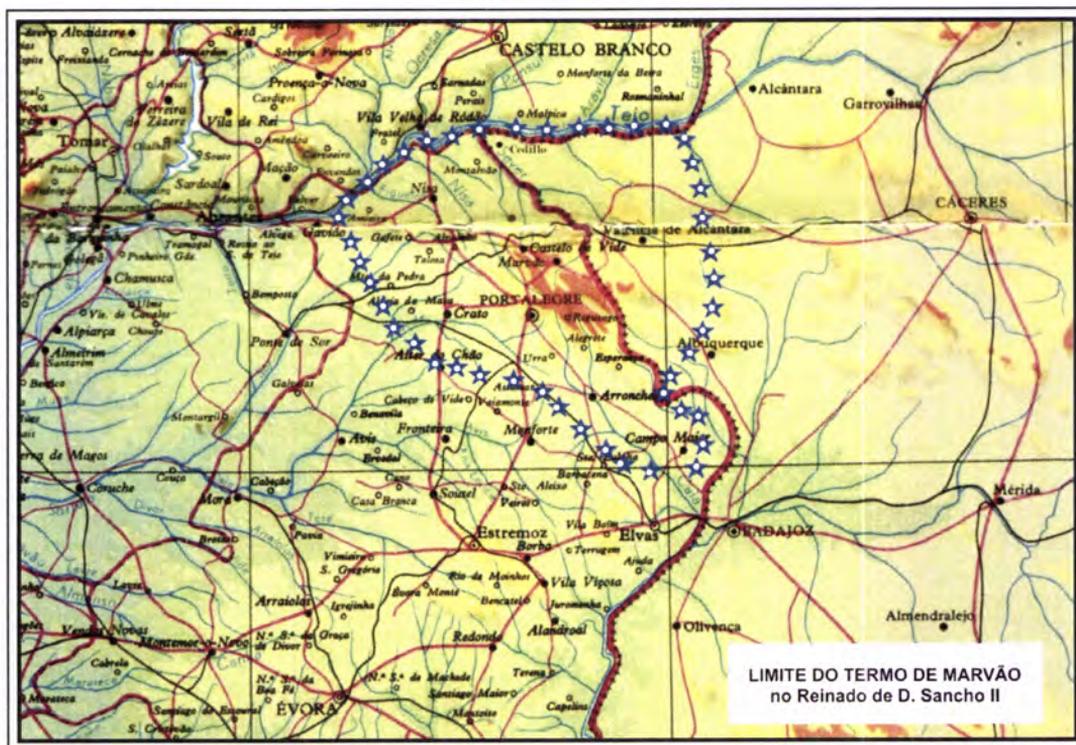


Fig. 8: Mapa que ilustra o território de Marvão aquando da atribuição da carta de foral⁶³

Quando recebeu a carta de foral, a extensa área⁶⁴ que constituía o concelho de Marvão era ocupada por um reduzido número de habitantes, sendo grande parte da área despovoada e quase deserta⁶⁵. No século XIV, a sua área já estava circunscrita aos limites actuais, à excepção da freguesia de São Julião, que só em 1842 passou a integrar o concelho de Alegrete e posteriormente (1855) o município de Portalegre⁶⁶.

Localizado numa zona estratégica em termos militares, inúmeros episódios bélicos marcaram este concelho e condicionaram a permanência da população, que não podia viver por muito tempo fora das muralhas. Após os conflitos travados com os “Mouros”, aquando da Reconquista Cristã, os confrontos mais significativos foram com Castela, na luta pela definição das fronteiras. A maior instabilidade viveu-se após a Restauração, em 1640⁶⁷, o que provocou uma quebra significativa na população e, mais uma vez, uma desertificação dos campos. Na verdade, só a partir de finais do século XIX é que os habitantes do município puderam viver em paz e tiveram oportunidade de

⁶³ Mapa cedido pelo Professor Doutor Jorge Pestana Oliveira.

⁶⁴ Cfr. Anexo 7: “Documento de demarcação do termo de Marvão em 1264”.

⁶⁵ Cfr. COELHO, 2001: 181.

⁶⁶ Cfr. MACHADO, J.L. et al, “O actual concelho de Marvão e suas freguesias nas *Memórias Paroquiais de 1758*”, in *Ibn Marwan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 3, p. 54.

⁶⁷ Cfr. Anexo 8: “Mapa das principais zonas de conflito durante a Guerra da Restauração”.

escolher onde, efectivamente, desejavam permanecer. Nesta altura, assistiu-se a um aumento populacional fora das muralhas e a um proporcional decréscimo na praça fortificada. A população distribuiu-se, assim, pelas três freguesias que constituíam o concelho, nomeadamente, Santa Maria, Santo António das Areias e São Salvador de Aramenha. Com a construção do ramal de Cáceres⁶⁸ e da estação dos Caminhos-de-Ferro, na última década do século XIX, nasceu uma nova povoação, a Beirã. Os serviços que seguidamente aí surgiram motivaram um rápido desenvolvimento nessa localidade, a ponto de, em 1944, ter ascendido a freguesia.

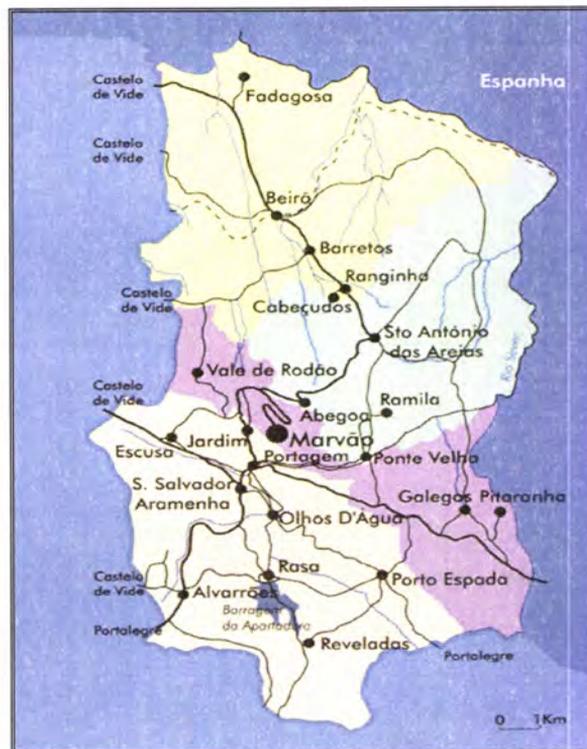


Fig. 9: As quatro freguesias que constituem o concelho de Marvão⁶⁹

2.4. Economia

No que concerne à economia, durante muito tempo, o sector primário foi o que predominou. Quer na parte sul, quer na parte norte do concelho, a agricultura e a pastorícia foram durante muitos anos as actividades preponderantes. Era à terra que o habitante do concelho de Marvão ia buscar o seu sustento. Nos últimos anos, tem-se

⁶⁸ Em 1878 iniciaram-se as obras de um novo troço ferroviário, que veio a ser decisivo para o desenvolvimento da Beirã e, conseqüentemente, de todo o concelho de Marvão.

⁶⁹ Mapa cedido pela Câmara Municipal de Marvão.

verificado uma diminuição do sector primário e um aumento do terciário, o que advém do facto de ter havido um incremento do turismo, que, aliás, tudo indica poder vir a ser, no futuro, a grande fonte de receitas e também o responsável pela mudança de alguns hábitos há muito enraizados nos locais e nas gentes desta região.

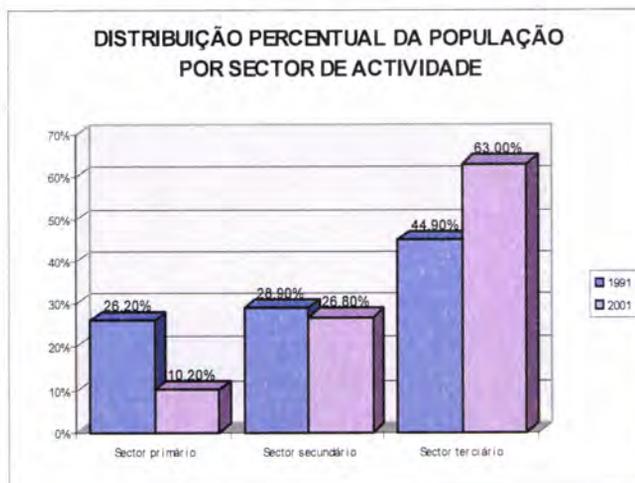


Fig. 10: Gráfico da distribuição percentual dos marvanenses por sector de actividade⁷⁰

Contudo, ao longo do segundo e terceiro quartéis do século passado, teve lugar em Marvão, mais concretamente, nas freguesias de Santo António das Areias e Beirã, um acentuado desenvolvimento da agricultura e da indústria, proporcionados pela acção de João Nunes Sequeira⁷¹ e seus descendentes, que criaram um elevado número de postos de trabalho, tanto na Herdade do Pereiro, como nas diversas fábricas que entretanto foram criando. Todo este desenvolvimento, além de possibilitar melhores condições de vida aos naturais e habituais residentes do concelho, veio contribuir, decisivamente, para um acentuado aumento da população. Os muitos postos de trabalho então criados atraíram para a parte norte de Marvão gente de outras freguesias do concelho, de outras zonas do distrito, bem como de outras partes do país, o que

⁷⁰ Gráfico fornecido pela Câmara Municipal de Marvão.

⁷¹ João Nunes Sequeira (1896 -1968), natural do concelho de Marvão, foi um homem que, dotado de um talento ímpar para o negócio e aproveitando em muito o contrabando que se praticava nesta zona de raia, conseguiu enriquecer a partir quase do nada. A sua riqueza permitiu dinamizar a agricultura e a indústria da parte norte do concelho, ao adquirir e rentabilizar a Herdade do Pereiro (no início da década de 30) e ao criar fábricas de conservas vegetais, confeitaria, sapatos, ... (desde 1937 até ao 25 de Abril de 1974), transformando uma região árida, e até à data considerada como pobre, numa zona que passou a oferecer melhores condições de vida.

proporcionou aos habitantes naturais de Santo António das Areias e Beirã um contacto estreito com culturas e falares de outras regiões.

Na sequência da criação da indústria do pimentão e de outras de conservas, João Nunes Sequeira decidiu apostar na indústria do calçado. Assim, adquiriu uma fábrica já existente em Belver e transferiu-a para Santo António das Areias, bem como os funcionários que lá laboravam, passando estes a residir nos bairros criados para o efeito em Santo António das Areias. Como a indústria do pimentão e das conservas funcionava inicialmente de forma muito artesanal, a necessidade de mão-de-obra era muita, pelo que tiveram de recrutar gente também de outras localidades fora do concelho, nomeadamente, São Julião, Montalvão e Póvoa e Meadas.

Mais tarde, em 1966, com a abertura de outra fábrica de calçado, a Celtex, o recrutamento de pessoal atingiu o auge, desta vez de locais mais longínquos, nomeadamente, de Nisa, Vila Boim, Terrugem e também de localidades espanholas. Nessa altura, só os trabalhadores das localidades mais distantes residiam em Santo António das Areias, pois, com a evolução dos transportes, os que habitavam nas aldeias circundantes eram transportados em camionetas, de manhã e à tarde.

O convívio estreito entre os habitantes do concelho de Marvão, e de forma mais acentuada os de Santo António das Areias e Beirã, com trabalhadores de outras regiões com falares distintos poderá justificar certas particularidades do falar dos habitantes das duas freguesias supracitadas, como teremos oportunidade de constatar no desenvolvimento deste estudo.

2.5. Demografia

Actualmente, o município de Marvão é composto por uma área de 154,6 Km² (o que o torna o mais pequeno do distrito de Portalegre) e os seus habitantes distribuem-se pelas quatro freguesias que o integram, nomeadamente, Santa Maria de Marvão, São Salvador de Aramenha, Santo António das Areias e Beirã. Com base nos Censos de 2001, a sua população residente era de 4029, o que origina uma densidade populacional bastante baixa, de 26,1 habitantes por Km². Ainda que esta tendência seja uma

característica das regiões do interior, não deixa de causar uma certa estranheza, uma vez que, ao longo do século XX, Marvão conheceu períodos em que a sua densidade populacional era a segunda mais alta do distrito (sendo a primeira a de Portalegre).

Ano dos censos	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2001
População residente	5994	6478	6292	7116	7630	8290	7478	5536	5418	4419	4029
População presente	5949	6321	6250	7145	7559	8144	7276	5428	5334	4393	3932

Fig. 11: Tabela da evolução da população no concelho de Marvão de 1900 a 2001⁷²

Ao analisarmos a evolução da população no concelho de Marvão ao longo do século transacto, podemos concluir que este concelho, que em 1900 tinha um total de população residente de 5994, veio a atingir um pico máximo na década de 50 (8290 habitantes), verificando-se a partir desse momento uma redução do número de habitantes, que, em 2001, era de 4029. Na última década, este número tem vindo a diminuir de forma acentuada⁷³.

Estas variações demográficas, além de seguirem a linha de rumo do país, encontram também explicação na forma como a organização económica do concelho de Marvão se tem desenvolvido.

Durante a primeira metade do século XX, um desenvolvimento significativo na parte norte do concelho contribuiu para um forte incremento da população, não só porque atraiu para a região novos trabalhadores, mas também porque permitiu melhores condições de vida a todos aqueles que aí angariavam o seu sustento. Por outro lado, a reestruturação que se verificou na Santa Casa da Misericórdia de Marvão a partir de 1945, bem como a garantia de cuidados médicos regulares também contribuíram para o pico demográfico verificado em 1950. Com efeito, a referida instituição de solidariedade social passou a dispor de condições para acolher mais utentes e a poder proporcionar à população do concelho condições de assistência, que, associadas à

⁷² Dados provenientes do Instituto Nacional de Estatística.

⁷³ Só em 2011 teremos novamente acesso a dados concretos sobre o número de habitantes do concelho de Marvão, contudo, enquanto marvanenses, vamos dando conta do falecimento de muitos idosos e o número de nascimentos e de pessoas que vêm de novo para o concelho não tem sido muito significativo. Pelo contrário, continua a verificar-se o abandono do concelho por parte de muitos jovens por aqui não conseguirem encontrar emprego.

fixação de um médico na região, permitiram, não só aumentar a esperança média de vida dos residentes, mas também diminuir radicalmente a mortalidade infantil.

A partir da década de 50, teve início uma diminuição do número de habitantes, justificada por diversos factores. Devido à evolução que houve nos transportes, grande parte dos trabalhadores das fábricas passou a deslocar-se todos os dias das suas aldeias e não a viver em Santo António das Areias ou na Beirã. Por outro lado, à semelhança de muitas outras regiões do litoral, teve lugar uma onda de migração para o litoral do país em busca de melhores condições de vida. Com as transformações do pós-25 de Abril e a integração de Portugal na Comunidade Europeia, acentuou-se o declínio da firma *Nunes Sequeira*, que motivou a extinção de muitos postos de trabalho e o conseqüente abandono da região por parte de muitos dos trabalhadores.

Neste município, além da desertificação crescente, à semelhança de todo o Alentejo e até de todas as sociedades europeias contemporâneas, está a verificar-se uma tendência geral para o envelhecimento da estrutura demográfica da população. Enquanto aumenta o número de população nos últimos grupos de idade, verifica-se uma diminuição da população em idade activa e dos primeiros grupos etários.

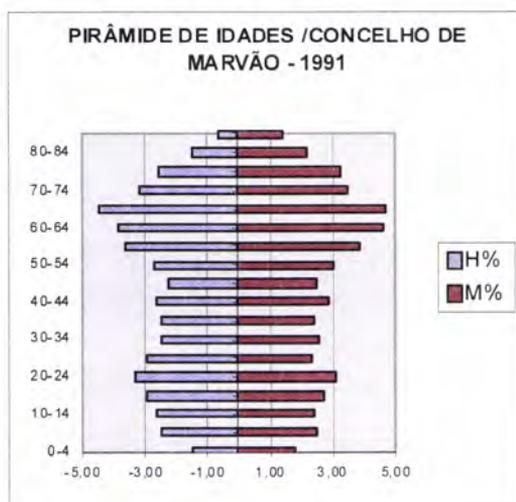


Fig. 12: Pirâmide etária – 1991⁷⁴

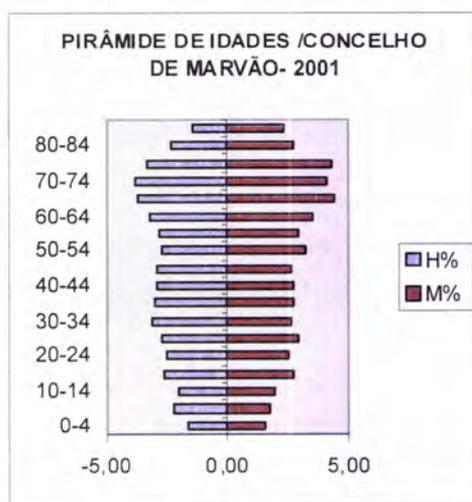


Fig. 13: Pirâmide etária - 2001

Esta tendência só poderá ser contrariada quando se criarem mais condições para fixar os jovens no concelho, nomeadamente, através do aumento da oferta de emprego;

⁷⁴ Gráficos cedidos pela Câmara Municipal de Marvão.

só possível com o reavivar das indústrias outrora existentes e com o desenvolvimento de novas actividades, apostando na criação de produtos de qualidade superior que facilmente se imponham no mercado. Por outro lado, importa também desenvolver uma política de incentivos à fixação dos jovens, que poderá passar pelo aumento da habitação e facilidades na sua aquisição; pelos incentivos ao aumento da natalidade...

No que concerne ao nível de escolaridade, segundo os Censos de 2001, existia uma taxa de analfabetismo na ordem dos 21,8%, que se revela elevada relativamente à da região Alentejo (15,9%) e, ainda mais, à do país (9%)⁷⁵. Tais valores reflectem indubitavelmente o já referido estado de envelhecimento da população, uma vez que as gerações mais velhas são normalmente menos escolarizadas.

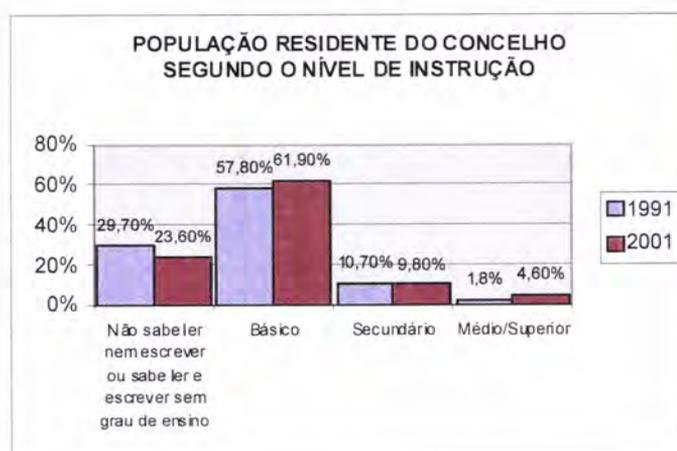


Fig. 14: Gráfico da evolução do nível de instrução dos marvanenses⁷⁶

A questão da inexistência de instrução revela-se, no entanto, um factor extremamente relevante para a manutenção do falar da região que pretendemos estudar nesta dissertação.

⁷⁵ Dados provenientes dos *Censos 2001 – Resultados Definitivos do Alentejo*.

⁷⁶ Gráfico cedido pela Câmara Municipal de Marvão.

Capítulo 3 - Principais aspectos fonético-fonológicos

Transcrição fonética

Como já foi referido na metodologia, na transcrição fonética, optámos pelo Alfabeto Fonético Internacional, cuja fonte é SILDoulosIPA93:

Vogais

a - vogal oral central aberta: [káru] (carro)

e - vogal oral central média: [góle] (gola)

i - vogal oral central fechada: [grédi] (grande)

ɛ - vogal oral palatal aberta: [térɐ] (terra)

e - vogal oral palatal média: [prétu] (preto)

i - vogal oral palatal fechada: [fíle] (fila)

j - semivogal oral palatal: [páj] (pai)

ɔ - vogal oral velar aberta: [póti] (pote)

o - vogal oral velar média: [bólu] (bolo)

ö - vogal oral velar palatalizada média: [pöku] (pouco)

u - vogal oral velar fechada: [úve] (uva)/ [térsu] (terço)

ü - vogal oral velar palatalizada fechada: [túdi] (tudo)

w - semivogal oral velar: [séw] (céu)

ẽ - vogal nasal central média: [tẽtu] (tanto)

ẽ - vogal nasal palatal média: [tẽpu] (tempo)

ĩ - vogal nasal palatal fechada: [sĩku] (cinco)

ĩ - semivogal nasal palatal: [mẽõ] (mãe)

õ - vogal nasal velar média: [põti] (ponte)

õ - vogal nasal velar palatalizada média: [kõtu] (conto)

ũ - vogal nasal velar fechada: [tũõ] (atum)

ũ - vogal nasal velar palatalizada fechada: [mũõ] (mundo)

ũ - semivogal nasal velar: [vẽõ] (varião)

Consoantes

- p – oclusiva bilabial surda: [pósu] (poço)
b – oclusiva bilabial sonora: [bóle] (bola)
t – oclusiva dental surda: [tēpe] (tampa)
d – oclusiva dental sonora: [dátə] (data)
k – oclusiva velar surda: [kórdə] (corda)
g – oclusiva velar sonora: [gátu] (gato)
f – fricativa labiodental surda: [fátu] (fato)
v – fricativa labiodental sonora: [vákə] (vaca)
s – fricativa dental surda: [sétu] (santo) / [siléʃti] (Celeste) / [əsórdə] (açorda) /
[prósimu] (próximo)
z – fricativa dental sonora: [kázə] (caça) / [əzár] (azar) / [ezēmi] (exame)
ʃ – fricativa palatal surda: [əʃár] (açar) / [ēʃēmi] (exame) / [káʃkə] (caça) / [káʃkəʃ]
(caças) / [nəriʃ] (nariz)
ʒ – fricativa palatal sonora: [járe] (jarra) / [zélə] (gelo) / [lézme] (lesma)
tʃ – africada palatal surda: [pertʃĩnu] (pertinho)
m – nasal bilabial sonora: [mítu] (mito)
n – nasal alveolar sonora: [nérvu] (nervo)
ɲ – nasal palatal sonora: [pĩɲə] (pinha)
l – lateral alveolar sonora: [látə] (lata)
ʎ – lateral alveolar velarizada sonora: [lēsóʎ] (lençol)
ʎ – lateral palatal sonora: [téʎə] (telha)
r – vibrante alveolar sonora: [árku] (arco)
R – vibrante uvular sonora: [féru] (ferro)

Outros sinais

- ˜ – indica a nasalação
´ – indica a vogal tónica
¨ – indica a palatalização

No que diz respeito às características fonético-fonológicas, o Falar de Marvão partilha da maioria das identificadas por Leite de Vasconcelos e pelos autores que, posteriormente, estudaram a dialectologia desta região (Cfr. Introdução, p. 15), mas também apresenta particularidades que o distinguem no âmbito das variantes dialectais do Norte Alentejano.

3.1. Vocalismo

3.1.1. Vogais tónicas

3.1.1.1. Vogais orais

[a]

No falar em estudo, em posição tónica, esta vogal tanto apresenta um timbre igual ao do português padrão, como se altera.

Vocábulos como [ẽtrádɐ] (entrada), [ẽdrádɐ] (Andrade), [barázɐ] (barragem), [bufetádɐ] (bofetada), [kamjonázɐ] (camionagem), [dẽtádɐ] (dentada), [ẽsɐrádɐ] (encerrada), [ʃpináfɾɐ] (espinafres), [ĩpikávɐʃ] (impecável), [láɐ] (laje), [pɛdásu] (pedaço) ilustram a manutenção do timbre vocálico da norma.

Na linguagem popular, o [a] sofre algumas alterações. Uma delas é a palatalização da vogal, que passa a [ɛ]⁷⁷, a qual, como já referimos anteriormente, constitui uma das características dos falares de Castelo Branco e Portalegre:

⁷⁷ Cfr. VASCONCELOS, 1901: 78. Segundo este autor, esta alteração, além de se verificar no Alto Alentejo, é comum à Beira-Baixa e à Beira-Alta.

Cfr. BERNARDO, 2003: 39 – 41; BAPTISTA, 1967: 15; CARREIRO, 1948: 3- 5. Maria Eduarda Carreiro apresenta como motivos desta palatalização: a precedência da semi vogal [j], a precedência das fricativas [ʃ] e [ʒ], a influência da oclusiva dorso-palatal-nasal [ɲ] ou da lateral-dorso-palatal-oral [ʎ], a vizinhança com uma vogal muito fechada [i], [e], [ɨ], [ø] ou [u]. ALEXANDRE, 1976: 112.; SIMÃO, 1969: 35, 36; BUESCU, 1961: 103; FLORÊNCIO, 2005: 31; ROCHA, [1970].

[kənevjét] (canavial), [bəljér] (balear), [bežér] (beijar), [bugélu] (bugalho), [buʃkér] (buscar), [ǔdér] (andar), [ǔdési] (andasse), [ɐsumér] (Assumar), [brĩkér] (brincar).

De notar que alguns destes exemplos poderão ser explicáveis por dissimilação, uma vez que ocorrem em contextos não propícios à palatalização⁷⁸, como por exemplo: [ǔdár] - [ǔdér] (andar).

Em alguns casos, verifica-se uma metátese⁷⁹:

[pájtu] (pátio), [lɐrájpu] (larápio), [vitrinájru] (veterinário).

No caso do vocábulo [aʃpɾegájɥe]⁸⁰ (alparcata), a vogal central aberta apresenta-se ditongada.

[ɐ]

À semelhança da vogal anterior, em posição tónica, esta vogal também apresenta alterações relativamente ao português padrão.

[mægěɳɐ] (magana), [kəběɳɐ] (cabana), [ʃopěɳɐ] (choupana), [pĩterěɳɐ] (Pitaranha), [migěɳɐ] (mediana), [morěɳɐ] (mourama), [pɛʃtěɳɐ] (pestana), [urvilěɳɐ] (ervilhana), [sigěɳu] (cigano), [diʒĩgěɳi] (desengano) evidenciam uma manutenção da vogal, mas com um timbre nasalado⁸¹, provocado pela consoante nasal que se segue, o que constitui, como já foi citado, uma das características do sub-dialecto alentejano apontadas por Leite de Vasconcelos .

⁷⁸ Cfr. CINTRA, 1995: 156. Segundo este autor, a palatalização do *a* tónico nesta região verifica-se quando este contacta com consoante ou semi vogal palatal ou quando, na sílaba anterior, existe ou existiu uma das vogais ou semi vogais átonas *i* ou *u*.

⁷⁹ Cfr. VASCONCELOS, 1901: 78.

⁸⁰ Cfr. CARREIRO, 1948: 6; BAPTISTA, 1967: 16; ROCHA, [1970].

⁸¹ Cfr. Neste estudo a parte dedicada à nasalização, p. 118.

Já [erviʎéɲə]/[orviʎéɲə] (ervilhana), [fulénu] (fulano), [iʃémi] (enxame), [mariéɲə] (Mariana), [sigéɲə] (cigana), [ʁribéɲə] (arribana), [suzéɲə] (Susana), [sikrénu] (sicrano), além da nasalização, ilustram uma mutação de [ʁ] para [ẽ].

[ɛ]

A vogal aberta não recuada não apresenta diferenças de timbre muito significativas relativamente ao português padrão:

[ajvékɐ] (aiveca), [aʎmukrévi] (almocreve), [kədélɐ] (cadela), [fɛʃtɐ] (festa), [efémjɐ] (Eufémia), [Réɣwɐ] (régua), [égwɐ] (égua), [pɛʃkɐ] (pesca), [ʁifréʃkɐ] (refresca), [ɛrnéʃtu] (Ernesto).

Quando surge em sílaba aguda, por vezes, forma ditongo com a semivogal palatal [j]⁸², visível em vocábulos do tipo:

[zéj] (Zé), [péj] (pé), [kɛféj] (café), [éj] (é), [féj] (fé).

De notar que esta ditongação contraria a tendência verificada nos dialectos alentejanos para a regularização do lugar do acento, através da paragoge⁸³, como por exemplo em: [kɛfé] - [kɛféi] (café).

[e]

A vogal média não apresenta igualmente muitas diferenças de timbre comparativamente com a norma:

⁸² Cfr. CARREIRO, 1948: 10. A autora dá conta desta situação, mas nunca em final de palavra. Em Nisa, este fenómeno verifica-se quando o [ɛ] é pronunciado com ênfase. MATIAS, 1984: 105; SIMÃO, 1969: 37; BUESCU, 1961: 108. Em Monsanto, “esta ditongação verifica-se apenas quando, em posição final absoluta, na frase se segue uma palavra começada por vogal”. MEDEIROS, 1964: 16, 18.

⁸³ Cfr. BOLÉO, 1962: 101.

[bẽkétɐ] (banqueta), [kumér] (comer), [létrɐ] (letra), [velétɐ] (valeta), [diʃtrusér] (distorcer), [gɐvétɐ] (gaveta), [kurnétɐ] (corneta), [lɐbrétɐ] (lambreta), [prétɐ] (preta), [kõvirsétɐ] (converseta).

Contudo, nos vocábulos [ʃkésu] (esqueço) e [ĩtirési] (interesse), constatámos uma abertura do timbre, passando a [ɛ]⁸⁴.

[i]

Na maior parte dos casos, a vogal anterior fechada mantém o mesmo timbre existente na língua padrão:

[mũdísi] (mundice), [grílu] (grilo), [nɐríʃ] (nariz), [pɐrír] (parir), [pílíku] (pelico), [primerísɐ] (primeiriça), [rɪbulídu] (rebolido), [ritunísu] (retoniço).

Contudo, surgiram-nos algumas exceções nas formas verbais [vévi] (vive) e [kõvévi] (convive), que exemplificam uma abertura para [ɛ]⁸⁵.

A palavra [lɐgɐrtúʃɐ] (lagartixa) ilustra um recuo para [u].

[ɔ]

Na maior parte das vezes, o [ɔ], em posição tónica, não apresenta diferenças em relação à norma:

⁸⁴ Cfr. VASCONCELOS, 1901: 79. O autor considera que no interior do país se verifica uma alternância entre o [ɛ] e o [e], sendo a vogal aberta mais usada no Sul.

CARREIRO, 1948: 11. Em Nisa, esta é uma mudança de timbre muito típica.

⁸⁵ Cfr. SIMÃO, 1969: 37; FLORÊNCIO, 2005: 35; ROCHA, [1970].

[biɡóti] (bigote), [diɡóti] (decote), [dipózi] (depósito), [kærekóʃ] (caracol), [kætóliku] (católico), [kuliʃtróʃ] (colesterol), [ētirsóʃ] (terço), [genvólɐʃ] (gavolas), [fiʎózi] (filhos), [kriʃtóvɐ] (Cristóvão).

Em algumas palavras, há um fechamento do timbre da vogal⁸⁶:

[aʎfórzi] (alforges), [óʎa](olha), [óʎi] (olhe).

No caso de [buléte]⁸⁷ (bolota) e [éʎe]⁸⁸ (olha), verifica-se uma passagem do [ɔ] para [e].

Já nos vocábulos [dúbra] (dobra) e [kuséɣɐ] (cócegas)⁸⁹, o timbre fechou para [u], sendo no último caso o fechamento motivado por uma deslocação do acento.

Deparámo-nos ainda com uma metátese⁹⁰, fenómeno que corresponde a uma tendência para a regularização das estruturas silábicas:

[óʎdi]/[óʎdu] (ódio), [əbróʎte] (abrótea), [kustóʎde] (Custódia), [ərmóʎni] (harmónio).

[o]

Na generalidade dos casos, o timbre mantém-se igual ao da língua padrão:

[əbórdu] (aborto), [səbóʎe] (cebola), [kəfɐnótu] (gafanhoto), [ʃtɐpór] (estupor), [grósi] (grosso), [idikədór] (indicador), [lódri] (lodo), [móʃtru] (mosto), [póʃtru] (poldro), [priɡózu] (perigoso).

⁸⁶ Cf. VASCONCELOS, 1901: 82; BAPTISTA, 1967: 19, 20.

⁸⁷ Cf. VILHENA, 2000: 70; PAULINO, 1959: 103; SIMÃO, 1969: 38; ROCHA, [1970].

⁸⁸ Cf. ALEXANDRE, 1976: 118; BAPTISTA, 1967: 20.

⁸⁹ Cf. PAULINO, 1959: 103; SIMÃO, 1969: 38.

⁹⁰ Cf. VASCONCELOS, 1901: 83. O autor considera que é por influência do i pós-tónico e registou esta característica na Estremadura.

Todavia, há algumas exceções, sendo uma delas uma abertura do timbre da vogal média, como se pode constatar em: [saɪvədór] (Salvador) e [rót̪i] (arroto)⁹¹.

O vocábulo [sirójdu] (seródio) ilustra uma situação de metátese (Cfr. supra).

Na forma verbal [sémuf] (somos), constatamos uma alteração do timbre de [o] para [ẽ], sendo a nasalização provocada pela consoante nasal que se segue à vogal tónica.

[u]

Por norma, o timbre desta vogal mantém-se semelhante ao da língua padrão:

[itrúdu] (Entrudo), [zẽbúz̃u] (zambujo), [səlúsu] (solução), [úrs̃il̃e] (úlceras), [túñɛɫ] (túnel), [tertúlu] (tortulho), [tɛtɛrúgɛ] (tartaruga).

Nas aldeias de Porto da Espada e Escusa, observa-se uma excepção. Ainda que esta já não seja uma característica tão vincada como era nos anos 60, quando Cândida Baptista elaborou um estudo sobre a Escusa, ainda continuam a existir alguns vestígios da palatalização desta vogal, passando a [ü]⁹²:

[túdi] (tudo), [úr̃nɛ] (urna), [búr̃i] (burro).

O vocábulo [miλɛrók̃u] (melharuco) ilustra ainda uma abertura da vogal para a medial [o]⁹³.

⁹¹ Cf. ROCHA, [1970].

⁹² Cf. VASCONCELOS, 1901: 83. O autor regista a existência deste [ü] numa vasta região, que se estende desde o meio do Fundão e da Sertã até Portalegre e que compreende alguns territórios da Estremadura, aparecendo também no Algarve. BAPTISTA, 1967: 21, 22. A autora considera este timbre quase sistematicamente palatal como uma das características mais acentuadas do falar da Escusa. BERNARDO, 2003: 50 - 53; CARREIRO, 1948: 24, 25; VILHENA, 2000: 57, 58. Em Cedillo, o [u] apresenta uma tendência para a labialização e palatalização, quando tónico e, especialmente, junto de labiais. ALEXANDRE, 1976: 120; BUESCU, 1961: 103; MEDEIROS, 1964: 20; FLORÊNCIO, 2005: 35. ROCHA, [1970].

⁹³ Cf. BAPTISTA, 1967: 22, 23.

Já a forma verbal [zóni] (zune) dá conta de uma abertura no timbre de [u] para [ɔ].

3.1.1.2. Vogais nasais

[ẽ]⁹⁴

No concelho de Marvão, em posição tónica, esta vogal tanto apresenta um timbre igual ao do português padrão, como se altera.

Vocábulos do tipo de [grɛvẽsuf] (gravanços), [diʃkẽti] (descante), [diʒmẽʃu] (desmancho), [bikẽkɐ] (bicanca), [mugẽgu] (moganga), [lãtrẽ] (lhantra), [pɛlẽku] (palanco), [frẽsɐ] (França), [mẽtɐ] (manta), [kẽʃu] (cancho) dão conta da manutenção do timbre existente na norma.

Por outro lado, [ɐbũdẽsɐ] (abundância), [liẽdri] (Leandro), [iʃtudẽti] (estudante), [irmẽ] (irmã), [pikẽsu] (picanço), [ẽtiʃ] (antes), [kõfjẽsɐ] (confiança), [krjẽsɐ] (criança), [djẽti] (diante), [fiẽbri] (fiambre) ilustram a palatalização do [ẽ] para [ẽ]⁹⁵, a qual constitui, como já referimos, uma das características do falar de Castelo Branco e Portalegre.

Esta mutação de timbre verifica-se em palavras agudas, graves e esdrúxulas e é particularmente frequente em vocábulos em que a vogal nasal surge antecedida por vogal ou semivogal palatal.

⁹⁴ Cfr. VILHENA, 2000: 71, 71. Nos dois falares (Herrera e Cedillo), esta vogal apresenta matriz velarizada, como na vogal oral.

⁹⁵ Cfr. CARREIRO, 1948: 7, 8. A autora apresentou como contextos de mutação vocálica o seguir-se a um [i], o ter na vizinhança um fricativa ou uma sibilante, o ter a influência de um [ɲ] ou [ʎ] e o estar próxima de uma vogal fechada. BAPTISTA, 1967: 24, 25; ALEXANDRE, 1976: 113; BUESCU, 1961: 103; MEDEIROS, 1964: 22; FLORÊNCIO, 2005: 31; ROCHA, [1970].

[ẽ]

De um modo geral, a vogal tónica [ẽ] mantém o timbre igual ao da língua padrão:

[kré̃sɐ] (crença), [pré̃sɐ] (prensa), [nɐrsé̃sɐ] (nascença) são disso exemplo.

Contudo, surgem algumas excepções, tais como [é̃pɐ] (empa), [pré̃di] (prende) e [ɐpré̃di] (aprende), que evidenciam a mudança de timbre para [ẽ]⁹⁶.

Em posição final, o [ẽ] ora se mantém, ora surge ditongado⁹⁷: [tɐmɛ̃j] (também), [alé̃] (além), [armɛzɛ̃] (armazém).

Nos monossílabos [né̃] (nem) e [sé̃] (sem) o [ẽ] passa frequentemente a [ĩ]: [nĩ] e [sĩ]⁹⁸.

[ĩ]

No que concerne a esta vogal, em sílaba tónica, não nos deparámos com qualquer diferença em relação à norma:

[mĩtu] (minto), [pĩtu] (pinto), [fĩtu] (finto), [trĩku] (trinco), [lɐvɐrĩti] (lavarinto), [ɐrĩtu] (arinto), [tĩtu] (tinto), [brĩku] (brinco), [vĩti] (vinte), [ɐlikrĩ] (alecrim).

⁹⁶ Cfr. VASCONCELOS, 1901: 80, 81. Quando a vogal integra o grupo-enh-, por vezes passa a [ẽ] -ãnh-. Este autor apresenta esta mutação consonântica característica do Alto-Douro, da Beira e de algumas regiões de Trás-os-Montes, contudo, também se verifica em Marvão. No conjunto -em/-en, só no Alto Douro se verifica a passagem a [ẽ]. BAPTISTA, 1967: 25, 26; ALEXANDRE, 1976: 115; MEDEIROS, 1964: 22; FLORÊNCIO, 2005: 35.

⁹⁷ Cfr. VILHENA, 2000: 72; VASCONCELOS, 1901: 82; CARREIRO, 1948: 14; MEDEIROS, 1964: 23; FLORÊNCIO, 2005: 34.

⁹⁸ Cfr. VILHENA, 2000: 72; VASCONCELOS, 1901: 87.

[õ]

Também nesta vogal não encontramos particularidades em relação ao português padrão:

[póti] (ponte), [móti] (monte), [óti] (ontem), [fóti] (fonte), [kóti] (conto), [pótu] (ponto), [bɛłmóti] (Belmonte), [kóte] (conta), [kókɛvu] (côncavo), [tótɛ] (tonta).

[ũ]

De um modo geral, a vogal posterior fechada mantém o timbre idêntico ao da língua padrão:

[prigũte] (pergunta), [ɛtũ] (atum), [fɛrũ] (farum), [vɛrũkɛ] (varunca), [nũkɛ] (nunca), [ɛsũti] (assunto), [prizũtu] (presunto), [imũdu] (imundo), [profũdu] (profundo), [sigũdu] (segundo).

Todavia, nas aldeias de Porto da Espada e, de forma mais acentuada, na Escusa, deparámo-nos com uma palatalização da vogal, passando a [ũ̃]⁹⁹:

[ritũ̃de] (rotunda), [fũ̃di] (fundo), [mũ̃di] (mundo), [kɫɛrimũ̃du] (Clarimundo), [ɛfũ̃de] (funda).

Em suma, no que concerne às vogais tónicas, verificam-se diversas alterações relativamente à língua padrão, havendo algumas que caracterizam particularmente o falar de Marvão.

Assim, como mais significativas no domínio das vogais orais, destacamos a palatalização de [a] e [ɛ] para [ɛ̃] e [ẽ], bem como a metátese, que deu origem ao ditongo [ɔj]. Destacamos ainda a palatalização de [u] em [ü], a qual caracteriza essencialmente os falantes da aldeia de Escusa, ainda que também tenham surgido alguns casos em Porto da Espada.

⁹⁹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 27; BERNARDO, 2003: 64; MEDEIROS, 1964: 24; ROCHA, [1970].

No que diz respeito às vogais nasais, é igualmente expressiva a passagem de [ẽ] a [ẽ̃], especialmente quando a vogal nasal é antecedida por vogal ou semivogal palatal, e a palatalização de [ü] particularmente na Escusa, embora haja vestígios na aldeia de Porto da Espada.

3.1.2. Vogais átonas

As vogais átonas apresentam, de uma maneira geral, uma grande inconstância nas suas formas devido à ausência de acento. A menor energia articulatória com que são pronunciadas faz com que estejam mais sujeitas a frequentes fenómenos de assimilação e dissimilação. Isto sucede em qualquer língua e, de forma ainda mais vincada, nas variedades regionais.

3.1.2.1. Vogais orais

[a]

Em todos os exemplos que recolhemos, em posição pré-tónica, esta vogal manteve o timbre igual ao da língua padrão:

[dizaʎvurír] (desalvorir), [ʃaríʎe] (charilha), [faʃiʃte] (fascista), [ɛfaʎkwár] (afalcoar), [paʎredór] (palrador), [maʎdádi] (maldade), [faʎsárju] (falsário), [kaʎdétɛ] (caldeta), [faʎkéw̃] (falcão) e [maʎvíɲɛ] (malvinha).

[ɛ]

Em posição átona, esta vogal, ora mantém o timbre semelhante ao da norma, ora se altera.

Quanto à manutenção do timbre, esta verifica-se, quer em posição pré-tónica, quer em posição pós-tónica:

[kɐlótɨ] (calote), [ɛsɐpádu] (ensapado), [fɐrópu] (farropo), [gɐdɛ́ɲu] (gadanho), [kɐnɛdɛ́w̃] (canadão), [sógrɐ] (sogra), [plótɐ] (plota), [emíɮɐ] (Emília), [ʃɛ́kɐ] (chanca), [ɛ́krɛ́kɐ] (encrenca).

Outros vocábulos há que dão conta de mutações de timbre diversas, provocadas por fenómenos de assimilação e dissimilação:

- de [ɐ] para [ɛ]¹⁰⁰

[ɛ́kɐrɛkuládi] (encaracolado);

- de [ɐ] para [e]¹⁰¹

[aɮvɛríɲɐ] (albarinha), [paderíɐ] (padaria);

- de [ɐ] para [i]¹⁰²

[ʃiminé] ou [ʃiminé] (chaminé), [risɛ́w̃] (ração), [siláɮɐ] (salada), [rimilíɮɐ] (ramelica), [ʒɛ́ʒívi] (gengiva), [aɮdrávi] (aldrava).

- de [ɐ] para [i]¹⁰³

[mɛtávimuʃ] (matávamos), [pɛgávimuʃ] (pagávamos), [ɛ́dávimuʃ] (andávamos), [ʒinélɐ] (janela);

- de [ɐ] para [ĩ]¹⁰⁴

[ĩtɛ́] (até);

¹⁰⁰ Cfr. BUESCU, 1961: 105.

¹⁰¹ Cfr. VILHENA, 2000: 89. Em Cedillo, a par da conservação do timbre fechado, deu-se, ainda que com pouca frequência, a transformação do a final átono em e fechado “perere, ere, siare, pope”.

¹⁰² Cfr. VASCONCELOS, 1987: 85. Segundo este autor, esta transformação deve-se por vezes ao fenómeno de dissimilação. Para si, nesses casos, não se trata de uma característica dialectal, mas sim de uma marca da linguagem popular de todo o país. BAPTISTA, 1967: 31, 38; PAULINO, 1959: 105; MATIAS, 1984: 114; ALEXANDRE, 1976: 113; SIMÃO, 1969: 35; ROCHA, [1970].

¹⁰³ Cfr. BAPTISTA, 1967: 32.

¹⁰⁴ Cfr. BAPTISTA, 1967: 29; BUESCU, 1961: 112; MEDEIROS, 1964: 26; ROCHA, [1970].

- de [ɐ] para [o]

[oʎerẽw̃] (alheirão).

[ɛ]

De um modo geral, o timbre da vogal [ɛ], em posição átona, altera-se para [ɐ], quando a vogal antecede uma consoante lateral alveolar velarizada:

[imónvɛʃ]¹⁰⁵ (imóvel), [ĩpikávɛʃ] (impecável), [mónvɛʃ] (móvel), [awtumónvɛʃ] (automóvel), [túnvɛʃ] (túnel).

[e]

Em posição inicial e em posição pré-tónica, o [e]¹⁰⁶ átono ora manteve o timbre, ora o alterou para [i]¹⁰⁷:

[efunikér] (efunicar), [elɐbosádɐ] (elaboçada), [emɐlukédu] (amalucado), [erúdu] (errudo), [epilétriku] (epiléptico), [emíʎu] (Emílio), [emurkɐnádu] (emorcanado);

[iláʃtri] (elástico), [ilétriku] (eléctrico).

Em início de palavra, [e] surge, por vezes, representado por [i]¹⁰⁸:

[isilésɐʃ] (excelências), [ikilibrér] (equilibrar), [ivitér] (evitar), [iféti] (efeito).

¹⁰⁵ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 103. A propósito da influência dos sons alveolares, o autor destaca a influência do -l, que altera o *e* átono para *a*.

¹⁰⁶ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 86. Segundo este autor, o *e*- átono é representado por *ê* na Estremadura Transtagana, no Alentejo e no Algarve.

¹⁰⁷ Cfr. MATIAS, 1984: 117; VILHENA, 2000: 75, 80, 81, 89. Em início absoluto e em posição pré-tónica e final, quer em Herrera, quer em Cedillo, o *e* átono transformou-se geralmente em *i* – “ixigente/ixiste/iterno/ilástico”.

¹⁰⁸ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 86; BAPTISTA, 1967: 29.

Contudo, surgiram casos em que há uma centralização do timbre, passando a [ɐ]¹⁰⁹. Esta situação verifica-se essencialmente em contacto com a consoante líquida [r]:

[ɛrnéstʉ] (Ernesto), [ɛrvilháɳɐ] (ervilhana), [ɛfétivu] (efectivo).

O vocábulo [urvíɮɐ] (ervilha) ilustra ainda a passagem de [e] a [u].

[ɨ]

Quanto a este som, em posição átona, mantém-se em muitos contextos igual à norma:

[mætímátikuʃ] (matemáticos), [iʃémi] (exame), [pidríʃku] (pedrisco), [libráʃɐ] (lebracha), [mẽʒidórjɐ] (manjedoura), [miɮdrádɐ] (melindrada), [mirsótʃ] (merçol), [nɛrsétɨ] (nascente), [nótɨ] (noite), [oriɮádɐ] (orelhada).

Em posição átona, verificou-se uma supressão deste som¹¹⁰, o que também sucede no português padrão. São disso exemplo:

[ʃkólɐ] (escola), [ʃpɛtáɮu] (espantalho), [ɛbébrɐ] (abêbera), [prú] (peru), [ásprɐ] (áspera), [brĩʒélɐ] (beringela), [kuliʃtrótʃ] (colesterol), [mɛtriétʃ] (material), [nésprɐ] (nêspera), [plíku] (pelico), [préɐ] (pereira), [fivréru] (Fevereiro).

De notar que essa queda se verifica, essencialmente, quando precedida por uma consoante oclusiva e seguida de uma vibrante.

Noutros casos, [ɨ] surge alterado para [ɐ]¹¹¹:

¹⁰⁹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 30; MATIAS, 1984: 116, 117; ROCHA, [1970].

¹¹⁰ Cfr. BAPTISTA, 1967: 32; VILHENA, 2000: 77, 83, 91; PAULINO, 1959: 106, 109, 110; BUESCU, 1961: 112; ROCHA, [1970].

¹¹¹ Cfr. VASCONCELOS, 1896: 33. O autor justifica esta mudança com a proximidade de um *r*, que faz com que o *e* átono vizinho se mude em *a*: “rabanho, taria, sará”. Além desta influência, também se nota a influência do *n* e do *s* sobre o *i* átono medial. BAPTISTA, 1967: 33; VILHENA, 2000: 83; CARREIRO, 1948: 13; PAULINO, 1959: 106; MATIAS, 1984: 120; ALEXANDRE, 1976: 115; SIMÃO, 1969: 36; BUESCU, 1961: 115, 116; MEDEIROS, 1964: 28, 30; FLORÊNCIO, 2005: 53; ROCHA, [1970].

[ɛnədóʔɛ] (anedota), [ɛdrádɛ] (Andrade), [bʊfɛtádɛ] (bofetada), [sɛbólɛ] (cebola), [sɛbuládɛ] (cebolada), [sɛrɛru]¹¹² (cerreiro), [kliɛtɛ] (cliente), [ʃpináfɾɛʃ] (espinafres), [ɛsɛrádɛ] (encerrada), [ʒɛzúʃ] (Jesus).

De notar que esta mutação representa uma das características fonético-fonológicas mais marcantes do falar de Marvão. Esta alteração vocálica deve-se, em muitos casos, a fenómenos de assimilação e à presença de uma vibrante contígua.

Em algumas situações, verifica-se uma anteriorização da vogal palatal central, passando o [ɨ] a [i] ou [i]¹¹³, que evita a síncope:

[mimórjɛ] (memória), [sigurár] (segurar), [sigúdu](segundo), [ʃigár]¹¹⁴ (chegar), [tiófɛlu] (Teófilo), [siɾizérɛ] (cerejeira).

Os vocábulos [mukɛ́niku] (mecânico), [aʃfórzu] (alforge), [pupínu] (pepino) [bubér] (beber), [ʃkruvér] (escrever), [furmétu] (fermento), [furvér] (ferver), [fuvréru] (Fevereiro), [nuvrítɨ] (nevrite), [nuvwéru] (nevoeiro), [survír] (servir) e [bubɛdérɛ] (bebedeira) ilustram a mutação de [ɨ] para [u]¹¹⁵, sendo esta também uma marca bem vincada no falar de Marvão.

¹¹² Cfr. VASCONCELOS, 1987: 103. A propósito da influência de alguns sons consonânticos sobre as vogais, Leite de Vasconcelos destaca o [ʀ], que motiva a passagem do *e* átono a *a*.

¹¹³ Cfr. BAPTISTA, 1967: 32, 33; VILHENA, 2000: 81; PAULINO, 1959: 106; MATIAS, 1984: 117, 118; ALEXANDRE, 1976: 115; SIMÃO, 1969: 36; BUESCU, 1961: 112; MEDEIROS, 1964: 26, 31; FLORÊNCIO, 2005: 38, 53; ROCHA, [1970].

¹¹⁴ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 103. A propósito da influência de uns sons sobre outros, o autor destaca a influência dos sons palatais nas vogais átonas e tónicas.

¹¹⁵ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 103. Ainda que considere a influência das labiais um fenómeno esporádico, na Estremadura, por influência das labiais, há frequentemente uma transformação do *e* átono em *u*.

VILHENA, 2000: 84. A presença da bilabial também tem influência no *e* átono. A bilabial assimilou parcialmente a vogal átona *e*, transformando-a em *-u*.

BAPTISTA, 1967: 34; MATIAS, 1984: 117, 120; SIMÃO, 1969: 36; BUESCU, 1961: 115; FLORÊNCIO, 2005: 38; ROCHA, [1970].

[i]

De um modo geral, o [i] átono sofre um enfraquecimento para [i̯], há uma centralização¹¹⁶. Aliás, esta alteração fonética caracteriza o português meridional desde há muitos séculos, sendo considerada uma tendência arcaica.

[sinétɐ] (sineta), [lisé̃sɐ] (licença), [médiku] (médico), [mənivélɐ] (manivela), [mákinɐ] (máquina), [mónikɐ] (Mónica), [piʃtólu] (pistolo), [triʃté̃zɐ] (tristeza), [paʃpitér] (palpitar), [kímikɐ] (química), [viʒiɲu] (vizinho), [miníʃtru] (ministro).

De notar que nos três últimos exemplos esta alteração configura um caso de dissimilação.

Em posição inicial, o [i] mantém-se igual ao português padrão:

[idédi] (idade), [ilós] (ilhós), [ilẽnu] (ilhano), [inésu] (Inácio), [imóvɛʃ] (imóvel), [igwɛʃ] (igual), [íʃkɐ] (isca), [irós] (irós), [iʃkér] (iscar), [irmẽ] (irmã).

Em posição pós-tónica, o [i] altera-se para [ɐ]¹¹⁷:

[fásɐʃ] (fácil), [líkɐdu] (líquido), [tiófɛlu] (Teófilo), [tímɐdu] (tímido).

O vocábulo [pruméru](primeiro) ilustra ainda uma mutação para [u]¹¹⁸.

[ɔ]

Quanto à vogal [ɔ], na maior parte das vezes, mantém o timbre comum à norma:

¹¹⁶ Cf. VASCONCELOS, 1987: 88; BAPTISTA, 1967: 34, 35; VILHENA, 2000: 85; CARREIRO, 1948: 17, 18, 19; PAULINO, 1959: 108; MATIAS, 1984: 117, 121; ALEXANDRE, 1976: 118; SIMÃO, 1969: 37; BUESCU, 1961: 113; FLORÊNCIO, 2005: 53; ROCHA, [1970].

¹¹⁷ Cf. BAPTISTA, 1967: 35; MATIAS, 1984: 117, 122.

¹¹⁸ Cf. ROCHA, [1970]. Nos Fortios, o *i* átono pré-tónico está representado por [ü], este é palatalizado.

[ɔmilétɐ] (omelete), [ɔrégɐʃ] (orégãos), [ɔrdɨ́ɲɛr] (ordenhar), [ɔrvɛláðɐ] (orvalhada), [nɔrtádɐ] (nortada), [ɔɔʃpíru] (dióspiro), [ɔʃpitéɫ] (hospital), [ɔrtésɐ] (hortense), [ɔrtɛlísɐ] (hortaliça), [pɨʃtótírɐ] (pestotira).

Por vezes, apresenta um timbre fechado, como se verifica em [olivéɾɐ] (oliveira), [ordɨ́ɲár] (ordenhar).

Os vocábulos [prɛkurɛsɛ̃w̃] (procuração) e [prɛkúɾɐ] (procura) exemplificam a sua alteração para [ɛ]¹¹⁹, quando antecedida pelo grupo consonântico *pr-*.

[o]

Quanto à vogal [o], verifica-se que, em alguns casos, ela surge como resultado de fenómenos de alteração de outras vogais ou de monotongação de [ow] e [oj]:

- [orélɯʃ] (orelos), [totɛ̃ɲɐ] (totena), [gɛλoféru] (galhufeiro), [bonɛʃɛ̃ɲɐ] (bonachana), [mɛɾzɔgɛ̃ɲɐ] (marzoguena), [govɨ́ɲɛtɐ] (governeta), [krokár] (crocar);

- [orvɨ́lɛ̃ɲɐ] (ervilhana), [orvɨ́lɐ] (ervilha), [orɨ́ɲɛr] (urinar).

- [moráɫ] (moiral), [morɛ̃w̃] (mourão), [morɛ̃mɐ] (mourama), [ozjédu] (ousiado), [pɛʃovédɐ] (pachouvada), [lozɨ́ɲɐ] (lousinha), [ɛgorɛr] (agoirar), [pokɛʃɨ́ɲɯ] (poucochinho).

Em situações em que na língua padrão se usa [o], por vezes, no falar de Marvão, verifica-se uma abertura da vogal para [ɔ]¹²⁰:

[ɔɾɨ́ládɐ] (orelhada), [ɔrégɯʃ] (orégãos), [ɾótɨ] (arroto).

¹¹⁹ Cf. SIMÃO, 1969: 38; ROCHA, [1970].

¹²⁰ Cf. VASCONCELOS, 1987: 87. Esta situação verifica-se na Estremadura, em grande parte do Alentejo e no Algarve.

[u]

À semelhança do que sucede em sílaba tónica, na maior parte dos casos, esta vogal, quer em posição pré-tónica, quer em posição pós-tónica, mantém o timbre do português padrão - [u]¹²¹:

[urʒěʂv] (urgência), [uzér] (usar), [vluđer] (aluguer), [suníʃgø] (sunisga), [lugér] (lugar), [ʒudéw] (judeu), [vitrínu] (Vitorino), [zẽgáru] (zangarro), [ʒbukinédu] (esbouquinado), [éru] (euro).

Contudo, noutros casos, verificou-se uma centralização de [u] para [i]¹²², quer em posição pré-tónica, quer em posição pós-tónica, ainda que o último contexto seja mais frequente:

[kəʃipíjɨ] (cachopinho), [miʃilɐ] (mochila), [ẽtígɨ] (antigo), [kəmíjɨ] (caminho), [nəmurádi] (namorado), [párdɨ] (pardo), [kórniʃ] (cornos), [finerát] (funeral), [miʃerégu] (mulherengo), [lidivínɐ] (Ludovina), [kẽtɨ] (canto), [bébɨ] (bebo).

A mudança de timbre da vogal [u] para [i]¹²³, em final de palavra, representa uma das principais características do falar das gentes da parte norte de Marvão.

¹²¹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 35; VILHENA, 2000: 85, 86, 91, 94. Segundo Conceição Vilhena, quando a vogal tónica é um *i* ou um *u*, a pretónica *o* tende a fechar-se: “cubiça/fucinho (...) costume/custura”. Em Cedillo, o *-o* final transformou-se regularmente em *-u* e apresenta uma marcada tendência para a queda. MATIAS, 1984: 117, 122, 124; SIMÃO, 1969: 38.

De acordo com D. Luís Caetano de Lima, na sua *Ortografia da língua portuguesa*, datada de 1736, (citado por CARVALHO, 1962: 30, 36), nessa altura o *-o* final tinha “tom fechado ou escuro”. Anos mais tarde, 1746, Luís António Verney, no *Verdadeiro método de estudar*, veio confirmar essa alteração de pronúncia. José Herculano de Carvalho destaca ainda o facto de, no século XV, já existirem textos em se encontram muitos exemplos de *u* por *o* na pretónica e de este também ter surgido logo no “Auto das Partilhas”, em 1192, onde “se encontram formas como *fazemus*, *padruadigus*, *nossu*, *todolus*, *herdamentus*, *Carapezus* – formas estas anteriores à fixação da tradição escrita que determinou o uso do grafema *o* final.”

¹²² Cfr. VASCONCELOS, 1987: 88. Segundo o autor, esta transformação deve-se a um fenómeno de dissimilação, embora também possa advir de outras alterações esporádicas.

BAPTISTA, 1967: 39, 40; CARREIRO, 1948: 22; MATIAS, 1984: 117, 123, 125; ALEXANDRE, 1976: 109, 119.

¹²³ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 89. Este autor considera que esta tendência se deve a um fenómeno de dissimilação (“féturo=futuro”), todavia, os exemplos acima apresentados dão conta dessa alteração também noutros contextos. BAPTISTA, 1967: 35, 36; PAULINO, 1959: 107; SIMÃO, 1969: 38;

Cândida Baptista, em 1967, quando estudou o falar da Escusa, considerou que nesta aldeia, além de uma redução para [i], também se verifica uma queda¹²⁴. Passados quarenta anos, consideramos muito mais frequente a redução que a queda. Confirma esta nossa percepção a frequência, em enunciados escritos de jovens e adultos do norte do concelho e da aldeia da Escusa, desta característica fonética na sua ortografia. Por exemplo: «barde» por «bardo» ou «bebe» por «bebo».

Os vocábulos [iʃtɐpór] (estupor), [sɐlúsu] (solução) e [tɛrtúlu] (tortulho) dão ainda conta da passagem de [u] a [ɐ]¹²⁵, por dissimilação.

3.1.2.2. Vogais nasais

[ẽ]

Em início de palavra, é frequente verificar-se uma passagem de [ẽ] a [i]¹²⁶:

[ĩbiéti] (ambiente), [isĩnu] (ancinho), [ĩbulẽsɐ] (ambulância), [ĩzɛ́tkɐ] (Angélica), [ĩguʃtjɛsẽw̃] (angustiação), [ĩtĩgu] (antigo), [ĩtipátku] (antipático), [ĩbiki] (alambique), [kĩtêru] (canteiro), [fĩzɛrĩnɐ] (tangerina).

O vocábulo [ɐlĩtérnɐ]¹²⁷ (lanterna) ilustra ainda esta mudança de timbre no meio da palavra.

Já os vocábulos [ẽʒĩnɐ]¹²⁸ (angina), [mẽʒɐdóre] (manjedoura) e [ɐrẽkár] (arrancar) exemplificam uma alteração para [ẽ]¹²⁹.

MEDEIROS, 1964: 28. Em S. Miguel, as vogais finais [u] e [i] apresentam uma forte tendência para a queda. FLORÊNCIO, 2005: 40; ROCHA, [1970]; VILHENA, 2000: 78, 87, 88. Em Cedillo, verifica-se uma tendência para a redução, que conduz, por vezes, à queda. Já em Herrera isso não acontece.

¹²⁴ Este é um dos traços característicos dos falares da Beira Baixa, do Alentejo e dos Açores.

¹²⁵ Cfr. BAPTISTA, 1967: 31, 37, 38; PAULINO, 1959: 107; MATIAS, 1984: 123; SIMÃO, 1969: 38; MEDEIROS, 1964: 28; ROCHA, [1970].

¹²⁶ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 85; BAPTISTA, 1967: 40; CARREIRO, 1948: 9; PAULINO, 1959: 114; MATIAS, 1984: 118; ALEXANDRE, 1976: 114; SIMÃO, 1969: 35; BUESCU, 1961: 115; MEDEIROS, 1964: 26; FLORÊNCIO, 2005: 53; ROCHA, [1970].

VASCONCELOS, 1896: 217. A instabilidade do timbre [ẽ], alterando-se para [ẽ] ou [i], surge em diversos dialectos portugueses.

¹²⁷ Cfr. ALEXANDRE, 1976: 114; MEDEIROS, 1964: 32.

[ē]

Em posição pré-tónica, a vogal [ē] manteve o mesmo timbre da língua padrão em muitos vocábulos:

[ēʒíviʃ] (gengivas), [ētupéjə] (centopeia), [sētídu] (sentido), [ēteru] (enterro), [rēđíjɐʃ] (rendinhas), [bēdíteʃ] (benditas), [simēteru] (sementeiro), [simēťijɐʃ] (sementinhas), [sirvėtiə] (serventia), [tētətívə] (tentativa).

Contudo, nesta mesma posição, também nos deparámos com uma centralização do timbre para [ẽ]¹³⁰:

[ɐl̥t̥éʒu] (Alentejo), [ẽsárẽw̃](encerram), [ẽtrár] (entrar), [ãt̥ẽw̃] (então), [l̥ẽsól] (lençol), [d̥iʒd̥t̥ádu] (desdentado), [ĩʃt̥d̥ér] (estender), [ɐv̥t̥ár] (aventar), [l̥ẽbr̥ẽsɐ] (lembrança), [m̥ẽʒẽgrɐ] (menjengra).

Os vocábulos [ɐm̥ĩduérɐ] (amendoeira), [ĩbúdi] (embude), [ĩʃėti] (enchentes), [ik̥otrár] (encontrar), [ĩp̥isár] (empeçar), [ĩbórɐ] (embora), [ĩgásu] (engaço), [ĩgíɐ] (enguia), [ĩsinér] (ensinar), [ĩt̥d̥m̥étu] (entendimento) ilustram uma redução para [ĩ]¹³¹ em posição pré-tónica.

¹²⁸ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 85. O autor apresenta esta transformação em início de palavra como característica de todo o Sul, da Beira e também do Minho. Esta transformação alterna com a passagem a [i]. Este autor cita Frei Luís do Monte Carmelo e a obra “Orthografia”, de 1767, segundo a qual o [ē] é uma forma intermédia entre o [ẽ] e o [i].

¹²⁹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 42, 43; VILHENA, 2000: 97; CARREIRO, 1948: 9; PAULINO, 1959: 114, 115; MATIAS, 1984: 112; BUESCU, 1961: 105; MEDEIROS, 1964: 26; FLORÊNCIO, 2005: 53; ROCHA, [1970].

¹³⁰ Cfr. BAPTISTA, 1967: 41, 43, 44; VILHENA, 2000: 95, 98; VASCONCELOS, 1987: 87; CARREIRO, 1948: 15; PAULINO, 1959: 114, 115; MATIAS, 1984: 118; SIMÃO, 1969: 36; MEDEIROS, 1964: 26; FLORÊNCIO, 2005: 38.

¹³¹ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 87; VASCONCELOS, 1896: 217; BAPTISTA, 1967: 41, 44; VILHENA, 2000: 94, 97, 98. Sucede em Herrera, sobretudo quando a sílaba tónica é *i*; CARREIRO, 1948: 15, 16; ALEXANDRE, 1976: 116, 117; SIMÃO, 1969: 36; BUESCU, 1961: 112; MEDEIROS, 1964: 26, 33; FLORÊNCIO, 2005: 38; ROCHA, [1970].
Cfr. VASCONCELOS, 1987: 86.

Na palavra [tɛ́ĩɾĩɲu]¹³² (tenrinho), a vogal [ɛ] passou a [ɛ̃].

Já os vocábulos [pũdrádu] (pendurado), [diʃpũdrádu] (dependurado) ilustram uma passagem de [ɛ̃] a [ũ].

[ĩ]

De um modo geral, a vogal [ĩ]¹³³ apresenta o mesmo timbre que no português padrão:

[ĩterársi] (inteirar-se), [ĩprɛ́su] (impresso), [ĩpĩ́ʒɐ] (impingem), [ĩvirnár] (inverno), [ĩterísu] (inteiriço), [ĩpuʃtór] (impostor), [ĩpurtɛ́sɐ] (importância), [ĩʃádu] (inchado), [ĩdvídu] (indivíduo), [ĩpɔʎvizédu] (improvisado).

[õ]

O timbre de [õ] ora se mantém, ora reduz:

[õtótĩ]¹³⁴ (antes de ontem), [ɛlõtrádu] (alotrado), [kõprɛ́sɛ̃w] (compreensão), [kõtɛminózu] (contaminoso), [diʃkõfjédu] (desconfiado), [ɛkõtrár] (encontrar), [ĩʃpɛkɛrõgádu] (espacarongada), [kõpádrĩ] (compadre) ilustram a sua manutenção.

Em posição pré-tónica, por vezes, verifica-se um fechamento do timbre, passando a [ũ]¹³⁵:

¹³² Cfr. VASCONCELOS, 1987: 100. O autor considera esta situação típica do Sul e também explica esta mudança pela influência da vibrante que se segue à vogal nasal.

¹³³ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 89. O autor considera como característica do Alentejo e do Algarve a transformação do [ĩ] em [ɛ̃]. Contudo, em Marvão esse fenómeno não se verifica.

¹³⁴ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 87. Em posição inicial, o õ surge representado como [õ] no Algarve e no Alentejo, alternando entre [ũ] e [õ] no resto do país.

¹³⁵ Cfr. BAPTISTA, 1967: 45; CARREIRO, 1948: 24.

[kũtinwár] (continuar), [pũbíju] (pombinho), [kũzũtu] (conjunto), [kũprídu] (comprido), [pũteríe] (pontaria), [kũprumítidu] (comprometido).

Por fim, o vocábulo [kẽbóju] (comboio) ilustra uma mudança da vogal [õ] para [ẽ]¹³⁶.

[ũ]

Maioritariamente, esta vogal mantém o timbre comum à norma¹³⁷:

[bizũtár] (besuntar), [priɣũtár] (perguntar), [mũdísi] (mundice), [zũtár] (juntar), [fũdí] (fundir), [fũdíʎuʃ] (fundilhos), [eʒũtár] (ajuntar).

Na aldeia da Escusa, ainda restam alguns vestígios da palatalização desta vogal, passando a [ũ̃]¹³⁸ em posição átona, à semelhança do que sucede em posição tónica:

[ũ̃tádu] (untado).

[ẽbígu] (umbigo) ilustra uma mutação para [ẽ]¹³⁹.

Quando as vogais átonas se encontram em hiato, por vezes, verifica-se uma simplificação do grupo vocálico¹⁴⁰:

[ʒekĩne] (Joaquina), [menéʃ] (Manuel), [kuréʒmɐ] (Quaresma), [kuréʃ] (quarenta).

Analisadas todas as vogais átonas, podemos concluir que, de entre as diversas alterações que se verificam nestes sons vocálicos orais, as mais características do falar de Marvão são o fechamento de [ɐ] para [i], a centralização e fechamento de [ɛ] para

¹³⁶ Cf. PAULINO, 1959: 114.

¹³⁷ Cf. VASCONCELOS, 1987: 89.

¹³⁸ Cf. BAPTISTA, 1967: 42.

¹³⁹ Cf. PAULINO, 1959: 115; ROCHA, [1970].

¹⁴⁰ Cf. VASCONCELOS, 1987: 89; CARREIRO, 1948: 26; SIMÃO, 1969: 39.

[ɐ], especialmente quando a vogal antecede uma consoante lateral alveolar velarizada. Também vincada neste falar é a passagem de [i] a [ɐ] e [u], bem como a centralização e abertura da vogal [i] para [ɐ], em posição pós-tónica. De destacar ainda a centralização do [u] para [i], especialmente em posição postónica. Esta alteração constitui uma marca distintiva das gentes da parte norte do concelho de Marvão.

No que diz respeito às vogais nasais, é muito significativa a passagem de [ẽ] a [i], especialmente em sílaba inicial. Quanto à vogal [ẽ], esta sofre diversas alterações de timbre, sendo as mais frequentes a centralização para [ẽ], bem como o seu fechamento para [i] em posição pré-tónica. Relativamente à vogal [ũ], à semelhança do que sucede nas vogais tónicas, destacamos a sua palatalização para [ũ], existente apenas numa aldeia do sul do concelho, Escusa.

3.2. Ditongos

3.2.1. Ditongos decrescentes orais

Tratando-se de um falar alentejano, no que concerne aos ditongos, o Falar de Marvão apresenta também uma forte tendência para a monotongação¹⁴¹; poucos são os casos em que tal não se verifica, estendendo-se, inclusive, a outros ditongos que não [ow] e [ej].

[aj]

De um modo geral, este ditongo mantém-se¹⁴²:

[aʃbulájɐ] (albolaia), [kɐgájɐ] (cagaita), [pẽgajáɐ] (pangaiada), [máji] (Maio), [ajmẽnu] (aimano), [gájɐ] (gaita), [ɐraɐjɐ] (arraia), [ajvékɐ] (aiveca), [páj] (pai).

¹⁴¹ Cfr. VILHENA, 2000: 104. Em Herrera e Cedillo, a redução da maior parte dos ditongos verifica-se sistematicamente, tal como nos falares meridionais aquém da fronteira. MATIAS, 1984: 127.

¹⁴² Cfr. VILHENA, 2000: 105.

Contudo, quando se segue ou antecede uma consoante palatal, monotonga¹⁴³, aparentemente como forma de dissimilação:

[ʃáli] (xaile), [fáʃv] (faixa), [káʃa] (caixa), [vábáʃu] (abaixo), [paʃõ] (paixão), [báʃu]¹⁴⁴ (baile), [baʃár] (bailar), [máʃ] (mais), [váʃ] (vais).

[aw]

No que diz respeito a este ditongo, surgiram diferentes casos de monotongação¹⁴⁵.

Vocábulos como [agúʃtu]¹⁴⁶ (Augusto), [palínu] (Paulino), [aróre] (Aurora), [paʒíʃnu] (pauzinho) ilustram a monotongação de [aw] em [a] em sílaba átona, sendo este um traço particularmente vincado nos falantes da aldeia da Escusa.

Contudo, em sílaba tónica, não há redução¹⁴⁷:

[nikáw] (Nicau), [vɛkráw] (lacrau), [kɛrɛpáw] (carapau), [páw] (pau).

Durante a recolha, deparámo-nos também com a redução de [aw] a [ɔ] e [o]¹⁴⁸, como se pode ver em [témuzekíɔsól] (estamos aqui ao sol) e [oɛsímekústemáʃ] (ao

¹⁴³ Cfr. VASCONCELOS, 1896: 216. A propósito das características da linguagem de Avis, o autor registou que antes de [ʃ] não se desenvolve a semivogal [j], por exemplo: “baxo, quexo”. VASCONCELOS, 1987: 92. O autor considera esta redução característica dos dialectos do Sul, verificando-se esta em próclise. Todavia, como podemos constatar, no falar de Marvão este é um fenómeno mais abrangente.

BAPTISTA, 1967: 47, 48; VILHENA, 2000: 105; PAULINO, 1959: 119; MATIAS, 1984: 127; ALEXANDRE, 1976: 120, 121; FLORÊNCIO, 2005: 45; BUESCU, 1961: 117. Em Monsanto, só não se verifica monotongação em sílaba tónica. Quando este ditongo surge em sílaba átona, é sempre reduzido a [v], “palatizando, sempre que possível a consoante seguinte”. MEDEIROS, 1964: 8. De salientar que, na linguagem micaelense, esta monotongação é um fenómeno muito mais abrangente que no falar de Marvão, pois aí apenas se conserva o ditongo quando seguido de vogal.

¹⁴⁴ Cfr. PAULINO, 1959: 112.

¹⁴⁵ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 90. Em situação de próclise, esta redução verifica-se em todo o país. BAPTISTA, 1967: 49; VILHENA, 2000: 105, 106. De notar que, em Herrera e Cedillo, a monotongação se verifica essencialmente em final de palavra. PAULINO, 1959: 121; MATIAS, 1984: 128; MEDEIROS, 1964: 8; CARREIRO, 1948: 26. Em Nisa, a monotongação verifica-se, quer em posição tónica, quer em posição átona. ALEXANDRE, 1976: 122; BUESCU, 1961: 117; FLORÊNCIO, 2005: 44.

¹⁴⁶ Esta monotongação deve-se a um fenómeno de dissimilação.

¹⁴⁷ Cfr. BAPTISTA, 1967: 50.

acima custa mais). Os exemplos ilustram a ocorrência deste tipo de monotongação sempre que se verifica uma contracção da preposição *a* com o artigo definido masculino *o*.

As formas [aʎmẽtu] (aumento) e [aʎmẽtár] (aumentar) exemplificam a consonantização de [w] em [ʎ]¹⁴⁹.

Surgiu-nos ainda a forma [flájtv] (flauta), na qual o ditongo [aw] vem representado como [aj]¹⁵⁰.

[ej]

Sendo a monotongação de [ej]¹⁵¹ uma das características dos dialectos centro-meridionais, em que se insere o falar de Marvão, esta constitui um traço muito vincado na linguagem dos marvanenses.

De um modo geral, a redução de [ej] é para [e]¹⁵², como se pode constatar em:

[ezéti] (azeite), [baʎserẽw] (balseirão), [bézu] (beijo), [berẽ] (Beirã), [kæbreru] (cabreiro), [didérv] (dedeira), [féʎi] (feixe), [létu] (leito).

¹⁴⁸ Cfr. BAPTISTA, 1967: 50; ALEXANDRE, 1976: 122; MEDEIROS, 1964: 9.

¹⁴⁹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 50; CARREIRO, 1948: 53. Esta autora considerou que nestes casos a semi vogal [w] está representada por um [ʎ], havendo uma consonantização.

¹⁵⁰ Cfr. BAPTISTA, 1967: 50.

¹⁵¹ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 93. Este autor considera que a origem desta simplificação, à semelhança do ditongo *ou*, remonta ao século XVII e também este fenómeno evidencia a transição entre o português e o espanhol. MATIAS, 1984: 130.

¹⁵² Cfr. BAPTISTA, 1967: 50, 51; VILHENA, 2000: 106; CARREIRO, 1948: 27, 28; PAULINO, 1959: 117, 121; ALEXANDRE, 1976: 123; SIMÃO, 1969: 39; BUESCU, 1961: 109, 117. Contudo, no falar de Monsanto, a monotongação não se verifica em posição final. MEDEIROS, 1964: 17. A redução deste ditongo para [e], segundo a autora, é uma característica individualizante do falar da ilha de S. Miguel relativamente aos falares das outras ilhas açorianas. FLORÊNCIO, 2005: 41. Esta autora não considera esta monotongação generalizada no dialecto do Alentejo, “pois, conforme Leite de Vasconcellos refere na maioria dos seus artigos, ela só ocorre antes de consoante. Antes de vogal (em especial *a*) ouve-se um *i* reduzido, tal como no fim de palavra e antes de *-s* final. No entanto, esse *i* não se une ao *e* inicial para formar ditongo, mas constitui uma nova sílaba, quer isolado, quer unido ao fonema seguinte – *mê-io, xê-o...*”.

No entanto, também surgiram exemplos de redução para [i]¹⁵³, que ilustram uma maior palatalização da vogal, tais como [ditér] (deitar), [diʃélɐ] (deixá-la), [mẽʃjɪɐ] (mão cheinha).

No caso de alguns monossílabos¹⁵⁴, o ditongo conservou-se:

[séj] (sei), [léj] (lei), [réj] (rei).

[ɛw] e [ew]

Quer seja aberto ([ɛw]), quer seja fechado ([ew]), este ditongo reduz frequentemente para [e] e [ɛ] respectivamente¹⁵⁵.

Esta redução ocorre tanto no início, como no final das palavras:

- [é] (eu), [dé] (deu), [éru] (euro), [ekɛliptéʃ] (eucaliptal), [efémjɐ] (Eufémia).
- [ʃɛpé] (chapéu)¹⁵⁶.

Contudo, vocábulos como [mɛtɛwʃ] (Mateus), [séw] (céu) ou [véw] (véu) exemplificam alguns casos de manutenção do ditongo.

¹⁵³ Cfr. MEDEIROS, 1964: 17; BAPTISTA, 1967: 52. Cândida Baptista considera que no falar da Escusa se verifica a redução do ditongo para [i] “nas formas terminadas em -êi, -êia a que se junte o sufixo –inho, inha”.

¹⁵⁴ Cfr. VILHENA, 2000: 106; PAULINO, 1959: 117. De notar que, em Arronches, além dos monossílabos, também se mantém se estiver em posição final absoluta ou quando se lhe segue uma vogal.

¹⁵⁵ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 90. Nos pronomes “eu, meu, teu, seu”, este ditongo reduz a *é* em próclise, em frente a uma consoante, quer no Sul, quer noutras regiões do país. No Alentejo, essencialmente, esta redução verifica-se também nas formas de perfeito.

BAPTISTA, 1967: 52, 53. Quando se trata do ditongo fechado, o ditongo reduz para um –e velarizado [ɛ̃].

MATIAS, 1984: 33. Nas localidades aqui estudadas, isso só não se verifica quando o ditongo em posição tónica se encontra antes de pausa.

BUESCU, 1961: 131. Em Monsanto, os pronomes, em posição proclítica, perdem o segundo elemento do ditongo, contudo, “quando se segue uma vogal, não se dá nos pronomes essa redução, para evitar o hiato”.

VILHENA, 2000: 108, 109; PAULINO, 1959: 119, 121; ALEXANDRE, 1976: 123; SIMÃO, 1969: 39; FLORÊNCIO, 2005: 43, 44; MEDEIROS, 1964: 9, 10. Em S. Miguel, esta redução verifica-se em todas as posições.

¹⁵⁶ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 90.

Menos frequente é a redução do ditongo [ew] para [i], como se verifica no vocábulo [iʒéni]¹⁵⁷ (Eugénio).

[iw]

Quando este ditongo surge em posição tónica, verificam-se duas situações distintas.

Por vezes, há uma centralização do segundo elemento, passando de [w] a [i]:

[vadíi] (vadio), [kurupíi] (corrupio), [eʒgíi] (esguio).

Noutros casos, especialmente nas formas verbais terminadas em –iu, verifica-se uma monotongação¹⁵⁸, que é típica dos falares meridionais:

[pərtí] (partiu), [əbrí] (abriu), [dɨkubrí] (descobriu).

[ɔj] e [oj]

À semelhança do que sucede na norma, o ditongo [ɔj]¹⁵⁹ mantém-se:

[bójɐ] (bóia), [ʒójɐ] (jóia), [ʒibójɐ] (jibóia), [trəmójɐ] (tramóia), [kɛbójɐ] (comboio), [dój] (dói), [ʃtrójɐ] (estroina), [rɛbójɐ] (rambóia), [dizójtu] (dezoito).

A única excepção registada foi nas palavras [piát] e [piét]¹⁶⁰, em vez de [poját] (poial).

Por outro lado, o ditongo [oj] reduz frequentemente para [o]¹⁶¹. Essa redução verifica-se em início, no meio ou no fim da palavra:

¹⁵⁷ Cfr. BAPTISTA, 1967: 53.

¹⁵⁸ Cfr. VASCONCELOS, 1896: 219; VILHENA, 2000: 109; CARREIRO, 1948: 29. Em Nisa, a monotongação só se verifica em próclise. FLORÊNCIO, 2005: 44.

¹⁵⁹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 53; VILHENA, 2000: 111; CARREIRO, 1948: 30.

¹⁶⁰ Neste segundo exemplo, por influência da vogal palatal, verificou-se também uma palatalização do [a] em [ɛ].

[ósu] (oiço), [dóʃ] (dois), [póʃ] (pois), [fóʃi] (foice), [kózɐ] (coisa), [móʔɐ] (moita), [dódɐ] (doida), [nóʔi] (noite), [musóʎɐ] (moçoila), [dipóʃ] (depois).

No entanto, surgiram alguns vocábulos em que não se verifica a monotongação, como por exemplo:

[óʃtu] (oito), [oʃtɛʔɐ] (oitenta), [bóʃ] (boi), [bojnɛʔi] (boinante).

[ow]

De um modo geral, verificou-se a redução de [ow]¹⁶² para [o]¹⁶³, o que, aliás, é comum à norma:

[ótru] (outro), [tóru] (touro), [ovír] (ouvir), [móku] (mouco), [sótu] (souto), [loréru] (loureiro), [lɛrór] (larou), [pɛʔeló] (patalou), [tɛpó] (tapou), [fɛló] (falou).

Os vocábulos [riʃinóʃ] (rouxinol) e [detór]¹⁶⁴ (doutor) exemplificam a passagem do ditongo a [i] e [e] respectivamente.

¹⁶¹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 53. Contudo, na Escusa, esta redução foi para [ö]. VILHENA, 2000: 110. Todavia, conservou-se em “oito, noite” e em posição final: “pois, depois”. MATIAS, 1984: 133; ALEXANDRE, 1976: 124.

¹⁶² Cfr. VILHENA, 2000: 111. Em Herrera e Cedillo, junto de consoante labial ou velar, o ditongo [ow] adquiriu tonalidade velar.

¹⁶³ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 91, 92. Esta redução caracteriza o Sul e as regiões orientais da Beira e de Trás-os-Montes. Segundo este autor, neste fenómeno há uma espécie de transição do português para o espanhol, que não admite o [ow] e o substitui por [o]. Na sua perspectiva, esta redução poderá ter começado no século XVII, uma vez que no século XVIII já há diversos testemunhos desta monotongação. Segundo Paul Teyssier (TEYSSIER, 2001: 52, 53), esta monotongação só começou a manifestar-se no século XVII.

BAPTISTA, 1967: 54. Na Escusa, o ditongo monotonga para [ö]. VILHENA, 2000: 111; PAULINO, 1959: 118. Contudo, em Arronches, nos monossílabos, em final de palavra e antes de uma vogal, mantém-se.

MATIAS, 1984: 132; ALEXANDRE, 1976: 108, 125. De notar que, em Castelo de Vide, a redução do ditongo é para [ö]. SIMÃO, 1969: 40; BUESCU, 1961: 109, 110, 111, 117. Todavia, em Monsanto, a monotongação não se verifica em posição final. Além disso, a redução verifica-se de [ow] para [ö] ou para [ɔ]. MEDEIROS, 1964: 10, 11. No falar micaelense, este ditongo reduziu para [ö], sendo este, nas palavras da autora, “um dos seus fenómenos mais característicos”. FLORÊNCIO, 2005: 42, 43.

¹⁶⁴ Cfr. MEDEIROS, 1964: 19; BAPTISTA, 1967: 55.

[uj]

Quanto ao ditongo [uj], verifica-se a sua redução¹⁶⁵ em sílaba pré-tónica:

[uvár] (uivar), [kudár] (cuidar).

Quando surge em sílaba tónica, o ditongo mantém-se¹⁶⁶:

[Rúj] (Rui), [fúj] (fui), [iʃtrúj] (instrui), [subʃtitúj] (substitui).

Na forma [mũtu]¹⁶⁷, a par da redução, por influência da consoante nasal, verifica-se também uma nasalização.

Na aldeia da Escusa, encontra-se ainda uma palatalização da vogal: [mũtu]¹⁶⁸.

3.2.2. Ditongos crescentes orais

[je]

Em posição tónica, poucos são os casos em que se mantém¹⁶⁹:

[glórje] (glória), [plérje] (pilhéria), [plineérje] (Apolinária), [ʃpárjeʃ] (espárias), [gałdérje] (galdéria), [zuʃtisjárje] (judiciária), [mimórje] (memória), [áʃtje] (haste).

Em posição pós-tónica, verificam-se alterações no ditongo [je], que vêm ao encontro da tendência para a regularização da estrutura silábica e da acentuação.

Em alguns casos, há simplesmente uma redução para [ɐ]¹⁷⁰:

¹⁶⁵ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 94; BAPTISTA, 1967: 55. A autora registou uma monotongação em todos os contextos e para [u]. VILHENA, 2000: 113; CARREIRO, 1948: 30; PAULINO, 1959: 121; MATIAS, 1984: 134; ALEXANDRE, 1976: 126; MEDEIROS, 1964: 11. Contudo, em S. Miguel, a redução verificou-se para [ü] e numa das aldeias para [ö].

¹⁶⁶ Cfr. VILHENA, 2000: 113.

¹⁶⁷ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 94. VILHENA, 2000: 113; MATIAS, 1984: 134; ALEXANDRE, 1976: 126; MEDEIROS, 1964: 12.

¹⁶⁸ Cfr. CARREIRO, 1948: 30; BAPTISTA, 1967: 55.

¹⁶⁹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 56. "Nalguns casos, o ditongo mantém-se idêntico ao do português padrão."

¹⁷⁰ Cfr. BAPTISTA, 1967: 56; ALEXANDRE, 1976: 124; BUESCU, 1961: 117.

[ruzárɐ] (Rosária), [duníze] (Dionísia), [érnɐ] (hérnia), [sié̃sɐ] (ciência), [pɛsié̃sɐ] (paciência), [ɔrtésɐ] (hortênsia), [ɐwzészɐ] (ausência), [inusészɐ] (Inocência).

Noutros, verifica-se uma transposição da semi-vogal para outra posição do vocábulo, devido ao fenómeno de metátese:

[lɛrájɐ] (larápia), [kuméjɔ] (comédia), [kuʃtójɔ] (Custódia) e [sirójɔ] (serôdia).

[ju]

Com o ditongo [ju], tanto se verifica uma redução¹⁷¹, como uma alteração provocada por metátese.

No caso da monotongação¹⁷², muitos foram os exemplos que nos surgiram, registando-se muitos ao nível da antroponímia:

[rɨlózɐ] (relógio), [ɾɛsusínu] (raciocínio), [ɐlumínu] (alumínio), [grému] (grémio), [prému] (prémio), [kõvívu] (convívio), [inásu] (Inácio), [lúsu] (Lúcio), [virzilu] (Vergílio), [ɛrmínu] (Hermínio), [dunízu] (Dionísio).

[ɛrmójnu] (harmónio), [ójɔ]/ [ójɔ] (ódio), [pájtu] (pátio), [préjɔ]/ [préjɔ] (prédio), [riméjɔ]/[riméjɔ] (remédio), [lɛrájɐ] (larápia), [vitrinájru] (veterinário), [kuʃtójɔ] (Custódio) ilustram a metátese¹⁷³ que transforma o ditongo crescente [ju] num decrescente ([ɔj], [aj][ɛj]), o que vem ao encontro da tendência geral da linguagem popular portuguesa de regularizar a estrutura silábica e a acentuação.

¹⁷¹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 56; ALEXANDRE, 1976: 124; MEDEIROS, 1964: 11.

¹⁷² Cfr. VILHENA, 2000: 110. Contudo esta redução só se verificou em posição átona junto de consoante palatal: “reloju, culeju”. Noutros casos conservou-se com regularidade: “remédio, incêndio”.

MATIAS, 1984: 134; BUESCU, 1961: 117.

¹⁷³ Cfr. BAPTISTA, 1967: 58.

[wa¹⁷⁴]/ [wɐ]

Em posição tónica, este ditongo mantém-se¹⁷⁵:

[kwádrɐ] (quadra), [kwárte] (quarta), [gwárde] (guarda); [ɐfałkwár] (afalcoar).

Em posição átona, há vocábulos em que se mantém:

[ágwɐ] (água), [páɫkwɐ] (Páscoa).

Noutros, verifica-se redução para [ɐ]¹⁷⁶ e [o]¹⁷⁷:

[ʒɛkí] (Joaquim), [ɐrvéle] (alvéloa);

[koréte] (quarenta), [kolidédi] (qualidade), [korézmɐ] (Quaresma).

De notar que esta redução do ditongo átono [wɐ] é frequente na linguagem popular.

Já o vocábulo [kwɛrtíne] (cortina) ilustra o fenómeno inverso, ou seja, a criação de um ditongo em substituição da vogal fechada [o].

3.2.4. Ditongos decrescentes nasais

[ɛ̃]

À semelhança dos outros ditongos, também [ɛ̃] apresenta uma grande instabilidade; ora se reduz, ora se mantém¹⁷⁸, havendo todavia uma maior tendência para a monotongação.

¹⁷⁴ Cfr. VILHENA, 2000: 113. Quer átono, quer tónico, este ditongo manteve-se.

¹⁷⁵ Cfr. BAPTISTA, 1967: 58.

¹⁷⁶ Cfr. BUESCU, 1961: 117; BAPTISTA, 1967: 58.

¹⁷⁷ Cfr. MEDEIROS, 1964: 13; BAPTISTA, 1967: 58.

¹⁷⁸ Cfr. BAPTISTA, 1967: 59.

Em [mẽj] (mãe), [mɐgɐʎẽjʃ] (Magalhães), [tɐmẽj](também), o ditongo mantém-se.

Na localidade da Escusa, nas formas de plural, seguido de [ʃ], verifica-se a monotongação¹⁷⁹:

[kẽʃ] (cães), [pẽʃ] (pães).

Em posição final, além da desnasalização¹⁸⁰, verificou-se uma monotongação, passando a [ɐ]¹⁸¹:

[kurázɐ] (coragem), [furázɐ] (forragem), [fugázɐ] (fogagem), [gɐrázɐ] (garagem), [márɐ] (margem), [muázɐ] (moagem), [núvɐʃ] (nuvens), [órɐ] (ordem), [portázɐ] (Portagem), [várɐ] (vargem).

Nessa mesma posição, deparámo-nos com casos que ilustram, além da perda da nasalidade, a redução para [i]¹⁸²:

[barázi] (barragem), [ómi] (homem), [ligwáziʃ] (linguagens), [óti] (ontem), [várzi] (vargem).

Este é um fenómeno frequente em falares regionais portugueses e também já se observava no português antigo.

Já os vocábulos [ɐbrírĩ] (abrirem), [dízi] (dizem), [fĩfésĩ] (fechassem), [ãtiófi] (anteontem), [kómĩ] (comem), [liváři] (levarem), [ófi] (ontem) dão conta de uma alteração do ditongo nasal para a consoante nasal [ĩ].

Alguns dos exemplos representam casos de assimilação, fenómeno muito frequente na linguagem popular.

¹⁷⁹ Cf. BAPTISTA, 1967: 5; MEDEIROS, 1964: 11. Nesta ilha dos Açores, a redução verifica-se em todos os contextos.

¹⁸⁰ Cf. BAPTISTA, 1967: 46. Além da desnasalização, a autora considera que também se verifica frequentemente uma queda da vogal final. VILHENA, 2000: 99; ROCHA, [1970].

¹⁸¹ Cf. BAPTISTA, 1967: 46, 47; ALEXANDRE, 1976: 116, 117.

¹⁸² Cf. VASCONCELOS, 1987: 85; CARREIRO, 1948: 16, 17; ALEXANDRE, 1976: 116.

Em posição tónica final, por vezes, observa-se uma monotongação para [ẽ]¹⁸⁴:

[juẽ](João), [kõʃtipẽsẽ] (constipação), [mɐrẽ] (marrão), [ʃtẽ] (estão), [vẽ] (vão), [nẽ] (não), [tẽ] (tão).

De todas as aldeias do concelho de Marvão, a Escusa é o lugar em que este traço fonético é mais vincado; nas outras localidades não ocorre com tanta frequência, à excepção dos dois últimos exemplos acima apresentados. Estes encontram-se em todo o concelho e são também frequentes entre as camadas mais jovens. É raro usar-se a forma padrão.

Na verdade, esta monotongação de [ẽw̃] representa, em alguns casos, um retrocesso no processo evolutivo da língua, nomeadamente em exemplos como o de [nẽ](ditongação/monotongação): NON >[nõ] > [nẽw̃] > [nẽ].

Também em posição tónica final, em diversos vocábulos, o segmento vocálico alterou-se de [ẽw̃] para [ẽw̃]¹⁸⁵:

[baʎserẽw̃] (balseirão), [ʃẽw̃] (chão), [kaʎderẽw̃] (caldeirão), [ʃɛfurdẽw̃] (chafurdão), [kumisẽw̃] (comissão), [kõkluzẽw̃] (conclusão), [juliẽw̃] (Julião), [moʃẽw̃] (mouchão), [irmẽw̃] (irmão), [ɔkɛziẽw̃] (ocasião), [prizẽw̃] (prisão).

Em posição átona medial, verifica-se regularmente a monotongação¹⁸⁶:

¹⁸³ Cfr. VILHENA, 2000: 114, 115. Existe uma grande oscilação ente *õu*, *õ* e *ã*.

¹⁸⁴ Cfr. BAPTISTA, 1967: 59. Esta autora registou uma tonalidade velar do primeiro elemento a que se reduz, quando o ditongo surge junto de labial ou velar. CARREIRO, 1948: 30, 31; PAULINO, 1959: 120; MATIAS, 1984: 129; ALEXANDRE, 1976: 108, 121; SIMÃO, 1969: 40; BUESCU, 1961: 110. Todavia, em Monsanto, esta monotongação só se verifica em sílaba final, quando esta vem seguida de uma consoante. MEDEIROS, 1964: 11. Neste falar, a redução verifica-se em todos os contextos e, em posição final, este ditongo cai. FLORÊNCIO, 2005: 44, 45. Esta redução tem lugar geralmente em próclise.

¹⁸⁵ Cfr. BUESCU, 1961: 105; BAPTISTA, 1967: 60. A autora considera que “dentro do condicionamento em que se verifica a palatalização de a tónico oral e nasal (...), encontra-se, também, a palatalização do primeiro elemento do ditongo que, ora se mantém, ora se reduz a [ẽ].”.

¹⁸⁶ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 94. Além deste contexto, segundo este autor, a redução também se verifica em próclise. VILHENA, 2000: 116; PAULINO, 1959: 122; BUESCU, 1961: 117.

[furẽzíjnu] (furãozinho), [furẽzítu] (furãozito), [mẽjĩjne] (mão cheinha), [resẽzíjne] (raçãozinha), [bɐrɐjẽzẽw̃] (barranhãozão), [kɛʃtɐjẽzẽw̃] (castanhãozão).

Quando o ditongo surge em posição pós-tónica¹⁸⁷, verifica-se a sua redução, bem como uma desnasalização, passando a [ɐ] ou [u]¹⁸⁸:

[váʎdiródɐ] (Vale de Ródão), [kriʃtóvɐ] (Cristóvão), [sótu] (sótão), [ɔréguʃ] (orégãos).

No caso da terminação de algumas formas verbais (Cfr. p.157, 158, capítulo 4), o ditongo [ẽw̃] é substituído pelas vogais nasais [ẽ]¹⁸⁹ e [ĩ]¹⁹⁰:

- [éðẽ] (andam), [trɐbálẽ] (trabalham), [pásẽ] (passam), [córtẽ] (cortam), [bríkẽ] (brincam), [ɐmásẽ] (amassam), [kávẽ] (cavam), [détẽ] (deitam), [fêʃẽ] (fecham), [kúdẽ] (cuidam);

- [éri] (eram), [fóri] (foram), [ɐbɐlávĩ] (abalavam), [ɐprẽdéri] (aprenderam), [ɐdávĩ] (andavam), [défi] (deitam), [detévĩ] (deitavam), [étrĩ] (entram), [kumĩ] (comiam), [ɐprẽdí] (aprendiam).

A substituição deste ditongo pelas vogais nasais [ẽ] e [ĩ] na terminação das formas verbais representa uma característica bem vincada do falar de Marvão.

¹⁸⁷ Cfr. BAPTISTA, 1967: 61. Cândida Baptista registou uma queda do ditongo átono em posição final.

¹⁸⁸ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 94; CARREIRO, 1948: 32; PAULINO, 1959: 122; MATIAS, 1984: 130; VILHENA, 2000: 116. Contudo, aqui não houve desnasalização.

¹⁸⁹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 60. A autora considera uma redução para [ẽ]. CARREIRO, 1948: 31. No falar de Nisa, verifica-se esta mutação essencialmente quando o ditongo vem precedido de vogal palatal.

¹⁹⁰ Cfr. BAPTISTA, 1967: 61; MEDEIROS, 1964: 28, 29.

[õ]

Este ditongo surge, essencialmente, seguido da consoante [ʃ] na constituição do plural de [ẽw̃]. Neste contexto, há sempre redução¹⁹²:

[kɐmudóʃ] (camadões), [kɐzós] casões), [ʃkursós] (excursões), [lɛdrós] (ladrões), [lɛlós] (leilões), [fɛzós] (feijões), [mɐmós] (mamões), [milós] (melões), [paʃós] (paixões), [pułmós] (pulmões).

Em vocábulos como [põ] (põe), [kõpõ] (compõe), verifica-se uma manutenção do ditongo; contudo esta é pouco frequente.

3.2.4. Ditongos crescentes nasais

[wẽ]

De um modo geral, este ditongo apresenta-se idêntico ao da norma¹⁹³:

[kwẽdu] (quando), [kwẽtu] (quanto), [kwẽtíu] (quantia).

[jê]

Por norma, este ditongo mantém-se¹⁹⁴, verificando-se no segundo elemento uma abertura do timbre:

[sjêsu] (ciência), [pɐsjêsu] (paciência), [kõsjêsu] (consciência).

¹⁹¹ Cfr. VILHENA, 2000: 117.

¹⁹² Cfr. BAPTISTA, 1967: 61; CARREIRO, 1948: 32; ALEXANDRE, 1976: 125, 126; BUESCU, 1961: 110. Em Monsanto, quando este ditongo vem seguido de [ʃ] (referente à terminação do plural), condensa-se, “tornando-se sonora a palatal final, que se apoia sobre uma vogal paragógica de timbre reduzido. A semi-vogal [j], segundo elemento do ditongo, é, depois, absorvida pela sibilante sonorizada que se palataliza”. MEDEIROS, 1964: 12.

¹⁹³ Cfr. BAPTISTA, 1967: 62; VILHENA, 2000: 117.

¹⁹⁴ Cfr. BAPTISTA, 1967: 62; VILHENA, 2000: 117. Este ditongo encontra-se essencialmente em vocábulos de importação castelhana.

No Falar de Marvão, este não existe, pois está representado por duas vogais em hiato, nomeadamente, [u] e [ẽ]:

[ɸfluẽsɐ] (afluência), [duẽtu] (doente), [puẽti] (poente).

À semelhança do que sucede nos outros falares do Alentejo, verifica-se uma forte tendência para a simplificação dos ditongos; poucos são aqueles em que a monotongação não existe.

Quanto aos ditongos decrescentes orais, [aj], [ɔj] e [uj] são os que mais se mantêm iguais à norma, ainda que também surjam alguns exemplos de monotongação no [aj] e no [uj] (somente em sílaba pré-tónica).

Relativamente aos ditongos crescentes, são de destacar o [wa] e o [ja]. Se o primeiro se mantêm sempre, o segundo só em posição tónica, pois em posição postónica já se verifica uma redução.

No que respeita aos ditongos nasais, são de salientar [ẽj] e [ẽw̃]. Em ambos, além da comum monotongação (sendo esta mais vincada na aldeia da Escusa), verifica-se ainda uma desnasalização. No caso do ditongo [ẽw̃], por vezes verifica-se uma alteração para [ẽw̃], o que constitui também um traço bastante característico do falar dos marvanenses, ainda que só dos mais idosos. No caso das terminações verbais da terceira pessoa do plural, o ditongo [ẽw̃] passa a [i] ou [ẽ], passando o [ẽj] apenas a [i].

Por fim, no que diz respeito aos ditongos nasais crescentes, de um modo geral, estes mantêm-se como na língua padrão.

¹⁹⁵ Cfr. VILHENA, 2000: 117. Apenas existe em Cedillo, já que em Herrera ainda se verifica a pronúncia arcaica, realizando-se duas vogais em hiato. BAPTISTA, 1967: 62



3.3. Consonantismo

3.3.1. Consoantes oclusivas

3.3.1.1. Bilabiais

De um modo geral, a consoante oclusiva bilabial sonora [b] mantém-se em posição inicial:

[béru] (berro), [bélu] (belo), [bikéke] (bicanca), [bífu] (bicho), [buséte] (boceta), [budigár] (bodegar), [bólve] (bolha), [buráfu] (borracho), [burégu] (borrego), [bruzéw] (brasão).

Todavia, surgiram exemplos em que esta foi trocada pela fricativa lábio-dental sonora [v]¹⁹⁶, ou seja, verificou-se uma fricativação, em posição intervocálica ou equivalente:

[krevinéru] (carabineiro), [gevádu] (gabado), [tevérne] (taberna), [sóvru] (sobro), [pólivé] (polibã), [gevólve] (gabarolas), [evenéw] (abanão), [evenár] (abanar), [nuvríne] (neblina), [atvvré] (albarrã).

O vocábulo [peléku] (balanco) dá conta de uma troca entre a consoante surda [p] e a sonora [b]¹⁹⁷, em posição inicial.

¹⁹⁶ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 95. Segundo Leite de Vasconcelos, as trocas entre [b] e [v] não caracterizam a maior parte dos dialectos do Sul, à excepção de Barrancos e de Vila Real. O autor justifica a troca nestas localidades por influência do espanhol falado nas localidades vizinhas, pois nesta língua não existe actualmente o [v].

Sendo Marvão também um concelho de raia, a abundância de vocábulos em que se verifica a troca de [v] por [b] poder-se-á explicar desta forma, contudo, muitas são também as palavras que ilustram o fenómeno inverso, ou seja, a troca de [b] por [v], como ilustram os exemplos acima apresentados.

BOLÉO, 1951: 28. Este autor considera a troca entre [v] e [b] muito fácil de ocorrer, especialmente entre a labiodental e a bilabial fricativa.; “basta uma aproximação dos lábios para se passar da primeira à segunda ou, inversamente, um ligeiro relaxamento muscular para que a bilabial se transforme em labiodental.” Assim se explica que em português apareçam palavras em que o [b] é proveniente de um [v] e que existam vocábulos com duas variantes de grafia e pronúncia, como sucede com “*taberna e taverna, cobarde e covarde*”.

BAPTISTA, 1967: 65; CARREIRO, 1948: 33; PAULINO, 1959: 126; MATIAS, 1984: 140; ALEXANDRE, 1976: 127; BUESCU, 1961: 121. No falar de Monsanto, esta troca não é muito frequente, surgindo apenas alguns casos. Assim, o [b] passa a [v] “quando intervocálico ou entre vogal e soante.” MEDEIROS, 1964: 41.

¹⁹⁷ Cfr. BAPTISTA, 1967: 65; PAULINO, 1959: 126; MATIAS, 1984: 136; ALEXANDRE, 1976: 128.

Já as palavras [mætɐrábɐ] ¹⁹⁸ (beterraba) e, por outro lado, [bórnu] (morno) ¹⁹⁹ e [burníɲu] (morninho) evidenciam uma troca entre a nasal bilabial [m] e a oclusiva bilabial [b], provocada por dissimilação.

Por norma, a oclusiva bilabial surda [p] mantém-se:

[píʃku] (pisco), [pípe] (pipa), [kɐpóti] (capote), [sépe] (cepa), [plumuníe] (pneumonia), [póʃvɾe] (pólvora), [trápu] (trapo), [pórku] (porco), [epítu] (apito), [rẽpulíe] (rampolia).

Contudo, o vocábulo [bɐɾɛfúzu] (parafuso) ilustra a troca entre a consoante surda [p] e a sonora [b] ²⁰⁰.

Por fim, [ʃkúme] (espuma) dá conta de uma permuta com a consoante velar surda [k], influenciada pela vogal tónica velar.

3.3.1.2. Dentais

Na maior parte dos contextos, as consoantes surda [t] e sonora [d] mantêm-se como na língua padrão:

[sirtẽ] (sertã), [siʃvádu] (silvado), [sórti] (sorte), [tɛlúdu] (taludo), [tɛrĩbe] (tarimba), [tímɛdu] (tímido), [vɛkádɛ] (vacada), [vɛɾdɛʃkádɛ] (vardascada), [víʃtɛ] (vista), [zetõne] (azeitona).

Por vezes, verifica-se uma troca entre as consoantes surda [t] e sonora [d] ²⁰¹:

[diʃfigár] (trasfegar), [póʃtru] (poldro).

¹⁹⁸ Cf. BAPTISTA, 1967: 65; MEDEIROS, 1964: 41.

¹⁹⁹ Cf. VASCONCELOS, 1987: 95.

²⁰⁰ Cf. VASCONCELOS, 1987: 95; BAPTISTA, 1967: 66; CARREIRO, 1948: 34; MATIAS, 1984: 135; ALEXANDRE, 1976: 129; BUESCU, 1961: 122; FLORÊNCIO, 2005: 46.

²⁰¹ Cf. BAPTISTA, 1967: 66; MATIAS, 1984: 136; BUESCU, 1961: 122; MEDEIROS, 1964: 40; FLORÊNCIO, 2005: 47.

O vocábulo [ʒóʃpíru] (dióspiro) ilustra uma troca entre a consoante oclusiva dental sonora [d] e a fricativa palatal sonora [ʒ], influenciada pela semi vogal palatal.

3.3.1.3. Velares

De um modo geral, as consoantes oclusivas velares surda [k] e sonora [g] mantêm-se como na norma:

[kəpəséti] (capacete), [diʒgóʃtu] (desgosto), [káze] (casa), [kəʒenítə] (caganita), [kəRíʃ] (carril), [gʊrpélə] (gorpilha), [gəjátu] (gaiato), [ɛgóʃtu] (Agosto), [kɛsélə] (cancela), [gítə] (guita).

Todavia, no decurso da recolha, surgiram alguns casos de troca entre as consoantes surda [k] e sonora [g]²⁰²:

[gabínə] (cabine), [gəfitéɾə] (cafeteira), [aʃpərgájtɐʃ] (alpercatas), [dígóti] (decote).

Note-se que a sonorização do [k] observa-se frequentemente em falares setentrionais e foi considerada por Paiva Boléo um dos fenómenos que permitiu distinguir o português setentrional do meridional.

3.3.2. Consoantes fricativas

3.3.2.1. Labiodentais

Na maior parte dos casos, as fricativas lábio-dentais surda [f] e sonora [v]²⁰³ mantêm-se tal como no português padrão:

²⁰² Cf. VASCONCELOS, 1987: 100; BAPTISTA, 1967: 66; VILHENA, 2000: 121; PAULINO, 1959: 127; MATIAS, 1984: 136; ALEXANDRE, 1976: 128; BUESCU, 1961: 122; MEDEIROS, 1964: 39.

²⁰³ Cf. BAPTISTA, 1967: 67; VILHENA, 2000: 124. O *v* não existe no falar de Herrera, à excepção de uma ou outra pessoa idosa, o que parece ser uma indicação de que a sua mudança em *b* é recente. Já em Cedillo, este é pronunciado com regularidade.

[fávɐ] (fava), [vákɐ] (vaca), [flór] (flor), [vázɐ] (vaso), [vitrínu] (Vitorino), [fízgɐ] (fisga), [víteru] (Víctor), [vérdi] (verde), [fɛíʃkɐ] (faísca), [fivélɐ] (fivela).

Contudo, por vezes, a consoante fricativa labiodental sonora [v] é substituída pela oclusiva bilabial sonora [b]²⁰⁴. De notar que esta troca se verifica essencialmente em posição inicial, exceptuando-se apenas os casos de prótese, como por exemplo [ɐbéʃprɐ] (vespa).

Este fenómeno é considerado pelos gramáticos como um arcaísmo e é mais frequente nos falares setentrionais; todavia, a verdade é que também é muito vincado no falar de Marvão, como ilustram as formas:

[bɛšínɐ] (vacina), [bɛsinér] (vacinar), [bázɐ] (vagem), [bɛrédɐ] (varanda), [bɛrizéɾɐ] (varejeira), [bɛráʃku] (varrasco), [birúgɐ] (verruga), [béʃprɛʃ] (vésperas), [bíberɪ] (víbora).

O vocábulo [vízgɐ]²⁰⁵ (fisga) foi o único que nos surgiu a ilustrar a troca da fricativa labiodental surda pela sonora.

3.3.2.2. Dentais²⁰⁶

De um modo geral, quer a consoante surda, [s], quer a sonora, [z], mantêm-se como na língua padrão:

[zɛɾɛgátɐ] (zaragata), [sópɐ] (sopa), [ɛsádu] (assado), [kɛzátu] (casado), [sɛpátu] (sapato), [ɛsórdɐ] (açorda), [ɛzár] (azar), [sízɐ] (cinza), [prásɐ] (praça), [ɛsézɐ] (acesa).

²⁰⁴ Cfr. BAPTISTA, 1967: 67; CARREIRO, 1948: 34; VILHENA, 2000: 126. Apenas em Cedillo se verificam algumas trocas. MATIAS, 1984: 139; ALEXANDRE, 1976: 128; SIMÃO, 1969: 40; BUESCU, 1961: 121; MEDEIROS, 1964: 41. OSSENKOP, 2006: 670. Segundo a última autora citada, ao contrário do que sucedeu em Herrera, em que se verificou um “betacismo”, ou seja, um predomínio do *b* em relação ao *v*, nas povoações fronteiriças de Valência de Alcântara, mantém-se a oposição fonológica entre /b/ e /v/. Este panorama linguístico justifica a pouca influência desse traço da língua espanhola nas localidades de raia, como é o caso de Porto da Espada, Fronteira, Galegos, Pitaranha, Santo António das Areias e Beirã.

²⁰⁵ Cfr. BAPTISTA, 1967: 67.

²⁰⁶ Cfr. VILHENA, 2000: 126 – 132.

As palavras [ʋsɛ́jɐ] (azinha) e [sɪzɪlɐ] (Cecília) dão conta ainda da troca entre as fricativas dentais surda [s] e sonora [z]²⁰⁷, atribuível, em alguns casos, a um fenómeno de dissimilação consonântica.

Já o vocábulo [aʎpɛ́rkɪ] (alperce) ilustra uma situação de substituição da consoante fricativa dental surda [s] pela oclusiva velar surda [k]²⁰⁸.

Por fim, verificámos ainda uma troca entre [z] e [ʒ], ilustrada pelos vocábulos [ʒɛ́búzɪ] (zambujo) e [ʒɛ́buʒéru] (zambujeiro)²⁰⁹, os quais poderão evidenciar um fenómeno de assimilação consonântica.

Palatais²¹⁰

Na maior parte dos contextos, as consoantes fricativas palatais [ʃ] e [ʒ] mantêm-se iguais à norma:

[ʃávinɐ] (chávena), [ʃiʃáru] (chicharro), [ʃávi] (chave), [táʃu] (tacho), [ʃáli] (xaile), [ʒenélɐ] (janela), [ʒiríku] (jerico), [ʒesítɐ] (Jacinta), [ʒúku] (junco), [ɐʒúɔɐ] (ajuda).

Todavia, quando a consoante fricativa palatal surda [ʃ] surge antes da fricativa dental surda [s]²¹¹, verifica-se uma troca do [ʃ] pelo [r]²¹², como exemplificam:

[nɛ́srɛ́r] (nascer), [nɛ́rsɛ́ti] (nascente), [pɪ́rsɪ́nɐ] (piscina), [ɛ́tirfíni] (intestino).

²⁰⁷ Cf. BAPTISTA, 1967: 68; MATIAS, 1984: 142; ALEXANDRE, 1976: 130; SIMÃO, 1969: 40; BUESCU, 1961: 124.

²⁰⁸ Cf. BAPTISTA, 1967: 68.

²⁰⁹ Cf. CARREIRO, 1948: 35, 36; MATIAS, 1984: 142; ALEXANDRE, 1976: 128.

²¹⁰ Cf. VILHENA, 2000: 132.

²¹¹ Cf. BAPTISTA, 1967: 68.

²¹² Cf. MEDEIROS, 1964: 46.

Ainda que pouco frequente, regista-se também a troca da fricativa palatal [ʃ] pela fricativa labiodental [f], no vocábulo [fɛʃínɐ] (chacina). Este mesmo vocábulo apresenta a variante [sɛʃínɐ], evidenciando, assim, a troca do [ʃ] pela consoante fricativa dental [s]. Esta mutação verifica-se igualmente na palavra [semuʃkár] (chamuscar).

A expressão [áʎvéziʃ] dá ainda conta de uma troca da fricativa palatal sonora [ʒ] pela lateral alveolar velarizada [ʎ].

3.3.3. Consoantes africadas

A africada [tʃ] surgiu-nos apenas numa palavra, [pertʃínu]²¹³ (pertinho), considerando-se inexistente no falar de Marvão.

3.3.4. Consoantes nasais

3.3.4.1. Bilabial

A pronúncia de [m] é praticamente sempre idêntica à do português padrão:

[mɛləgétɐ] (malagueta), [tímér] (temer), [mɛgɛ́nɐ] (magana), [kémɐ] (cama), [kumíde] (comida), [tímɛdu] (tímido), [mɛrɛfí] (marfim), [mɛrséle] (macela), [mɛrmélu] (marmelo), [ɛmɛ́ti] (amante).

Registam-se pouquíssimas situações que se afastam da norma. Uma delas é o vocábulo [bórnu] (morno)²¹⁴, no qual se assiste a uma alteração, possivelmente por dissimilação.

²¹³ Cf. BAPTISTA, 1967: 69; BUESCU, 1961: 125.

²¹⁴ Cf. BAPTISTA, 1967: 70; CARREIRO, 1948: 35, 36.

3.3.4.2. Alveolar

De um modo geral, a consoante [n] é igual à existente na língua padrão:

[ɐlumínu] (alumínio), [ɐnədótɐ] (anedota), [ɐnéʃprɐ] (nêspira), [kɐnivéti] (canivete), [siklóʒnu] (ciclone), [dizĩgěni] (desengano), [finɐráʃ] (funeral), [ʒurnáliʃ] (jornais), [nɐmurádi] (namorado), [náʃgɐ] (nádega).

Os vocábulos [plumuníɐ] (pneumonia) e [dĩnújvi] (dilúvio) dão conta da troca da nasal alveolar [n] pela lateral alveolar [l]²¹⁵ e vice versa.

Quando a nasal alveolar [n] surge seguida da semivogal palatal [j], em posição intervocálica, umas vezes mantém-se e cai a semivogal, outras palataliza-se²¹⁶ por influência da semi vogal palatal:

- [ermínɐ] (Hermínia), [alumínu] (alumínio), [érnɐ] (hérnia);
- [ẽtójnu] (António), [ɐrmójni] (harmónio), [psidójni] (Possidónio), [tẽjɐ] (Tânia), [mẽjɐ] (mania).

No vocábulo [ẽtĩrfĩju] (intestino), constata-se igualmente uma passagem da consoante nasal alveolar a palatal.

De salientar ainda que, contrariamente ao que se verifica na língua padrão, quando uma palavra termina em vogal ou ditongo nasal, seguindo-se uma vogal, desenvolve-se entre elas um – *n*- de transição²¹⁷:

[komẽw̃nɐkumídɐkɛti] (Comam a comida quente.)

²¹⁵ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 96; BAPTISTA, 1967: 70; PAULINO, 1959: 129; MATIAS, 1984: 149.

²¹⁶ Cfr. BAPTISTA, 1967: 69; VILHENA, 2000: 102. Esta palatalização verifica-se quer em Herrera, quer em Cedillo. VASCONCELOS, 1987: 95. O autor considera a palatalização do *n* pela semi vogal *j* uma característica da língua presente em todo o país.

CARREIRO, 1948: 20, 37.

²¹⁷ Cfr. BUESCU, 1961: 132.

Confrontar também, no presente trabalho, no capítulo 4, a secção dedicada aos artigos definidos, p. 123.

No concelho de Marvão, deparámo-nos também com alguns vocábulos que dão conta da conservação do *-n-* intervocálico²¹⁸, tais como:

[kənítu] (canito), [kənitélu] (canitelho), [məníte] (manita).

3.3.4.3. Palatal

Na maior parte dos contextos, a consoante nasal palatal [ɲ] é utilizada como na norma:

[sɲó] (senhor), [tɛʀɲu] (tenrinho), [únɲe] (unha), [vínɲu] (vinho), [rəmínɲu] (raminho), [ɐpɐɲár] (apanhar), [ɐɾigɐɲádi] (arreganhado), [káʃɲe] (calcinha), [sidɐdɛɲu] (cidadenho), [ẽgɐdɐɲádu] (engadanhado).

Apenas o vocábulo [ẽsínɲu] (ancinho) ilustra a passagem da consoante nasal palatal [ɲ] a alveolar [n].

3.3.5. Consoantes laterais

3.3.5.1. Alveolar

No falar de Marvão, a consoante [l] é utilizada maioritariamente como no português padrão; contudo, surgem algumas diferenças.

[lɛsól] (lençol), [lɛɾájɲu] (larápio), [loréru] (loureiro), [olivát] (olival), [mɛrmélu] (marmelo), [sɛlɛmɛkɛ] (salamandra), [siláde] (salada), [telégu] (talego), [telɛmóvɛʃ] (telemóvel), [virzílu] (Vergílio).

No plural, mantém-se o [l] intervocálico²¹⁹, à semelhança do que sucede no castelhano:

²¹⁸ Cfr. FLORÊNCIO, 2005: 48.

²¹⁹ Cfr. MATIAS, 1984: 152.

[ɛnwáliʃ](anuais), [ɛzuliʃ] (azuis), [ʃpɛɲóliʃ] (espanhóis), [funíliʃ] (funis), [bɛríliʃ] (barris), [pɛpéliʃ] (papéis), [kwɛrtéliʃ] (quartéis).

Casos como [éʒɛru] (Ângelo), [nuvríne] (neblina), [ɛʃfrunár] (esfulinhar), [kórʃɐ] (colcha), [múrɐ] (multa), [ɛrgáljɐ] (algália) ilustram o uso da vibrante alveolar [r]²²⁰ num contexto em que no português padrão se utilizam a lateral alveolar simples [l] ou velarizada [ɫ].

Esta troca do [l] pelo [r] já se verificava no português arcaico (por exemplo “fror-flor”) e surge em diversos falares galego-portugueses, bem como noutras línguas. Na verdade, a troca das consoantes líquidas é um fenómeno típico da linguagem popular.

As palavras [tõdu] (toldo) e [kõʃtróʃ] (colesterol) exemplificam o desaparecimento da lateral alveolar velarizada [ɫ] e a nasalação da vogal que a antecedia.

O vocábulo [dínújvi]²²¹ (dilúvio) dá conta de uma troca entre a consoante alveolar lateral [l] e a nasal [n].

Quando o [l] vem seguido da semivogal palatal [j], em posição intervocálica, palataliza-se²²², originando vocábulos do tipo:

[júlu] (Júlio), [júlɐ] (Júlia), [emíɫɐ] (Emília), [emílu] (Emílio), [sɛdáɫɐ] (sandália), [femíɫɐ] (família), [tíɫɐ] (tília), [nɛtáɫɐ] (Natália), [ɛbílu] (Abílio).

²²⁰ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 96. Leite de Vasconcelos regista esta troca, mas como característica do Minho, sobretudo do Baixo Minho. No entanto, à troca já referida, segue-se a produção de um [u] nas palavras que já não o contêm.

Assim, podemos concluir que no falar de Marvão esta alteração não se verificou por completo, pois apenas se consumou a troca.

BAPTISTA, 1967: 72; VILHENA, 2000: 136; MATIAS, 1984: 152; BUESCU, 1961: 122, 123; MEDEIROS, 1964: 42.

²²¹ Cfr. BAPTISTA, 1967: 72.

²²² Cfr. VASCONCELOS, 1987: 94. O autor considera este fenómeno a continuação moderna do fenómeno de lh, que se formou a partir do l e da semi vogal, dando origem a palavras do tipo “filha”, que evoluiu de “filia”.

Cfr. BAPTISTA, 1967: 72; CARREIRO, 1948: 20; MEDEIROS, 1964: 44; FLORÊNCIO, 2005: 48.

O vocábulo [kəmílʝe] (camilha) ilustra uma situação oposta à anteriormente referida, o que se poderá explicar como um fenómeno de hipercorreção.

A palatalização também ocorre quando a consoante [l] vem antecedida pela semivogal palatal [j], ainda que neste contexto seja menos frequente, como exemplificam [báʎu] (baile), [baʎár] (bailar) e [baʎədór] (bailador).

3.3.5.2. Palatal²²³

À semelhança do que sucede com a generalidade das consoantes, a lateral palatal [ʎ] mantém-se, na maior parte dos contextos, como na língua padrão:

[ẽtúʎu] (entulho), [ʃkrɛvɛʎu] (escaravelho), [oriládɐ] (orelhada), [frɛgáʎu] (frangalho), [gʊrpɛʎɐ] (gorpelha), [gʊrgúʎu] (gorgulho), [murɛʎɐ] (muralha), [muʎɐrɛgu] (mulherengo), [oviládɐ] (ovelhada), [pɛʎigádɐ] (pelhegada).

Porém, também existem exemplos da troca da consoante palatal [ʎ] pela lateral [l]²²⁴, verificando-se esta mutação especialmente nas formas dativas dos pronomes pessoais oblíquos átonos:

[milɛjɾíʝɐ] (milheirinha), [mɛʃíʃ] (mexilho), [kaʃíʃ] (caixilho), [plɛɾjɐ] (pilhéria), [dáʎi] (dá-lhe), [dísɪʎi] (disse-lhe), [díʒi] (diz-lhe), [pɛdílɐ] (pedi-lha), [púʒɐ] (pus-lha), [trɛrɛʎi] (tiraram-lhe), [vɛdíʎɐ] (vendi-lhas), [fikérɛʎi] (ficaram-lhe), [ɐmuʃtrávɐɐ] (mostrava-lha).

²²³ Cf. VILHENA, 2000: 133 – 135.

²²⁴ Cf. BAPTISTA, 1967: 73.

3.3.6. Consoantes vibrantes

3.3.6.1. Alveolar

Na maioria dos contextos, esta consoante mantém-se igual à norma²²⁵:

[fárðe] (farda), [márte] (Marta), [pértu] (perto), [ferú] (farum), [erí]kə] (arisca), [fertóti] (fartote), [márkə] (marca), [pértír] (partir), [káru] (caro), [ármə] (arma).

No entanto, deparámo-nos com diversos vocábulos que ilustram a mutação de [r] para [ʃ] ou [l]²²⁶:

[aʃmɛzinár] (armazenar), [aʃmẽzẽ] (armazém), [áʃvuri] (árvore), [aʃvurédu] (arvoredo), [báʃbrə] (Bárbara), [iɾoʃvizeðu] (improvisado), [friulétə] (friorenta).

Tal como já foi dito anteriormente, aquando da abordagem da consoante [l], a troca das líquidas é muito comum na linguagem popular. De notar ainda que alguns dos exemplos acima referidos dão conta de casos de dissimilação.

O vocábulo [gɛʒgɛʎádə] (gargalhada) exemplifica ainda a troca da vibrante alveolar [r] pela fricativa palatal sonora [ʒ].

Por fim, as palavras [ẽkɔrnádə] (encarnada) e [káɾni] (carne) dão conta de uma substituição da vibrante alveolar pela uvular²²⁷.

²²⁵ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 98. Leite de Vasconcelos considera que o [r] se dissimila frequentemente na linguagem popular. VILHENA, 2000: 140.

²²⁶ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 98. O autor regista este fenómeno no Minho e justifica-o por o [r] se encontrar numa sílaba final de uma palavra proparoxítone (“Ancola=Âncora”).

Como pudemos constatar, no falar de Marvão, este é um fenómeno frequente também noutros contextos. PAULINO, 1959: 129; MATIAS, 1984: 158; ALEXANDRE, 1976: 129; SIMÃO, 1969: 40, 41; BUESCU, 1961: 122, 123; MEDEIROS, 1964: 42.

²²⁷ Cfr. VILHENA, 2000: 139. No falar de Herrera e Cedillo, em final de sílaba a que se segue *n* ou *l*, o *r* simples adquire por vezes uma vibração intensa que o torna múltiplo, audível em palavras do tipo: “carne, taberna, moderno”.

Em Herrera, o *-r* em final de palavra cai sempre. O mesmo foi registado por CARREIRO, 1948: 20, 38; MATIAS, 1984: 156, 157.

3.3.6.2. Uvular

No que concerne à última consoante aqui em análise, a vibrante uvular [ʀ] praticamente não apresenta exceções à norma, mantendo o mesmo timbre existente na língua padrão:

[kʁʁóʂɐ] (carroça), [ʀóʒɐ] (rosa), [ʁʁáʒɐ] (Rasa), [ʀéŋu] (rengo), [ʀituníʂu] (retuniço), [ʀoʃínɐ] (rechina), [kʁʁɛʀíŋu] (cacharrinho), [bʁʁiléru] (barreleiro), [bʁʁáfku] (varrasco), [ɛ̃bʁʁádu] (embarrado).

Apenas o vocábulo [surbékɐ] (surrobeca)²²⁸ ilustra uma simplificação da consoante devido a uma abertura do timbre da vogal seguinte, ligando-se à consoante da sílaba imediata.

Ao nível do consonantismo, não se verificam tantas alterações relativamente à norma, como sucede com as vogais. Todavia, são de salientar as trocas entre [b] e [v]. Embora seja um traço normalmente associado aos falares setentrionais, no falar de Marvão surgem muitos vocábulos que as ilustram.

Destacamos ainda a palatalização de [l] e [n], quando seguidas da semivogal palatal [j], passando a [ʎ] e [ɲ] respectivamente.

Quanto às restantes consoantes, verificam-se algumas trocas, nomeadamente entre consoantes líquidas e entre surdas e sonoras, contudo não constituem traços muito significativos deste falar.

²²⁸ Cfr. CARREIRO, 1948: 20, 37.

3.4. Processos fonológicos gerais

Os processos que apresentaremos em seguida são frequentes em todas as línguas, não constituindo, por isso, fenómenos dialectais. Muitos são também típicos da oralidade, reflectindo, por vezes, uma velocidade de elocução alta. A sua inclusão neste estudo deve-se ao facto de muitas das mutações fonéticas anteriormente apresentadas também se verificarem por influência de alguns destes fenómenos, como, aliás, foi sendo salientado.

3.4.1. Supressão

Em Marvão, deparámo-nos com exemplos de supressões no início, no meio e no fim das palavras (aférese, síncope e apócope²²⁹).

No que concerne à **aférese**²³⁰, ainda que não seja muito significativa, está patente em formas como:

- [íðv̩] (ainda), [l̩ébiki] ou [l̩ébiki] (alambique), [rutár] (arrotar), [tá]²³¹ (está), [zetónv̩] (azeitona), [zɛbét̩] (Isabel);

- [ẽʒíviʃ]²³² (gengivas), [ẽtupéjv̩] (centopeia), [ʃpirdisár] (desperdiçar), [zéfɐ] (Josefa), [ẽðeváʃ] (vendaval), [tírminér] (determinar).

Um fenómeno muito frequente neste falar é também a **síncope**²³³, quer vocálica, quer consonântica, quer silábica:

- [bɛʃduégv̩] (beldroega), [disér] (descer); [fɛrú] (fartum), [ripunár] (repugnar), [tɛtɛrúgv̩] (tartaruga), [mɛlínu] (maligno);

²²⁹ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 102; CARREIRO, 1948: 53.

²³⁰ Cfr. BAPTISTA, 1967: 82; VILHENA, 2000: 75, 143. ALEXANDRE, 1976: 135; SIMÃO, 1969: 45; MEDEIROS, 1964: 25; FLORÊNCIO, 2005: 51.

²³¹ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 101. Segundo este autor, nos grupos ST e SP, o *s* desaparece nessas palavras.

²³² Cfr. PAULINO, 1959: 131.

²³³ Cfr. BAPTISTA, 1967: 83; VILHENA, 2000: 144; PAULINO, 1959: 123; ALEXANDRE, 1976: 135; SIMÃO, 1969: 45; FLORÊNCIO, 2005: 51, 52.

- [bákru] (bácoro), [femíle] (família), [ʒenéti] (joanete), [kólke] (cólica), [prubídu] (proibido), [fərmásɐ] (farmácia), [érvɐ] (hérnia), [ərvéle] (alvéola); [inésu] (Inácio);

- [aʎdár] (alguidar), [ɐnáziʃ] (análises), [krétu] (crédito), [figurífu] (frigorífico), [fórɸu] (fósforo), [frúku] (furúnculo), [léʒíkɐ] (lésbica), [sókɾɐʃ] (Sócrates), [surbéke] (surrobeca).

No vocábulo [kěbrɐ] (câmara), verificou-se uma síncope da vogal pós-tónica e, como o grupo –mr- é de difícil pronúncia, intercalou-se um b.

De notar que muitas das síncopes anteriormente apresentadas representam, tal como o fenómeno da metátese (Cfr. infra), uma forma de regularizar a estrutura silábica, tornando as palavras esdrúxulas em graves.

Em final de palavra, é também muito frequente surgirem supressões, já que, por vezes, as **apócpes**²³⁴ são casos de co-articulação, isto é, algumas vogais finais são suprimidas por condicionamento do segmento inicial da palavra seguinte:

- [vájtebóra] (vai-te embora) ou [pídesímɐ] (por aí acima), [kɛʃtétdivídi] (Castelo de Vide);

- [ɐlúgi] (aluguer), [kɛbét] (cabelo), [mulé] (mulher), [ó] (óleo), [pitró] (petróleo), [siɲó] (senhora) ou [pɐ] (para).

3.4.2. Inserção

Relativamente a estes fenómenos, verificam-se casos de prótese, epêntese e paragoge (em posição inicial, medial e final, respectivamente).

Assim, no que diz respeito ao primeiro caso, surgem exemplos de **prótese**²³⁵, quer vocálica, quer consonântica:

²³⁴ Cfr. BAPTISTA, 1967: 83, 84; VILHENA, 2000: 144, 145; ALEXANDRE, 1976: 135; FLORÊNCIO, 2005: 52.

²³⁵ Cfr. VILHENA, 2000: 141, 142; CARREIRO, 1948: 48 – 51; PAULINO, 1959: 123; ALEXANDRE, 1976: 134; MEDEIROS, 1964: 48.

- [ɐbuznár] (buzinar), [ɐʃíʃu] (cincho), [alɛkráw] (lacrau), [ɐvɛ̃twĩɲɐ] (ventoinha), [ɐruíɲɐ] (ruína), [ɐRɛ̃zĩɲɐ] (Ranginha), [ɛ̃kɐnɛlizɛdór] (canalizador), [odipós] e [ũdipós] (depois);

- [dizmurisér] (esmorecer), [diʃfulár] (esfolar), [bizũtar] (untar), [kɐrɛmósu] (mouroço).

Como se pode constatar, existem casos de prótese vocálica e consonântica, ainda que a primeira seja mais frequente, sobretudo da vogal [ɐ]. Na verdade, a prótese do a-²³⁶ é uma característica muito acentuada do falar de Marvão.

Menos frequente, mas também muito presente, é o fenómeno de **epêntese**²³⁷, quer vocálica, quer consonântica:

- [ɐmɛ́ʃuɐ] (ameixa), [kɐrɛpĩteru] (carpinteiro), [dizgrásiɐ] (desgraça), [mɛrɛ́fi] (marfim), [kwɛr̃fĩɲɐ] (cortina);

- [áɫdmirár] (admirar), [ɐʃtrivérsi] (atrever-se), [korgumélu] (cogumelo), [dizmɛzĩɲɐ] (demasia), [dizvursjár̃si] (divorciar-se), [diʃpinár] (depenar), [iʃtrɛlár] (estalar), [lódri] (lodo), [móʃtru] (mosto), [fɛgúɫɐ] (faúlha), [iʃkársu] (escasso), [mɛrséɫɐ] (macela).

Quanto à **paragoge**²³⁸, é um fenómeno menos habitual, ainda assim visível em vocábulos do tipo:

[bonéʃ] (boné), [mɛdríʃ] (Madrid), [nóʃ] (nó), [kɛfêj]²³⁹ (café), [kuvíli] (covil), [kuráli] (curral), [éj] (é), [mɛ̃gwáli] (mangual), [kéj] (quê), [iʃtrimóriʃ] (Estremoz), [pɛ̃w̃dĩlór] (pão-de-ló) e [tɛnáza] (tenaz).

²³⁶ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 102. O autor considera que, ainda que seja um fenómeno característico de todo o país, marca vincadamente a linguagem do Alentejo, sobretudo antes de -l e -r. BAPTISTA, 1967: 79; MATIAS, 1984: 114; SIMÃO, 1969: 44; BUESCU, 1961: 120; MEDEIROS, 1964: 36; FLORÊNCIO, 2005: 49.

²³⁷ Cfr. BAPTISTA, 1967: 80; VILHENA, 2000: 142, 143; CARREIRO, 1948: 51, 52; PAULINO, 1959: 131; ALEXANDRE, 1976: 135; SIMÃO, 1969: 44; BUESCU, 1961: 120, 129; MEDEIROS, 1964: 37, 48; FLORÊNCIO, 2005: 49, 50.

²³⁸ Cfr. BAPTISTA, 1967: 82; VILHENA, 2000: 143; PAULINO, 1959: 123; ALEXANDRE, 1976: 135; SIMÃO, 1969: 45; BUESCU, 1961: 128; MEDEIROS, 1964: 49; FLORÊNCIO, 2005: 50, 51.

Note-se que a paragoge é um dos fenômenos que responde muitas vezes à tendência da nossa língua para regularizar a posição do acento. O acréscimo de uma vogal cria uma nova sílaba e as palavras passam, assim, de agudas a graves.

Por outro lado, segundo Hammarström, citado por Maria Leonor Buescu²⁴⁰, há uma tendência para se desenvolver um som depois de -l ou -r, essencialmente, quando a vogal precedente é fortemente acentuada.

3.4.3. Metátese²⁴¹

No falar em estudo, o fenômeno de metátese ou transposição de fonemas é também muito frequente.

Este verifica-se muito habitualmente entre [r]²⁴² e a vogal precedente, como ilustram:

[aʎgravíɐ] (algarvia), [krəkézɐ] (carqueja), [krɐváɫu] (carvalho), [drumír] (dormir), [frumígɐ] (formiga), [pɐrvwéreɐ] (parvoeira) e [prúki] (porque).

Em formas que no português padrão terminam em [iu] ou [iɐ]²⁴³ e têm como vogal tónica [a], [ɛ] ou [ɔ], é também muito usual verificar-se a metátese, como se pode constatar em:

[lɐrájpu] (larápio), [pájtu] (pátio), [kuméjɔɐ] (comédia), [ɾiméjɔi] (remédio), [ɐbrójtɐ] (abrótea), [kuʃtójɔɐ] (Custódia) e [ɐrmójnu] (harmónio).

Os vocábulos anteriormente apresentados ilustram, a exemplo de fenômenos anteriores, a tendência da nossa língua para regularizar o número de sílabas e a posição do acento, originando a passagem de muitas palavras esdrúxulas a graves.

²³⁹ Cf. VASCONCELOS, 1987: 102. A paragoge de [i] depois de [ɛ] é apresentada por este autor como característica da linguagem do Sul. Contudo, em Marvão, esse hiato transforma-se em ditongo.

²⁴⁰ Cf. BUESCU, 1961: 128.

²⁴¹ Cf. BAPTISTA, 1967: 78; VILHENA, 2000: 1148; ALEXANDRE, 1976: 133; SIMÃO, 1969: 42, 43; MEDEIROS, 1964: 49, 50; FLORÊNCIO, 2005: 52, 53.

²⁴² Cf. CARREIRO, 1948: 55- 57; FLORÊNCIO, 2005: 52.

²⁴³ Cf. BAPTISTA, 1967: 79; CARREIRO, 1948: 54.

Surgem ainda outros casos de transposição das posições dos segmentos²⁴⁴, de que são exemplo [flimó] (filmou), [plumuníe] (pulmonia), [úrsilē] (úlceras), [mánikē] (máquina), [sɛʃínē] (chacina).

Aliás, a metátese de *l* e *r* é um fenómeno muito frequente nos falares regionais e manifesta a instabilidade de articulação das líquidas.

3.4.4. Dissimilação

No âmbito da dissimilação²⁴⁵ vocálica, sendo este mais um fenómeno típico da oralidade, muitos são os exemplos que encontramos no falar de Marvão.

Relativamente aos sons que correspondem à grafia «a», surgiram diversos exemplos:

[ẽdési] (andasse), [ɐrẽkár] (arrancar), [paderíe] (padaria), [aʎveríjē] (alvarinha), [risẽw̃] (ração), [siládē] (salada), [mɛtávimuʃ] (matávamos), [pɛgávimuʃ] (pagávamos), [ẽdávimuʃ] (andávamos), [ẽkɛrekuládu] (encaracolado), entre muitos outros.

Quanto aos sons [e], [ɛ] e [ẽ], deparámo-nos com formas do tipo de:

[ɐrnéstʉ] (Ernesto), [sɐrériu] (cerreiro), [ɐsilɛrár] (acelerar), [kupisési] (conhecesse), bem como [ifirmérie] (enfermeira), [itirsóʎ] (enterçol) e [lévĩ] (levem).

No que diz respeito aos sons [õ], [ɔ] e [o], surgiram-nos exemplos do género de:

[kẽbóju] (comboio), [gẽmu] (gomo), [sɛlúsu] (solução), [bulétē] (bolota), [mólif] (molhos), [mugẽgi] (moganga), [nɛmurádi] (namorado), [ósiʃ] (ossos), [kórniʃ] (cornos), [kórpi] (corpo), [kõtigi] (contigo), [kurtisiʃ] (cortiços), [grósi] (grosso).

²⁴⁴ Cf. CARREIRO, 1948: 58.

²⁴⁵ Cf. BAPTISTA, 1967: 77; VILHENA, 2000: 147. A dissimilação é rara em Herrera, contrariamente ao que sucede com a assimilação. CARREIRO, 1948: 59- 65. PAULINO, 1959: 124; ALEXANDRE, 1976: 133; SIMÃO, 1969: 41; BUESCU, 1961: 121; FLORÊNCIO, 2005: 53.

Se, na maior parte destes casos, devido à dissimilação, há uma passagem para o som [i], noutras situações verifica-se o contrário, como exemplificam [ẽpátu] (empate), [i]kífu] (esquife), [fẽʃu] (feixe) e [miłídru] (melindre).

Relativamente à dissimilação consonântica²⁴⁶, surgiram diversos tipos. O primeiro que aqui apresentamos diz respeito a casos em que o [r] está representado por [ʃ] e vice-versa. Aliás, as consoantes nasais e líquidas são as que mais são afectadas pelo fenómeno da dissimilação, trocando por vezes entre si, como a seguir se exemplifica:

[friulẽtẽ] (friorenta), [aʃmẽzinár] (armazenar), [aʃvurẽdu] (arvoredo), [báʃbrẽ] (Bárbara), bem como [ɐrvẽlẽ] (alvéola), [múrte] (multa), [ɐrgáljẽ] (algália), [kórʃẽ] (colcha) ou [ẽʒɐru] (Ângelo).

Entre as nasais, quando existe mais do que uma no mesmo vocábulo, ou desaparece uma delas, ou é substituída por outra consoante. São disso exemplo [mɛtɛdóẽ] (metadona), [bórnu] (morno), [ɛlimẽʃ] (animal), [plumoníẽ] (pneumonia).

Surgiram ainda outros exemplos que ilustram o mesmo tipo de situações envolvendo outras consoantes:

- duas oclusivas velares, em [simisúgẽ]²⁴⁷ / [sɛmisúgẽ] (sanguessuga);
- duas oclusivas dentais, em [ʃpirdísu] (desperdício);
- duas fricativas dentais, em [siziłẽ] (Cecília);
- duas fricativas palatais, em [ʒuár] (jejeuar) ou [ʒũ] (jejum).

No caso da locução adverbial [áʃvéziʃ] (às vezes)²⁴⁸, a fricativa palatal foi substituída pela lateral alveolar.

²⁴⁶ Cf. BUESCU, 1961: 129, 130; MEDEIROS, 1964: 51; FLORÊNCIO, 2005: 53.

²⁴⁷ Cf. ALEXANDRE, 1976: 130.

²⁴⁸ Cf. ALEXANDRE, 1976: 131.

3.4.5. Assimilação

À semelhança do que sucede com a dissimilação, o fenómeno de assimilação²⁴⁹ também é muito frequente no falar de Marvão, sendo a assimilação entre vogais mais frequente do que entre consoantes e vogais.

Assim, no que concerne à assimilação entre vogais, deparamo-nos com inúmeros exemplos, tais como:

[pɛdásu] (pedaço), [dɛ̃táde] (dentada), [mukɛ̃niku] (mecânico), [ɛ̃dráde] (Andrade), [mɛ̃rsɛlínu] (Marcelino), [sɛ̃bɛʃtiɛ̃w̃] (Sebastião), [ɛ̃ʃéde] (enxada), [ɛ̃ʃémi] (enxame), [mɛ̃ʒɛríku] (manjerico), [láʒɐ] (laje).

Na assimilação entre consoantes e vogais, destacam-se:

a) a **palatalização** das consoantes [l] e [n] por influência da semivogal [j]:

- [ʒúlu] (Júlio), [emíle] (Emília), [sɛ̃dále] (sandália), [femíle] (família), [bálu] (baile);

- [ɛ̃tónu] (António), [ɛ̃rmóni] (harmónio), [psidóni] (Possidónio), [tɛ̃jɐ] (Tânia), [mɛ̃jɐ] (mania).

b) a **nasalização**²⁵⁰ de vogais por influência das consoantes nasais [m], [n] e [ɲ]:

[ɛ̃mɛ̃jɐ] (amanho), [tɛ̃jɐ] (tenho), [ɛ̃rvilɛ̃ne] (ervilhana), [fulénu] (fulano), [pɛ̃tɛ̃jɐ] (pintainho), [ɛ̃vilínu] (Avelino), [tɛ̃pónɛ] (tapona), [ɛ̃ramónɛ] (Ramona), [ɛ̃rúmu] (arrumo), [gɛ̃túnu] (gatuno).

Note-se que a nasalização é uma das características apontadas por Leite de Vasconcelos como distintiva do dialecto meridional²⁵¹. O falar de Marvão partilha essa característica, no entanto, esse fenómeno não se verifica com a vogal [ɔ]²⁵².

²⁴⁹ Cf. VILHENA, 2000: 145- 147; ALEXANDRE, 1976: 133; SIMÃO, 1969: 41; CARREIRO, 1948: 41- 44; PAULINO, 1959: 124; MEDEIROS, 1964: 36, 50, 51.

²⁵⁰ Cf. BAPTISTA, 1967: 76; PAULINO, 1959: 125; BUESCU, 1961: 116. De notar que, em Monsanto, esta nasalização se verifica nas vogais átonas, quando precedidas de consoante nasal. MEDEIROS, 1964: 34, 35; FLORÊNCIO, 2005: 36.

²⁵¹ Cf. VASCONCELOS, 1987: 75. O autor considera que uma consoante nasal intervocálica nasalisa a vogal que a precede.

De salientar ainda que, se vocábulos como [mũtu]²⁵³ (muito) e [mẽze]²⁵⁴ (mesa) ilustram uma nasalização claramente motivada pela proximidade de uma consoante nasal, surgem-nos muitos outros para os quais não encontramos uma explicação, sendo a nasalização, provavelmente, motivada por analogia com outros vocábulos:

[ĩprẽsu] (impresso), [ʒɛvɛlí] (javali), [lukrẽsɛ] (Lucrecia), [ɛklĩpsi] (eclipse), [kõʃtróʃ] (colesterol), [tõdu] (toldo), [ivitér] (evitar), [prũ] (peru), [sirĩzére] (cerejeira).

3.4.6. Desnasalização

Todos os exemplos recolhidos ilustram o fenómeno da desnasalização²⁵⁵ na sílaba final da palavra. Este verifica-se sempre em vocábulos com duas ou mais sílabas e em sílaba pós-tónica.

No que diz respeito ao ditongo nasal [ẽĩ], além de se verificar uma monotongação, teve lugar também uma desnasalização:

[barázi] (barragem), [ómĩ] (homem), [lĩgwázi] (linguagem), [õti] (ontem);

[kuráze] (coragem), [furáze] (forragem), [gɛráze] (garagem), [mẽsáze] (mensagem), [muáze] (moagem), [núvɛʃ] (nuvens), [órdɛʃ] (ordens), [pɛsáze] (passagem), [purtáze] (Portagem), [várze] (vargem).

Os vocábulos [sótu] (sótão), [oréguʃ] (orégãos) e o topónimo [váʃdiródɛ] (Vale de Ródão) dão conta da desnasalização em final de palavra, onde existia o ditongo nasal [ẽw̃].

Analisados os fenómenos gerais no falar de Marvão, deparamo-nos com diversos casos de supressão, surgindo múltiplos exemplos de aférese, síncope e apócope.

²⁵² Cf. CARREIRO, 1948: 36, 45, 46.

²⁵³ Cf. SIMÃO, 1969: 42.

²⁵⁴ Cf. ALEXANDRE, 1976: 115, 134; SIMÃO, 1969: 42.

²⁵⁵ Cf. PAULINO, 1959: 125; SIMÃO, 1969: 43; MEDEIROS, 1964: 34.

Quanto à inserção, ainda que se verifiquem exemplos de prótese, epêntese e paragoge, os dois primeiros casos são mais frequentes. No que diz respeito à prótese, o acréscimo mais comum é o de [ɐ].

Outro traço bastante vincado do falar dos marvanenses é a existência de metáteses.

Relativamente à dissimilação vocálica, este é um fenómeno também muito característico deste falar, sendo múltiplos os casos que o ilustram. Entre as consoantes, os casos não são tão frequentes como entre as vogais, mas verificam-se algumas situações, sendo a mais comum a dissimilação entre o [r] e o [ʁ].

No que diz respeito ao fenómeno de assimilação, este verifica-se essencialmente ao nível das vogais, ainda que também exista entre vogais e consoantes; contudo, no *Falar de Marvão*, foram muitos os casos de palatalização e nasalização que nos surgiram.

Já a desnasalização só tem lugar em sílaba final e nos ditongos [ẽj] e [ẽw], ocorrendo esta em simultâneo com a monotongação.

3.5. Acentuação – algumas notas

No que diz respeito à alteração da acentuação²⁵⁶, relativamente ao português padrão, detectámos diversos contextos em que tal se verifica.

O primeiro caso é o vocábulo [kuséɣɐ] (cócegas)²⁵⁷, que é pronunciado como uma palavra grave.

O segundo caso verifica-se em todas as formas verbais conjugadas na primeira pessoa do plural do presente do conjuntivo²⁵⁸, que no falar de Marvão são esdrúxulas, como se pode constatar em:

[trɐbáʎimuʃ] (trabalhemos), [séʒɐmuʃ] (sejamos), [tɛ̃ɲɐmuʃ] (tenhamos), [bébɐmuʃ] (bebamos), [kómɐmuʃ] (comamos), [pósɐmuʃ] (possamos), [fásɐmuʃ] (façamos), [põɲɐmuʃ] (ponhamos), [pártɐmuʃ] (partamos) e [ábɾɐmuʃ] (abramos).

Como pudemos comprovar ao longo deste capítulo, o acento influencia o destino das vogais²⁵⁹. Nas palavras esdrúxulas, a tendência para a acentuação grave motivou a sua redução²⁶⁰, após uma fase de semivocalização, que conduziu a um ditongo crescente²⁶¹ (por exemplo: [urʒésɨɐ] > [urʒésjɐ] > [urʒésɐ]):

[urʒésɐ] (urgência), [inusésɐ] (Inocência), [pɐsjésɐ] (paciência), [kɛ̃brɐ] (câmara).

Muitas das metáteses²⁶² que recolhemos foram motivadas também pela tendência para a uniformização do lugar do acento:

²⁵⁶ Cfr. BUESCU, 1961: 121.

²⁵⁷ Cfr. BAPTISTA, 1967: 64; CARREIRO, 1948: 1; PAULINO, 1959: 103, 125; ALEXANDRE, 1976: 127; SIMÃO, 1969: 47.

²⁵⁸ Cfr. CARREIRO, 1948: 1; PAULINO, 1959: 125; ALEXANDRE, 1976: 127.

Cfr. capítulo deste trabalho referente aos “Principais aspectos morfo-sintáticos”, p. 151.

²⁵⁹ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 101. O autor considera este fenómeno como característico da linguagem do Sul.

²⁶⁰ Cfr. CARREIRO, 1948: 1; MEDEIROS, 1964: 34.

²⁶¹ Por exemplo: [urʒésɨɐ] > [urʒésjɐ] > [urʒésɐ] (urgência).

²⁶² Cfr. CARREIRO, 1948: 2.

[pájtu] (pátio), [ɛbrójtɐ] (abrótea), [kójdɐ] (côdea), [lɛrájɐ] (larápia), [kuméjɔ] (comédia), [sirójdɐ] (serôdia), [kuʃtójɔ] (Custódia), [préjɔ] (prédio), [vitrínájru] (veterinário), [riméjɔ] (remédio).

Os casos de paragoge ilustram igualmente a tendência para a acentuação grave no Português:

[kuvíli] (covil), [kuráli] (curral), [mɛgwáli] (mangual), [iʃtrimóriʃ] (Estremoz), [tenáza] (tenaz).

Também os fenómenos de palatalização verificados nos grupos –ni e –li²⁶³ originam uma mudança ao nível da acentuação, passando as palavras a ser acentuadas na penúltima sílaba e não na antepenúltima, como na língua padrão:

- [ʒúlu] (Júlio), [emíliɐ] (Emília), [sɛdáliɐ] (sandália), [fɛmíliɐ] (família);
- [ɐntónju] (António), [ɛrmónju] (harmónio), [psidónju] (Possidónio), [tɛnjɐ] (Tânia).

De salientar ainda o caso das ultra-esdrúxulas²⁶⁴ do tipo de [sigúrezju] (segura-lo) e [ɛpɛnjɛzju] (apanha-lo), muito frequentes neste falar, como se pode constatar no capítulo seguinte, na descrição da conjugação verbal.

Pelo que atrás foi referido, podemos concluir que no falar de Marvão predominam as palavras agudas e graves, havendo uma tendência para alterar a acentuação das esdrúxulas. De sentido inverso é o fenómeno das ultra-esdrúxulas.

²⁶³ Cfr. CARREIRO, 1948: 2; PAULINO, 1959: 131; ALEXANDRE, 1976: 133.

²⁶⁴ Cfr. CARREIRO, 1948: 2.

4. Principais aspectos morfo-sintáticos

Ainda que o falar de Marvão apresente muitas características morfo-sintáticas que o distinguem da língua padrão, é de salientar que muitas das suas particularidades também derivam de fenómenos fonético-fonológicos já elencados no capítulo anterior. Além disso, o Falar de Marvão partilha de algumas características morfo-sintáticas comuns aos dialectos do Alentejo, já registadas por outros dialectólogos (Cfr. Prolegómenos, p. 15 e sgs.).

4.1. Determinantes

4.1.1. Artigos

4.1.1.1. Definidos

O artigo, quer no singular, quer no plural, quando combinado com as preposições “a” e “para”, assume as seguintes formas²⁶⁵:

- ó²⁶⁶ (a+o), ós (a+os)

“O Tonho foi ó banco.”/ “Correr ó patalou.”/ “Dar ó lambarão.”/ “Dar ó badalo.”/ “O compadre foi ó Prado ós tomates.”

“Vou ós tortulhos amanhã.”

- pó (para+o), pá (para+a)

“O nosso acordo foi pó penico.”

“Esse presente é pá Maria.”

“Marquei a consulta pás três.”

- pró (para+o), prá (para+a)

“Deve ter a criança a ir pró nascedouro.”

“Entrei logo p'rá corda do sino a sério.”

²⁶⁵ Cf. PAULINO, 1959: 132,133; FLORÊNCIO, 2005: 60.

²⁶⁶ Cf. VASCONCELOS, 1987: 108. O autor considera a forma “ó” literária, uma vez que antigamente se escrevia assim.

“Essa conversa foi p'rá via d'água.”

Depois de nasal, apresenta as formas “no, na, nos, nas”²⁶⁷:

“Arrombarem' na porta.”

“Chamem' no gado!”

Emprega-se o artigo também na expressão “fazer os anos” (em vez de “fazer anos”).

4.1.1.2. Indefinidos

Os artigos “um”, “uma” são átonos e passam a monossilábicos²⁶⁸:

“Era'ma vez' ma princesa...”

4.2. Nomes

4.2.1. Número

Na vasta recolha que efectuámos, deparámo-nos apenas com uma palavra que alterou o número de singular para plural: “os diabetes”, em vez de “a diabetes”. Esta alteração é comum a todos os informantes, sendo também frequente ouvir-se nas camadas mais jovens e nas menos escolarizadas, que interpretam o –s final como marca de plural.

No que diz respeito à formação do plural, no caso dos nomes terminados em –a e –o, acrescenta-se somente um –s, à semelhança do que sucede na norma:

“anespras”, “badanas”, “acinchos”, “barracos”.

Contudo, surgiram diversas diferenças relativamente ao português padrão.

²⁶⁷ Cfr. BUESCO, 1961: 134.

²⁶⁸ Cfr. BATISTA, 1967: 89; PAULINO, 1959: 133; FLORÊNCIO, 2005: 60; BUESCO, 1961: 134; VASCONCELOS, 1987: 108. Contudo, este último autor considera esta característica típica do Baixo Alentejo.

Devido ao fenómeno de enfraquecimento do [u] átono em sílaba final, os plurais terminados em –os [uʃ], em algumas localidades do concelho, terminam em –es [iʃ]²⁶⁹, como se pode ver em:

[bɐrúliʃ] (barulhos), [kábiʃ] (cabos), [kɐʃópiʃ] (cachopos), [kɐmíniʃ] (caminhos), [kɛ́ʃiʃ] (canchos), [kórniʃ] (cornos), [kurtísiʃ] (cortiços), [kúkiʃ] (cucos), [gɐjátiʃ] (gaiatos), [muçéʒiʃ] (mogangos).

O vocábulo [péʃuʃ] (peixes) foi o único que nos surgiu a ilustrar a situação contrária à anterior.

No que diz respeito a palavras terminadas em [ɔ], cuja sílaba tónica é a última (por analogia com palavras do tipo “noz-nozes”), formam o plural em –es [iʃ], de que são exemplo:

[fílóziʃ] (filhós), [póziʃ]²⁷⁰ (pós), [ɛvóziʃ] (avós)²⁷¹.

De notar que a palavra [fíló] surge sempre como [fílóʃ], ou seja, o que no português padrão corresponde ao plural, no falar de Marvão é usado como forma de singular, sendo a versão padronizada sentida como estranha.

O vocábulo [ríziʃ] (rins), ainda que não se enquadre no paradigma apresentado anteriormente, evidencia também a terminação –es.

Quanto às palavras terminadas em lateral alveolar no singular, em vez da terminação –is, normalmente apresentam a terminação regular em –es [iʃ]²⁷³, com manutenção do –l- intervocálico:

–ales [ɛnimáliʃ] (animais), [lukáliʃ] (locais), [ɛvêáliʃ] (aventais), [pɛrdáliʃ] (pardais);

²⁶⁹ Cf. BATISTA, 1967: 91; CARREIRO, 1948: 68.

²⁷⁰ Cf. VASCONCELOS, 1987: 104.

²⁷¹ Cf. BATISTA, 1967: 91; CARREIRO, 1948: 68; MATIAS, 1984, p. 164; ALEXANDRE, 1976: 138.

²⁷² Cf. MEDEIROS, 1964: 56.

²⁷³ Cf. BATISTA, 1967: 92; MATIAS, 1984: 163; ALEXANDRE, 1976: 139; FLORÊNCIO, 2005: 62; MEDEIROS, 1964: 55; VASCONCELOS, 1987: 104. Este autor apresenta esta formação do plural como sendo característica do norte de Portugal, mais propriamente de Trás-os-Montes.

-eles [míɡéɫiʃ] (Míguéis), [pɐpéɫiʃ] (papéis), [kwɛrtéɫiʃ] (quartéis), [kɐnɐvʲéɫiʃ] (canaviais);

-iles [burníɫiʃ] (burnis), [ʃɛbɛríɫiʃ] (chambaris), [kubrɛzíɫiʃ] (cobrazis), [bɛrɫiʃ] (barris);

-oles [kɐrɛkóɫiʃ] (caracóis), [kurʲóɫiʃ] (corrióis), [ʒirɛsóɫiʃ] (girassóis), [nóɫiʃ] (nós);

-ules [ɾɐúɫiʃ] (Raúis).

Atendendo à proximidade com Espanha, estes plurais podem dever-se à influência da língua espanhola.

Poucas são as palavras terminadas em lateral no singular em que surge a terminação característica do português padrão e, por vezes, esta alterna com as formas anteriormente apresentadas:

[ɐniméɫ] - [ɐniméɫʃ] / [ɐniméɫiʃ];

[igwéɫ] - [igwéɫʃ], [igwéɫiʃ].

O vocábulo [tajpáziʃ] (taipais) representa um caso isolado.

As palavras terminadas em –em [ɛ̃j]/–ens [ɛ̃jʃ] na língua padrão, sofrem, no plural, alterações no falar de Marvão:

- desnasalização e monotongação, com plural em –as: [furázɐʃ] (forragens), [ɡɐrázɐʃ] (garagens), [márzɐʃ] (margens), [núvɐʃ] (nuvens), [órɔɐʃ] (ordens), [várzɐʃ] (vargens);

- desnasalização e redução para [i], com plural em –es: [ómiʃ](homens), [ɫiɡwázɪʃ] (linguagens), [barázɪʃ] (barragem).

A forte tendência deste falar para a monotongação também justifica que os substantivos que, na língua padrão, têm como desinência de plural –ões, formam-no em –ons²⁷⁴, indepentemente de no singular terminarem em –ão ou –êum, como ilustram:

[ɡɐjɛtɛ̃w̃] (gaiatão) – [ɡɐjɛtóʃ] (gaiatões);

²⁷⁴ Cfr. BATISTA, 1967: 92; ALEXANDRE, 1976: 140; FLORÊNCIO, 2005: 62.

[gãŋẽw̃] (ganhão) - [gãŋóʃ] (ganhões);
[kɐnɛʃtrẽw̃] (canastrão) - [kɐnɛʃtróʃ] (canastrões);
[bãkẽw̃] (balcão) - [bãkóʃ] (balcões);
[bãʃɛrẽw̃] (balseirão) – [bãʃɛróʃ] (balseirões);
[kɔmĩlẽw̃] (comilão) – [kɔmĩlóʃ] (comilões);
[lɛtẽw̃] (leitão) – [lɛtóʃ] (leitões);
[ʃɛfurdẽw̃] (chafurdão) - [ʃɛfurdóʃ] (chafurdões);
[kõkluzẽw̃] (conclusão) – [kõkluzóʃ] (conclusões);
[prizẽw̃] (prisão) - [prizóʃ] (prisões).

O vocábulo [tuʃtẽw̃] apresenta dois tipos de plural: [tuʃtóʃ] e [tuʃtóʒiʃ] (tostões).

O mesmo se passa com [ɔréguʃ]/[ɔrégɐʃ] (orégãos), registando-se, neste caso, também uma perda da nasalidade.

Mesmo nos casos em que houve monotongação no singular e a terminação passou de –ão a –ã, verifica-se igualmente a formação do plural em –ons:

[kõʃtipɛsẽ] (constipação) – [kõʃtipɛsóʃ] (constipações);
[kordẽ] (cordão) – [kordóʃ] (cordões).

Além da terminação –ns, mais frequente, registam-se também terminações em –ões e –ẽuns, como exemplificam [ɛrtizõeʃ] (artesãos), [kriʃtóʃ] (cristãos) e [irmẽw̃ʃ] (irmãos).

No que diz respeito ao fenómeno de metafonia, este verifica-se em várias palavras, à semelhança do português padrão (por exemplo, [pósu]/[pósu]), sendo [ãʃfórziʃ] (alforges)²⁷⁵ uma excepção.

²⁷⁵ Cf. CARREIRO, 1948: 68.

4.2.2. Género

Alguns vocábulos apresentam uma mutação de género com alteração da vogal final, passando de femininos a masculinos, tais como: [bíbɐru] (víbora), [trupésu] (tripeça), [ałkúɲu]²⁷⁶ (algunha), [tétu] (teta), [pópu] (poupa), [swísu] (suíça) [ɛsukɛréru] (açucareira), [mugěgu] (moganga) e [zuéru] (joeira)²⁷⁷. Em vocábulos como [nɛrséti] (nascente)²⁷⁸, sem marca morfológica de género, a mudança é visível apenas no uso do artigo definido.

No caso de [spináfɾɛ] (espinafres), [midruɲéɾɛ] (medronheiro), [surubéke] (surrobeco), [kõtrátɛ] (contrato) e [ríze]²⁷⁹ (riso), a mudança é em sentido inverso, de masculino para feminino.

Deparámo-nos também frequentemente com apelidos masculinos alterados para o feminino²⁸⁰:

[migélɐ] (Miguel), [vilézɐ] (Velez), [bugɛlóɛ] (Bugalhão), [ɛmɛdóɾɛ] (Amador), [pítɛ] (Pinto), [lɛkóɛ] (Lacão), [ɾɛpóze] (Raposo), [lóbɛ] (Lobo).

Encontram-se também alguns casos de palavras cujo género depende da idade do ser designado, bem como do tamanho ou intensidade²⁸¹, da qualidade ou da utilidade. Por exemplo:

[subréru] (árvore mais nova e de tamanho menor) – [subréɾɛ]²⁸² (árvore mais antiga e maior) ;

[vɛsóɾɛ] (utensílio doméstico usado para varrer) – [vɛsóru] (molho de ramos usado para varrer);

²⁷⁶ Cfr. MEDEIROS, 1964: 54.

²⁷⁷ Cfr. BATISTA, 1967: 89; CARREIRO, 1948: 66.

²⁷⁸ Cfr. PAULINO, 1959: 136; MATIAS, 1984: 162; ALEXANDRE, 1976: 138; BUESCO, 1961: 134; MEDEIROS, 1964: 54.

²⁷⁹ Cfr. MATIAS, 1984: 162. Esta alteração poder-se-á explicar devido à influência espanhola.

²⁸⁰ Cfr. SIMÃO, 1969: 48.

²⁸¹ Cfr. BATISTA, 1967: 90; ALEXANDRE, 1976: 138.

²⁸² Cfr. BUESCO, 1961: 135. Na perspectiva desta autora, à diferença de género corresponde uma diferenciação de tamanho e normalmente designa-se, com a forma masculina, o correspondente mais pequeno de um dado objecto de nome feminino. Nos exemplos que aqui apresentamos, isso apenas se verifica em “sobréro/sobréra”, “rebéro/rebêra” e “Inverno/Inverna”.

[rɨbéri] (pequeno curso de água, maior que o regato e menor que a ribeira) –
[rɨbére] (curso de água maior que o ribeiro e menor que o rio);
[pudéw̃] (utensílio de corte médio) – [pudóe] (utensílio de corte mais pequeno);
[ivérnu] (estação do ano) – [ivérnɐ] (Inverno rigoroso).

Os exemplos [uɛzádu] (o asado) e [vɛzáde] (a asada) dão conta do uso do masculino e do feminino para um mesmo conceito.

A palavra “côsa”, quando se refere a palavras do género masculino, assume a forma masculina “côso”.

Alguns nomes que no português padrão são uniformes quanto ao género, no falar de Marvão são biformes²⁸³, como ilustram:

“clienta” (fem. de cliente)
“parenta” (fem. de parente)
“alfaiata” (fem. de alfaiate)
“cobarda” (fem. de cobarde)
“estudenta” (fem. de estudante).

Quanto à formação do masculino e do feminino, verificaram-se algumas variantes que se afastam das padronizadas. De notar que todos os nomes que apresentamos ilustram casos de regularização pelos padrões mais comuns:

pulgo (masc. de pulga)
chebeto/ chibato (masc. de cabra)
horteloa (fem. de hortelão)
ladrona (fem. de ladrão)
pardala (fem. de pardal).

Em alguns casos, a preposição *de* não se liga, como na língua padrão, ao artigo definido, por exemplo: “Sra de Estrela”.

²⁸³ Cfr. PAULINO, 1959: 136; MATIAS, 1984: 163.

4.2.3. Aumentativos

Os sufixos aumentativos mais usados são -ão, -arrão, -êum²⁸⁴, -ona, -ons, -orra, -orro, -zão:

-ão: begotão, cierão, gatão, lebranchão, marradão, narezão, padação, padrastão;

-arrão: homenzarrão, canzarrão²⁸⁵;

-êum: caloterêum, cesterêum, estranjerêum, galarozêum, narezêum, panelerêum.

-ona: alcovetêrona, gaiatona, cachepona, marrãzona;

-ons²⁸⁶: cãzarrons, paredons, cacharrons;

-orra: cabeçorra, batatorra;

-orro: begotorro, pedaçorro, pezorro;

-zão: barranhãzão, castanhãzão, lajãzão, melharanzão.

4.2.4. Diminutivos

Os sufixos mais usados na formação do diminutivo são -inho(a) e -ito(a)²⁸⁷. Muitas vezes, uma mesma palavra ora surge com um, ora surge com outro, havendo sempre um fechamento das vogais pretônicas, como ilustram os exemplos que se seguem.

-inho, -inha²⁸⁸: [ɛziɲegĩɲɐ] (azinaguinha), [kɐruziʒĩɲɐ] (carujenzinha), [bɛkuɾĩɲu] (bacorinho), [kɐsɐpĩɲu] (caçapinho), [kɛʃipĩɲu] (cachopinho), [ʃɐpɛziɲu] (chapeuzinho), [piʃɔtɛziɲɐ] (pichotazinha), [viʃtɛziɲɐ] (vistazinha), [furẽziɲu] (furãozinho).

²⁸⁴ Cfr. PAULINO, 1959: 137. Trata-se de uma variante do aumentativo -ão.

²⁸⁵ Cfr. FLORÊNCIO, 2005: 64.

²⁸⁶ Este sufixo aumentativo corresponde ao -ões da língua padrão.

²⁸⁷ Quando estes são acrescentados a palavras terminadas em vogal, intercala-se um -z-, que funciona como infixo.

²⁸⁸ Cfr. CARREIRO, 1948: 69; FLORÊNCIO, 2005: 62, 63; VASCONCELOS, 1987: 105. Este autor registra no Sul também o fechamento das vogais, contrariamente ao que sucede no Centro e no Norte.

-ita, -ito²⁸⁹: [bəkurítu] (bacorito), [bukədítu] (bocadito), [kəsəpítu] (caçapito), [gələpítu] (galapito), [gotəzíte] (gotazita), [zɛvɛɫizítu] (javalizito), [pəkotizítu] (pacotezito), [rɛpərigíte] (rapareguita), [zɛtunítɐʃ] (zêtonitas), [rudilíte] (rodelita).

Além dos sufixos atrás referidos, surgiram ainda outros casos:

- **ica, -ica**: [ʃɛpílíku] (chapelico), [rimilíke] (remelica).

- **elha, -elho**: [bigutéɫu] (bigodelho), [kənitéɫu] (canitelho)²⁹⁰.

- **ota**: [rɛpərigóte] (raparigota), [lɛzjótɛ] (lajeota).

- **ocho, -ocha**: [kɛbɛnósɐ] (cabanocha).

Por vezes, verifica-se a utilização de dois sufixos diminutivos, cujo resultado é um reforço da ideia: [pikiriʃínɐ] (pequerrechinha), [pɛrtʃínɐ] (pertoquinho), [libraʃuzínɐ] (lebrachozinho).

4.2.5. Colectivos

Na maior parte dos casos, os colectivos usados neste falar que não constam da língua padrão são formados a partir da designação da unidade, como é o caso de:

- [bojédɛ] (boiada), [ʃtrɛzɛrédɛ] (estrangeirada), [ɔviládɛ] (ovelhada), [purkádɛ] (porcada), [vɛkádɛ] (vacada), [rɛpuzádɛ] (raposada), [trigédɛ]/ [trigádɛ] (trigada), [kɛrɛkuládɛ] (caracolada);

- [rɛpuzɛríɛ] (raposaria)²⁹¹;

- [kɛrɛkérɛ] (carrasqueira)²⁹².

²⁸⁹ Cf. FLORENCIO, 2005: 62. Esta autora considera que o sufixo –ito se verifica essencialmente em palavras terminadas em –ão, porque estas retomam o –n- original, que só excepcionalmente se conserva entre vogais, no português actual.

²⁹⁰ Cf. FLORENCIO, 2005: 63.

²⁹¹ Conjunto de raposas.

²⁹² Conjunto de carrascas.

Noutros casos, não se verifica uma relação com o vocábulo que designa a unidade:

[kētərérɐ] (cantareira) - grupo de pessoas ou conjunto de pratos de loiça;

[fɛʃu] (feixe) - conjunto de quatro gavelas de feno;

[pɐvɛɐ] (paveia) - conjunto de manadas;

[mɐɾádɛdɛkɛlítɾuʃ] (marrada de eucaliptos) - conjunto de eucaliptos;

[kɛʃudisubrérɐʃ] (cancho de sobreiras) - montado;

[ɾɛbɐɲádɛdɛfrɛ̃guʃ] (rebanhada de frangos) – conjunto de frangos.

O colectivo [mɐnádɛdipórkuʃ] (manada de porcos) dá conta de uma analogia com o conjunto de vacas.

Quando se pretende designar uma grande quantidade de gente, usa-se o colectivo [fɛmíɫɐ] ou [fɛmíʎɐ] (família).

4.3. Adjectivos

No que diz respeito ao processo de formação dos adjectivos, este é semelhante ao dos substantivos.

O adjectivo “doente” apresenta-se como biforme: “doento” e “doenta”²⁹³

4.3.1. Graus

4.3.1.1. Comparativo

No que concerne ao grau comparativo, este forma-se como na língua padrão, usando os advérbios “más”, “menos” ou “tã” antes do adjectivo:

“O Manel é más velho qu’o Antonho.”

“O azête deste ano é menos fino qu’o do ano passado.”

²⁹³ Cf. MEDEIROS, 1964: 55.

“A Mari Zé é tã velhaca com’ a irmã.”

Por vezes, verifica-se uma contracção do termo de comparação “que” com o artigo definido, resultando as palavras “c’o” e “c’a”²⁹⁴:

“Aqueles cabras sã más bravas c’as outras.”

“Os espargos sã más raros c’os tortulhos.”

Em algumas situações, a comparação surge reforçada através das expressões “mas bem” ou “mas mal” e pode ainda contar com um reforço suplementar do advérbio “munto”:

“Estes cachos sã mais bem gostosos c’os outros.”

“Más bem quero morrer ca ver isso.”

“Este vinho é munto más bem gostoso co outro.”

No que diz respeito ao comparativo de igualdade, muitas vezes a conjunção comparativa “como” é substituída pela expressão “que nem”²⁹⁵:

“É gorda que nem um saco de batatas!”

“Isso é esperta que nem uma raposa!”

4.3.1.2. Superlativo

Relativamente ao superlativo absoluto simples, os adjectivos surgem antepostos por “munto”, “mũ”, “muntíssemo” e “bem”²⁹⁶:

“O dia hoje ‘tá munto frio!”

“Ela é mũ fina!”

“Tem uma casa muntíssemo grande!”

“Foi um casamento bem grande!”

“Olha qu’ela é bem jetosa!”

²⁹⁴ Cfr. ALEXANDRE, 1976: 142; VASCONCELOS, 1987: 119.

²⁹⁵ Cfr. PAULINO, 1959: 169.

²⁹⁶ Cfr. BATISTA, 1967:96; BUESCO, 1961: 136; MATIAS, 1984: 165.

Quanto ao superlativo absoluto sintético²⁹⁷, este também é usado com alguma frequência: “regíssemo, requíssemos, velhaquíssema”, bem como “grandessíssema”.

No entanto, há uma maior preferência pelo uso das formas analíticas com o advérbio “munto”.

Por vezes, é através de diminutivos²⁹⁸ e aumentativos que se dá a noção de superlativo.

Aumentativos :

“Ela é cá uma alcovetêrona!”

“Nã se pode negociar com ele, é um caloterêum!”

Diminutivos:

“A sala ‘tava chiinha de gente.”

“Fecô tudo limpinho, até brilha!”

Por vezes, a superlativação é também reforçada com o advérbio “munto”²⁹⁹ :

“A casa deles é munto pertechinho.”

“Inda arranjo uma mulher munt’ azadinha.”

Por fim, destacamos ainda outra forma de superlativação, através de expressões metafóricas ou de comparações:

“Bater a sota.” (fazer algo melhor que todos e mais depressa);

“Dar com sota e manilha.” (apresentar argumentos irrefutáveis, imbatíveis);

“Ser com'a manteiga em focinho de cão.” (ser muito rápido, célere);

“Ser más arreganhado qu'um cão de caça.” (expressão que se utiliza quando alguém é muito friorento);

“Fazer algo de rapa terraõ.” (fazer algo à pressa, sem concentração);

“Levar porrada de três em pipa.” (levar muita porrada);

“Nã gramar nem com molho de tomate.” (detestar, odiar, não gostar mesmo nada);

²⁹⁷ Cfr. MATIAS, 1984: 164.

²⁹⁸ Cfr. BATISTA, 1967: 96; PAULINO, 1959: 140; BUESCO, 1961: 136; MEDEIROS, 1964: 57; SIMÃO, 1969: 49; MATIAS, 1984: 165.

²⁹⁹ Cfr. BATISTA, 1967: 96; PAULINO, 1959: 140.

“Nã morrer de cornada de grilo.” (expressão utilizada quando nos reportamos a alguém é muito cauteloso);

“Passar fome d’ arroba.” (passar muita fome);

“Rua chea sem ninguém.” (criatura que parece ser uma grande coisa, mas na realidade não é nada; alguém que tem uma aparência que se destaca, mas que é desprovido de essência);

“São más do qu’ as benditas almas.” (expressão utilizada para designar uma grande quantidade);

“Ser c’m’ós burros de Borba, que, quando descansam, acarretam água.” (nunca estar parado);

“Ser listo, a de ovido.” (ouvir muito bem);

“Ser pão com mel.”³⁰⁰ (ser muito fácil);

“Ser um ai que te avias.”(ser muito rápido);

“Ser um moro pro trabalho.” (ser danado para trabalhar; trabalhar muito);

“Ser uma casca de alho que não vale nada.” (expressão utilizada para designar algo que não tem muito valor);

“Sofrer as passinhas do Algarve.”³⁰¹ (sofrer muito);

“Ter mais nomes c’o atabefe”³⁰². (ter muitas designações).

4.4. Pronomes

4.4.1. Pessoais

Devido ao fenómeno de monotongação, o pronome pessoal “eu” [ew] surge sempre com “e” [e]³⁰³.

“Ê andive ó sol e fequê doentu.”

“Ê lambrava-me dele.”

³⁰⁰ Cfr. MATIAS, 1984: 165.

³⁰¹ *Id.*, *Ibid.*.

³⁰² *Id.*, *Ibid.*.

³⁰³ Cfr. BATISTA, 1967: 97; MATIAS, 1984: 167; FLORÊNCIO, 2005: 60.

Quando o pronome “ê” integra o segundo membro de uma comparação, assume a forma “mim”³⁰⁴:

“Ela corria más ca mim.”

“Ele é más velho ca mim.”

Em algumas aldeias do concelho de Marvão, o pronome pessoal “comigo”, assume a forma “comigue” [kõmígi], muitas vezes também substituída pela expressão “más ê”³⁰⁵ (mais eu):

“Tu vás más ê p’ra casa.”

Este pronome surgiu ainda num contexto em que, por norma, surge o pronome “mim”:

“Digo cá pra comigo qu’isso nã era assim.”

As expressões “Dês ma mim livre!” (Deus me livre!) e “Bem m’era a mim que tu eras filha do Jaquim.” (Bem me parecia que...) ilustram um reforço do uso do pronome pessoal na primeira pessoa do singular.

Quanto à primeira pessoa do plural, o pronome oblíquo átono “nos” é substituído por “mos”³⁰⁶, provavelmente por analogia com o “me” da primeira pessoa do singular:

“Assim é qu’ela mos disse.”

“Já mos namorávamos.”

“O professor nã mos batia.”

“Nã mos deixou entrar.”

“Os guardas apanharem-mos ali de surpresa.”

De notar que frequentemente o pronome pessoal “nós” é substituído pela fórmula de representação da primeira pessoa “a gente”³⁰⁷. Nesta circunstância, a concordância faz-se pelo sentido, plural³⁰⁸:

³⁰⁴ Cfr. MATIAS, 1984: 168; ALEXANDRE, 1976: 142; MEDEIROS, 1964: 72; BATISTA, 1967: 142.

³⁰⁵ ALEXANDRE, 1976: 142.

³⁰⁶ Cfr. BATISTA, 1967: 98; CARREIRO, 1948: 74; VASCONCELOS, 1987: 107.

³⁰⁷ Cfr. MATIAS, 1984: 168; FLORÊNCIO, 2005: 73; MEDEIROS, 1964: 59; BATISTA, 1967: 142.

³⁰⁸ Este é um caso de concordância com o sentido; se a “a gente” morfologicamente é singular, quanto ao significado é plural.

“C’and a gente se detemos.”

“A gente samos do campo.”

No que diz respeito ao pronome pessoal “tu”³⁰⁹, não há grandes alterações relativamente ao português padrão, à exceção da forma “contigue”, usada em algumas aldeias do concelho em substituição da forma padronizada “contigo”, e de quando este pronome integra o segundo membro de uma comparação, assumindo a forma “ti”³¹⁰:

“Ela valia más ca ti.”

“Ele é más esperto ca ti.”

Por vezes, paralelamente à forma “contigo”, é usada a expressão “más tu”³¹¹:

“Vô p’ra lá más tu.”

Quanto à segunda pessoa do plural – vós, vos e convosco –, esta raramente é usada, sendo substituída pelas formas do pronome de tratamento de 2ª pessoa – vocês, a vocês e com vocês³¹²:

“Vocês, quantas vezes breguérendes jé?”;

“Olha, cantêdes vocês.”

“Vocês ganhêdes poco, mas inda fazêdes menos.”

“Vocês faziíndes isso.”

“Nã tenho culpa de vocês sêrindes todos iguais.”

“Agora têdes qu’o ir sachar.”

“Nã vírindes a chegada deles?”

O pronome “lhe”, “lhes” é usado como “le”, “les”³¹³:

“Puxa-le a ideia pá maldade.”

³⁰⁹ No que diz respeito a este pronome, é de relembrar a mudança vocálica a que está sujeito na aldeia da Escusa, motivada pela pronúncia do [ü].

Cfr. VASCONCELOS, 1987: 107.

³¹⁰ Cfr. MATIAS, 1984: 168; ALEXANDRE, 1976: 142.

³¹¹ Cfr. ALEXANDRE, 1976: 142.

³¹² Cfr. BATISTA, 1967: 98; MATIAS, 1984: 168; ALEXANDRE, 1976: 142; FLORÊNCIO, 2005: 61; MEDEIROS, 1964: 59.

³¹³ Cfr. BATISTA, 1967: 98; CARREIRO, 1948: 74; PAULINO, 1959: 142; ALEXANDRE, 1976: 141; FLORÊNCIO, 2005: 60; BUESCO, 1961: 136; MEDEIROS, 1964: 60.; VASCONCELOS, 1987: 107. Este último autor alerta para a analogia entre a forma dativa do pronome -“le”- e a sua semelhança com a forma do espanhol. Considera ainda que o uso de uma forma igual no singular e no plural se deve a um fenómeno de analogia com a forma “se”.

“Agora já nã l'ensino nada.”

“Era só assobier-le.”

“Que mal le pergunte, quando parte?”

O mesmo se passa com as formas “lho”, “lhos”, “lha”, “lhas”, que passam a “lo”, “la”, “los”, “las”³¹⁴:

“Oferece-lo já agora!”

“Ê entregue-los todos õntim.”

“Mando-la entregar hoje.”

“Ê paguê-las logo todas.”

Quando o pronome oblíquo da terceira pessoa desempenha a função de complemento directo e vem antes do verbo, apresenta as formas –no, -na, -nos, -nas³¹⁵ (e não –o, -a, -os, -as, como no português padrão), devido a uma influência da consoante nasal que o antecede:

“Nã há quem no compre.”;

“Bem no sei eu!”;

“Nã sê quem no apagou.”.

Em posição enclítica, a sua forma depende da terminação do verbo, havendo neste contexto muitas diferenças relativamente à língua padrão:

- quando a forma verbal termina em vogal ou ditongo oral, emprega-se o –o, -a, -os, -as; contudo, surge uma semivogal para estabelecer a ligação entre o verbo e a forma pronominal:

[kõpriɛznɛʃpɛjɐ] (Compro-as em Espanha.)

[olúmifásjulógudimɛjɛ] (O lume, faço-o logo de manhã.)

[amɛjɛlébriɛdɛçõsúʃtɐ] (Amanhã lembro-a da consulta.)

³¹⁴ Cf. ALEXANDRE, 1976: 141; MEDEIROS, 1964: 60.

³¹⁵ Cf. PAULINO, 1959: 142; BUESCO, 1961: 137.

- quando a forma verbal termina em –r, ou –z (em vez da supressão destas consoantes e das modalidades –lo, -la, -los, -las), mantém a consoante e é acrescentada uma semivogal como elemento de ligação entre o verbo e o pronome pessoal³¹⁶:

[kékérukmértáfázu] (Quem quer o comer fá-lo.)

[umézómifézzju[ká] (O meu homem fê-los cá.)

[efízjuír] (Eu fi-lo ir.)

[fómizjuvéróti] (Fomo-lo ver ontem.)

[kérzjuózi] (Quere-lo hoje?)

[fázju[ká] (Fá-los cá.)

- quando a forma verbal termina em ditongo nasal (em vez de o pronome assumir as formas –no, -na, -nos, -nas), surgem as formas –o, -a, -os, -as e, por vezes, é usada uma semivogal como elemento de ligação:

[põjufsjósu] (Põe-nos insossos.)

[põzjetótekóésẽbrĩkedérẽ] (Põe-na tonta com essa brincadeira.)

É frequente o uso da forma “ele” com os verbos impessoais³¹⁷:

“Ele agora ã chove.”

“Ele vai acabando tudo.”

Este pronome exprime também um sujeito indeterminado e é ainda usado na negação³¹⁸:

“Ele ã se sabe quem foi.”

“Já foste a casa? – Ele ã!”

No que respeita à colocação do pronome complemento, contrariamente à língua padrão, este surge antes do sujeito³¹⁹:

“Já ã sê o que m’ela disse.”

³¹⁶ Cf. BATISTA, 1967: 99; PAULINO, 1959: 143; CARREIRO, 1948: 74; MATIAS, 1984: 168; VASCONCELOS, 1987: 107.

³¹⁷ Cf. CARREIRO, 1948: 73; MATIAS, 1984: 203; PAULINO, 1959: 163; BUESCU, 1961: 149; VASCONCELOS, 1987: 122.

³¹⁸ Cf. PAULINO, 1959: 164; BUESCU, 1961: 149.

³¹⁹ Cf. MATIAS, 1984: 194; BATISTA, 1967: 142.

“Nã sê o que m’ eles trazem pó almoço.”

Verifica-se uma repetição do pronome complemento indirecto³²⁰, dando origem a formas pleonásticas do tipo:

“Dexa qu’ê te digo a ti!”

“Quem te disse a ti qu’isso era verdade?”

“Dês ma mim livre!”

De salientar ainda o uso do dativo ético³²¹, que indica o interesse que a acção do sujeito pode ter para a pessoa designada pelo pronome:

“Fui-me a ver dele à taverna.”

“Fecha-me a porta da rua.”

4.4.2. Possessivos

Devido ao fenómeno de monotongação, os pronomes “meu”, “teu” e “seu” perderam a semivogal, dando origem a “mê”, “tê” e “sê”³²².

“O mê pai era pastor.”

“O tê filho anda à trabalhar na Portaja.”

“A Zabel nã sabe do sê gato.”

Em posição proclítica, a forma “minha” está representada por “mnha” ou “nha”³²³:

“Vo a casa da nha mãe.”

“ A mnha gata pari ontem.”

As formas “dele”, “dela”, “deles” e “delas” são empregues com mais frequência que as formas “sê”, “sês”, “sua”, “suas”³²⁴:

³²⁰ Cf. ALEXANDRE, 1976: 143; MATIAS, 1984: 196; PAULINO, 1959: 165; BUESCU, 1961: 156.

³²¹ Cf. BUESCU, 1961: 150; BATISTA, 1967: 143; MATIAS, 1984: 195.

³²² Cf. PAULINO, 1959: 143; BATISTA, 1967: 99; CARREIRO, 1948: 75; MATIAS, 1984: 168; FLORÊNCIO, 2005: 61; SIMÃO, 1969: 49; VASCONCELOS, 1987: 109.

³²³ Cf. BATISTA, 1967: 99; PAULINO, 1959: 144; MATIAS, 1984: 169; MEDEIROS, 1964: 60.

³²⁴ Cf. BATISTA, 1967: 143.

“As cabras deles andem sempre na nossa tapada.”

“A mãe dela é que le cria o menino.”

Os pronomes “nosso”, “nossos” e “vosso”, “vossos”, em algumas localidades do concelho, por motivações fonéticas, surgem como “nosse” e “nosses”, “vosse” e “vosses”. No feminino, não se verificam alterações relativamente ao português padrão.

De notar que, na segunda pessoa do plural, a par da utilização das formas “vosso”, “vossa”, “vossos”, “vossas”, emprega-se a expressão “de vocês”, “de vomecês”, “de vossemecês”, “dos senhores”³²⁵:

“A casa é de vocês, vocês é que sabem.”

“Os terrenos sã de vossemecês, logo farã-le o que entenderem.”

4.4.3. Demonstrativos

Por vezes, os pronomes “esse”, “essa”, “esses”, “essas” assumem, respectivamente, as formas “aquesse”, “aquessa”, “aquesses”, “aquessas”³²⁶, como se pode ver em:

“Aquesse nome nã m’ é estranho.”

“Aquessa casa é da mnha família.”

Os pronomes “este”, “esta”, “estes”, “estas” são substituídos por alguns falantes pelas formas “aqueste”, “aquesta”, “aquestes”, “aquestas”³²⁷, como ilustram os seguintes exemplos:

“Naquesta casa é qu’ mê criê.”

As formas invariáveis “isto”, “isso” e “aquilo”, em algumas localidades do concelho, alteram a última vogal para –e, passando a “iste”, “isse” e “aquile”³²⁸:

“Nã sê o que viste nisse, mas nã tem grande valor.”

“Aquile é o que temos!”

³²⁵ Cfr. BATISTA, 1967: 99; MATIAS, 1984: 169.

³²⁶ Cfr. BUESCU, 1961: 137.

³²⁷ Cfr. FLORÊNCIO, 2005: 61; BUESCU, 1961: 137.

³²⁸ Cfr. BATISTA, 1967, p. 100.

Quanto aos pronomes “aquele” e “outro”, devido à queda da vogal final, em algumas localidades, assumem, respectivamente, as formas “aquel” e “ôtre”:

“Aquel home é da mnha familia.”

“No ôtre dia, encontrê-te na Espanha.”

A redução também se verifica nos pronomes “mesmo”, “mesma”, “mesmos”, “mesmas”:

“Vamos sempre c’os memos companhêros.”

“É sempre a mêma cosa!”

No que diz respeito ao pronome demonstrativo “tal”, verifica-se uma alteração no seu plural; em vez de “tais”, usa-se a forma “tales”:

“Encontrê as tales toalhas na gaveta da cómoda.”

4.4.4. Relativos

De notar que os pronomes “cujo”, “cuja”, “cujos”, “cujas” não são usados neste falar.

Em próclise, o pronome “quem” assume a forma “qui”³²⁹:

“Ê nã sê qui andô aí a fazer precuras.”

A forma invariável “que”, devido a uma mutação vocálica, assume a forma de “qui”³³⁰:

“A Maria é a mnha irmã qui mora no Barrero.”

³²⁹ Cf. CARREIRO, 1948: 75; VASCONCELOS, 1987: 109.

³³⁰ Cf. VASCONCELOS, 1987: 109.

4.4.5. Interrogativos

Muito frequente neste falar é o uso do pronome interrogativo “qui” em substituição do invariável “que”:

“Qui queres p’ra comer?”

“Qui disse ele?”

“Qui l’hamos de fazer?”

4.4.6. Indefinidos

Os pronomes “alguma”, “algumas”, devido a uma síncope, correspondem às formas “al’ma”, “al’mas”³³¹:

“Al’ma vez ê fazia isse?”

Quanto aos pronomes “nenhum”, “nenhuma”, “nenhuns”, “nenhumas”, no falar de Marvão, surgem como “neum”, “neuma”, “neuns”, “neumas” e “nium”, “niuma”, “niuns”, “niumas”³³²:

“Fui à procura deles, mas ãa encontre neum home dos nossos.”

“Todos crím aquela cachopa, mas nium rapaz a levô.”

Também devido a questões de pronúncia, os pronomes “muito”, “muita”, “muitos”, “muitas” assumem as formas “munto”, “munta”, “muntos”, “muntas”. Em algumas localidades do concelho, as formas “munto” e “muntos” surgem como “munte” e “muntas”:

“Há munto tempo que ãa te via!”

“Há muntas meses que por aqui passem e nada dizem.”

“Fui ver como’tava a zêtona e encontrê lá munta fruta podre.”

³³¹ Cf. BATISTA, 1967: 101.

³³² Cf. CARREIRO, 1948: 76; BATISTA, 1967: 101; PAULINO, 1959: 144.

Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1987: 109.) considera a forma usada no Alentejo -“nim um”- como a forma primitiva ou restaurada.

A expressão “um par de” surgiu-nos como equivalente às formas “muito”, “muita”, “muitos”, “muitas”³³³:

“Fui ós tortulhos e encontrê um par deles.”

“Já hoje fui à lenha e carreguê com um par dela.”

Estes pronomes são ainda substituídos pelas expressões “uma data de” e “uma quantedéde de”³³⁴:

“Onte encontrê uma data de gente conhecida.”

“Fui ver as cabras e uma data delas já tinha saltado.”

“Há uma data d’anos qu’el aí nã vinha.”

“Encontrê uma quantedéde de gente na estrada.”

No que concerne ao pronome “qualquer”, verifica-se uma alteração para “calquer”, no singular, e, no plural, assiste-se a uma terminação diferente da existente na língua padrão. Em vez de “quaisquer”, utiliza-se a forma “caisqueres”³³⁵:

“Isso pode ser calquer cosa ruim.”

“Lá le disse caisqueres pachovédas e pronto.”

As formas “algum”, “alguma”, “alguns”, “algumas” são frequentemente substituídas pelas expressões “um poco”, “uma poca”, “uns pocos”, “umas pocas”³³⁶ ou seus diminutivos³³⁷:

“Fui ós agrions e troxe uns pocos cá p’ra casa”.

“Nã corte más coentros, quero só uns pocachinhos.”

“Esta manhã’tive a escolher zêtona e já limpê uma poca.”

³³³ Cfr. CARREIRO, 1948: 75.

³³⁴ Cfr. BATISTA, 1967: 102.

³³⁵ Cfr. BATISTA, 1967: 102; MATIAS, 1984: 170; ALEXANDRE, 1976: 143.

³³⁶ Cfr. BUESCU, 1961: 138.

³³⁷ Cfr. PAULINO, 1959: 145.

4.5. Formas de tratamento

No que diz respeito aos pronomes de tratamento de segunda pessoa, é usado o “tu” entre pessoas que são íntimas e com a mesma idade.

Quando alguém mais novo se dirige a uma pessoa mais velha, já o faz usando o “você”, o “vomecê”, “omecê”, o “vossemecei” ou “vossemecê”³³⁸. De notar que estas formas de tratamento são usadas, não só em função da idade do destinatário, mas também em função do respeito que se tem pelo interlocutor, das qualificações académicas ou do seu papel social, real ou pressuposto. A utilização destas formas de tratamento verifica-se frequentemente depois de um vocativo:

“Ó mãe, vossemecê³³⁹ ñã quer ir às compras?”

“Ó menina, vomecê ñã quer cá jantar?”

Quanto à forma de tratamento “a senhora”, “o senhor”, no falar de Marvão surgem três formas:

- ti³⁴⁰: “Ó ti Maria, abra-me lá a porta!”/ “Ti Manel, podemos colher’mas uvas?”;

- senhô: “Ó senhô João, deia-me lá o petrol.”/ “Ó senhô Ana, empreste-me lá essa cesta.”;

- dona: “Ó dona Clara, por favor, ñã s’incomode.”.

O uso de “ti”, “senhô³⁴¹” e “dona” está relacionado com o grau de à-vontade que se tem com o destinatário. Assim, emprega-se a primeira fórmula com quem estamos muito à vontade e esta é igual quer para o masculino, quer para o feminino. A segunda tem igualmente a mesma forma para o masculino e para o feminino e usa-se em relação a quem não conhecemos muito bem e com quem fazemos alguma cortesia. Já a terceira constitui uma forma de tratamento usada apenas no feminino e emprega-se em relação a

³³⁸ Cfr. CARREIRO, 1948: 77; MATIAS, 1984: 190; MEDEIROS, 1964: 59; SIMÃO, 1969: 53; BATISTA, 1967: 162; VASCONCELOS, 1987: 108.

A forma de tratamento “Vossa Mercê”, segundo CINTRA, 1986: 26., nos fins do século XIV, era tratamento real, mas nos finais do séc. XV era tratamento corrente para fidalgos e mesmo “para gente ñã tão altamente qualificada”. Esta tem evoluído ao longo dos séculos, sendo actualmente “você” a fórmula mais diminuta.

³³⁹ Quer a forma de tratamento “vossemecê”, quer “vomecê” são contracções da forma antiga “vossa mercê”.

³⁴⁰ Cfr. CARREIRO, 1948: 77; SIMÃO, 1969: 53; VASCONCELOS, 1987: 108.

³⁴¹ Cfr. MATIAS, 1984: 191; BATISTA, 1967: 162.

quem tem uma condição social superior, alguém que é importante na sociedade em que se está integrado. De notar que, neste terceiro contexto, se usa a fórmula “senhô” quando o destinatário é masculino e “dona”, quando é feminino.

Estas três fórmulas são usadas também no tratamento de terceira pessoa:

“A ti Catrina Inverna ‘tá doente.”/ “ O ti Joaquim anda a regar na horta.”

“A senhô Maria traz-me os reméidos de Portalegre.”

“A dona Iria era uma professora munto velhaca.”/ “A dona Alícia e o senhô João Sequêra sã pessoas munto leberales.”

Sendo os nossos informantes pessoas pouco letradas e residentes no meio rural, as figuras do professor, do juiz, do engenheiro, do médico, entre outras, ganham uma importância ainda maior do que no meio urbano. Como tal, quando se reportam a estas personalidades, os marvanenses reforçam esse apreço e esse respeito usando a expressão “o senhô”, “a senhô” ou até “o senhô dotor”, “a senhô dotora”:

“O senhô professor Olevêra tem aqui uma casa à renda.”

“O que é qu’ a senhô professora quer qu’ a gente le diga?”

“Ontem fui ó senhô dotor, porque tinha aqui ‘ma dor na perna.”

“Fui à cambra e o senhô engenheiro que m’ atandeu ajudo-me.”

“O senhô dotor juiz comprô aqui um préide.”

“O senhô padre hoje nã pôde vir dar a missa.”

No contexto familiar, quando a mulher se refere ao marido ou vice-versa, é frequente utilizar os possessivos: “o mê”, “a minha”³⁴²:

“O mê hoje anda lá pró Prêro.”

“A mnha foi aviar uns mandadinhos, mas já vem.”

Ainda em relação às formas de tratamento entre marido e mulher, é também muito recorrente o uso das expressões “o patrão”, “a patroa”:

“O patrão hoje nã tá cá, só vem amanhã.”

“A mnha patroa já’tá a fazer o almoço.”

³⁴² Cfr. MEDEIROS, 1964: 73; BATISTA, 1967: 163.

É igualmente frequente ouvir-se os maridos referirem-se às suas esposas como “a minha Maria”, independentemente dos nomes das senhoras.

Surgiu-nos ainda, esporadicamente, a forma “o mê senhor”, a propósito do marido.

Entre irmãos ou cunhados, usa-se ainda o tratamento de “mano” e “mana”³⁴³:

“A mana Rosa vem cá almoçar hoje.”

“O mano João ‘tá no hospital.”

De notar ainda o uso do pronome possessivo seguido do nome próprio quando se faz referência a familiares próximos:

“A nossa Carla teve agora um bebé.”

“A minha Rosa hoje à tarde deve bater aí.”

As formas de tratamento “padrinho” e “madrinha”³⁴⁴ são usadas pelos afilhados, mas também pelos enteados, constituindo para estes uma alternativa às formas “mãe” e “pai”.

No âmbito das relações familiares, são ainda de destacar as formas “compadre” e “comadre”³⁴⁵, usadas entre pais e padrinhos de uma criança ou entre os pais da mulher e os pais do marido.

A designação de comadre é ainda atribuída à parteira.

³⁴³ Cfr. MATIAS, 1984: 191, 192; VASCONCELOS, 1987: 104. O segundo autor apresenta este tratamento como característico do Alentejo e inclui um excerto de uma canção popular de Campo Maior, mas aí assume o sentido de “comadre”.

³⁴⁴ Cfr. MATIAS, 1984: 192.

³⁴⁵ Cfr. MATIAS, 1984: 193; SIMÃO, 1969: 53.

4.6. Verbos

4.6.1. Conjugações (Considerações gerais)

1ª Conjugação

Nos verbos de tema em –a, verifica-se frequentemente uma mutação da vogal temática de –a para –e, no Presente, nos Pretéritos Perfeito, Imperfeito e Mais-que-Perfeito do Indicativo, no Infinitivo, no Pretérito Imperfeito e no Futuro do Conjuntivo, como se pode constatar em:

“Hoje em dia cantem ´mas cantigas sem graça.”

“Aquelas rosêras piquem munto.”

“Anderem por lá uns anos e depôs voltarim p’ra terra.”

“As olevêras este ano derem poco.”

“Antes de les t’rér a cortiça, arderem nos sobrêros.”

“Aquelas festas ajuntévem sempre munta gente.”

“Antigamente samiévem munto más.”

“S’andessem com más saúde, levav’ós.”

“Se fechessim na porta, nã tinham frio.”

“S’andérim más devagar, eu acompanhe-vos.”

No Imperfeito do Indicativo, o –a- postónico sofreu uma alteração para –i-³⁴⁶:

“Andávimos a trabalhar de sol a sol.”

“Cantávimos à desgarrada p’los campos e tínhamos sempre boa disposição.”

“Erímos mais do que somos agora.”

As formas dos verbos terminados em –iar, por analogia com verbos terminados em –ear³⁴⁷, surgiram-nos com uma conjugação diferente da existente na língua padrão. Assim, em vez da terminação –ia, usa-se –eia:

Ele apreceia/remedeia/soceia/alumeia³⁴⁸.

³⁴⁶ Cfr. CARREIRO, 1948: 78.

³⁴⁷ Cfr. BATISTA, 1967: 106; CARREIRO, 1948: 79.

³⁴⁸ Cfr. PAULINO, 1959: 147; MEDEIROS, 1964: 65; SIMÃO, 1969: 49; VASCONCELOS, 1987: 117.

2ª Conjugação

Nos verbos de tema em –e, não registámos grandes alterações relativamente ao português padrão, à excepção do verbo “viver”³⁴⁹, o qual apresenta muitas diferenças no Presente do Indicativo:

Ê vivo/ tu véves/ ele véve/ nós vevemos/ eles vévem;vevim.

3ª Conjugação

No falar em estudo, deparámo-nos com algumas alterações em verbos desta conjugação.

Assim, ainda que não muito frequentes, surgiram casos de regularização em verbos com a alternância vocálica³⁵⁰:

“Ê cuspo” – “Tu cuspes” (cospes)

“Ê fujo” – “Tu fuges” (foges)/ “Fuge³⁵¹ depressa.” (foge)

“Ê sinto” – “Tu sintes” (sentes)/ “Sinte o ar frio.” (sente)

Ê minto³⁵²/tu mintes/ele minte/ nós mintimos/ eles mintim.

Ê minti/tu mintistes/ele mintiu/ nós mintimos/ eles mintirim.

Ê sinto, tu sintes/ ele sinte/ nós sintimos/ eles sintim.

Ê sinti, tu sintistes/ ele sintiu/ nós sintimos/ eles sintirim.

Ê consinto/ tu consintes/ ele consinte/ nós consintimos/ eles consintim.

4.6.2. Tempos e Modos (Considerações gerais)

Indicativo

³⁴⁹ Cfr. MATIAS, 1984: 176; BATISTA, 1967: 108; CARREIRO, 1948: 81; PAULINO, 1959: 149.

³⁵⁰ Cfr. MATIAS, 1984: 170; BATISTA, 1967: 107; PAULINO, 1959: 150.

³⁵¹ Cfr. CARREIRO, 1948: 82; MEDEIROS, 1964: 66.

³⁵² Cfr. BATISTA, 1967: 108; CARREIRO, 1948: 81.

Neste modo, além das alterações ao nível da desinência de pessoa, que mais a diante elencaremos, nos tempos que o integram, não se verificam diferenças muito significativas relativamente à norma.

Contudo; é de salientar que, no Pretérito Mais-que-Perfeito, se utiliza muito mais o tempo composto que o simples:

“Ê já te tinha visto, mas ã te disse nada.”

Já o Futuro do Pretérito³⁵³ é, por vezes, substituído pelo Imperfeito do Indicativo:

“Ê fazia isso se sôbessa qu’eles o criim.”

Quer o Futuro do Presente, quer o do Pretérito, quando conjugados pronominalmente, não apresentam mesóclise³⁵⁴, aliás, como se verifica em toda a linguagem popular:

“Quererá-nos dezer alguma cosa?” (querer-nos-á...)

“Darê-te o que puder, filha.” (dar-te-ei...)

“Verá-se o que se faz.” (ver-se-á...)

“Faria-me tanto jêto ganhar o totoloto.” (far-me-ia...)

“Sendo assim, darias-me isso quando?” (dar-me-ias)

Verifica-se frequentemente o uso da conjugação perifrástica em detrimento da simples e essa surge com diversos verbos auxiliares; nomeadamente, “andar”, “vir”, “ir”, “deixar”³⁵⁵:

“Andem-me a fazer mal estes comprimidos.”

“Viestes-me fazer uma vesita?”

“Fui-la contar as novedédes.”

“Dêxa-me ir trabalhar.”

“Dêxa-me ir já, senã faz-se de nôte.”

³⁵³ Classificação adoptada por CUNHA, 2006: 263.

³⁵⁴ Cfr. MATIAS, 1984: 172; BATISTA, 1967: 109 e 143; CARREIRO, 1948: 80; PAULINO, 1959: 167; VASCONCELOS, 1987: 122.

³⁵⁵ Cfr. MEDEIROS, 1964: 74.

De notar que, na conjugação perifrástica, verifica-se uma deslocação do clítico do verbo principal para o auxiliar³⁵⁶. Este é um fenómeno muito frequente no falar de Marvão e que também se está paulatinamente a difundir na norma.

Conjuntivo

A forma “supônhimus”, “sêjimos”, “díguimos” ilustram uma alteração da vogal no Presente, acompanhada de um recuo da acentuação³⁵⁷: a palavra passa de grave a esdrúxula. Mesmo os falantes mais novos e mais cultos, que não alteram a timbre da vogal (“supônhamos, sêjamos, díganos”), continuam a recuar a acentuação nesta forma verbal. Quando lhes é apresentada a versão normativa, reagem com espanto, o que prova a grande difusão do fenómeno.

Contudo, esta alteração da acentuação no Presente do Conjuntivo representa, de facto, uma excepção à tendência que se verifica neste falar, e em geral na linguagem popular portuguesa, para normalizar a estrutura silábica e a acentuação pelos modelos regulares: consoante, vogal, consoante, vogal e acentuação predominantemente grave.

No Imperfeito, o –sse altera-se para –ssa³⁵⁸:

“S’ê fossa mais nova...”

“Se tu sobessas ler, percebias as legendas.”

“S’ela nã na conhecessa, a ôtra tinh’á enganado.”

“S’a vissa sozinha, nã na conhecia.”

Imperativo

No que diz respeito à segunda pessoa do singular, não se verificam alterações neste modo, apenas na segunda do plural. Neste caso, além de uma terminação diferente, por vezes também se verifica uma alteração da vogal temática:

“Fazêde vocês isso.” (fazei vós)

³⁵⁶ Cfr. ALEXANDRE, 1976: 146, 147.

³⁵⁷ Cfr. CARREIRO, 1948: 78; BATISTA, 1967: 106; MATIAS, 1984: 172; VASCONCELOS, 1987: 112.

³⁵⁸ Cfr. BATISTA, 1967: 103.

“Cantêde você!” (cantai vós)

Gerúndio

Este tempo verbal apresenta flexão, sendo conjugado em todas as pessoas³⁵⁹:

“Ê andando/e; tu andandes; ele andando/e; nós andândimos/es; eles andandem/im.

“Em³⁶⁰/im andando doente, nã tenho paciência niuma!”

“Em acabandes esse trabalho, podes sair.”

O Gerúndio é também usado em vez do Infinitivo, quando este, na norma, é antecedido pela preposição “a”³⁶¹:

“Nã fequê sabendo a qu’ horas vinhim.” (Não fiquei a saber...)

“Com o nascimento do João, fecámos sendo comadres.” (... , ficámos a ser...)

Muitas vezes o Gerúndio é utilizado em substituição do Futuro do Conjuntivo, por isso também surge antecedido de vocábulos que normalmente antecedem esse tempo verbal:

“Und ‘ele vindo, começamos a comer.” (quando ele vier)

“Unde caindo, nã há nada a fazer.” (quando cair)

4.6.3. Conjugação reflexa

À semelhança do que sucede na linguagem popular portuguesa, no falar de Marvão, deparamo-nos com diversos verbos que admitem conjugação reflexa³⁶², quando na língua padrão são absolutos. São disso exemplo:

³⁵⁹ Cf. CARREIRO, 1948: 79; FLORENCIO, 2005: 72; MATIAS, 1984: 200.

³⁶⁰ É frequente a preposição “em” anteceder o emprego do gerúndio flexionado.

Esta característica foi registada como uma das mais vincadas do falar de Arronches em PAULINO, 1959: 167.

³⁶¹ Cf. MATIAS, 1984: 199; MEDEIROS, 1964: 75.

³⁶² Cf. PAULINO, 1959: 166; BUESCO: 1961: 153, 154; MATIAS, 1984: 201. A terceira autora considera que a intensidade deste fenómeno se pode dever a uma influência espanhola, já que no castelhano a reflexivação é muito comum.

dormir-se³⁶³ – “Durmo-me sempre no sofá antes d’ir p’rá cama.”;
descer-se³⁶⁴ – “Desci-me da carroça e vi-o logo.”
subir-se³⁶⁵ – “Subi-me pá cameneta num stênte.”
levar-se – “O gado levô-se toda a note inquieto.”/ “Ó rapaz, ê leve-me dos diabos.”;

encontrar-se – “Ê é que m'encontrê naquilo sozinha.”
invetér-se³⁶⁶ – “Invite-me de le comprar cosas, porque é munto carêro.”
talhar-se- “Q’ria fazer o quêjo, mas o lête talhê-se.”
dar-se³⁶⁷ – “Ê nã me dê conta que ‘tava a chover e dexê molhér a rôpa.”
esperar-se – “Espera-te lá! Q’ria-me enganar, mas ê nã dexê!”
assomar-se³⁶⁸ – “Assumê-me a ver s’o carro já tinha chegado.”

No caso dos verbos reflexos, é de referir ainda que por vezes há alterações na segunda pessoa do plural. A substituição do pronome pessoal “nós” por “a gente” origina o uso de um pronome reflexo também diferente:

“Cand’ a gente se detemos, passim nas dores.”

4.6.4. Pessoa

1ª pessoa do singular

Como já foi referido no capítulo referente aos aspectos fonético-fonológicos deste falar, na parte norte do concelho e na aldeia da Escusa, verifica-se uma alteração do –o [u] átono final, passando a –e [i], o que afecta muitas das formas verbais:

“Ê bêbe vinhe sempre ó almôce.”

“Ê prepare a merenda p’ra levar.”

Nas outras aldeias do concelho, não se verifica qualquer alteração neste contexto relativamente à norma linguística.

³⁶³ Cfr. CARREIRO, 1948: 84; BATISTA, 1967: 152.

O verbo “dormir”, quando empregado reflexamente, significa “adormecer”.

³⁶⁴ Cfr. CARREIRO, 1948: 84.

³⁶⁵ MEDEIROS, 1964: 73; BATISTA, 1967: 151.

³⁶⁶ Cfr. MEDEIROS, 1964: 73.

³⁶⁷ Cfr. BATISTA, 1967: 152.

³⁶⁸ Cfr. BATISTA, 1967: 152.

Sempre que as formas verbais terminam em ditongo, verifica-se uma monotongação³⁶⁹, à semelhança do que sucede noutras palavras:

“Ê andê munto atarefada esta manhã.”

“Nã sê o que derê amanhã ó senhô padre.”

2ª pessoa do singular

Por analogia com outras formas verbais, a segunda pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo termina em *-s*³⁷⁰:

“Nã sê o que é que le fezestes.”

“Comestes bem por lá?”

“Fostes sozinho o acompanhado?”

3ª pessoa do singular

Sempre que as formas verbais terminam em ditongo *-ou* [ow], verifica-se a monotongação³⁷¹, também característica da língua padrão:

“Ele andô sempre ó pé de mim.”

“Ela brincô comigo em gaiata.”

1ª pessoa do plural

À semelhança do que sucede noutras formas verbais, verifica-se uma diferença nas aldeias da parte norte do concelho e na aldeia da Escusa relativamente às demais no que diz respeito à terminação. Nas primeiras, a terminação é *-es* [iʃ], sendo nas outras *-os* [uʃ]:

³⁶⁹ Cfr. BATISTA, 1967: 103; MATIAS, 1984: 171; VASCONCELOS, 1987: 110.

³⁷⁰ Cfr. BATISTA, 1967: 103; MATIAS, 1984: 172; ALEXANDRE, 1976: 144; VASCONCELOS, 1987: 111.

³⁷¹ Cfr. BATISTA, 1967: 104; VASCONCELOS, 1987: 111.

[ẽdẽmizũpókɛlɛkádɨʃ] (Andamos um pouco alacados.)

[nózẽdẽmuzũpókɛlɛkádɨʃ] (Nós andamos um pouco alacados.)

2ª pessoa do plural

Tal como se verifica em todo o Alentejo, esta forma nunca foi usada pelos nossos informantes e mesmo os falantes mais jovens e com um grau académico superior pouco a utilizam, sendo substituída pela terceira pessoa do plural³⁷². Contudo, alguns idosos conjugam o verbo na segunda pessoa do plural, usando formas verbais arcaicas:

“É p’ra aprendêrindes.”

“Vocês, quantas vezes breguêrindes jé?”

“Vocês ganhêdes poco, mas ainda fazêdes menos.”

“Hoje ñã fôrindes lá de prepóseto.”

“Vocês sedes capaz de ir.”

“Ñã virindes a chegada deles?”

De notar que esta característica, ainda que também tenham surgido alguns exemplos nas aldeias de Escusa e Porto da Espada, marca de forma mais vincada os falantes da parte norte do concelho, nomeadamente, Vale de Ródão, Cabeçudos, Barretos, Beirã... Alguns falantes usam a forma “vocês” conjugada como a 3ª pessoa do plural: “Vocês devem partir cedo.”/ “Vocês andim depressa, por isso ñã vos acompanho.”.

3ª pessoa do plural

A terminação dos verbos na terceira pessoa do plural alterna entre –em e –im³⁷³ em vez de -am:

“Eles abalavim sempre cedo.”

“Os mês filhos aprandêrim menos mal.”

³⁷² Cfr. BATISTA, 1967: 105; VASCONCELOS, 1987: 113.

³⁷³ Cfr. BATISTA, 1967: 106; CARREIRO, 1948: 78; MEDEIROS, 1964: 64; VASCONCELOS, 1987: 114.

“Elas erim as más velhas e, por isso, forim sozinhas.”

“Nessa altura ajuntévem munto denhêro.”

“Eles andem por aí ós caídos.”

“Eles forem de carro e andérem por lá um mês.”

A forma verbal “deiam” dá conta de uma dissimilação, acompanhada por epêntese de semivogal [déẽ]>[déjẽ].

4.6.5. Verbos especiais

Andar

O verbo “**andar**” destaca-se no contexto da classe verbal por ser um verbo muito vulnerável a alterações. De todos os verbos aqui enunciados, é este o que mais mutações vocálicas sofre, apresentando diferentes formas de conjugação. Por exemplo:

Presente: ando/ande; andas; anda; andamos; andem.

Pretérito Perfeito³⁷⁴: andê; andestes; ando; andemos; anderem/anderam/anderim.

andive³⁷⁵; andvestes; andeve; andvémos;
andveram/andvérem

Como já referimos, no Pretérito Imperfeito do Indicativo, surgiu a forma “andávimus”.

Dar

No Presente do Conjuntivo, são usadas as formas “deia”³⁷⁶, “deias”, “deia”, “dêiamos”, “dêindes”, “deiam”³⁷⁷.

³⁷⁴ Cf. MATIAS, 1984: 173; PAULINO, 1959: 147; VASCONCELOS, 1987: 115. Este autor considera que esta forma se utiliza por analogia com o verbo “estar” (estive).

³⁷⁵ Cf. FLORÊNCIO, 2005: 67.

³⁷⁶ Cf. FLORÊNCIO, 2005: 68; BUESCU, 1961: 140.

³⁷⁷ Cf. MATIAS, 1984: 173; BATISTA, 1967: 110; MEDEIROS, 1964: 65.

Estar

De destacar a supressão da sílaba inicial deste verbo em muitos dos tempos verbais³⁷⁸, nomeadamente:

Presente do Indicativo: tô, tás, tá, tamos, tão.

Pretérito Perfeito Simples³⁷⁹: tive, tevestes, teve, tivemos, tiverim/teverem

Pretérito Imperfeito do Indicativo: tava, tavas, tava, távamos/távimes, tavim/tavem.

Futuro Imperfeito do Indicativo: tará, tarás, tará, taremos, tarã.

Condicional Presente: taria, tarias, taria, taríamos, tariim.

Haver

Em Marvão, este verbo só é usado como verbo auxiliar e na conjugação “haver de”, indicativa de obrigatoriedade. Neste contexto, verificam-se alterações relativamente à língua padrão³⁸⁰, pois, em algumas pessoas, a partícula –de é considerada parte integrante do verbo e surge aglutinada, recebendo as desinências pessoais do verbo:

“Parece qu’hê-de ter de lá voltar.”

“Há-des cá vir a casa.”

“Ele há-de voltar a casa, se Dês quesser!”

“Qui l’ hamos de fazer?”

“Vocês hê-des bater cos cornos uns nos outros.”

“Como é qu’o hadem pedir?”/ “Hádem-no pagar os meus filhos.”

“Nunca havindem de ter dado esta largueza.”

Como participio passado, são usadas as formas “havido” e “havisto”³⁸¹:

“Tem havido festa na Escusa.”

“Nã tinha havisto missa.”

³⁷⁸ Cfr. MATIAS, 1984: 173; MEDEIROS, 1964: 64; VASCONCELOS, 1987: 115.

³⁷⁹ Cfr. PAULINO, 1959: 151.

³⁸⁰ Cfr. BATISTA, 1967: 109; CARREIRO, 1948: 82; PAULINO, 1959: 150; FLORÊNCIO, 2005: 68; BUESCU, 1961: 140; MEDEIROS, 1964: 64, 65; VASCONCELOS, 1987: 116.

³⁸¹ Cfr. ALEXANDRE, 1976: 144.

Ir

Na segunda pessoa do singular do Presente do Indicativo, devido à monotongação, “vais” passa a “vás”³⁸². No Presente do Conjuntivo, nas três pessoas do singular, verifica-se uma possível interferência da língua espanhola, sendo as formas: “vaia”³⁸³, “vaias” e “vaia”.

Ouvir

De destacar somente o uso do Particípio Passado “ôvisto”³⁸⁴, que alterna com “ôvido”.

Ser

No Presente do Indicativo, na terceira pessoa do plural, surgem as formas “sêmos” e “samos”, por analogia com “temos” e “estamos”³⁸⁵.

Também na conjugação com “vocês” surgiram duas formas que se afastam da norma: “sêdes” e “sêrindes”.

Presente do Indicativo: “Vocês sêdes capaz de fazer isso.”

Infinitivo: “Nã tenho culpa de vocês sêrindes todos iguais.”

Compostos de ter

No Pretérito Perfeito do Indicativo, estes verbos são conjugados como regulares e não como o irregular que está na sua origem³⁸⁶:

Ê entreti-me (entretive-me); tu entreteste-te (entretiveste-te); ele entreteu-se (entreteve-se); nós entretêmo-nos (entretivemo-nos); eles entreteram-se/entreterim-se (entretiveram-se).

³⁸² Cfr. MATIAS, 1984: 174.

³⁸³ Cfr. CARREIRO, 1948: 83.; MEDEIROS, 1964: 66.

³⁸⁴ Cfr. MATIAS, 1984: 175; CARREIRO, 1948: 83; ALEXANDRE, 1976: 143; SIMÃO, 1969: 50.

³⁸⁵ Cfr. BATISTA, 1967: 113; ALEXANDRE, 1976: 143.

³⁸⁶ Cfr. BATISTA, 1967: 109; MEDEIROS, 1964: 64.

4.6.6. Perífrases gramaticais

Muitos verbos são substituídos por combinatórias fixas, que registamos no capítulo seguinte deste estudo e das quais aqui citamos alguns exemplos:

- “apanhar uma prua” (embebedar-se);
- “armar uma mintira” (mentir);
- “armar-se de gadelha” (brigar);
- “arriar o calhau” (defecar);
- “coçar os carraços” (bater);
- “dar a mão de amigo” (cumprimentar);
- “dar ó lambarão” (conversar);
- “dar de corpo” (defecar);
- “espavilar as botas” (apressar-se);
- “fazer cera” (vadiar);
- “fazer flor” (gabar-se);
- “ir à murelha” (defecar);
- “ir pó penico” (estragar-se);
- “ser amante de” (gostar, apreciar)
- “subir o cascalho”³⁸⁷ (irritar-se).

4.7. Advérbios e locuções adverbiais

4.7.1. Tempo³⁸⁸

adiante – a seguir (“Agora ñã m’alembro, mas adiante já le digo.”)

antão³⁸⁹ – então (“Tava à espera, antão é que me lambrê que vinhim más tarde.”)

aquase – quase (“Aquase à note é que chegô.”)

cunde – quando (“Cunde veio já vinha doente.”)

depôs – depois (“A parede caiu já depôs d’ê ter saído.”)

³⁸⁷ Cfr. ALEXANDRE, 1976: 147.

³⁸⁸ Cfr. BATISTA, 1967: 115.

³⁸⁹ Cfr. MATIAS, 1984: 178.

di – então (“Di lá dormia.”)

entre – durante, ao longo de (“Entre o dia, faço isso.”)

entrementes – entretanto (“Entrementes a ver se chega alguém.”)

inda³⁹⁰ – ainda (“Inda vens ou nã?”)

jé – já (“Jé tratastes do gadinho?”)

logo/logue – logo (“Logo vemos isso.”)

ô – quando (“Ô a arranjandem, já a posso usar.”)

ôdepôs³⁹¹ – depois (“Odepôs, saiu ele.”)

onde – quando (“Onde fzer 18 anos, tira as cartas.”)

ontonte³⁹² – anteontem (“Inda ontonte assê um magusto.”)

sempe – sempre (“Sempe cá bateu.”)

unde – quando (“Und’ele vindo, já podemos ir.”)

undepôs – depois (“Undepôs começô a chover.”)

voltêmea – de vez em quando (“Voltêmea tenho d’ir ao médeco ver como tá isto.”)

à maré – por volta de, por ocasião de (“Este serviço só se faz à maré do sol posto.”)

a poder de tempos – com o passar dos tempos (“A poder de tempos, tudo volta a ser com’ era.”)

al vezes – às vezes (“Al vezes nã tanho apetite.”)

antes dontem³⁹³ – anteontem (“Antes dontem fui à cedéde.”)

aqui há tempos – há algum tempo atrás (“Aqui há tempos, encontrê-o no mercado.”)

daqui ni a nada – dentro de pouco tempo (“Daqui ni a nada vem i a Primavera.”)

d’arrepenete – de repente (“Aparcê-me ali d’arrepenete qu’até m’assustê.”)

di nada – daí a pouco (“Já le telefonámos, di nada tá aí.”)

em menos de nada – em breve (“Em menos de nada tá aí a Páscoa.”)

inda banão³⁹⁴ – entretanto; de vez em quando (“Tava mesm’ó pé dele, inda banão é qu’ o vi.”)/(“Inda banão bate aí a fazê uma vesita.”)

³⁹⁰ Cfr. PAULINO, 1959: 152.

³⁹¹ Cfr. MATIAS, 1984: 179.

³⁹² Cfr. PAULINO, 1959: 152; MATIAS, 1984: 179. Nesta segunda obra, o advérbio registado apresenta uma nasalização final, sendo registado como “ontontem”.

³⁹³ Cfr. MATIAS, 1984: 178.

ma vez – uma vez (“Só ma vez é que lá me perdi.”)
na mesma correnteza – a seguir (“Fez o serviço na mesma correnteza.”)
ó cabo de – ao fim de (“Ó cabo do ano, tenho d’ir pagar a renda.”)
outro dia – noutro dia (“Venha cá outro dia.”)
passado amanhã – depois de amanhã (“Vô trabalhar ôtra vez passado amanhã.”)

4.7.2. Lugar³⁹⁵

adonde³⁹⁶ – onde (“Adonde dêxo o carro?”)
aonde³⁹⁷ – onde (“Aonde é que ‘tão os canastros?”)
arriba³⁹⁸ – acima (“Íamos daqui por í arriba.”)
diente – diante (“Diente deles nada dzia.”)
donde – onde (“Nã sê pra donde foi.”)
i – aí (“Isso há i po todo lado.”)
pertechinho³⁹⁹ – pertinho (“Eles morim aqui pertechinho.”)

da donde – de onde (“Nã sê da donde veio tanta gente.”)
de roda – à volta (“And’ali uma galinha cos pintos de roda.”)
ô abaxo – ao abaixo (“Ô abaxo, todos os santos ajudem.”)
ô acima – ao acima (“Ô acima, custa más.”)
pid’abaxo – por aí abaixo (“Marcho-se ali pid’abaxo, nunca más o vi.”)
pid’acima – por aí acima (“I pid’acima o que mais há é balsêrons.”)
por lem – por além (“Por lem passêdes melhor.”)
por li⁴⁰⁰ – por ali (“Andê por li a ver de tartulhos, mas nã achê nada.”)
por qui – por aqui (“Chega por qui cada lafaruso!”)

³⁹⁴ *Id., Ibid.*. Nas localidades estudadas por esta autora há uma ligeira diferença nesta locução adverbial, sendo esta registada como “inda bem não”.

³⁹⁵ Cfr. BATISTA, 1967: 117.

³⁹⁶ Cfr. MATIAS, 1984: 177. Esta autora alerta para a semelhança desta forma com a espanhola “adonde”.

³⁹⁷ Cfr. BUESCU, 1961: 141; MEDEIROS, 1964: 68. Além desta forma, nestas obras também está registada a forma “adonde”, sendo ambas usadas em vez do advérbio “onde”.

³⁹⁸ *Id., Ibid.*

³⁹⁹ Cfr. PAULINO, 1959: 153.

⁴⁰⁰ Cfr. PAULINO, 1959: 153. Em Arronches, verifica-se uma pequena diferença: “pró ki”, “pró li”.

4.7.3. Quantidade⁴⁰¹

aquase – quase (“Aquase que nã chegava a comida.”)

manêras – um pouco (“Ele também sabe ler manêras.”)

más⁴⁰² – mais (“Nã quero ter más problemas.”)

mui⁴⁰³ – muito (“Ela é mui rija!”)

mum⁴⁰⁴ – muito (“Ele é mum feio!”)

munto⁴⁰⁵/munte – muito (“Hoje teve munto calor.”)

pocachinho⁴⁰⁶ – poucochinho (“Antigamente, ganhávimos pocachinho.”)

sequer – pelo menos (“Vã sequer buscar o pão.”)

tã – tão (“Nã andes tã depressa, senã cais.”)

à barba longa – com abundância, à farta (“A comida aqui é à barba longa.”)

a rodos – em abundância (“Lá em casa tenho disto a rodos.”)

os/as más de – a maioria de (“Os más deles nã aparecim.”/ “Nã podia fazer as más das cõsas.”)

um atório de – (“Já hoje lavê um atório de ropa.”)

um poder de – uma quantidade de (“Nã se pode ir lá às compras, lá é tudo um poder de denhêro.”)

uma talêgada de – uma boa quantidade de (“Durante o curso, preguê-le uma talêgada de mintiras.”)

4.7.4. Modo

antes – preferencialmente (“Comes antes o pêxe, qu’ê com’a carne.”)

⁴⁰¹ Cfr. BATISTA, 1967: 119, 120.

⁴⁰² Cfr. PAULINO, 1959: 153; MATIAS, 1984: 178; FLORÊNCIO, 2005: 69.

⁴⁰³ Cfr. MATIAS, 1984: 180. Este advérbio assemelha-se à forma espanhola “muy”.

⁴⁰⁴ Cfr. FLORÊNCIO, 2005: 69; BUESCU, 1961: 141. Contudo, nesta segunda obra, é considerado um fenómeno pouco frequente em Monsanto.

⁴⁰⁵ Cfr. MATIAS, 1984: 180; FLORÊNCIO, 2005; VASCONCELOS, 1987: 118. Segundo este autor, as alterações neste advérbio explicam-se com a tendência que há na língua para simplificar o ditongo –ui, quer seja oral, quer seja nasal.

⁴⁰⁶ Cfr. MATIAS, 1984: 180.

descontravontade⁴⁰⁷ – sem vontade, contrariado (“Fui ó almoço, mas descontravontade.”)

natralmente – naturalmente (“Natralmente, nã me conhecias.”)

onde – como, de que modo (“Onde é qu’ê al’ma vez podia fazer isso?”)

à boca chea – sem medo, sem vergonha (“Tem andado i a dzer à boca chea que nã tem medo.”)

a butos – a pé (“Fui p’a casa a butos.”)

à carga cerrada – sem peso nem medida (“Ele comprô a mercadoria à carga cerrada.”)

a cavalo – de meio de transporte (“Trouvéramos a cavalo.”)

à larga – à vontade, sem controlo (“Ela anda à larga lá pra Lisboa.”)

à soquepa – à socapa, às escondidas (“Ele fez tudo à soquepa.”)

à torna baldia – desordenadamente (“Nã ove ninguém, anda prá i à torna baldia.”)

a troco de pontapé – à força, sob o efeito de violência física (“A minha irmã só ia à escola a troco de pontapé.”)

às atenças de – à custa de (“Às atenças do vinho do Rosal, o do Prêro era bom.”)

assim com’assim⁴⁰⁸ – é da maneira que (“Assim com’assim, já tamos despachados.”)

assim e assado – de uma maneira ou de outra (“Podes fazer isso assim e assado.”)

com’o cão por corda – contrariadamente (“Têm andado aí com’o cão por corda.”)

d’alta que salta – de forma inconstante, sem sítio certo (“Ande todo o dia d’alta que salta.”)

debalde⁴⁰⁹ – em vão (“Viemos debalde.”)

de má mente⁴¹⁰ – de má vontade (“Fez isso de má mente, por isso fecô tudo mal.”)

⁴⁰⁷ Cfr. BATISTA, 1967: 118.

⁴⁰⁸ Cfr. PAULINO, 1959: 152.

⁴⁰⁹ Este advérbio, ainda que exista na norma, está a cair em desuso.

⁴¹⁰ Cfr. BUESCU, 1961: 141.

de rapa terrão – à pressa, sem concentração (“Andô a fazer aquel serviço de rapa terrão.”)

de regangão – de rastos (“Agarrarim nele e levárim-no de regangão.”)

de três em pipa – abundantemente (“Levô porrada de três em pipa.”)

de vontade – a gosto (“Isso tem de ser de vontade, senã ñã resulta.”)

entre pés – ante pé (“Descia as escadas entre pés, entre pés.”)

intremédes – por intermédio de (“A Zabel entrô pra lá intremédes dele.”)

más bem – antes (“Más bem quero morrer ca ver isso.”)

numa traça – ansiosamente (“Tenho andado numa traça sem saber como estão pra lá as cósas!”)

ó Dês dará⁴¹¹ – ao abandono (“O cãzinho ando aí ó Dês dará, mas nós demos-le comida.”)

ó patalô – de forma desengonçada (“Vi-o ali passar a correr ó patalô.”)

tal ó quêi – mais ou menos, assim assim (“Ê andava tal ó quêi.”)

4.7.5. Negação

ñã⁴¹² – não (“Ñã tás bem aqui?”)

num⁴¹³ – não (“A gente num fica sem ela.”)

nim – nem (“Ñã gozas nim descansas.”)

Em frases negativas, é usual usar-se “na”⁴¹⁴ (não):

“– Parece-me que foste tu!...”

“– Na, ñã sê de nada.”

Com o sentido de “nunca”, “jamais” ouvimos também a expressão: “Quando o sobrêro temprar e o lorêro der cortiça.”

⁴¹¹ Cf. PAULINO, 1959: 152.

⁴¹² Cf. MATIAS, 1984: 181; BATISTA, 1967: 121.

⁴¹³ Cf. VASCONCELOS, 1987: 118, 122.

⁴¹⁴ Cf. PAULINO, 1959: 153.

4.7.6. Afirmação

O advérbio mais frequente é o “sim”, usado isoladamente ou acompanhado das palavras “senhor” ou “senhora”, caso se faça alguma cerimónia com o interlocutor:

“-Viestes de carro?”

“- Sim.

“- Já mora aqui há munto tempo?”

“ – Sim, senhora!”

Para expressar a afirmação, surgiram ainda:

pôs⁴¹⁵ –pois (“Pôs, concorde contigo.”)

de certo – certamente (“Ele de certo ã vem.”)

sim dúveda – sem dúvida (“Sim dúveda que é que fequestes bem nas partilhas.”)

4.7.7. Dúvida

natralmente – possivelmente (“Natralmente ã há quem no quêra comprar.”)

4.7.8. Inclusão

Tamém/tamãe – também (“Ê tamãe quero ir.”)

⁴¹⁵ Cf. FLORÊNCIO, 2005: 73. Segundo esta autora, Leite de Vasconcelos chegou mesmo a referir que “os alentejanos têm sempre na boca a palavra *pois* para exprimirem afirmação.”
Cf. BUESCU, 1961: 141. Contudo, em Monsanto, este advérbio ã apresenta monotongação, sendo registado como “pois”.

4.7.9. Exclusão

fora – excepto (“Que gande filho da púcara, fora a mãe que nã tem culpa.”)

fora parte – à parte (“Pagávi-mos os dias fora parte do mês.”)

4.7.9. Outros

No que diz respeito aos advérbios, destacamos ainda os interrogativos “porquê” e o “por que”, que, no falar de Marvão, devido à metátese característica da oralidade, nos surge como “proquei”.

“A menina escreve tude o quê digue, proquei?”

“E pro que será?”

Outra locução adverbial de designação muito usual é “pri xemple” (por exemplo), usada frequentemente quando se inicia uma explicação:

“Pri xemple, ê só me lavo com sabã azul!”

De notar que esta locução adverbial alterna com as formas verbais “supomos/suponho”, utilizadas exactamente no mesmo contexto:

“Supomos, o burnil do macho é atado por baxo.”

Quando se quer esclarecer melhor algo, é frequente utilizar-se a locução adverbial “a bem dzer”:

“A bem dzer, est’ano a zêtona é pôca.”

4.8. Preposições e locuções prepositivas⁴¹⁶

ã – em (“Ã comendo este prato, tô despachada.”)

ca – com + a (“Ca temperatura que tá, nã podemos sair da sombra.”)

⁴¹⁶ Cfr. BATISTA, 1967: 122.

co – com+o (“Tive co Manel esta tarde.”)

cum – com+um (“Cum tempo destes nã vás trabalhar!”)

cuma – com+uma (“Nã posso cuma gata po rabo.”)

im – em (“Lá im casa tá tude doente!”)

inté – até (“Ela chega inté onde for preciso.”)

más⁴¹⁷ – com (“Costumo ir más a mnha irmã.”)

ô – a+o (“Jé fostes ô pão hoje?”)

pa – para (“Ele foi pa casa já.”)

pá – para+ a (“O mê Manel foi pá taverna.”)

pa – por +a (“Vamos pa Páscoa.”)

pid – por +aí (“Ele marchô sozinho pid acima.”)

pó – para + o (“O gadinho já saiu pó campo.”)

po – por + o (“Teverim cá po Carnaval.”)

pro – por (“Vam entrando pro vez.”)

sim – sem (“Fquê sim denhêro.”)

unde⁴¹⁸ – em (“Unde indo bêbado, dêta-se logo.”)

a poder de⁴¹⁹ – à força (“Só o pusérem lá a poder da força de braços.”)

à roda de – em volta de (“Neste tempo, só à rosa do lume é que se tá bem.”)

caminhe de – em direcção a (“Marcha-te caminhe de casa, nã me consumas!”)

em ar de – de modo a (“Podes mexer, mas em ar de nã partir.”)

im/em lugar de – em vez de (“Im lugar de m’ajudares, inda me carregastes más!”)

na companha de⁴²⁰ – em companhia de (“Nã te preocupes, qu’ê vô à rua na companha do mê filho.”)

ó pé de – junto a (“Ó pé da mnha casa há muntos tortulhos.”)

⁴¹⁷ Cfr. PAULINO, 1959: 154; BUESCU, 1961: 142; MEDEIROS, 1964: 68.

⁴¹⁸ Cfr. CARREIRO, 1948: 88.

⁴¹⁹ *Id.*: 87.

⁴²⁰ Cfr. MATIAS, 1984: 182.

4.9. Conjunções e locuções conjuncionais

4.9.1. Coordenativas

Copulativas

más⁴²¹ – e (“Ê más o mê homem fquemos em casa.”)

nim – nem (“Nã quer ‘tar em Lesboa nim co partim!”)

tamãe – também (“Ê tamãe lá ‘tive ontontem.”)

Adversativas

ma – mas (“Andemos à pressa, ma même assim nã acabámos.”)

Disjuntivas

ô – ou (“Queres branco ô tinto?”)

nim...nim – nem...nem (“Nim comim, nim se despachim.”)

4.9.2. Subordinativas

Temporais

cande – quando (“Cand’ a gente se detemos, passim nas dores.”)

conforme⁴²² – assim que, logo que (“Conforme chegô, começô a beber.”)

enquanto/inquanto – enquanto (“Inquante nã s’embubedô, nã descansô.”)

entrementes⁴²³ – entretanto. (“Vai pondo a mesa, entrementes eles cheguem.”)

unde – quando (“Unde se secande a fonte, bebemos água da rede.”)

⁴²¹ Cfr. PAULINO, 1959: 154; CARREIRO, 1948: 86.

⁴²² Cfr. BUESCU, 1961: 143.

⁴²³ Cfr. BUESCU, 1961: 143; MEDEIROS, 1964: 70.

dendes que⁴²⁴ – desde que (“Dendes que trabalha fora, tá melhor.”)
quand’ é que⁴²⁵ – quando (“Quand’ é que abalim?”)

Concessivas

embora/ imbora – embora (“Embora pareça mal, vô à mêma.”)

ambora que – embora, ainda que (“Embora qu’haja aqui munta gente, pôcos ajudem.”)

antes que⁴²⁶ – ainda que (“Antes que tenhas razão, devias-te ter calado.”)

même que – mesmo que (“Même que ã quêras, tens de provar.”)

Causais

pôs – pois

proque – porque (“Tá cansade proque andô tôd’o dia a trabalhar.”)

se – visto que (“Para qu’andê a trabalhar s’ê ã passo da cepa torta!?”)

derivado a⁴²⁷ – devido a (“Derivado a ter casado, dexê de trabalhar no campo.”)

derivedo a – devido a (“Nã me dê cabo dele derivédo a ê chegar tã depressa.”)

na volta de⁴²⁸ – por causa de (“Na volta de ter andado de roda do presedente, lá conseguiu emprego.”)

pa munde de – por causa de (“Ando na fisotrapia pa munde da dor que tenho na perna.”)

por monde⁴²⁹ – por causa de (“Por monde o calor, põe o chapéu na cabeça.”)

por munde – por causa de (“O mê marido ã pode por munde os diabetes.”)

⁴²⁴ Cfr. PAULINO, 1959: 155.

⁴²⁵ Cfr. CARREIRO, 1948: 86.

⁴²⁶ Cfr. CARREIRO, 1948: 86; MEDEIROS, 1964: 70. De notar que, no falar Micaelense, esta locução surge como “entes que”.

⁴²⁷ De notar que esta locução é muito usada também pelas gerações mais jovens e com um grau académico mais elevado. Além do seu uso na oralidade, verifica-se também na escrita com muita frequência.

Cfr. MEDEIROS, 1964: 69.

⁴²⁸ *Id.*: 183.

⁴²⁹ Cfr. PAULINO, 1959: 155. A autora registou uma fórmula muito semelhante – “prumôdi”.

Consecutivas

bonda que – de modo que (“Bonda que fui operado primeiro a este péi”).

com que – de modo que (“Com que vim de lá e fiz o que tinha planeado.”)

de manêra(s)que⁴³⁰ – de maneira que (“De manêras que tive qu’ir trabalhar ó domingo.”)

de monda que – de modo que (“Tava a chuvenhér, de monda qu’inda me molhê.”)

Condicionais

a menos que – a não ser que (“Toma essa parte pra ti, a menos que tu nã quêras.”)

quando não⁴³¹ – senão (“Tive de me despachar, quando não molhêva-me.”)

Comparativas

ca⁴³² – que (“Ele é más mêgue ca ela.”)

conforme⁴³³ – conforme, assim (“Conforme for o toque, é o balho.”)

a modos que – como que (“Nã dás despacho, a modos que tás engadanhado!”)

como tamãe – bem como (“Ele é mê primo, como tamãe é mê compadre.”)

é como que⁴³⁴ – parece que (“É como que fossim irmẽuns.”)

Integrante⁴³⁵

ca – que+a (“Ôvi dezer ca Mari Zêi tava doente.”)

co – que+o (“Espero co ano corra bem!”)

⁴³⁰ Cfr. PAULINO, 1959: 155; MEDEIROS, 1964: 70.

⁴³¹ Cfr. CARREIRO, 1948: 86.

⁴³² Cfr. BUESCU, 1961: 143; CARREIRO, 1948: 86; MEDEIROS, 1964: 70.

⁴³³ Cfr. BUESCU, 1961: 143.

⁴³⁴ Cfr. CARREIRO, 1948: 86.

⁴³⁵ Esta conjunção, sempre que vem seguida de um artigo definido ou indefinido, aglutina-se, dando origem a: co, ca, cos, cas, cum, cum, cuns, cumas.

cum – que+um (“Quero cum desses seja pra mim.”)

Finais

pa que – para que (“Pa que queres isso?”)

ainda assim não⁴³⁶ – para que não (“Toma esse xarope ainda assim nã piores.”)

4.10. Interjeições e expressões interjectivas⁴³⁷

Admiração

ah! (“Ah! Que belo menino!”)

anda!⁴³⁸ (“Anda! Ele lá vai dando as suas voltinhas!”)

basta que sim!⁴³⁹ (“Comprárim nessa casa! Basta que sim!”)

basta! (“Basta qu’andas doente!”)

boooo! (“Boooo! Aquilo é qu’era uma festa!”)

buuu! (“Esta fala aqui da Escusa é uma fala tipo trovoada. Buuu!”)

destó! (“Destó! Que grande carro tens agora!”)

eia! (“Eia! É precise tante!?”)

êlha lá!⁴⁴⁰ (“Êlha lá! Todo bem arranjadinho!”)

oh! oh! (“Oh! Oh! Isso é que é conversa!”)

tchi!⁴⁴¹ (“Tchi! Tanta gente!”)

ai, Mãe Santíssema! (“Preguê-le tanta mintira, ai, Mãe Santíssema!”)

aquilo era mas é bom! (“Ontem provê o vinho novo do Prado. Aquilo era mas é bom!”)

eh conho! (“Eh conho! Tás más gordo!”)

⁴³⁶ Cfr. CARREIRO, 1948: 86.

⁴³⁷ Cfr. BATISTA, 1967: 128 e sgs.

⁴³⁸ Cfr. MATIAS, 1984: 183.

⁴³⁹ Cfr. BUESCU, 1961: 143. Em Monsanto verifica-se uma ligeira diferença – “bastas que sim”.

⁴⁴⁰ Cfr. BUESCU, 1961: 144.

⁴⁴¹ Cfr. CARREIRO, 1948: 93. De notar que em Nisa esta interjeição tem uma pronúncia ligeiramente diferente – “xi”.

essa é qu'ela éi! (“Érimus todos munto amigos, essa é qu'ela éi!”)

essa é qu'ela foi gorda! – essa é que foi boa! (“A mê do almoço, foi tudo tomar banho pó rio! Essa é qu'ela foi gorda!”)

pera-te aí! – tal é! (“Esse valor? Péra-te aí!”)

sã más do cas benditas almas! – que grande quantidade! (“Pensê d'ir ó almoço da Santa Casa, mas nesse dia sã más do cas benditas almas!”)

tal é! (“Tal é a fescata!”)

toma sentido! (“Toma sentido! Do que se havia de lembrar!”)

toma-te lá! (“Toma-te lá! Parecia que era parvo e agora anda de Mercedes!”)

Desejo

Dês a terra lhe seja leve com' ó castelo de Marvão! – expressão utilizada quando morre uma pessoa má (“Já morrê o Mil Homens. – Dês a terra lhe seja leve com' ó castelo de Marvão!”)

Dês a terra lhe seja leve! – expressão utilizada quando alguém bom morre (“Morrê a ti Mari da Cruz! – Dês a terra lhe seja leve!”)

Dês le perdoe! – expressão proferida sempre que é referido alguém que já faleceu (“Ele é o marido da falecida Mari Zabel, Dês le perdoe!”)

Dês quêra que sim! (“Amanhã resolvo esse assunto. Dês quêra que sim!”)

isso é qu'era de valor! – Isso sim tinha mérito! (“Se queres, posso-te ajudér. – Isso é qu'era de valor!”)

que Dês tem/tenha! – expressão utilizada com muita frequência, quando é referida uma pessoa que já faleceu (“O mê pai, que Dês tem, andava sempe bêbado!”/ O Sr. Rui, que Dês tenha, era um bom patrão!”)

que no céu esteja – expressão proferida cada vez que se fala numa pessoa que já faleceu (“A minha mãe, que no céu esteja, é que fazia isto.”)

tomara que... – oxalá (“Tomara que me saísse a lotaria!”)

Aflição

ai, Mãe Santíssima!⁴⁴² (“Ai , Mãe Santíssima! O qu’ma havia d’acontecer!”)

Jasus me valha!⁴⁴³ (“Jasus me valha, sê nã encontre o dnhêre!”)

valha-me Dês! (“Valha-me Dês! Como é qu’ê arranj’ isto!”)

Indignação

tão! – então (“Tão! Já me pedistes lecença?”)

bem bonda! – basta! (“Bem bonda quando ‘tás doente!”)

Dês ma mim livre! – Deus me livre! (“Críim-me levar pó lar, Dês ma mim livre!”)

e ê que sê!?! – e eu sei? (“Será co Joaquim sempre comprô aquele préide?- E ê que sê!?!”)

malfêto fora! – era só o que faltava! (“Se te descudas, ainda t’arruma! – Malfêto fora!”)

o que é co cu tem a ver cas calças!? – o que é que uma coisa tem a ver com a outra? (“Fale-te do gado, tu falas-me da horta! O qu’ê co cu tem a ver cas calças!?”)

ôlha lá ôh!⁴⁴⁴ – tal é! (“Olha lá ôh! A qu’rerem cobrar belhete à mulher dum guarda!”)

ora adeus vindima! – tal era! (“Chegô aí, sê nã lhe ponho travão, ora adeus vindima!”)

ora! ora!⁴⁴⁵ (“Ora! Ora! Só me faltava más esta!”)

tal é cá! (“Tal é cá! Parece que nã faz mal a uma mosca e depôs...”)

⁴⁴² Cfr. MATIAS, 1984: 183; BUESCU, 1961: 143.

⁴⁴³ Cfr. PAULINO, 1959: 156.

⁴⁴⁴ Cfr. MATIAS, 1984: 184.

⁴⁴⁵ *Id., Ibid.*

Indiferença

dêxa! – deixa! (“Isto nã tá munto claro!- Dêxa!”)

ora! – ora! (“Ora! Vale a pena chateares-te!”)

tchê⁴⁴⁶! (“Tchê! Deve pensar qu’ é alguém!”)

“isso nã é nium nariz de santo!” – não é nada muito valioso (“Quer que caie melhor aquele canto? – Nã te rales, isso nã é nium nariz de santo!”)

nã mereç’ a pena! – não vale a pena! (“Quer que vá falar com eles? – Nã mereç’ a pena!”)

Dúvida

bãe! – bem! (“Bãe! O qu’ é que daí vem...”)

bom! (“Bom! Deve ser memo assim!...”)

de sorte! – possivelmente não (“Ele disse que passava por cá. – De sorte!”)

tal será! – talvez (“Parece-me cas zêtonas este ano fundem melhor. – Tal será!”)

Confirmação

bem m’era a mim! – bem me parecia (“Afinal o Tonho sempre s’ajuntô ca braselêra. – Bem m’era a mim!”)

pôs bãe/bem! – pois bem! (“Se vocês achêdes melhor quê tome este reméide... pôs bem!”)

Resignação

paciença! – paciência! (“Paciência! A dor é munta, mas temos de dar andamento à vida!”)

⁴⁴⁶ *Id., Ibid.*

mas pronto! – enfim! (“As cōsas nã correrem lá munto bem, mas pronto!”)
saúde e biscas! – a vida continua! (“Já que nã podemos fazer nada...saúde e
biscas!”)

Desagrado

chiça! (“Chiça! Tava a ver que nã me largava!”)

destó! – possa! (“Destó, que me quemê!”)

adeus mundo cada vez a pior! (“Agora tenho pôco denhêro, mas adeus mundo
cada vez a pior!”)

anda ...anda! – expressão usada quando se observa um acto reprimível
 (“Anda...anda, enquanto nã gastastes o dnhêro todo, nã descansastes!”)

chiça panico! – caramba (“Chiça panico, qu’isto nunca más acabava!”)

eh conho⁴⁴⁷! – caramba (“Eh conho! É dia de festa e nem consigo descansar um
bocadinho!”)

puta ca pariu! – que se lixe! (“Tá tudo tã mal, puta ca pariu a vida!”)

Silêncio

pchiu! (“Pchiu! Dêxem lá ovir!”)

slenço! (“Slenço, co senhô padre vai falar!”)

Chamamento ou afastamento

Ó cosa(o) (“Ó cosa, já sabes ca missa mudô a hora?”)

Olha lá!/ Êlha lá⁴⁴⁸! (“Êlha lá, já acabarem nas batatas?”)

⁴⁴⁷ Cfr. MATIAS, 1984: 184; CARREIRO, 1948: 93. Esta é uma expressão típica do castelhano, contudo muito usada no Falar de Marvão, quer nas localidades de raia, quer nas outras.

⁴⁴⁸ Cfr. CARREIRO, 1948: 93.

Chamamento de animais:

“bechinha, bechinha...” – para os gatos

“bochinha, bochinha...” – para os cães

“bucha, bucha...”⁴⁴⁹ – para os cães

“pi, pi...pi,pi...”⁴⁵⁰ – para as galinhas

“quita, quita...” – para os porcos

“tama..., tama...”- para cabras, ovelhas e vacas

Afastamento de animais:

destó!⁴⁵¹ – para os cães

fora! – para cabras, ovelhas e vacas

xôoo!⁴⁵² – para as galinhas

4.11. Formação de palavras

4.11.1. Composição

Justaposição

ás-de-copas (rabo), amor-de-mãe (tipo de flor), amor-de-pai (tipo de flor), arco-da-velha⁴⁵³ (arco-íris), arco-virgem (arco-íris); bechinhe-de-vento⁴⁵⁴ (remoinho), barba-de-bode (tipo de erva daninha), bicha-cadela (tipo de insecto), bolo-da-festa (bolo finto, confeccionado na época da Páscoa), bolo-de-lata (boleima batida), caça-rabos (sacarrabos), camisa-de-onze-varas (problema), candeeiro-de-carroça (candeeiro de mão), cão-de-gaveta (dívida), corre-corre (tipo de réptil; tipo de planta trepadeira), cove-flor (rabo), cove-porquêra (couve brava), carro-de-praça (táxi), cavalo-rincheum (tipo de pássaro), cavalo-del-rei (louva-a-Deus), cravo-dos-mortos (tipo de flor), crista-de-galo

⁴⁴⁹ *Id.*: 94. Aqui verifica-se uma pequena alteração– “bôxa, bôxa ”.

⁴⁵⁰ *Id.*, *Ibid.*.

⁴⁵¹ Cfr. CARREIRO, 1948: 94. Em Nisa, esta interjeição surge como “testó!”

⁴⁵² *Id.*, *Ibid.*.

⁴⁵³ Cfr. BATISTA, 1967: 130; PAULINO, 1959: 158.

⁴⁵⁴ Cfr. BATISTA, 1967: 130.

(tipo de flor), doce-lima (lúcia-lima), erva-doce (a erva que é boa para o gado), ervalimão (lúcia-lima), escanचा-perna (forquilha), espalha-brasas (maluco), espinha-carnal (cutícula levantada), espinhela-caída (doença ou quebranto), fêjã-canito (feijão-frade), festa-de-flores (Páscoa), fguêra-do-Inferno (tipo de erva daninha), flor-de-cera (begónia), fundo-das-costas (rabo), fura-pastos (tipo de réptil), gala-pruas (mulherengo), ganha-pão (rabo), guarda-ladrão (espaço existente no lagar), guarda-lôças (armário da cozinha), lêto-de-ferro (cama de ferro), mal-portada (prostituta), mal-senador (pessoa que denunciava o contrabando); manga-de-capote (tipo de massa), manta-de-gatero (copo de vinho), mata-bicho (aguardente que se bebe pela manhã), mata-cabras⁴⁵⁵ (tipo de vento), mea-gaiola/ mea-governeta/ mea-lata (copos de vinho com a capacidade de ¼ de litro), mesa-de-pastor (tipo de mesa), moço-de-letras (o que sabe ler e escrever), nariz-de-picareta (nariz grande), navalha-de-capar-grilos (navalha pequena), nol-da-graganta/nol-da-sopa (maçã-de-adão), panela-dos-lavradores (panela de barro), panela-dos-seguêros (panela de barro), pão-de-lór (pão-de-ló), pão-de-ralo (tipo de pão), papa-açorda (pessoa sem personalidade), papa-reformas (motociclo de quatro rodas, muito usado pelos idosos), papó-figo (tipo de pássaro), patas-de-galinha (rugas existentes nos cantos dos olhos), pemento-de-cor (colorau), pêxe-judeu (tipo de peixe), pêxe-macho (tipo de peixe), pêxe-sapo (girino), pêxinho-da-horta (prato gastronómico), pouco-mais-ó-menos (reles), quêjo-mole (queijo fresco), ropa-de-trazer (roupa já velha), ropa-velha (prato gastronómico), sabã-da-bruxa (tipo de cola), sete-estrelas (sete-estrela), sino-saimão (tipo de amuleto), testo-de-panela (bolo que não levedou), tira-olhos⁴⁵⁶ (libelinha), troca-bolas (trapalhão), trogalho-da-mea-nôte (tonto), unha-gata (tipo de erva; vagem jovem), vaca-lôra⁴⁵⁷ (vaca-loira), ventas-de-panico (pessoa mal encarada).

Aglutinação

arencu (pirilampo), cachafrito (método de cozinhar), canafrecha (cana-da-Índia), catracego⁴⁵⁸ (cego, zarolho), contramina (local onde nasce a água), daquinada (daqui a nada), entrebésperas (antes das vésperas), galapito⁴⁵⁹ (galo pequeno), guarnapisa

⁴⁵⁵ Cfr. BATISTA, 1967: 130.

⁴⁵⁶ *Id., Ibid.*

⁴⁵⁷ *Id., Ibid.*

⁴⁵⁸ *Id., Ibid.*

⁴⁵⁹ Cfr. BATISTA, 1967: 130.

(guarda-pisa), manchêa (mão cheia), rangotango (tipo de baile monótono), samessuga (sanguessuga), tresontontem (trás-ante-ontem).

4.11.2. Derivação

Prefixação

a- negação, privação: “analfabeto, anormal”.

des- negação, sentido oposto: “desinganar, desinsistir, desnortear, desagarrar, desamontar-se, desaver-se, desconfiado, desculper, desdantado, desempenado”.

Contudo, nos vocábulos “desmoer” e “destrocar”, o prefixo anula-se quanto ao sentido, pois estes verbos significam exactamente o mesmo que os correspondentes em português padrão sem o prefixo – “moer” e “trocar”:

“Comi munto, tenho de desmoer o almoço.”

“Podes-me destrocar esta nota?”

Por vezes, o prefixo **des-** surge anteposto a outro prefixo, servindo-lhe assim de reforço: “desapartar-se, descontravontade, desinquieta”⁴⁶⁰.

O reforço do sentido verifica-se também nas palavras “desorfado” e “desorfanado”.

e/ en /em- assume diversos sentidos:

- acção: “engavelar, embelgar, engrajar, encharcar, empenhorar”;
- estado: “enraiviado, enlarosado, enuvrado, enverdisquedo, envacada, envernezédo, enquebrantado⁴⁶¹, embesunhentado, ensapado, engrolado, embezerrado emborregado, embraviédo, engranhado, emaluquedo, embiquédo, embubderado, embrutado, empatalosado, engadanhado”⁴⁶²;
- posicionamento dentro de: “emprenhar, enfornar, enforção, enlodrar-se, encantinhar-se”.

No vocábulo “empesquer”, consideramos que o prefixo é nulo, não contribuindo para o significado da palavra.

es- este prefixo surge em três contextos:

- sem alteração do sentido: “esbalanceér, esglusier, escravela, escabecear”;

⁴⁶⁰Cfr. PAULINO, 1959: 156; BATISTA, 1967: 132. Na obra sobre o falar da Escusa surgem os dois últimos exemplos, como também “desinfeliz”.

⁴⁶¹Cfr. CARREIRO, 1948: 106.

⁴⁶²Cfr. BATISTA, 1967: 131.

- supressão, destruição: “espalmilhado, escaquerar, escarapelado(a)”;
- reforço: “esvoltar, esvoltenher, escalmurrar, esbalfurnhar, esganiçar, esbranquecedo, esbandalhar-se”.

sobre- designa algo colocado por cima: “sobrecama”⁴⁶³.

Sufixação

-acha, o⁴⁶⁴ – juventude: “lebracha”.

-aço – resultado da acção: “cagaço”.

-ado, a – tem diversos valores:

- conjunto, ajuntamento: “carecolada, caquerada, cachepada”⁴⁶⁵, maçarocada, ovelhada, silvado, cabrada”⁴⁶⁶;
- acção e seu resultado, aliada à noção de intensidade: “balharada, arrochada”⁴⁶⁷, aguarrechada”⁴⁶⁸, chocalhada, gaspachada, enganada, sulterada, larachada, vicionado, amanhado, mandados”;
- produto alimentar, bebida: “garrafada, palhada, pingada”;
- instrumento: “asado”⁴⁶⁹.
- local: “canada, nortada”.

-aja – tem o sentido de:

- conjunto: “gaiataja”;
- local: “garaja, moaja, paraja, passaja, pastaja”⁴⁷⁰.

-al⁴⁷¹ – conjunto, abundância: “andaval, avial, azinhal, canchal, catarral, fejoal, lamaçal, pinheiral, repolhale, sobrerai”.

-alho, a – instrumento: “cangalha, cangalho”⁴⁷². No vocábulo “chancalho”, o sufixo designa uma qualidade ou estado.

⁴⁶³ *Id., Ibid.*

⁴⁶⁴ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 119. O autor considera este sufixo típico do Alentejo.

⁴⁶⁵ *Id.*:132.

⁴⁶⁶ Cfr. MATIAS, 1984: 185.

⁴⁶⁷ Cfr. BATISTA, 1967, p. 134.

⁴⁶⁸ *Id.*:133.

⁴⁶⁹ *Id.*:135.

⁴⁷⁰ Cfr. BATISTA, 1967:135.

⁴⁷¹ De notar que este sufixo muitas vezes é substituído pelo –el, motivado pelas alterações no vocalismo tónico que se verificam neste falar. Por exemplo: sobrerel, acaletrel. Com o sentido de local, surgiram os vocábulos “trebunel” e “quintel”.

⁴⁷² *Id., Ibid.*

-ama – local: “morama”.

-ana – aumentativo: “ratana”, “bubetana”⁴⁷³.

-ança – resultado de uma acção: “lembrança, caiança, andança”⁴⁷⁴, matança, herdança”.

-ão – transmite dois sentidos:

- grandeza: “argolão, bugalhão, covão, castanhão, canadão, esquilão, lapão, mentrosão, padação”;
- depreciativo: “galinhão”.

-aria – apresenta dois sentidos:

- ajuntamento, abundância: “raposaria, ganharia”⁴⁷⁵;
- local: “vacaria, barbearia”.

-(z)arrão – sufixo aumentativo: “canzarrão, homenzarrão, gatarrão”⁴⁷⁶.

-azada – abundância ou acção: “bacalhazada, pazada”.

-ção – acção e resultado dessa acção: “bailação, ingustiação, precuração, sastesfação, desensamarração, dexação, enforração, mangação”.

-dor, dora – apresenta diversos sentidos:

- agente, profissão: “economezador(a), ferrador”⁴⁷⁷; roçador, cefador(a), denunciador(a), esvalagador(a), encanalezador, lavrador”.
- instrumento ou meio: “polverezador, tornador”.

-edo, a – designa diversas realidades:

- abundância: “bucheda, estrangereda, pedrisqueda, poêreda”;
- conjunto: “arvoredo, silvedo”⁴⁷⁸;
- efeito de uma acção/resultado de algo: “domenedo(a), aguarrechedo(a), ajojedo(a), amoquedo (a), testereda, taloqueda, toreda”;
- pequenez: “talegueda”.

-ejar – surge apenas como sufixo verbal, significando repetição: “bracejar, escornejar, festejar, ventejar”.

-ejo – pequenez, diminuição: “anemalejo, alemalejo”.

-ela – resultado de uma acção: “pecadela, urenadela, quemadela”⁴⁷⁹.

-elho – pequenez: “canetelho, fedelho”.

⁴⁷³ Cfr. MATIAS, 1984: 186. Quer em Ouguela, quer em Juromenha, esta forma surge registada como “bubedana”.

⁴⁷⁴ Cfr. BATISTA, 1967: 134.

⁴⁷⁵ Cfr. MATIAS, 1984: 186; BATISTA, 1967: 133.

⁴⁷⁶ Cfr. MATIAS, 1984: 186.

⁴⁷⁷ Cfr. BATISTA, 1967: 134.

⁴⁷⁸ Cfr. BATISTA, 1967: 133.

⁴⁷⁹ *Id., Ibid.*

-ença – resultado da acção: “intretenença, odiença”.

-encha – grandeza: “barreguencha”.

-engo – tendência: “mulharengo”.

-enho, a – origem: “safrenho, berenho, cidadenho”.

-ente – qualidade ou estado: “estudente, mindinguente, minguento, mirentes, narcente, boinente”. No vocábulo “tirente”⁴⁸⁰, designa o instrumento.

-ento, a – assume dois sentidos distintos:

- qualidade ou tendência: “vasquento, asquento, besganhento, friolento, dormento”.
- resultado da acção: “crescento, cozimento, destraimento, descorremento, intendamento, requerimento, movimento, advartemento”.

-er – por se tratar de um sufixo verbal, é muito comum, especialmente porque, devido a alterações vocálicas na sílaba tónica, substitui em muitos casos o sufixo –ar, como se pode ver em: “econemezer, desculper, agorer, amiuder, aposer, embrulher, enfier, ensener, ordenher, pequer, rabesquer”.

-ero, a – sendo um dos sufixos mais frequentes, este assume diversos sentidos:

- local: “borrallhera⁴⁸¹, mosquero, quintero, secadero, linchera”;
- utensílio ou agente: “cavadera, dedera⁴⁸², barreguero, chamadera, chocolatera, cagueiro, cunhera, gatera, mãzera, ordenhadera, cornera, megalhero”;
- profissão ou ocupação: “calero, despensero, cabrero, gatero, carracero, enfermero, panelero, sachenero⁴⁸³, jornalero”;
- qualidade/característica: “chorecero, bolandero, barrelero, cachopero, durera, galhofero, navalhero, balseo, forumbero, putanhero, trogalhero, tornero”;
- plantas: “cravalhera, caraptero, aguiero, abobreria, castincera”;
- conjunto: “carrasquera, bechera, cantarera, gavelero”;
- grandeza ou quantidade: “trabalhera, ventanera⁴⁸⁴, lajoera, faladero”⁴⁸⁵;
- pequenez: “regatera”.

⁴⁸⁰ Cfr. BATISTA, 1967: 135.

⁴⁸¹ *Id.*:135.

⁴⁸² *Id.*, *Ibid.*.

⁴⁸³ *Id.* :134.

⁴⁸⁴ Cfr. MATIAS, 1984: 187.

⁴⁸⁵ Cfr. PAULINO, 1959: 157.

- eta** – pequenez: “banqueta, lagareta, livreta”.
- êum** – aumentativo: “balcerêum, cajêrêum, narezêum, servidêum”.
- eza** – conjunto: “becheza, gadeza”⁴⁸⁶.
- ice** – qualidade ou estado: “juderice, denguice, mundice, pesquice”.
- ico, a** – pequenez: “chapelico, ramelica”.
- iço, a** – qualidade ou estado: “malhadiço(a), premeriça, interiço”.
- il** – este sufixo é usado com dois sentidos:
- instrumento: “mexil; chambaril, dedil”⁴⁸⁷;
 - grandeza: “cobrazil”.
- ilho** – meio ou instrumento: “atilha, passilha, canguilho”⁴⁸⁸.
- inho, a** – diminutivo: “borreguinhas/os, cacharrinho, cajadinha, calcinha, doradinha”.
- ista** – aumentativo: “pancista, apancadista”.
- ito, a**⁴⁸⁹ – diminutivo: “bacorito, bocadito, caçapito, cachopito, furãzito, rapareguita, rodelita, zetonita”.
- lhona** – sentido depreciativo, associado também a tamanho desmesurado: “amegalhona, zangalhona, cabralhona”.
- mente** – modo e época: “natralmente, certamente, rapidamente, calmamente, intigamente”.
- ocho, a** – pequenez: “cabanocha”.
- oile/o,a** – juventude: “moçoile, moçola, machagolo”.
- olas** – qualidade, mas sempre com sentido depreciativo: “cagarolas, gavolas, dentolas”.
- ona** – aumentativo e depreciativo: “covancherona, dromenhona, gaiatona, rabona, raparegona, marrãzona, alcoveterona”.
- (z)orro, a** – aumentativo: “calhaborro, macetorra, begotorro, cabeçorra”⁴⁹⁰, pedaçorro, batatorra, pezorro”. Contudo, no vocábulo “machorra” tem um sentido diferente, ou seja, designa um estado.
- oso, osa** – abundância e estado: “contaminoso(a), ditoso(a), langanhoso(a), andamoso(a), peganhoso(a)”⁴⁹¹, tramposo(a)”.
- ote, ota** – diminutivo: “camisote, guezota, lajeota, escoalhota”. No caso de “penhota”, designa quantidade.

⁴⁸⁶ Cfr. MATIAS, 1984: 187.

⁴⁸⁷ Cfr. BATISTA, 1967: 135.

⁴⁸⁸ *Id., Ibid.*

⁴⁸⁹ Cfr. VASCONCELOS, 1987: 120.

⁴⁹⁰ Cfr. MATIAS, 1984: 189.

⁴⁹¹ Cfr. BATISTA, 1967: 133.

-udo, a – aumentativo, comportando também um sentido depreciativo: “cabeçudo⁴⁹², errudo(a), mamalhuda, narezudo(a), navalhudo, rabuda”.

-(d)ura – ação ou resultado da ação: “fintadura, lonjura, pisadura, quebradura⁴⁹³, sultura, cobradura, fartura, amassadura”.

Surgiram-nos ainda alguns vocábulos que apresentam **dupla sufixação**, como forma de reforço: “borralherada, canetelho, galarozêum, lebrachozinho, lebranchão, moçaterona”.

Troca de Prefixos e Sufixos

Prefixos

des- por de-: “desbulher” (debulhar); “despenada” (depenada); “despundredo” (dependurado);

des- por es-: “desfolar”⁴⁹⁴ (esfolar), “desmorecer” (esmorecer), “descarapelar” (escarapelar)⁴⁹⁵;

des- por dis- : “descorrer” (discorrer), “descorremento” (discorrimento); “destorcer” (distrocer);

des- por di- : “desvorcier-se” (divorciar-se);

des- por tras-: “desfegar”⁴⁹⁶ (trasfegar);

en- por a-: “enjoelhar”⁴⁹⁷ (ajoelhar), “encastanhado” (acastanhado);

im- por em-: “imbarcadero” (embarcadoiro), “impedrado” (empedrado);

in- por an-: “intigamente” (antigamente), “intipáteco” (antipático).

Sufixos

-ada por -eda⁴⁹⁸: “bucheda” (buchada), “torada” (toreda);

-ado- por -oso: “contaminoso” (contaminado);

⁴⁹² Cf. MATIAS, 1984: 189; CARREIRO, 1948: 105.

⁴⁹³ Cf. BATISTA, 1967: 134.

⁴⁹⁴ CARREIRO, 1948: 109.

⁴⁹⁵ CARREIRO, 1948: 109.

⁴⁹⁶ CARREIRO, 1948: 109.

⁴⁹⁷ CARREIRO, 1948: 110.

⁴⁹⁸ Motivado por alterações fonéticas.

- aja por –agem⁴⁹⁹: “pastaja” (pastagem), “Portaja” (Portagem);
- al por –el⁵⁰⁰: “quintel” (quintal), “trebunel” (tribunal);
- ar por –er⁵⁰¹: “desculper” (desculpar), “agorer” (agoirar);
- dor por –ero: “cefador” (ceifeiro);
- enho por –ão: “berenho” (beirão);
- enho por –ino: “cidadenho” (citadino);
- ente por –ante: “boinente” (boinante), “estudente” (estudante);
- il por –ilho: “mexil” (mexilho);
- inho por –ilho: “estornilho” (estorninho);
- uxa por –ixa⁵⁰²: lagartuxa (lagartixa).

4.12. Etimologia Popular

A etimologia popular, enquanto fenómeno resultante de uma percepção equivocada, por parte dos falantes, da relação etimológica entre vocábulos ou locuções foneticamente semelhantes, mas não relacionados, é típica de falantes pouco escolarizados.

Assim, o analfabetismo e o reduzido grau académico dos nossos informantes, associados a uma vivência em aldeias com algum isolamento, têm promovido a alteração por etimologia popular de algumas palavras da língua padrão, especialmente quando estas designam realidades que não fazem parte do seu quotidiano. São exemplos disso:

- afectivo⁵⁰³ (afecto) – efectivo
- afetuosoa (afectuoso) – aftosa (febre)
- afogadôra (afogar) - gargantilha
- altesa (alto) – artesa
- anilhas (anilha) – amígdalas
- apendico⁵⁰⁴ (pender) – apendículo

⁴⁹⁹ Motivado por alterações fonéticas.

⁵⁰⁰ Motivado por alterações fonéticas.

⁵⁰¹ Motivado por alterações fonéticas.

⁵⁰² De notar que, em algumas localidades, se usam os dois sufixos.

⁵⁰³ Cfr. CARREIRO, 1948: 114; BATISTA, 1967: 139.

⁵⁰⁴ Cfr. CARREIRO, 1948: 113.

assovacado⁵⁰⁵ (sovaco) – sufocado
cabecêro (cabeça) – almofada
desorfado/ desorfanado (por analogia com “desamparado”) – órfão
encanaleizador (encanar) – canalizador
epilétrico (eléctrico) – epilético
infarto (farto) – enfarte
justiciária (justiça) – judiciária
mundice (mundo) – imundice
nuvrite (nuvem) – nevrose
penaroso⁵⁰⁶ (penar) – pesaroso
plumonia/ pulmonia⁵⁰⁷ (plumão/pulmão) – pneumonia
quartela (quarto) – cautela
quartina⁵⁰⁸ (quarto) – cortina
ramaninho⁵⁰⁹ (ramo) – rosmaninho
sezêma (sesão) – eczema
soldador⁵¹⁰ (soldar) – saludador
troção (troço) – terçoelho
troçoelho (troço+olho) – terçoelho
vicionado (por analogia com “aficionado”) – viciado

4.13. Outros aspectos morfo-sintácticos

De notar ainda que são muito frequentes as construções sintácticas elípticas, típicas da sintaxe oral, sendo as mais significativas as usadas quando se pretende substituir a expressão “a casa de” e “em casa de”⁵¹¹:

“Vô à da mnha irmã.”

“Vás à da Maria?”

⁵⁰⁵ Cfr. CARREIRO, 1948: 112.

⁵⁰⁶ Cfr. BUESCO, 1961: 145.

⁵⁰⁷ Cfr. PAULINO, 1969: 159. Aqui este vocábulo surge registado como “p’lmonia”.

⁵⁰⁸ Cfr. CARREIRO, 1948: 112; BATISTA, 1967: 139.

⁵⁰⁹ Cfr. BATISTA, 1967: 139.

⁵¹⁰ Cfr. CARREIRO, 1948: 110; BATISTA, 1967: 139.

⁵¹¹ Cfr. FLORÊNCIO, 2005: 73; MATIAS, 1984: 202; BATISTA, 1967: 155; VASCONCELOS, 1987: 121. Segundo este autor, já no século XV se verificava esta elipse.

“O gaiato ‘tá na d’avó.”

“Sempre que comemos na da minha mãe, é uma alegria p’ra ela.”

No que diz respeito a expressões enfáticas, são de destacar as partículas “cá” e “lá”⁵¹², bem como a expressão “mas é”⁵¹³:

“Ê cá nã me me meto na vida deles!”

“Ele legô lá a isso alguma vez!”

“Vô mas é p’ra casa, qu’aqui já nã aprendo nada.”

É também frequente o uso de pleonasmos⁵¹⁴: “ambos os dois, sair pra fora, subir pra cima, entrar pra dentro”, entre outros.

⁵¹² Cfr. MATIAS, 1984: 203; PAULINO, 1959: 164; BUESCU, 1961: 149; MEDEIROS, 1964: 72.

⁵¹³ Cfr. BUESCU, 1961: 156.

⁵¹⁴ Cfr. ALEXANDRE: 1976: 145; PAULINO, 1959: 172.

5. Léxico

5.1. Glossário sobre o Homem

A

à boca chêa [ábókɛʃéɐ] *perif. gram.* Sem medo; sem vergonha.

a cavalo [ɛkɛválu] *perif. gram.* À boleia. *Levaram-nos a cavalo p'ra Marvão.*

à faianca [áfɛjɛkɛ] *perif. gram.* De forma desengonçada. *Lá vai ela a andar à faiança.*

à gosma⁵¹⁵ [ágózɔmɐ] *perif. gram.* À mercê de; à mama. *Tem passado a vida a andar à gosma.*

a sopapo [ɛsupápu] *perif. gram.* Modo de preparar a hortaliça que consiste em migá-la à mão grosseiramente. *Hoje a sopa tem bajas a sopapo.*

à torna baldia [atórɲebałdíɐ] *perif. gram.* Sem rei nem roque; desordenadamente. *Zangô-se, saiu de casa e anda pr'ai à torna baldia.*

a unir filêras [ɛunírɲiléɾɐʃ] *perif. gram.* Sem dinheiro, falido.

abandalhado, a [ɛbɛɲɔkáládu,-ɐ] *adj.* Deixado ao abandono.

abogão [ɛbugéw̃] *s. m.* Aquele que manda na lavoura; espécie de encarregado.

abonar [ɛbunár] *v.* Ceder; dar. *Eles é que le abonaram aquela pastagem.*

abordo[ɛbórdu] *s. m.* Aborto. *Passado pôco tempo de casar, ela teve um aborto.*

abrir fridas [ɛbrírɲfrídeʃ] *perif. gram.* Alertar; chamar a atenção. *Nã tejas a abrir más fridas, senã inda é pior.*

abrunhar [ɛbrunjár] *v.* Ter medo. *Ele, assim que viu a vaca, abrunhô logo.*

acanhado [ɛkɛɲádu] *s. m.* Homem que se deixa mandar pela mulher.

acompanhado, a [ɛkõɲɛɲádu, ɐ] *s.* Bêbado. *Andô toda a tarde na taverna e depôs já vinha acompanhado.*

acrescento [ɛkɲiʃétu] *s. m.* Crescente; fermento para levedar massas. *Logo p'la manhã, faz-se o acrescento, só a meio da manhã se amassa.*

acupéda [ɛkupéde] *adj.* Grávida.

adamado, a [ɛɲemádu] *adj.* Apaixonado.

adega [ɛdéɲɐ] *adj.* Pessoa que bebe muito e aguenta

advartemento [ɛɲvertimétu] *s. m.* Divertimento.

⁵¹⁵ Cfr. CARREIRO, 1948: 301.

advertido, a [ədvirtídu,ə] *adj.* Divertido.

afagulhar [əfəgułár] *v.* Atiçar; incentivar. *Ê é qu'afagulho o mê marido p'ra sairmos.*

afalcoar [əfáłkwár] *v.* Acalmar (animais, trovoadas). *Parece qu'a trovoada já afalcoo.*

afelhar [əfiłár] *v.* Perfilhar.

aflar [əflár] *s. m.* Folar; bolo típico da época da Páscoa, cozido em forno de lenha.

afogadora [əfugədóre] *s. f.* Gargantilha.

afolar [əfulár] *s. m.* O. m. q. *aflar.*

afunda [əfũdɐ] *s. f.* Espécie de cinta usada para proteger as hérnias abdominais.

afundir [əfũdír] *v.* Afundar.

agachar-se [əgáʃársi] *v.* Defecar. *Tá na hora de m' ir agachar p'ra trás d'uma parede.*

agarrado, a [əgɐrádu, ə] *adj.* Poupado, forreta.

agarrar [əgɐrá] **1.** *v.* Tomar, apanhar. *Agarro um carro de praça e vô.* **2.** *v.* Ganhar; auferir. *Agarrê ali um pouco de denhêro.*

agorer [əgorér] *v.* Agoirar.

agudo, a de ouvido [əgúdu,ədovídu] *adj.* Qualidade daquele que ouve muito bem.

aimano, a [ajmėnu, ə] *adj.* Airoso; bem parecido.

ajojado, a [əʒozédu, -ə] *adj.* Carregado, ajoujado. *Vo ajojada com a carradona das coves.*

ajuntar os trapos [əʒũtáruʃtrápuʃ] *perif. gram.* Passar a viver em união de facto; amancebar-se.

ajuntar-se [əʒũtársi] *v.* O. m. q. *ajuntar os trapos.*

alacado, a [ələkádu, -ə] *adj.* Com pouca saúde, débil.

alacar [ələkár] *v.* Ficar para último, não conseguir acompanhar o ritmo dos demais. *Aquele corredor já vai a alacar.*

alambrar-se [ələbrársi] *v.* Lembrar-se.

alarido [ələrídu] *s. m.* Entusiasmo; empolgação; barulho.

albolaia [albulájɐ] *s. m.* Aquele que anda com a cabeça no ar, que não tem muito juízo. *O mê neto andô fêto albolaia.*

alborrónias [alburónjɐʃ] *s. f. pl.* Hemorróidas.

alcovetêro, a [alukvteru, -ə] *s.* Alcoviteiro.

aldruga [aldrúgɐ] *adj.* Aldrabão.

alegre [ələgri] *s.* Que já bebeu uns copitos, mas ainda não se pode considerar bêbado.

alavier [əlivjér] *v.* Aliviar.

alavier a carga [əlivjérékargɐ] *perif. gram.* Defecar.

algravitar-se [algrevitársi] *v.* Animar-se; entusiasmar-se.

almanaque [almenáki] *s. m.* Aquele que adivinha o tempo metereológico.

almariado, a [almerjádu, -ə] *adj.* Maluco; que não tem juízo. *Aquele rapaz é completamente almariado.*

almocreve [almukrévi] *s. m.* Criado de servir.

alpargata [alpergátɐ] *s. f.* Sapatilha; alpercata.

alpragaita [alpregájtɐ] *s. f.* O. m. q. *alpargata.*

altenóvale [aʎtinóvɛli] *s. m.* Automóvel.

alvadio, a [aʎvɛdiu, -ɐ] *adj.* O. m. q. *albolai*a.

amantelhar-se [ɐmɛ̃tiʎársi] *v.* Tornar-se amante de.

amassadura [ɐmɛsɛdúre] *s. f.* Acto de amassar. Resultado do acto de amassar. *A amassadura rendeu quinze pães.*

amborragia [ɛ̃burɛziɐ] *s. f.* Hemorragia.

amegalhona [ɐmigeʎónɐ] *s. f.* Amante.

amegar-se (de) [ɐmigeársi] *v.* Tornar-se amante de.

amícula [ɐmíkulɐ] *s. f.* Amígdala.

amigo, a [ɐmígu, -ɐ] *s.* Amante.

amiudar [ɐmjudár] *v.* Observar com atenção; apreciar com detalhe.

amiuder [ɐmjudér] *v.* O. m. q. *amiudar*.

amol [ɐmulár] *v.* Gozar, fazer troça de.

amoquedo, a [ɐmokédu, ɐ] *adj.* Sem ânimo, esmorecido. *Encontrê a avó amoqueda ao canto do lume.*

andar à brocha [ɛ̃dárábrɔʃɐ] *perif. gram.* Andar doente; andar à procura de alguma coisa.

andar à morena [ɛ̃dárámurénɐ] *perif. gram.* Espalhar a confusão.

andar às ochas (com) [ɛ̃dárázóʃɛʃ] *perif. gram.* Andar em dificuldades.

andar d' alevant [ɛ̃dárdɛlivɛ̃ti] *perif. gram.* Levantar-se constantemente.

andar de má raça (com) [ɛ̃dardimárásɐ] *perif. gram.* Andar zangado. *Anda já tudo de má raça com este Governo.*

anespra [ɛnɛʃprɐ] *s. f.* Bofetada.

anexim [ɛniʃí] *s.m.* Alcinha.

anilha [ɛníʎɐ] *s. m.* Rabo.

anilhas [ɛníʎɛʃ] *s. f. pl.* Amígdalas.

anjinho [ɛ̃zĩɲu] *s. m.* Bebê morto, que ainda não completou um ano.

anual [ɛnwátɕ] *s. m.* Trabalhador fixo, que recebe ao mês.

ao preço da uva mejona [ɛwprɛsudeúvɛmizónɐ] *perif. gram.* Barato.

apancadista [ɛpɛ̃kɛdíʃtɛ] *adj.* Que tem pancada; pouco certo; com comportamento imprevisível.

apanhado, a [ɛpɛ̃nádu, ɐ] **1.** *adj.* Que está sob o efeito do quebranto. *A Maria nã pára d'abrir a boca, vê-se mesmo que tá apanhada.* **2.** *adj.* Bêbado. *Ontem à nôte, vinhas da taverna já apanhado.*

apanhar uma bubedera (com) [ɛpɛ̃nárũmɛbubidére] *perif. gram.* Ser alvo de um engano; não obter o resultado esperado. *Ele apanhó uma bubedera com aquele carro.*

apanhar uma gaita [ɛpɛ̃nárũmɛgájte] *perif. gram.* Não atingir o objectivo previsto. *Fui ao médeco, mas apanhê uma gaita.*

apartar [ɛpɛ̃rtár] *v.* Começar, desatar a fazer algo. *O cão apartou a fugir e nunca mais o vi.*

apaxonado, a [ɛpɛ̃funádu, -ɐ] *s.* Aquele por quem se nutre interesse, de quem se gosta.

apertado, a [ɛpɛ̃rtádu, -ɐ] *adj.* Condição da pessoa que, após ter sido benzida contra o quebranto, revelou não estar sob esse efeito.

aplomesia [ɛplomizíɐ] *s. f.* Pneumonia.

aporfiar [ɛpurfjár] *v.* Assegurar; dizer como sendo verdadeiro.

apupar [ɛpupár] *v.* Atiçar. *Apupô o cão e depôs ele ia-lhe mordendo.*

argália [ɛrgáljɐ] *s. f.* Algália.

armar uma mintira [ɛrmárúmɛmĩtirɐ] *perif. gram.* Mentir; pregar uma mentira.

armar-se de arrojada (com) [ɛrmársidɛruʃádɐ] *perif. gram.* Bater. *O ti Chico armava-se d'arrojada com as mulas.*

armar-se de gadelha (com) [ɛrmársidigɛdélɐ] *perif. gram.* Brigar.

armar-se de gadunha (com) [ɛrmársidigɛdúnɐ] *perif. gram.* O. m. q. *armar-se de gadelha.* *Armárim-se de gadunha, só a guarda é qu'os desapartô.*

armar-se de punheda [ɛrmársidipunédɐ] *perif. gram.* O. m. q. *armar-se de gadelha.* *Armou-se ali de punheda c'o irmão e parti-le o nariz.*

arnela [ɛrnélɐ] *s. f.* Genica; ânimo; iniciativa. *Aquela mulher tem munta arnela.*

arraia [ɛrájɐ] *s. f.* Confusão; reboliço.

arranhido, a [ɛɛɛɲídu, -ɐ] *adj.* Zangado.

arrecuer [ɛɛɛkuér] *v.* Recuar.

arreganhado, a [ɛɛɛgɛɲádu, -ɐ] *adj.* Cheio de frio; arrepiado; friorento.

arreganhar [ɛɛɛgɛɲár] *v.* Rir. *De que é que te estás a arreganhar?*

arrelíquia [ɛɛɛlíkjɐ] *s. f.* Defeito.

arremangado, a [ɛɛɛmɛ̃gádu, ɐ] *adj.* Arregaçado.

arremedar [ɛɛɛimidár] *v.* Imitar.

arremendão, ona [ɛɛɛimɛ̃dɛ̃w̃, ónɐ] *s.* Que faz uns remendos.

arriar a calça [ɛɛɛjárɛkátɕɐ] *perif. gram.* Defecar.

arriar o calhau [ɛɛɛjárɛkɛláw] *perif. gram.* Defecar.

arriar o melão [ɛɛɛjárɛmilɛ̃w̃] *perif. gram.* Defecar.

arrimar [ɛɛɛímár] *v.* Bater. *É pequeno, mas já l'arrima com força.*

arrojada [ɛruʃádɐ] *s. f.* Pancada; cacetada.

arrodeladinho, a [ɛrudilɛdĩɲu, -ɐ] *adj.* Ajeitadinho.

arrufar [ɛrufár] *v.* Levantar fervura. *Mal me descudê, o lête arrufou.*

arrufo [ɛrúfu] *s. m.* Zanga; desentendimento.

arrugança [ɛrugɛ̃sɐ] *s. f.* Iniciativa; força de vontade. *Se nã fosse a arrogãça qu'a gente tem, há munto que tinha parado!*

arruído [ɛruídu] *s. m.* Chatice; arrelia.

arvela [ɛrvélɐ] *s. f.* Pessoa que anda com a cabeça no ar.

arvelhana [ɛrvilɛ̃nɐ] *s. f.* Amendoim.

às navalhas [ázneválɐʃ] *perif. gram.* Aos caídos, sem eira nem beira. *Desde que saiu daquele emprego qu' anda aí às navalhas.*

às três quinze [áʃtrɛʃkĩzi] *adj.* Diz-se da roupa com pouca apresentação e que causa espanto a quem a vê vestida. *Olha-me pr'aquela com aquele fato às três quinze.*

às troxas [áʃtróʃɐʃ] *perif. gram.* Às cavalitas; às costas.

ás-de-copas [ázdikópɐʃ] *s. m.* Rabo.

asquento, a [ɛʃkɛ̃tu, -ɐ] *adj.* Que facilmente se enoja.

assadura [ɛsɐdúɾɐ] *s. f.* Naco de carne de porco. *Do presente da matança fazia parte uma morcela, uma cacholera e uma assadura.*

assestida [ɛsiʃtíde] *adj. f.* Menstruada. *A m' nha neta já é assestida.*

assolar [ɛsulár] *v.* Dominar. *Quando chegaram, vinham a qu' rer assolar tudo.*

assomar [ɛsumár] *v.* Espreitar.

assovacado, a [ɛsuvəkádu, ɐ] *adj.* Com falta de ar.

assurganhar-se [ɛsurɣɛɲársi] *v.* Rir-se com ar de mistério ou de forma sarcástica.

atabefe [ɛtɐbéfi] *s. m.* Soro ou almece; líquido que se separa da coalhada aquando da feitura do queijo.

atafina [ɛtɛfíne] *s. f.* Azáfama. *Toda a manhã andê num' atafina.*

atalear [ɛtɛljár] *v.* Ter atenção; estar concentrado. *Vê lá s' ataleias, p' ra co trabalho fique em condeçons.*

atalondrado, a [ɛtɛlõdrádu, -ɐ] *adj.* Atordoado.

atarear [ɛtɛrjár] *v.* O. m. q. *atalear.*

ataviar-se [ɛtɛvjársi] *v.* Despachar-se. *Atavia-te! Olha que nã temos a manhã toda!*

ategar [ɛtegár] *v.* Aguentar. *Memo coxo, ategô o caminho todo.*

atentar [ɛtɛtár] *v.* Persistir.

atirar à faianca [ɛtiráfɛjɛ̃kɐ] *perif. gram.* Atirar um projectil com o braço, rodando por baixo paralelamente ao corpo.

atiscar-se [ɛtiʃkársi] *v.* Atrapalhar-se.

atorrelhar [ɛturiálár] *v.* Humilhar; espezinhar. *Tanto atorrelhastes o rapaz, qu' ele foi-se embora.*

atravancar [ɛtrɛvɛ̃kár] *v.* Obstruir; dificultar.

atromezer [ɛtrumizér] *v.* Assustar; atormentar. *Tem cuidado, senã podes atromezé-lo.*

aturar [ɛturár] *v.* Permanecer; conservar-se. *Esta maderá chega a aturar um ano na água.*

avanão [ɛvenɛ̃w̃] *s. m.* Abanão.

avantajada [ɛvɛ̃tɛzádɐ] *adj.* Mulher que tem os seios muito grandes.

avantar [ɛvɛtár] **1.** *v.* Derrubar; deitar ao chão. Deitar fora. *Avantaram no cravêro e nem no apanharam.* **2.** *v.* Provocar; mandar. *Essas bombas aventavam cá um estôro!*

aventales [ɛvɛtáli] *s. m. pl.* Conjunto de homens que iam lavrar com juntas de bois.

aventar [ɛvɛtár] *v.* O. m. q. *avantar.*

avezado, a [ɛvizádu, -ɐ] *adj.* Habitudo.

avezar [ɛvizár] *v.* Habituar-se; acostumar-se. *Tou avezado a viver aqui.*

aviar-se [ɛvjársi] **1.** *v.* Ir às compras. **2.** *v.* Despachar-se; pôr-se a postos. *Avia-te! Olha qu' ê nã tenho munto tempo!*

avios [ɛvíu] *s. m. pl.* Compras.

azadinho, a [azɐdĩnu, ɐ] *adj.* Elegante; bem feito; jeitoso.

aziédo, a [ɛzjédu, -ɐ] *adj.* Propenso a. *So munto aziedo a essa doença.*

B

- bacalhau** [bəkɐlájw] *s. m.* Tipo de cumprimento; aperto de mão.
- bacalhazada** [bəkɐlázádɐ] *s. f.* O. m. q. *bacalhau*.
- bacera** [bəséɾɐ] *s. f.* Septicémia, doença que afecta quer os animais, quer os humanos.
- bacharel** [baʃɐréʃ] *s.* Pessoa espevitada, metediça; alguém que se julga sabedor de tudo.
- badalo** [bədálu] *s. m.* Língua. *Munto gostas tu de dar ó badalo!*
- bailação** [bɛjlɐsɛw̃] *s. f.* Baile.
- bajanica** [bɛzɐníkɐ] *s. f.* Vagina.
- balfurnhero** [baʃfurnéɾu] *s. m.* Tendeiro; vendedor ambulante.
- balhar** [balár] *v.* Bailar.
- balharada** [balɐrádɐ] *s. f.* O. m. q. *bailação*.
- balho** [bálu] *s. m.* Baile.
- ...**fechadinho** [báluʃifɛdĩnu] Baile em que dançam muito juntos.
- ...**macho** [bálu máʃu] *s. m.* Baile composto só por homens.
- balsero, a** [balséɾu, -ɐ] *adj.* Bisbilhoteiro; mexeriqueiro.
- bambalhana** [bɛ̃bɐlɛ̃nɐ] *s.* Desleixado.
- barranhão** [bɐɾɐnjɛw̃] *s. m.* Recipiente, normalmente uma bacia de barro, a partir do qual se comia em conjunto. *Intigamente todos comimos do barranhão.*
- barreguencha** [bɐɾigɛʃɐ] *s.* Barrigudo.
- barreguero** [bɐɾigéɾu] *s. m.* Cinta para apertar a barriga.
- barrelero, a** [bɐɾiléɾu, ɐ] *adj.* Homem ou mulher que tem a barriga grande.
- basbalhão, ona** [bɛzɐlɛ̃w̃, -ónɐ] *adj.* Aum. de *basbalho*.
- basbalho, a** [bɛzbálu, ɐ] *adj.* Parvo; aquele que se deixa enganar facilmente. *Grande basbalho me saistes!*
- batarel** [bɐtɐréʃ] *s. m.* Bataréu; batalhão; grande quantidade de gente.
- batata** [betáte] *s. f.* Nariz grande.
- batefea** [betiféɐ] *s. f.* Desordem; confusão. *Vai ali uma batefea no casão!*
- bater a sota** [bɐtɛrésótɐ] *períf. gram.* Fazer um serviço melhor que todos e mais depressa. *A Mari da Estrela bate a sota a dançar!*
- bater** [betér] *v.* Aparecer; surgir. *Távamos à conversa e, entretanto, bate-me ali ele.*
- batizo** [batízu] *s. m.* Baptismo.
- baxar** [baʃár] *v.* Descer. *Ele baxou ali p'aquela encosta.*
- bechera** [biʃéɾɐ] *s. f.* Dívida.
- bedelho** [bidélu] *s. m.* Criançola.
- bejenica** [bizinikɐ] *s. f.* O. m. q. *bajanica*.
- bejinho** [bezĩnu] *s. m.* Pequeno golo que se dá numa garrafa de bebida. *O mê marido anda todo o dia ós bejinhos na garrafa da aguardente.*
- belancoso, a** [bilɛ̃kózu, ózɐ] *adj.* Adoentado.

beldroquêro, a [beɫdrukéru, -ɐ] *adj.* Bisbilhoteiro.

benza Deus que nã a lamba o gato! [bézadéwʃkinẽlẽbɔgátu] Expressão utilizada quando uma pessoa se julga muito formosa.

besganha [biʒgẽjɐ] *s. f.* Birra.

besganhento, a [biʒgɐpẽtu, -ɐ] *adj.* Birrento.

besguenga [biʒgẽgɐ] *s. f.* Birra

besuntar [bizũtár] *v.* Untar.

bicanca [bikẽkɐ] *s. m.* Nariz grande. Aquele que tem o nariz grande.

bicho [bíʃu] *s. m.* Copo de aguardente.

boceta [busétɐ] *adj.* Lambusado.

bogas [bógɐʃ] *s. f. Pl.* Miolinhos de coalhada que ficam no fundo do recipiente para onde se deitou o soro.

bóia [bójɐ] *s. f.* Naco grande. *O mê almoço é sopa e uma bóia de tocinho.*

boinete [bojnẽti] *s. m.* Tropa que usa boina.

bolo sovado [bólusuvádu] *s. m.* Tipo de bolo, confeccionado a partir da massa do pão, que é amassado nas mãos.

bolo [bólú] *s. m.* Piquenique feito na segunda-feira de Páscoa. *Este ano vamos comer o bolo p'ra barraja.*

bolo-da-festa [bóludɛfɛʃtɐ] *s. m.* Bolo finto, confeccionado sobretudo na Páscoa.

bolo-de-lata [bóludilátɐ] *s. m.* Boleima batida.

bolos [bólúʃ] *s. m. pl.* Castanhas assadas esmagadas.

bonachana [bonɛʃɛnɐ] *adj.* Diz-se da pessoa que é boa.

boneca d' açúcre [bunékɛdɛsúkri] *s. f.* Espécie de chupeta, feita a partir de pão com açúcar, enrolados com uma linha.

bons anos [bózẽnuʃ] *s. m. pl.* Postais ilustrados que os rapazes, na noite de ano novo, colocavam debaixo das portas das raparigas. *Eu escrevi-te esses bons anos/ com uma varinha na mão/p'ra que, quando t'os fosse meter,/nã me mordesse algum cão.*

bordons [burdõʃ] *s. m. pl.* Ranho grosso que se vê escorrer do nariz.

borracho [buráʃu] *adj.* Bêbedo.

borregos [buréguʃ] *s. m. pl.* O. m. q. *bogas.* *Aprovêta este soro, porque hoje tem muntos borregos.*

borreguinhas [buriɡĩjɐʃ] *s. f. pl.* O. m. q. *bogas.*

borreguinhos [buriɡĩjuʃ] *s. m. pl.* O. m. q. *bogas.*

borrera [burérɐ] *s. f.* Diarreia.

bota cá lecença [bótɛkálisɛsɐ] Expressão utilizada pelos rapazes nos bailes, quando perguntavam às raparigas se queriam dançar.

botar contas [bɔtárkõtɐʃ] *perif. gram.* Fazer cálculos. *Tive a botar contas e vi qu' esse negócio nã valia a pena.*

botar culpas [bɔtárkúlɐʃ] *perif. gram.* Culpar.

botar [bɔtár] *v.* Deitar; atirar. *Tá na altura de botar o trigo ó ar.*

botar-se (a) [bɔtársi] *v.* Atacar.

boteco [butéku] *s. m.* Pancada.

botiço [bótisu/i] *s. f.* Barulho, chinfrim.

bracejer [brəsizér] *v.* Fazer uma massagem para aliviar a tensão. *Quando as veas tão entoradas, temos que bracejé-las.*

bradar [bradár] *v.* Chamar.

braselero, a [brəziléru, ɐ] *adj.* Felizardo.

brecha [bréʃɐ] *s. f.* Ferida.

brenhol [brɨɲót] *s. m.* Fritos feitos com uma variedade de abóbora menina, a moganga.

bubadera [bubədérɐ] *s. f.* Bebedeira.

bubedera [bubidérɐ] *s. f.* O. m. q. *bubadera.*

buber lume [bubérlúmi] *períf. gram.* Enraivar-se.

bubetana [bubiténɐ] *s.* Pessoa que anda sempre bêbeda.

búbia [búbjɐ] *s. f.* Bebedeira.

bucha [búʃɐ] *s. f.* Pequeno lanche que se toma entre as refeições principais para atenuar a fome. *Às dez, pára o serviço, porque é a hora da bucha.*

bufo [búfu] *s. m.* Medo.

bugalhinha do olho [bugɛlíɲɛduólu] *s. f.* Pupila.

buguelha do olho [bugéʎɛduólu] *s. f.* O. m. q. *bugalhinha do olho.*

bulisco [bulísku] *s. m.* Mossa que se faz no pão em massa para se diferenciar dos outros. Esta prática era frequente nos fornos comunitários.

buraquinho de cacca [burekíɲudikákɐ] *s. m.* Ânus.

buzino [buzínu] *s. m.* Búzio grande, que produz um som forte, utilizado para chamar os ranchos para comer ou os utilizadores do forno comunitário. *Quando ovíimos o buzino, íimos comer ó monte.*

C

cá ó mê rabo ninguém s'alimpa [káɔmɛrábunĩgɛsɛlíɲɐ] Expressão utilizada para indicar que ninguém se mete na sua vida.

cabaço [kɛbásu] *s. m.* Recusa. *Pedi-le p'ra dançar, mas levê um cabaço.*

cabecero [kɛbiséru] *s. m.* Almofada.

cabeçudo, a [kɛbisúdu, -ɐ] *adj.* Pessoa que tem a cabeça grande. Aquele que revela dificuldades na aprendizagem.

cabelo de rato [kɛbéludirátu] *s. m.* Cabelo fraco, com pouca saúde.

cabrão [kɛbréw̃] *s. m.* Homem traído pela mulher.

cabras [kábrɐʃ] *s. f. pl.* Manchas que surgem nas pernas das mulheres, provocadas pelo excesso de calor. *Descudê-me ali ó lume, agora tenho as pernas cheas de cabras.*

cabrero [kɛbréru] *adj.* Tipo de queijo mais serôdio, que fica muito branco.

cachafrito [kɛʃɛfritu] *s. m.* Método de cozinhar semelhante ao estufar. *O almoço hoje é coelho de cachafrito.*

cachepada [kəʃipáðɐ] *s. f.* Criançada; grupo de cachopos ou cachopas.

cachopero, a [kəʃupéru, ɐ] *adj.* Aquele que tem dom para lidar com crianças.

cachopo, a [kəʃópu, ópɐ] *s.* Criança; pessoa jovem.

cadela [kədélɐ] **1.** *s. f.* Bebedeira. *Já tás ca cadela otra vez!* **2.** *s. f.* Mulher que trai o marido; prostituta. *O marido agora já morreu, mas ela tod'a vida foi uma cadela!*

cagaço [kəgásu] **1.** *s. m.* Medo. *Tenho de te meter cagaço p'ra nã ires p'ra rua.* **2.** *s. m.* Susto. *Apanhei cá um cagaço!*

caganera [kəgənéré] *s. f.* Diarreia.

cagarolas [kəgɛrólɐʃ] *adj.* Pessoa medrosa.

caguero [kəgéru] *s. m.* Rabo.

cagufe [kəgúfi] *s. m.* Medo.

cair de susto [kɛ́irdisúʃtu] *perif. gram.* Apanhar de surpresa alguém. *Vale mais saber já, assim depós já nã le cai de susto.*

cajadinha [kəzɛdíɲɐ] *s. f.* Bengala pequena.

cajerêum [kɛjɛrɛũ] *s. m.* Jarro de vinho feito de barro.

calçar a bota sem mea [kaʃársɛbótɛsɛ́mɛɐ] *perif. gram.* Enganar-se. *Por causa de ti calcê a bota sem meã e tramê-me.*

caldo [káʎdu] *s. m.* Sopa. Caldo de galinha.

calece [kəlési] *s. m.* Copo. *Toma uns caleces d' aguardente p'ra aqueceres.*

calequer [kəlɛkɛr] *v.* Adoecer. *Você anda-se a calequer em tudo.*

calero [kəléro] *s. m.* Homem que trabalha na extração e venda de cal.

calhandra [kəʎɛðrɐ] **1.** *s. f.* Pessoa porca, que não tem cuidado com a limpeza.

calote [kəlóti] *s. m.* Dívida.

comesote [kɛmizóti] *s. m.* Peça de vestuário, composta por uma gola e uma faixa de tecido, que se usava por baixo dos casacos a imitar uma camisa.

camisa-de-onze-varas [kɛmízɛðóʒiváɾɐʃ] *s. f.* Sarilho; problema; situação embaraçosa. *Estás metido numa camisa de onze varas.*

camurcina [kɛmursínɐ] *s. f.* Casaco curto.

candonga [kɛðóŋɐ] *s. f.* Contrabando. *Assim que chegueva a nôte, ímos logo à candonga.*

cangalho [kɛgáʎu] *s. m.* Conjunto de dois, três ou mais enchidos.

canino [kɛnínu] *s. m.* Tipo de feijão, também designado por feijão frade.

canora [kɛnóɾɐ] *s. f.* Casca da fava.

cantarera [kɛtɛrɛɾɐ] *s. f.* Grupo de pessoas.

cão [kɛũ] *s. m.* Dívida.

cão-de-gaveta [kɛũdɛgɛvétɐ] *s. m.* O. m. q. *cão.*

capela (do olho) [kɛpélɐ] *s. f.* Pálpebra do olho.

capelei [kɛpiléj] *s. m.* Capilé; tipo de licor muito comum antigamente, feito com água e xarope de avenca.

caraiva [kə'ájvɐ] **1.** *s. f.* Boémia; diversão. *Andastes na caraiva ontem, hoje não te consegues levantar!* **2.** *s. f.* Companhia. *Tu o que queres é caraiva p'ra saíres.*

carapulo [kə'ɐpúlu] *s. m.* Copo grande. *Um carapulo d'aguardente deixa o home despachado.*

carduça [kərdúʃɐ] *s. f.* Dentes; dentadura.

carecolada [kə'ɛkúládɐ] *s. m.* Conjunto de caracóis.

careo [kə'ɛú] *s. m.* Lógica; sentido. *Isso não tem careo niu!*

carga [kárgɐ] *s. f.* Produto contrabandeado.

carraspana [kə'ɐʃpɛnɐ] *s. f.* Bebedeira.

carregado, a [kə'ɾígádu, a] *adj.* Diz-se daquele que está bêbado.

carreto, a [kə'ɛtú, ɐ] *adj.* Diz-se daquele que dança mal. *Aquele rapaz é um carreto, não acerta niu passo.*

cartucho, a [kə'túʃu, ɐ] *adj.* Diz-se da pessoa que é baixa e gordinha.

castanha [kəʃtɛnɐ] **1.** *s. f.* Bofetada. **2.** *s. f.* Espécie de broa confeccionada sobretudo na Páscoa, típica da aldeia de Porto da Espada.

castanhão [kəʃtɛnɛw̃] *s. m.* Bofetão.

catarral [kə'tə'ɾát] *s. m.* Inflamação do aparelho respiratório parecida à pneumonia.

catracego, a [kə'tɾəségu, ɐ] *adj.* Cego; zanolho; vesgo.

catrino [kə'tɾínu] *s. m.* Catarino; variedade de feijão vermelho raiado.

cavalo [kə'válu] *s. m.* Tipo de bebida, feita à base de água e pouca groselha, que se tomava nas festas e era ingerida através de uma palhinha com um cavalo na ponta.

cavanço [kə'vɛsu] *s. m.* Fuga; evasão. *Vi-me aflito e tive de dar ó cavanço.*

cavar [kə'vár] *v.* Fugir; evadir-se. *Cavaram p'ra festa e nem os vimos.*

caxa de fósforos [káʃədifóʃfuruʃ] *s. f.* Copo de vinho. *Ó senhô Zé Maria, vai uma caxa de fósforos, como de costume?*

cefador, a [sə'fədór, ɐ] *s.* Pessoa que ceifa; ceifeiro.

celga [sɛ'gɐ] *s. f.* Acelga.

chanca [ʃɛ'kɐ] *s. f.* Chinelo.

chancada [ʃɛ'kádɐ] *s. f.* Passo largo.

charco [ʃárku] **1.** *s. m.* Desgraçado; pessoa desprezível. **2.** *s. m.* Prostituta. *O filho dela metê-se c' aquele charco e dexô de ter denhero pa família.*

chea [ʃéɐ] *adj.* Grávida. *Já se vê bem que aquela rapariga tá chea.*

chiba [ʃĩbɐ] *s. f.* O. m. q. *carraspana*.

china [ʃínɐ] *s. f.* Cápsula; carica.

chincar [ʃíkár] *v.* Ganhar.

chinquera [ʃíkérɐ] *s. f.* Buraco ou fenda existente no telhado, que permite a entrada de água em casa quando chove.

choca [ʃókɐ] *adj. f.* Diz-se da comida ou da bebida quando já não está fresca. *Demorei a vir comer e agora a salada já tá choca.*

chocalhada [ʃukəládɐ] *s. f.* Toque de chocalhos. Era uma prática usual na aldeia da Escusa, quando um(a) viúvo(a) tornava a casar ou quando a mulher era abandonada pelo marido.

chocolatera [ʃkulətérɐ] *s. f.* Recipiente, com o feitio de cafeteira, no qual se prepara o café ou outras bebidas ao lume.

chorecero [ʃoriséru] *adj.* Designação atribuída ao condimento que serve para temperar chouriços. *Antigamente, o melhor pementão era o chorecero.*

choriço da tripa do cu [ʃorisudetrípɐdukú] *s. m.* Chouriço feito com a tripa do recto.

chupa [ʃúpe] *s. f.* Chupeta.

cidadenho, a [sidɐdêɲu, -ɐ] *adj.* Que é da cidade; que diz respeito à cidade, cidadão.

cinjo [sĩʒu] *s. m.* Espécie de cinto para atar os cueiros.

clarim [klɐrĩ] *adj.* Designação atribuída à pessoa que diz tudo de imediato, sem dar tempo que lhe perguntem.

cloque [klóki] *s. m.* Beberete; lanche. *Depôs da inaguraçã, há um cloque.*

cobarde [kubárdi] *adj.* Que fala pouco; que não responde; tímido.

cobrado, a [kubrátu, a] *adj.* Que tem uma hérnia.

cobradura [kubrədúre] *s. f.* Hérnia.

cobranto [kubrétu] *s. m.* Quebranto.

çoçar o calo [kusárukálu] *perif. gram.* Vadiar; não fazer nada.

çoçar os carraços [kusáruʃkɐrásuʃ] *perif. gram.* Bater. Tentar pôr na linha.

comer bíbares assanhados [kumérbíberizɐsɐnátuʃ] *perif. gram.* Não ter fastio, ser capaz de comer tudo o que lhe apareça na frente. *Isso, quando tem fome, come até bíbares assanhades!*

comer da melga [kumérdɐmɛtɔɔ] *perif. gram.* Comer, em simultâneo com outras pessoas, do mesmo recipiente.

comer do bernal [kumérduburnát] *perif. gram.* Espreitar o jogo dos parceiros. *P'ra jogares essa carta, já tevestes a comer do bernal.*

comer [kumér] *v.* Enganar. *Nã se dixerim comer no negócio.*

como o cão por corda [kmókêw̃purkórde] *perif. gram.* Contrariado. *Nã qu'ria sair e depôs foi com'o cão por corda.*

companha [kõpɛɲɐ] *s. f.* Companhia.

companhia [kõpɛɲiɐ] *s. f.* Bebedeira. *Ele hoje já traz companhia.*

compreensão [kõprɛsɛw̃] *s. f.* Paciência. *Hoje nã tenho compreensão p'ra nada.*

comprometido, a [kõprumitidu, ɐ] *adj.* Que fez mal e não assume; cobarde.

contaminoso, a [kõtɛminózu, ɐ] *adj.* Contagioso; contaminado.

contrata [kotrátɐ]. *s. f.* Contrato. *Trabalhar à contrata.*

cornudo, a [kurnúdu, ɐ] *adj.* Que é traído pelo cônjuge ou pela pessoa com quem tem uma relação íntima.

coro [kóru] *s. m.* Recipiente feito de coiro, muito utilizado no contrabando para transportar azeite.

corrécio, a [kurésju, -ɐ] *adj.* Que se dá bem com toda a gente; popular.

correol [kuriót] *s. m.* Pele de cabra ou ovelha, a partir da aqual se fazem as correias.

correr a coxia⁵¹⁶ [kurérekusíɐ] *perif. gram.* Vadiar.

⁵¹⁶ Cfr. CARREIRO, 1948: 302.

correr Ceca e Meca [kurérsékæimékæ] *perif. gram.* Andar por muito lado; ir a muitos sítios. *Corri Ceca e Meca quando era mais novo.*

cortá-las [kurtálæ] *v.* Ter medo. *Corto-as e não veio.*

cosa-ruim [kózæruí] *s. f.* Doença cancerosa.

coso, a [kózu, -æ] *adj.* Maluco. *Hoje encontré aquele qu'era assim mê coso.*

costado [kustádu] *s. m.* Entrecosto.

cotadinho [kotædínu] *s. m.* Homem que se deixa mandar pela mulher.

cove-flor [kóviflór] *s. f.* Rabo.

cove-porquera [kóvipurkérvæ] *s. f.* Variedade de couve, também designada por couve brava, que se miga para fazer sopa de forma grossa, como se fosse para dar aos animais.

cozimento [kuzimétu] *s. m.* Infusão.

cravar o cão [krævárúkæw] *perif. gram.* Ficar a dever a alguém.

cravenero [krævinéru] *s. m.* Carabineiro, tipo de guarda espanhol.

crescento [kríʃétu] *s. m.* Pedaco de massa que se guarda para, na próxima amassadura, servir de fermento.

criança [kriésvæ] *s. f.* Criança.

crique [kríki] *s. m.* Canudo de cabelo.

crismar [krizmár] *v.* Bater; socar.

crista-de-galo [kríʃtædigálu] *s. f.* Caracol feito no meio da cabeça.

cristo [kríʃtu] *s. m.* Quisto.

cudar [kudár] *v.* Julgar; pensar. *Ê cudo qu'ele vem hoje.*

cuder [kudér] *v.* O. m. q. *cudar.*

cunhera [kuɲérvæ] *s. f.* Buraco que se faz nas pedras antes de se racharem.

curto de vista [kúrtudivíʃtvæ] *adj.* Característica daquele que vê mal.

curto d'ovido [kúrtudovídu] *adj.* Característica daquele que ouve mal.

cutim [kuí] *s. m.* Tecido para fazer casacos/fatos.

D

dá cá lecença [dákálisésæ] Expressão utilizada pelos rapazes nos bailes, quando perguntavam às raparigas se queriam dançar.

da retambana [dæritæbænevæ] *perif. gram.* Foleiro; sem valor. *Nã te preocupes com essa ropa, é da retambana.*

dado, a [dádu, æ] *adj.* Alguém que dá tudo o que tem.

daipana [dajpænevæ] *adj.* Muito enfeitado.

d'alta que salta [dáttekisáltæ] *perif. gram.* De um lado para o outro; sem sítio fixo. *Toda a manhã andê d'alta que salta, só agora m'arrumê à costura.*

dar cabaço [dárkæbasu] *perif. gram.* Recusar (expressão usada sobretudo no contexto do baile).

dar cabo (de) [dárkábu] *perif. gram.* Fazer mal.

dar caraiva [dárkərajvə] *perif. gram.* Dar confiança; dar intimidade. *Deste-le munta caraiva, agora atura-o!*

dar carrera dreita [dárkəréredrétə] *perif. gram.* Estar lúcido; saber o que faz. *Com aquela idade já nã dá carrera dreita.*

dar com sota e manilha [dárkósótəimənílə] *perif. gram.* Apresentar argumentos irrefutáveis, imbatíveis.

dar conta dum real d'água [dárkótədúrjádágwə] Não se esquecer de nada; cumprir tudo na íntegra. *Quando vas às compras nunca trazes tudo, nã dás conta dum real d'água.*

dar creto [dárkrétu] *perif. gram.* Acreditar; dar crédito.

dar de corpo [dárdikórpu] *perif. gram.* Defecar.

dar de olho [dárdólɔ] *perif. gram.* Olhar de esguelha.

dar de rabo [dárdirábu] *perif. gram.* Ser antipático. *A espanhola dava de rabo lá na loja.*

dar em [dárɛ] *perif. gram.* Costumar; começar; passar a. *O pai dá-le em dezer que tenha juízo. / O gado dê im saltar.*

dar largas (a) [dárlárgəʃ] *perif. gram.* Dar liberdade; dar permissão. *A que horas le dás largas p'ra sair?*

dar lenha [dárlɛ̃pə] *perif. gram.* Ralhar; chamar a atenção. *Quando chamava alguém ó escritóire era para le dar lenha.*

dar mais uma avançada [dármájzúmavəsádə] Arrancar de novo; expressão utilizada para dar estímulo. *Já descansastes um bocadinho, vá, dá-le mais uma avançada!*

dar o badagaio [dárubədəgáju] *perif. gram.* Estragar-se; morrer. *O motor do carro acabô de dar o badagaio.*

dar ó lambarão⁵¹⁷ [dárɔlɛ̃berɛ̃w̃] *perif. gram.* Tagarelar; dar conversa.

dar pontos [dárpótu] *perif. gram.* Costurar; remendar buracos em vestuário.

dar razão (de)⁵¹⁸ [dárɾɛzɛ̃w̃] *perif. gram.* Aperceber-se de; ter conhecimento de. *Nunca dê razão de terem chegado.*

dar um par de correas [dárũpárdikurɛ̃ʃ] Expressão utilizada quando, no baile, a rapariga deixava o namorado e dançava ou falava com outro. *A Mari Rosa deu um par de correas ó namorado.*

dar uma sardinha a quem lhe der um porco gordo [dárũmɛsɛrdĩnakéʎidérũpórkuɡórdu] Expressão que significa dar uma recompensa a quem lhe dá o ganho; não dar ponto sem nó. *O Manel só dava uma sardinha a quem lhe desse um porco gordo.*

dar-se com todo o fiel farrapo [dársikótódufjɛ̃fɛrápɔ] *perif. gram.* Dar-se com toda a gente, independentemente da sua classe social ou comportamento.

de cabeça ó abaixo [dikɛbɛsɛzɔbáʃu] *perif. gram.* Velho; prestes a morrer. *A minha mãe já tá de cabeça ó abaxo.*

de cana e mea [dikɛ̃nɛimé̃v] *adj.* Melhor que os outros; que se destaca no que faz. *Ele é um cantador de cana e mea.*

⁵¹⁷ Cfr. CARREIRO, 1948: 302.

⁵¹⁸ Cfr. CARREIRO, 1948: 303.



de cangão [dikẽgẽw] *perif. gram.* Em desequilíbrio. *Mal me descudê, ela já ia de cangão.*

de cara à banda [dikárabẽdẽ] *adj.* Sem reputação.

de lerta [dilértẽ] *perif. gram.* Alerta; com vigilância. *Já andava de lerta com ele, por isso apanhê-o.*

de má raça [dimárásev] 1. *adj.* Danada; com garra. *A Rita era uma mulher de má raça p'ra trabalhar.* 2. *adj.* Mau. *Como é de má raça, voltô p'ra se vingar dos colegas.*

de patas ó ar [dipátẽzõár] *perif. gram.* À beira da morte; muito mal.

de ranga-malho [dirẽgẽmálu] *perif. gram.* Ao calhas; de qualquer maneira.

de rapa terrão [dirápẽtirẽw] *perif. gram.* À pressa; sem concentração.

de regangão [dirigẽgẽw] *perif. gram.* De rastos. *Chegô aí chèo de pressa e levô tudo de regangão.*

debruado, a [dibruédu, v] *adj.* Debruado.

declinar [diklinár] *v.* Ver. *Lê lá tu, filha, quê já nã declino bem.*

defiçal [difisvɛɫ] *adj.* Difícil.

degote [digóti] *s. m.* Decote.

denguice [dẽgisi] *s. f.* Coisa pequena e graciosa.

dente-do-juízo [dẽtidujuízu] *s. m.* Dente do siso.

denunciador [dinũsjedór] *s. m.* Pessoa que denunciava os contrabandistas às autoridades.

derregar [dirigár] *v.* Diluir. *Deve-se derregar logo o sal no molho.*

desagarrar [dizẽgẽrár] *v.* Largar; soltar-se. *A tinta em cima da cal desagarra.*

desalvorir [dizaɫvurír] *v.* Fugir; evadir-se.

desamontar-se [dizẽmõtársi] *v.* Apear-se.

desapartar-se [dizẽpẽrtársi] *v.* Separar-se; divorciar-se.

desaver-se [dizẽvérsi] *v.* Desentender-se. *Desoveram-se e nunca mais fizeram as pazes.*

descamberna [di]kẽbẽrnẽ] *s. f.* Confusão.

descambernar [di]kẽbẽrnár] *v.* Tornar-se uma confusão.

descante [di]kẽti] *s. m.* Baile do casamento.

desconfiado, a [di]kõfjẽdu, v] *adj.* Ciumento.

descorçoado, a [di]kursorwádu, v] *adj.* Triste; desiludido.

descorrer [di]kurer] *v.* Inventar. *Descorreu uma nova manêra de limpar a zêtona.*

descorrimento [di]kurerimẽtu] *s. m.* Capacidade de antever uma situação; iniciativa.

descorro [di]kõru] *s. m.* O. m. q. *descorrimento.*

desculper [di]kulpér] *v.* Desculpar.

desdantado, a [dizdẽtádu, v] *adj.* Desdentado.

desempenado, a [dizẽpinádu, v] *adj.* Desembaraçado. *A Ana é uma gaja desempenada.*

desenfrençado, a [dizẽfrẽsádu, v] *adj.* Distinto; de tamanho diferente.

desensaibrido, a [dizẽsajbrídu, v] *adj.* Insípido; desenxabido.

desenvolvo [dizẽvóʎvu] *s. m.* Desenvoltura; desembaraço.

desfegar [diʃfigár] *v.* Trasfegar; separar o vinho do mosto.

desgrácia [dizgrásjɐ] **1.** *s. f.* Desgraça. **2.** *adj.* Desgraçado.

desincatar [dizíkɛtár] *v.* Desassossegar. *Estã fartas de me desincatar p'ra ir às excursõs.*

desinganar [dizĩgenár] *v.* Desenganar.

desinsistir [dizĩsiftír] *v.* Deixar; desistir.

deslaçar [dizʎɛsár] *v.* Defecar.

desmancho [dizmẽʃu] *s. m.* Aborto.

desmarzela [dizmɔrzéʎ] **1.** *s. f.* Desleixe; falta de cuidado. *Aquela gente ali vive naquela desmarzela.* **2.** *s. f.* Desgraça; problema. *Quando eu tiver desmarzelas, acuda-me logo!*

desmasia [dizmɛziɐ] *s. f.* Demasia; excesso. *O bêbado qu'é bêbado, quando bebe em desmasia, nunca fecará bem sem mostrar a sua valentia.*

desmoer [dizmwér] **1.** *v.* Moer. **2.** *v.* Fazer a digestão.

desmorecer [dizmurisér] *v.* Esmorecer.

desnortear [diznɔrtjár] *v.* Dizer coisas sem nexo. *Estavas a falar bem, mas agora já tás a desnortear.*

desorfado, a [dizɔrfádu, ɐ] *adj.* Abandonado; sem ninguém; tornado órfão.

desorfanado, a [dizɔrfɛnádu, ɐ] *adj.* O. m. q. *desorfado.*

despachado, a [diʃpɛfádu, ɐ] *adj.* Morto. *Quando a ambulança o levô ia quase despachado.*

despegar [diʃpigár] *v.* Trocar (dinheiro). *Despega-me lá 50 €.*

despensêro [diʃpɛsêru] *s. m.* A pessoa a quem cabia servir o vinho nas tabernas.

destamarrado, a [diʃtɛmɛrádu, ɐ] **1.** *adj.* Que anda afastado dos restantes, a monte. *Aquela ovelha anda além destamarrada.* **2.** *adj.* Perdido. *Quando foi à tropa, andô destamarrado lá por Lisboa.* **3.** *adj.* Disposto a tudo; isento de bom senso. *Saiu daí destamarrado, agora nã merece a pena ires falar com ele.*

desteler [diʃtilér] *v.* Destilar.

destilar [diʃtilár] *v.* Trasfegar.

destinçar [diʃtísár] *v.* Reduzir, retirando o excesso. *Destincê aquela nabiça para crescer melhor.*

destraimento [diʃtrajmẽtu] *s. f.* Distracção.

destrocer [diʃtrusér] *v.* Distorcer.

desvorciado, a [dizvɔrsjádu, ɐ] *adj.* Divorciado.

desvorcier-se [diʃvɔrsjérsi] *v.* Divorciar-se.

deta cá lecença [détɛkálisẽʃɐ] Expressão utilizada pelos rapazes nos bailes, quando perguntavam às raparigas se queriam dançar.

detar cantigas [detárkẽtígɛʃ] *perif. gram.* Cantar. *Nos casamentos quase sempre há desgarradas onde se dêtem cantigas.*

detar saúdes [detárséúdiʃ] *perif. gram.* Fazer saudações em verso a pessoas, em honra das quais seguidamente se bebe um copo.

detar um verso [detárũvérsu] *perif. gram.* Declamar.

detar-se (a) [detársi] *v.* Dedicar-se. *Hoje, de manhã, decidimos: vamos a detérmo-nos a esta casa.*

detar-se à sesta [detársiasé] *perif. gram.* Deitar-se a dormir a sesta.

detar-se fora [detársifõre] *perif. gram.* Sair; abandonar. *Aquela senhora era frêra e detou-se fora.*

deter [detér] *v.* Deitar.

detor [detór] *s. m.* Doutor.

dexação [de]sésẽw] *s. f.* Espécie de herança. *Num sistema de dexação, podem viver na casa até morrerem sem pagar renda.*

dexar-se relaxar [de]fársirila]jár] *perif. gram.* Não se preocupar; não tomar os devidos cuidados. *O mê genro tem diabetes e, como se dexô relaxar, agora tá mal.*

dezimbrar-se [dizĩbrársi] *v.* Desequilibrar-se.

dia-do-bolo [dĩedubólu] *s. m.* Segunda-feira de Páscoa.

divorciar-se [di]fvursjársi] *v.* Divorciar-se.

diter [ditér] *v.* Deitar.

ditório [ditórju] *s. m.* O que ofereciam, sob a forma de canto, à virgem.

ditoso, a [ditózu, e] *adj.* Famoso.

doento [dwẽtu] *adj.* Doente.

domenêdo, a [dominẽdu, e] *adj.* Dominado.

dormento [durmẽtu] *adj.* Dormente. *Tenho os dedos dormentos.*

dormido, a [durmĩdu, -e] **1.** *adj.* Diz-se dos bolos que levedam durante a noite. *No Porto da Espada há a moda dos bolos dormidos.* **2.** *adj.* Diz-se dos bolos que não fintaram durante a noite. *Este ano a amassadura correu mal, os bolos ficarem dormidos.*

dormir [durmĩr] *v.* Levedar. *Os bolos agora deixam-se a dormir até estarem na conta de tender.*

dromir [drumĩr] *v.* O. m. q. *dormir.*

dubra [dúbvre] *s. f.* Dobra.

d'uma cana [dũmekẽne] *adj.* Que faz algo bem; que se destaca pela positiva. *A Rosa é uma cantadêra d'uma cana!*

dura [dũre] *s. f.* Duração. *A fruta do supermercado nã tem dura.*

E

econemezer [ekõnimizér] *v.* Economizar.

economezador, a [ekõnumizədór, e] *adj.* Poucado.

eduardo [edwárdu] *s. m.* Espécie de licor, antigamente muito bebido nas tabernas.

eduquedo, a [edukédu, e] *adj.* Educado.

efuniquer [efunikér] v. Amarrotar. *Efunequê a ropa no carro.*

elaboçado, a [elɛbosádu, ɐ] *adj.* Gordo.

elastre [ilástri] *s. m.* Elástico.

elestre [iléstri] *s. m.* O. m. q. *elastre.*

em ala [ěálɐ] *períf. gram.* Em alvoroço.

em plota [ěplóte] *períf. gram.* Nu.

emaluquedo, a [emɛlukédu, ɐ] *adj.* Maluco.

embaraçada [ěbɛresáde] *adj.* Grávida.

embeçado, a [ěbesádu, ɐ] *adj.* Dominado. Atraído. *Tem andado aí embeçado por uma cachopa.*

embezerrado, a [ěbizirádu, ɐ] *adj.* Que apresenta a cara vermelha devido ao calor.

embigo [ěbígu] *s. m.* Umbigo.

embirrar [ěbirár] v. Bater; esbarrar. *O pássaro embirrô contra o vidro.*

embocar (em) [ěbukár] **1.** v. Gostar de comer; engrajar com. *Eles nã embocaram na carne do javardo.* **2.** v. Apontar. *Emboquê-lhe pra lá a espinguerda e matê-o.*

emboque [ěbóki] *s. m.* Emprego; local onde se instalar. *Acabô o curso e nã consegue encontrar um emboque.*

embrulhar [ěbruár] v. Envolver. *Embrulhavam na massa c'a banha.*

embrulher-se [ěbrulérsi] v. Embrulhar-se.

embrutado, a [ěbrutádu, ɐ] *adj.* Bruto.

embubderado, a [ěbubderádu, ɐ] *adj.* Bêbado.

embubedar-se [ěbubidársi] v. Embebedar-se.

ementes [emétiʃ] *s.* Intenção; intuito. *Tenho ementes d'ir à festa este ano.*

emorcanado, a [emurkenádu, ɐ] *adj.* Aquele cuja aparência denota logo algumas incapacidades cognitivas.

empatalosado, a [ěpɛtɛlozádu, ɐ] *adj.* Que tem características de *patalou.*

empato [ěpátu] *s. m.* Hesitação. *Comprê o carro sem empato niium.*

empecelher [ěpisiár] v. Empecilhar; estorvar.

empenhorar [ěpijurár] v. Penhorar.

empesquer [ěpiár] v. Piscar.

empestor, a [ěpiʃtór, ɐ] *adj.* Impostor; vaidoso.

empiscar [ěpiár] v. Piscar o olho.

empranhar p'los olhos [ěprejárpluzóluf] *períf. gram.* Ficar encantado, iludido com algo que se vê.

empranhar p'los ouvidos [ěprejárpluzovídu] *períf. gram.* Deixar-se levar por conversas.

encalacrado, a [ěkɛlɛkrádu, ɐ] *adj.* Vítima de dívidas. *Nã lhe pagam a renda da casa, por isso está encalacrado.*

encanalezador [ěkenelizedór] *s. m.* Canalizador.

encantinhar-se [ěkětijár] v. Colocar-se num canto; acantoar.

encarrilhar (com) [ěkɛriár] v. Aprender; compreender. *Nã só capaz d'encarrelhar com este assunto.*

encastanhado, a [ɛkɛʃtɐɲádu, ɐ] *adj.* Acastanhado.

encemér [ɛsimér] *v.* Terminar.

encher de moscas [ɛʃɛrdimóʃkɐ] *perif. gram.* Chatear-se; aborrecer-se. *Hoje já me estava a encher de moscas com o mê chefe.*

encimar [ɛsimár] *v.* O. m. q. *encemér.*

encontrar piada [ɛkõtráɾpjáðɐ] *perif. gram.* Achar graça. *Ê encontrava piada nessas medidas.*

encontrar [ɛkõtrár] *v.* Pensar; julgar. *Ê cá encontro qu'ela devia ter ficado na casa dela.*

encontrar-se (em) [ɛkõtrási] *v.* Deparar-se com; achar-se envolvido em. *Ê é que m'encontrê naquilo sozinha.*

encontrar-se enganado, a [ɛkõtrarsiɛɣenádu, ɐ] *perif. gram.* Ser traído.

encorcolado, a [ɛkɔrkuládu, ɐ] *adj.* Encaracolado.

encorcovado, a [ɛkɔrkuvádu, ɐ] *adj.* Curvado.

encortecédo [ɛkɔrtisédu] *s. m.* Tipo de queijo, geralmente mais duro, que é feito com leite cru.

encrenca [ɛkrékɐ] **1.** *s. f.* Sarilho; problema. *Estou metido numa grande encrenca.* **2.** *adj.* Que gosta de dar sentenças, mesmo que não perceba muito do assunto. Pessoa que não é muito do agrado dos presentes. *Ai a encrenca da gaiata a qu'rer dar-nos a volta!*

enculquer [ɛkulkér] *v.* Arranjar; preparar (num contexto de namoro). *A mãe dela é qu'andô a enculquer aquele namoro.*

endrêta [ɛdrétɐ] *s. m.* Endireita.

endrumenhar [ɛdrumɛɲár] *v.* Adormecer.

endulado, a [ɛduládu, ɐ] *adj.* Ondulado.

enfadonher [ɛfɛduɲér] *v.* Maçar; provocar enfado.

enfeter [ɛfetér] *v.* Enfeitar.

enfiedo, a [ɛfjédu, ɐ] *adj.* Enfiado.

enfier [ɛfjér] *v.* Enfiar.

enfornação [ɛfurnɛʃṽ] *s. f.* Acto de enforar (no caso dos fornos de cal, era sempre feito com oito homens).

enfornar [ɛfurnár] *v.* Encher o forno com a pedra extraída da pedreira.

engadanhado, a [ɛɣɛðɛɲádu] *adj.* Sem acção por causa do frio.

engadanhão, ona [ɛɣɛðɛɲéw̃, ónɐ] *adj.* Pessoa que está sempre com frio, que jamais tem calor.

engadanhido, a [ɛɣɛðɛɲídu, ɐ] *adj.* O. m. q. *engadanhado.*

enganada [ɛɣɛnádɐ] *adj.* Situação da mulher quando engravida sem estar ainda casada.

enganido, a [ɛɣɛnídu, ɐ] *adj.* O. m. q. *engadanhado.*

engina [ɛɟínɐ] *s. f.* Angina.

engive [ɛɟívi] *s. f.* Gengiva.

engorgojado, a [ɛɣurgojádu, ɐ] *adj.* Corcovado.

engraçar (com) [ɛɣɾɛsár] *v.* Gostar. *Ele nã engraçô ca rapariga.*

engranhado, a [ɛɣɾɛɲádu, ɐ] *adj.* Encaracolado.

engrolado, a [ẽgruládu, ɐ] *adj.* Mal cozido.

enguergojado, a [ẽgirgojádu, ɐ] *adj.* O. m. q. *engorgojado*.

enguilhedo, a [ẽgílédu, ɐ] *adj.* Habituaado.

enjinho [ẽjínu] *s. m.* O. m. q. *anjinho*.

enjoelhar [ẽzwełár] *v.* Ajoelhar.

enlarosedo, a [ẽłerozédú, ɐ] *adj.* Maluco.

enlodrar-se [ẽludrársi] *v.* Sujar-se.

enquebrantado, a [ẽkibrẽtádu, ɐ] *adj.* Com quebranto.

enraiviado, a [ẽrajvjádu, ɐ] *adj.* Enraivecido.

enraiviar-se [ẽrajviársi] *v.* Enraivecer-se; zangar-se. *Uma pessoa, em s' enraiviendo, perde a cabeça.*

enrolar os troços [ẽruláruʃtrósuʃ] *perif. gram.* Morrer. *Vo vesitá-la ó lar, s' ela nã enrolar os troços até lá.*

ensapado, a [ẽsɐpádu, ɐ] *adj.* Que se custa a mexer; que tem pouca genica.

ensener [ẽsinér] *v.* Ensinar.

ensinar [ẽsinár] *v.* Receitar. *Ó Sr.Dr., atã nã m'ensina nada?*

entaloquedo, a [ẽtɛlokédú, ɐ] *adj.* Bêbado.

entamoereda [ẽtɛmwɛrédɐ] *adj.* Diz-se da fala quando é grossa.

enterçol [ẽtirsół] *s. m.* Terçol; terçolho.

entertine [ẽtirtíni] *s. m.* Intestino; véu da tripa.

entertinho [ẽtirtínu] *s. m.* O. m. q. *entertine*.

entiedo [ẽtjédú] *s.m.* Enteadado.

entorado, a [ẽtorádu, ɐ] *adj.* Cheio, prestes a rebentar.

entortar o cotovelo [ẽturtárukutuvélú] *perif. gram.* Pagar. *O fuleno nã quer entortar o cotovelo.*

entranquelhado, a [ẽtrẽkikládu, ɐ] *adj.* Aquele que junta os joelhos quando anda; canejo.

entrar em encaminhamentos [ẽtrárẽčkẽmĩɲẽmẽtuʃ] *perif. gram.* Aconselhar-se com alguém.

entrar o bispo em casa [ẽtrárubíʃpuẽkázɐ] Expressão utilizada quando a comida se esturrou. *Hoje entrô o bispo cá em casa.*

entrar o bispo na panela [ẽtrárubíʃpunɛpɛnéléɐ] O. m. q. *entrar o bispo em casa*.

entreço [ẽtrésú] *s. m.* Lucro.

entronhado, a [ẽtrɒpádu, ɐ] *adj.* O. m. q. *emorcanado*.

envacada [ẽvɛkádɐ] *adj.* Diz-se da melancia quando apresenta uma cor rosa e não tem doce. *Esta melancia nã presta, tá envacada.*

envernezédo, a [ẽvĩrnizédú, ɐ] *adj.* Envernizado.

epiletre, a [ɛpilétrɨ, ɐ] *adj.* Epiléptico.

epilétrico, a [ɛpilétriku, ɐ] *adj.* O. m. q. *epiletre*.

equizema [ɛkizẽmɐ] *s. f.* Eczema.

errudo, a [ɛrúdu, ɐ] *adj.* Aquele que tem dificuldade em aprender.

ervelhana [ɛrvilẽnɐ] *s. f.* Amendoim.

erVELhéna [erViLéne] *s. f.* O. m. q. *erVELhana*.

esbalagar [ʒbælegár] *v.* Gastar mal; estragar. *Esta gente d'hoje nasce a esbalagar e morre a esbalagar.*

esbalanceér [ʒbæljésjér] *v.* Balançar.

esbalfurnhar [ʒbaʃfurnjár] *v.* Bisbilhotar. *Andô a esbalfurnhar a casa toda.*

esbandalhar-se [ʒbẽdeLársi] *v.* Partir-se. *Quando caiu, esbandalho-se todo.*

esbanzalhar-se [ʒbẽzeLársi] *v.* O. m. q. *esbandalhar-se.*

esbarrandar [ʒbæRẽdár] *v.* Deitar ao chão.

esbilrer [ʒbiʃRér] *v.* Espirrar.

esborralhar [ʒbuReLár] *v.* Derrubar; deitar ao chão. *Esborralhó a parede e nã a quis levantar.*

esbranquecedo, a [ʒbrẽkisédu, e] *adj.* Esbranquiçado.

escabecear [ʃkæbisjár] *v.* Cabecear.

escalabancear-se [ʃkæljẽsjársi] *v.* Balançar-se.

escalmurrado, a [ʃkáʃmurádu, e] **1.** *adj.* Cheio de calor. **2.** *adj.* Zangado.

escalmurrar [ʃkaʃmurár] *v.* Bater; açoitar. *Escalmurrava o cão, por isso ele fugi-le.*

escamado, a [ʃkẽmádu, e] *adj.* Zangado.

escanchada [ʃkẽʃádẽ] *s. f.* Passo grande.

escanchado, a [ʃkẽʃádu, e] *adj.* Com as pernas abertas.

escangalhar-se de risa [ʃkẽgẽLársidiriZẽ] *perif. gram.* Rir-se muito.

escaquerado, a [ʃkækerádu, e] *adj.* Sem graça; sem beleza. *Já sô uma velha escaquêrada.*

escaquerar [ʃkækerár] *v.* Partir; quebrar.

escarapela [ʃkærepéle] *s. f.* Desentendimento.

escarapelado, a [ʃkærepiládu, e] *adj.* Com películas salientes.

escariota [ʃkæRjótẽ] *adj.* Gozão.

escarrado, a [ʃkæRádu, e] *adj.* Igual a; muito semelhante a. *O neto é mesmo o avô escarrado.*

escarrapanchado, a [ʃkæRepẽʃadu, e] *adj.* Montado.

escarrapanchar-se [ʃkæRepẽʃársi] *v.* Sentar-se em cima de algo com uma perna para cada lado; escarranchar-se.

escarso, a [ʃkársu, e] *adj.* Escasso; raro. *Isto tá a ficar escarço.*

escavacar [ʃkævækár] *v.* Partir.

escólpalo [ʃkóʃpælu] *s. m.* Escopro; utensílio usado pelos pedreiros para picar as paredes.

escorva [ʃkórve] *s. f.* Tipo de material inflamável, usado nos rebentamentos.

escravela [ʃkrævéle] *s. f.* Caravela.

escraviar [ʃkrævjár] *v.* Escravizar.

escrevẽum [ʃkrivẽw] *s. m.* Escrivão.

escruver [ʃkruvér] *v.* Escrever.

escuma [ʃkúmẽ] *s. f.* Espuma.

escuter [ʃkutér] v. Escutar.

esgalamido, a [ʒgɛlɛmídu, ɐ] *adj.* Histérico; com voz muito estridente.

esgalhar [ʒgɛlár] v. Partir. *Esgalha-me aí um bocado de pão.*

esgambézio, a [ʒgɛbɛzju] *adj.* Louco; com pouco juízo.

esglusier [ʒgluzjér] v. Andar na gulodice.

esgravatar [ʒgrɛvɛtár] v. Remexer com os dedos, com as unhas ou com um objecto; esgaravatar.

esgravulha [ʒgrɛvúlɐ] *adj.* Que não pára quieto; hiperactivo.

esmagachar [ʒmɛgɛʃár] v. Esmagar.

esmagar a orelha [ʒmɛgárɛurɛlɐ] *perif. gram.* Dormir a sesta. *No Verão, depòs d'almoçar, sabe-me munto bem ir esmagar a orelha.*

esnocar [ʒnukár] v. Partir. *Assim que saiu do forno, esnoquê logo um bocado de pão.*

esparcangado, a [ʃpɛkɛrɔgádu, ɐ] *adj.* Parvo.

espalha-brasas [ʃpálɐbrázɐʃ] *adj.* Maluco; que não tem juízo.

espalmelhado [ʃpálmiládu] *adj.* Sem sola.

espalmilhar-se [ʃpálmilársi] v. Ficar sem sola.

espárias [ʃpárjɐʃ] *s. f. pl.* Secundinas; páreas; placenta e membrana da fêmea expelidas na fase terminal do parto.

esparramar [ʃpɛrɛmár] v. Espalhar; tirar do devido lugar; desarrumar. *Inda agora chego, já esparramô os brinquedos todos.*

esparvoeredo, a [ʃpɛrvwɛrédu, ɐ] *adj.* Esparvoado.

espavilar as botas [ʃpɛvilárɛzbótɐʃ] *perif. gram.* Apressar-se; mexer-se com mais rapidez; pôr-se a postos.

espavilar-se [ʃpɛvilársi] v. O. m. q. *espavilar as botas.*

espenhela [ʃpɛjɛlɐ] *s. f.* Coluna dorsal.

espenhela-caída [ʃpɛjɛlɛkɛídɐ] *s. f.* Doença ou quebranto que provoca uma fraqueza geral.

esperdecér [ʃpɛrdísɛr] v. Desperdiçar.

esperdiçar [ʃpɛrdísár] v. O. m. q. *esperdecér.*

esperdiço [ʃpɛrdísu] *s. m.* Desperdício.

espernegado, a [ʃpɛrnigádu, ɐ] *adj.* Que está à vontade; descontraído.

espetar um sopapo [ʃpitárũsupápu] *perif. gram.* Dar um murro.

espilrar [ʃpitár] v. Espirrar.

espilro [ʃpitru] *s. m.* Espirro.

espinha-carnal [ʃpɛjɛkɛrnát] *s. f.* Pele que se levanta junto à unha; cutícula levantada.

esponja [ʃpóʒɐ] *adj.* Pessoa que bebe muito e aguenta.

esporrear [ʃpɔrjár] v. Afastar. *Não há aqui gatos porque os esporream.*

estabulho [ʃtɛbúlu] *s. m.* Pénis.

estafalário, a [ʃtɛfɛlárju, ɐ] *adj.* Pessoa que estraga o que tem, que não sabe preservar.

estancado, a [ʃtɛkádu, ɐ] *adj.* Estacionado.

estander [ʃtɛdér] v. Estender.

estander-se [ʃtɛdérsi] v. Gabar-se.

estapor [ʃtɛpór] *s. m.* Estupor.

estar com linquentinas [tárkõfikĩfĩnɛʃ] *perif. gram.* Querer meter os dedos nos olhos; querer convencer. *Tás pr'aí com linquentinas, mas o preço continua a ser o mesmo.*

estar dado, a por mandecato [tárdádu,ɐpurmẽdikátu] *perif. gram.* Deixar-se mandar por todos.

estar de vela [tárdivélɐ] *perif. gram.* Não conseguir dormir.

estar fora da mulher [tárfõrɛdɛmulér] *perif. gram.* Estar separado, divorciado.

estar junto (com) [tárzũtu] *perif. gram.* Viver em união de facto.

estar na terra da verdade [tárnɛtɛrɛdɛvirdádi] *perif. gram.* Estar morto. *Cõtado, já lá tá na terra da verdade!*

estarola [ʃtɛrólɐ] *adj.* Pessoa cómica; comediante.

estirer-se [ʃtirérsi] *v.* Deitar-se; esticar-se.

estô atrasado, tenho a carga trasêra [tóatrɛzádutɛɲɛkárɛtrɛzɛrɛ] Expressão utilizada para designar a intenção de ir defecar.

estopim [ʃtupí] *s. m.* Rastilho da bomba usada nos rebentamentos.

estorer [ʃtorér] *v.* Estostrar.

estraga-albardas [ʃtráɣaɫbárdɐʃ] *adj.* Estróina; gastador.

estragadão, ona [ʃtrɛɣɛdɛũ, õnɐ] *adj.* O. m. q. *estraga-albardas*.

estragado, a [ʃtrɛɣádu, ɐ] *adj.* O. m. q. *estraga-albardas*.

estralar [ʃtrɛlár] *v.* Estrelar.

estrangereda [ʃtrɛɲɛrɛdɐ] *s. f.* Conjunto de estrangeiros.

estragular [ʃtrɛɲɛɣulár] *v.* Estragar; gastar.

estrapacear [ʃtrɛpɛsjár] *v.* Gastar mal; estragar. *Estrapacea tudo, nã aforra nada.*

estrelar [ʃtrɛvilár] *v.* Ficar contente, entusiasmado. *O cão, quando me vê, até estrela.*

estrebochedo, a [ʃtribufɛdu, ɐ] *adj.* Caído; prostrado.

estrefenefe [ʃtrɛfinéfi] *s. m.* Rebolicho.

estrichado, a [ʃtrifádu, ɐ] *adj.* Deitado.

estroina [ʃtrójnɐ] *adj.* Gastador.

estudante [ʃtudɛti] *s.* Estudante.

esvalagador, a [zɐvɛɣɛɣɔr, ɐ] *adj.* Que gasta tudo o que ganha e até vai além desse limite.

esvecer [zɐvɛsér] *v.* Esperar em demasia.

esvoltear [zɐvõɫjár] *v.* Remexer em busca de algo.

esvoltenher [zɐvõɫɲér] *v.* Dar volta a; bisbilhotar.

excursẽum [ʃkursẽũ] *s. f.* Excursão.

expediente [ʃpidjɛti] *s. m.* Iniciativa. *Também nã l'encontrê grande expediente.*

explequer [ʃplikér] *v.* Explicar.

expramantar [ʃprɛmɛtár] *v.* Experimentar.

extrema [ʃtrɛmɐ] *s. f.* Condição social. *Eles eram daquela extrema, por isso nã nos dávamos munto.*

F

faguntero, a [fəgũtəru, ə] *adj.* Reinadio; simpático.

faiana [fejãne] *s. f.* Festa.

faladero [felədəru] *s. m.* Tagarelice.

falar a verdade co coração nas mãos [felárevirdádikukuresẽwnezmẽwʃ] Expressão utilizada para reforçar que se está a ser sincero.

falar [felár] **1.** *v.* Namorar. *O mê filho anda a falar com uma rapariga da su' terra.* **2.** *v.* Telefonar. *Falê pá guarda, a avisá-los.*

faloque, a [felóki, ə] *adj.* Fraco; atrofiado.

famila [fəmílə] *s. f.* Família.

familha [fəmílə] *s. f.* O. m. q. *famila.*

fanforrenhar [fẽfurinjár] *v.* Tocar harmónio.

fanoco [fənoku] *s. m.* Peçaço; naco.

farmaceuta [fərməséwte] *s. m.* Farmacêutico.

farrapa [fərápə] *s. f.* Ferida.

farturas [fərtúres] *s. f. pl.* Abundância. *As farturas de carne da matança fazem mal.*

farum [ferú] *s. m.* Fartum; bafio.

fatexa [fetése] *s. f.* Dente grande.

fazer as necessidades [fəzéréznisisidádiʃ] *perif. gram.* Defecar.

fazer bulha [fəzərbúlə] *perif. gram.* Manifestar-se; impor as suas ideias.

fazer caraiva [fəzérkerájvə] *perif. gram.* Acamaradar; fazer cabeça com.

fazer caso (de) [fəzérkázu] *perif. gram.* Ligar; ter consideração por. *Nunca fez caso da gente, agora é que se lembra!*

fazer cera [fəzérsere] *perif. gram.* Trabalhar pouco. *Andem n'ái os trabalhadores todo o dia a fazer cera e o trabalho ñã avança.*

fazer da cara cu [fəzérdəkárekú] *perif. gram.* Não ter palavra; não cumprir o prometido.

fazer de pele e vinagre [fəzérdipélivinágrɪ] *perif. gram.* Dar cabo da cabeça; fazer de fel e vinagre.

fazer fé [fəzérfê] *perif. gram.* Ser alvo de crédito. *Esse estrangeiro ñã me faz fé.*

fazer flor [fəzérflór] *perif. gram.* Gabar-se; armar-se perante alguém.

fazer idea de [fəzérídé] *perif. gram.* Tencionar; pretender.

fazer o ninho atrás d' orelha [fəzérunũjuetrázdorélə] *perif. gram.* Enganar; ludibriar.

fazer os precisos [fəzéruprisízu] *perif. gram.* Evacuar.

fazer pouco [fəzérpóku] *perif. gram.* Gozar; troçar.

fazer-se fêo (com) [fəzérsiféu] *perif. gram.* Impor-se a . *Façam-se fêos com eles!*

fazer-se grande [fəzérsigrédi] *perif. gram.* Gabar-se; armar-se.

fazer-se novo (de) [fəzərsinóvu] *perif. verb.* Expressão utilizada quando se come uma coisa pela primeira vez no ano. *Hoje fiz-me nova de cerejas.*

fechar a navalha [fiʃárenəváλə] *perif. verb.* Calar-se.

fecher [fiʃér] *v.* Fechar.

fedelho [fidélu] *s. m.* Biscoito frito, confeccionado a partir de moganga.

fega [féɣə] *s. f.* Trabalho sazonal; campanha. *Acaba a fega da castanha, começa a da zetona.*

fejã-preto [feʒẽprétu] *s. m.* Feijão-frade.

felhós [filós] *s. f.* Filhó.

feloso, a [filózu, lécze] *adj.* Adoentado. *Ando um bocado felosa.*

fenaral [finəráɫ] *s. m.* Funeral.

fergoneta [firgunétə] *s. f.* Carrinha.

ferrado [firádu] *adj.* Diz-se do café ao qual é adicionada uma brasa para assentar a borra mais depressa.

fersuras [firsúɾə] *s. f. pl.* Vísceras.

fescata [fiʃkátə] *s. f.* Festa; paródia.

feira-de-flores [féʃtədiflóɾiʃ] *s. f.* Páscoa.

fezes [féziʃ] *s. f. pl.* Preocupações; problemas.

ficar no ar [fikárnuár] *perif. gram.* Ficar em pulgas para fazer algo. *Mal sôbe da festa, fecô logo no ar.*

figo-chumbo [figuʃúbu] *s. m.* Figo-da-índia; figo de piteira.

fino [fínu] *adj.* Diz-se do azeite de boa qualidade.

fintadura [fitədúɾə] *s. f.* Levedação.

fintar [fitár] *v.* Levedar.

finter [fítér] *v.* O. m. q. *fintar*.

finto, a [fitu, ɐ] *adj.* Lêvedo, fermentado.

fisioterapia [fizctɾepiə] *s. f.* Fisioterapia.

flaita [flájtə] *s. f.* Flauta; gaita.

flimar [flimár] *v.* Filmar.

fole [fóli] *s. m.* Estômago.

folha de tocinho [fóləditosíɲu] *s. f.* Peça grande de toucinho.

fome d'aroba [fómideɾóbə] *s. f.* Muita fome. *Quando andê na tropa, passê fome d'aroba.*

fona [fónə] *adj.* Forreta.

fora de sortes [fóɾedisórtiʃ] *adj.* Diz-se dos rapazes com mais de vinte anos.

forno de poia [fóɾnudipójə] *s. m.* Forno comunitário.

forrar [furár] *v.* Poupar; aforrar.

forro [fóru] *s. m.* Poupança; aforro.

fortalhão, ona [fúɾtəléw̃, ónə] *adj.* Pessoa muito forte.

forumbero, a [furübéru, ɐ] *adj.* Bisbilhoteiro; intrometido.

fotelho [futélɥ] *s. m.* O. m. q. *fedelho*.

framácia [frɐmásiɐ] *s. f.* Farmácia.

francesinha de jôna [frɛsiziɲɛdiʒõnɐ] *s. f.* Sinal feito com um pequeno pau de jôna nos alguidares da massa do pão e dos bolos, usado para controlar o quanto cresceu a massa.

frangalho [frɛgáɫɥ] *s. m.* Pedaco. *Fecô ali um frangalho de terreno por lavrar.*

freter [fritér] *v.* Fritar.

friedo [friédu] *s. m.* Feriado.

frimeza [frimézɐ] *s. f.* Firmeza.

friolento, a [friulétu, ɐ] *adj.* Friolento.

friolêro, a [friuléru, ɐ] *adj.* Friolento.

fritos de mogango [frituzdimugẽgu] *s. m. pl.* O. m. q. *fedelho*.

froar [fruár] *v.* Bisbilhotar; meter o nariz onde não se é chamado.

frumento [frumétu] *s. m.* Fermento.

fruncho [frúʃu] *s. m.* Furúnculo.

frunco [frúku] *s. m.* O. m. q. *fruncho*.

fudelho [fudélɥ] *s. m.* O. m. q. *fedelho*.

fugaja [fugáɛɐ] *s. f.* Fogagem.

fuleno [fulénu] *s. m.* Fulano.

fundilhos [fũdíɫɥ] *s. m. pl.* Rabo.

fundir [fũdíɾ] *v.* Render. *A amassadura fundiu bem/mal.*

fundo-das-costas [fũdudɐkóʃtɐʃ] *s. m.* Rabo.

furmento [furmétu] *s. m.* Fermento.

furver [furvér] *v.* Ferver.

G

gabiru, ua [gabirú, úɐ] *s.* Pessoa desconhecida e geralmente com mau aspecto. *Apareceu aí esse gabiru, nã sê donde saiu.*

gadelha [gɛdéɫɐ] **1.** *s. f.* Briga. *Inda banão pegam-se de gadelha.* **2.** *s. f.* Pêlo, cabelo.

gaiataja [gɛɲɛtáɛɐ] *s. f.* Gaiatagem; gaiatada; conjunto de miúdos.

gaiatão, ona [gɛɲɛtẽw̃, õnɐ] *s.* Rapaz/rapariga; moço/a.

gaiato [gɛjátu] *s. m.* Miúdo; criança; jovem.

gaita [gájtɐ] *s. f.* Mulher com pouco graça. *Aquela dêtora é uma gaita, ninguém diria o que é.*

gajiar [gɛzjár] *v.* Namorar.

gala-pruas [gáɫɐprúɛʃ] *adj.* Mulherengo. *Chamaste-me gala-pruas/ algumas tenho galado/ galê uma irmã das tuas/agora so tê cunhado.*

galcedo [galsédu] *s. m.* Conjunto de prostitutas.

galdéria [gałdérjɐ] *s. f.* Mulher que facilmente acede a cortesias.

galenhão [gəlɨnẽw̃] *s. m.* Rapaz que gosta de uma rapariga, mas nada lhe diz.

galenhêro [gəlɨnéru] *adj.* Homem que está sempre em casa e não convive com os outros na taberna.

galhofero, a [gɛłɔféru, ɐ] *adj.* Brincalhão.

galhote [gɛłóti] *s. m.* Pescoço.

galo [gálu] *s. m.* Parte central da melancia; coração.

gamo [gẽ́mu] *s. m.* Gomo.

ganfar [gẽ́fár] *v.* Agarrar; apanhar. *O bicho ganfô o bocadinho do pão e fugiu.*

ganhão [gaɲẽw̃] *s. m.* A pessoa que trabalha no campo.

ganha-pão [gáɲɐpẽw̃] *s. m.* Rabo.

ganharia [gaɲɛríɐ] *s. f.* Empreitada.

garanhão [gɛɲɛɲẽw̃] *s. m.* Homem mulherengo.

garganero, a [gɛɲgɛnéru, ɐ] *adj.* Egoísta.

garrafada [gɛɲɛfáɖɐ] *s. f.* Tipo de bebida confeccionada a partir de vinho, utilizada como mezinha para as pessoas débeis ou enfermas.

gasgalhada [gɛzɔgɛłáɖɐ] *s. f.* Gargalhada; risada.

gaspachada [gɛʃpɛʃáɖɐ] *s. f.* Refeição à base de gaspacho.

gatero [gɛtéru] *s. m.* Homem que remenda alguidares.

gato [gátu] *s. m.* Arame com que se fazem os remendos.

gavado, a [gɛvádu, ɐ] *adj.* Gabado.

gavar-se [gɛvársi] *v.* Gabar-se.

gavolas [gɛvólɛʃ] *adj.* Que gosta de se gabar; gabarolas.

gene [zéni] *s. m.* Génio; garra. *Aquela rapariga tem cá um gene, tudo o que pensa faz!*

gente dos almofarizes [zɛtiduzalɥuferíziʃ] *s. f.* Gente da terra; gente do campo.

gentio [zɛ́tiu] *s. m.* Multidão.

godelhêum [gudiłéw̃] *s. m.* Mancha negra e inchada; cogulo; tabuão. *Tenho estes godelhons nas pernas.*

golêum [guléw̃] *s. m.* Pessoa que come muito; gula; comilão.

gorgomilo [gurgumílu] **1.** *s. m.* Goela. **2.** *s. m.* Amígdala.

governeta [guvirnéte] *s. f.* Copo de vinho.

gozão, ona [guzẽw̃, óɲɐ] *adj.* Pessoa que gosta muito de gozar com as outras.

graça [gráɐ] *s. f.* Nome. *Como é a sua graça?*

graganta [grɛgẽte] *s. f.* Garganta.

granita [grɛníte] *s. f.* Grainha.

gravanço [grɛvẽsu] *s. m.* Grão.

grosso [grósu] **1.** *adj.* Diz-se do azeite de má qualidade. **2.** *adj.* Bêbedo. *Ah, sacana, que já vens grosso!*

gruta [grúte] *s. f.* Abertura existente no cimo do forno de cal, por onde este se enchia.

guá [gwá] *s. m.* Cova pequenina, na qual se tentam inserir as bugalhas no jogo do guá (espécie de jogo do berlinde).

guarda-fumêro [gwárðefuméru] *s. m.* O. m. q. *choriço da tripa do cu.*

guarnapisa [gwernepíze] *s. f.* Tira de tecido pregada no interior das saias, utilizada tanto para proteger as barras bordadas da bainha, como para fazer as bainhas quando o tecido era curto para esse efeito; guarda-pisa; roda-pisa; catrapisa.

guilho [gílu] *s. m.* Utensílio parecido à cunha de rachar lenha, usado para rachar pedra.

guita [gíte] *s. f.* Mulher magrinha. *A minha cunhada é uma guita.*

guiterra [gitérv] *s. f.* Guitarra.

gula [gúlv] *adj.* Comilão.

gunfar [gũfár] *v.* Reclamar; choramingar.

H

harminoie [ermójni] *s. m.* Harmónio.

harmonho [ermójnu] *s. m.* Harmónio.

herdança [erděsv] *s. f.* Herança.

herege [erézi] *adj.* Ruim; mau.

herna [érnv] *s. f.* Hérnia.

hipetequêdo, a [ipitikédu, v] *adj.* Hipotecado.

I

igualá [igwálv] *s. f.* Condição social. *Com'eram da mesma igualá, sempre s'entenderem bem.*

ilestre [iléstri] *s. m.* Elástico.

ilhós [ilós] *s. m.* Rabo.

im jum [i3ú] *perif. gram.* Em jejum.

impeçar [ipisár] *v.* Cruzar-se com.

impecával [ipikávav] *adj.* Impecável.

impinja [ipí3v] *s. f.* Impigem.

impolvesedo, a [ipovizédu, v] *adj.* Improvisado.

impresso [iprésu] *s. m.* Impresso.

incante [ikéti] *s. m.* Encanto, sonho.

incelências [isilěsv] *s. f. pl.* Orações que cantavam durante o período da Quaresma; excelências.

incontrar [ikōtrár] *v.* Encontrar.

indevido [idivídu] *s. m.* Indivíduo.

indrêta [idrétɐ] *s. m.* Endireita.
infadar-se (de) [ifədársi] *v.* Enfadar-se de; cansar-se.
infarto [ifártu] *s. m.* Enfarte.
infermero [ifirméru] *s. f.* Enfermeiro.
infier [ifjér] *v.* Enfiar.
inganido, a [igenídu, ɐ] *adj.* Cheio de frio.
ingive [ĩzivi] *s. f.* Gengiva.
ingustiação [ĩguʃtjɛsɛ̃w] *s. f.* Angústia.
injerção [ĩzɛrsɛ̃w] *s. f.* Injecção.
inquelebrer [ĩkilibrér] *v.* Equilibrar.
insener [isinér] *v.* Insinar.
intarnet [ĩtarnéti] *s. f.* Internet.
interar-se [ĩterársi] *v.* Saber; informar-se. *A m' nha mulher é que s'interô disso.*
interçol [ĩtirsóʎ] *s. m.* O. m. q. *enterçol*; terçolho.
interiço, a [ĩterísu, ɐ] *adj.* Inteiro.
intertinho [ĩtirítju] *s. m.* Intestino; véu da tripa.
intigo, a [ĩtígu, ɐ] *adj.* Antigo.
intipátco, a [ĩtipátku, ɐ] *adj.* Antipático.
intrebicar [ĩtribikár] *v.* Tropeçar.
intressor, a [ĩtrisór, óɾɐ] *adj.* Rival; aquele por quem o amado se interessa.
intretenença [ĩtritinɛ̃sɐ] *s. f.* Entretém; entretenimento.
intrudo [ĩtrúdu, ɐ] *s. m.* Pessoa mal vestida.
Intrudo [ĩtrúdu] *s. m.* Entrudo.
invecêum [ĩvisɛ̃w] *s. m.* Vício.
inveter [ĩvitér] *v.* Evitar.
ir a campo [ĩɾɛkɛ̃pu] *perif. gram.* Defecar.
ir à murelha [ĩɾámurɛ̃ʎɐ] *perif. gram.* Defecar.
ir a nove⁵¹⁹ [ĩɾɛnóvi] *perif. gram.* Ir muito depressa.
ir aliviar a carga [ĩɾɛlívjáɾɛkárɾɐ] *perif. gram.* Defecar.
ir aviar a vida [ĩɾɛvjáɾɛvídɐ] *perif. gram.* Defecar.
ir de rebimbalho [ĩɾdĩɾibĩbáʎu] *perif. gram.* Ir com os copos.
ir de regangamalha [ĩɾdĩɾigɛ̃gɛmáʎu] *perif. gram.* Ir com os copos.
ir nas salgas (de)⁵²⁰ [ĩɾnɛ̃sátɾɐʃ] *perif. gram.* Perseguir; ir no encalce de.
ir ó vulto (a) [ĩɾónúʎtu] *perif. gram.* Agredir; bater.
ir pó penico [ĩɾpópĩníku] **1.** *perif. gram.* Estragar-se. *A bomba da rega já foi pó penico.*
2. *perif. gram.* Ficar sem efeito. *Todos os preparativos foram pó penico.*
ir p'ra vea d'água [ĩɾprávéɛdágwɐ] *perif. gram.* Ser mentira. *Algumas das histórias dele vão p'ra vea d'água.*
ir ver a rapariga [ĩɾvéɾɛɾɛɾíɾɐ] *perif. gram.* Ir namorar.

⁵¹⁹ Cfr. CARREIRO, 1948: 306. Em Nisa, esta expressão é um pouco diferente: “ir a trinta e nove”.

⁵²⁰ Cfr. CARREIRO, 1948: 306.

isca [iʃkɐ] *s. f.* Tira feita a partir de tecido inflamável, usada antigamente para acender os cigarros.

iscar-se [iʃkársi] *v.* Defecar; sujar ligeiramente a roupa interior.

isquer [iʃkér] *v.* Atacar. *Já m'isquerim alguns três cães.*

J

janete [ʒənéti] *s. m.* Joanete.

jogar (com) [ʒugár] *v.* Dar bem com; adaptar-se a. *O casaco novo joga bem com as calças.*

jogar o guá [ʒugárogwá] *perif. gram.* Jogar ao berlinde, mas com bugalhos dos carvalhos.

jogar uma pedrada [ʒugárúmepidrádɐ] *perif. gram.* Lançar uma pedra.

jornalero [ʒurneléru] *s. m.* Pessoa que trabalhava à jorna.

jová [ʒová] *s. m.* Jeová.

juderice [ʒuderísi] *s. f.* Maldade.

judeu [ʒudéw] *adj.* Mau; ruim.

juguer [ʒugér] *v.* Jogar.

juntar-se (com) [ʒũtársi] *v.* Passar a viver em união de facto; amancebar-se.

justo [ʒúʃtu] *s. m.* O. m. q. *anual*; trabalhador fixo, que recebe ao mês.

L

laburdo [ləbúrdu] *s. m.* Restos da festa do casamento, que os miúdos não convidados comiam nas imediações do local onde decorria a boda.

lafaruso [ləfəruzu] *s. m.* Homem mal encarado.

lagartear [ləgərtjár] **1.** *v.* Roubar; pilhar. **2.** *v.* Trepas como os lagartos.

lagarteio [ləgərtéju] *s. m.* Pilhagem; roubo.

lambrança [ləbrẽsɐ] *s. f.* Lembrança.

lancho [ləʃu] *s. m.* Lanche.

langanha [ləŋgẽɲɐ] *s. f.* Coisa pegajosa, que teima em não se despegar das mãos.

langanhoso, a [ləŋgẽɲózu, ózɐ] *adj.* Aquele que apresenta os olhos cheios de ramelas; remeloso.

larachadas [ləɾɛʃádɛʃ] *adj. pl.* Diz-se das *castanhas*/biscoitos que se vertem com uma colher na lata onde cozem. *Este ano, na Páscoa, fiz castanhas larachadas e castanhas de forma.*

larada [lərádɐ] *s. f.* Pedacinho de barba que escapou no momento de barbear.

laraipo, a [lɐrájpu, ɐ] *adj.* Ladrão; larápio.

larero, a [lɐréru, ɐ] *adj.* O que gosta de dar fé, bisbilhotar; curioso. *Aquela mulher é mesmo larera, nã pára sossegada em casa.*

largar [lɐrgár] *v.* Sair; terminar o serviço. *Hoje só largo às 6 horas.*

larô [lɐró] *adj.* Gandaio; maluco. *Foram p'ra Lisboa e andaram por lá fetos larôs.*

lascar [lɐʃkár] *v.* Defecar.

latagada [lɐtɛgáde] *s. f.* Porrada; agressão física.

lavar o pelhêgo [lɐvárupiKégu] *perif. gram.* Tomar banho.

lavarinte [lɐvɛríti] *s. m.* Rebolicho; confusão.

lavascão [lɐvɛʃkêw] *adj.* Que anda todo sujo; porco.

lavrador [lɐvrɛdór] *s. m.* O patrão dos ganhões.

lavrega [lɐvréɣɐ] *s. m.* O. m. q. *lavrador.*

lavutar [lɐvutár] **1.** *v.* Frequentar; ir muitas vezes a um sítio. **2.** *v.* Lidar com; dar-se com; conviver.

lebracha [lɛbráʃɐ] *s. f.* Elemento do sexo feminino que se destaca pela esperteza e por estar com frequência a tentar enganar os outros. *Ela é uma lebracha, é preciso cuidado com ela!*

lecêum [liséw] *s. f.* Lição.

légica [lézikɐ] *s. f.* Lésbica.

lela [lélɐ] *adj.* Composta; enfeitada. *Onde vás hoje toda lela?*

lembanças [lɛbrêseʃ] *interj.* Vocábulo proferido quando se deixa cair algo para o chão.

ler o escrito [léruʃkrítu] *perif. gram.* Ver o sexo. *Nã sê s'é macho o fêmea, inda nã le li o escrito.*

lerpar [lɛrpár] *v.* Morrer.

levar na ideia [livárneidéjɐ] *perif. gram.* Pensar em; lembrar-se.

levar porrada de três em pipa [livárpurádɛditrêzɛpípe] *perif. gram.* Levar porrada em abundância.

levar uma remessa deles no fole [livárúmɛrimésɛdéliʒnufóli] *perif. gram.* Ir bêbado.

levar-se dos diabos [livársiduʒdiábuʃ] *perif. gram.* Enraivar-se; zangar-se. *Ó rapaz, é levê-me dos diabos e bati-le!*

lícado [líkedu] *s. m.* Líquido.

lida [líde] *s. f.* Preocupação. *Ando chêa de lidas por causa dos mênets.*

linguiça [líɣwíʃɐ] *s. f.* Enchido confeccionado com fraldas do costado e tripa de porco estreita.

linquintinas [líkĩtĩnɛʃ] *s. m. pl.* Balelas. *Pôs-se a ouvir linquintinas e atraso-se.*

lísio, a [líʒju, ɐ] *adj.* Liso.

liso [lízu] *s. m.* Copo de vinho grande.

listo, a de ouvido [líʃtudovídu] *adj.* Que ouve muito bem.

livreta [livréte] *s. f.* Bloco de folhas.

loitita [lojtíte] *s. m.* Pénis das crianças.

lorenço [lorésu] *adj.* Tonto. *O gaiato é meio lorenço.*

lulão [lulêw] *s. m.* Leilão.

lustre [lústri] *s. m.* Luxo.

M

má relha [márelɐ] *adj.* Que tem mau feitio.

madrinha [mædrĩɲɐ] *s. f.* Designação usada pelos enteados para designar a madrasta.

maduro, a [mædúru, ɐ] *adj.* Manso; calmo.

magana [mægɛnɐ] **1.** *s. f.* Prostituta. **2.** *s. f.* Mulher que trai o marido. **3.** *adj.* Atrevida; esperta; traquinas; ladina. *Ah, minha magana, que já me tramastes!*

mal atrogalhado, a [máɫɐtɾugɐládu, ɐ] *adj.* Mal vestido.

mal azado, a [máɫazádu] *adj.* Que não tem jeito para fazer algo.

mal encabelado, a [máɫɛkɐbiládu, ɐ] *adj.* Mal vestido.

malagô [mɐɫɛgó] *s. m.* Desgraçado; malfeitor.

malino, a [mɐlínu, ɐ] *adj.* Maligno.

mal-portada [máɫpurtáde] *s. f.* Prostituta; mulher que facilmente acede a cortesias.

malsenador [máɫsinɛdór] *s. m.* Pessoa que denunciava o acto do contrabando.

mamalhuda [mɐmɐlúde] *s. f.* Mulher que tem os seios muito grandes.

mamar [mɐmár] **1.** *v.* Tomar; comer. *Os pruns mamavam aquilo qu'era uma beleza.* **2.** *v.* Levar com; aguentar. *Mamei lá 16 meses de tropa.*

maminho [mɐmĩɲu] *s. m.* Dedo mínimo.

mandados [mɛdáduʃ] *s. m. pl.* Compras. *De manhã vo aviar os mandados, mas à tarde já to por casa.*

mandalete [mɛdɐléti] *s. m.* Rapaz novo em que todos mandam; moço de recados.

mandar à fonte limpa [mɛdáraɫótiɫĩɲɐ] *perif. gram.* Mandar dar uma volta.

mandar o bacalhau [mɛdárubɐkɐláw] *perif. gram.* Exercer poder sobre os outros. *O João era o que mandava o bacalhau.*

máneca [mánikɐ] *s. f.* Máquina.

manera [menéɾɐ] *s. f.* Comportamento; atitude. *Ela, com aquela sua manêra, consegue sempre o que quer.*

mangação [mɛgɐsɛw̃] *s. f.* Gozo. *Todos fazem mangação dele.*

manga-de-capote [mɛgɛdikɐpóti] *s. f.* Tipo de massa aos canudos grossos.

mangar [mɛgár] *v.* Gozar; brincar.

manilha [mɐníɫɐ] *adj.* Terrível. *Tu, p'ra gozar és uma manilha.*

manjengra [mɛzɛgrɐ] *s. f.* Mulher pequena.

manta [mɛtɐ] *s. m.* Copo de vinho grande. Abreviatura de *manta-de-gatêro*.

manta-de-gatêro [mɛtɛdigɛtêru] *s. m.* Copo de vinho de tamanho grande, equivalente a 1/4 de litro.

mão-d'amigo [mɛw̃demígu] *s. f.* Cumprimento; passou bem. *Sempre que me vê, dá-me a mão-d'-amigo.*

maquenério [mækinérju] *s. m.* Máquina.
maquiar [mækjár] *v.* Bater.
marafim [mæɾɛfí] *s. m.* Marfim.
marafona [mæɾɛfõnɐ] *s. f.* Pessoa do sexo feminino (nova ou velha), que é desconhecida.
marca [márkɐ] *s. f.* Botão.
marchante [mæɾʃɛ̃ti] *s. m.* Homem que conduzia os porcos.
marchar [mæɾʃár] *v.* Ir. *Os velhotes, marchou tudo pró lar.*
maricas [mæɾíkɐʃ] *s. m.* Homem que anda sempre no meio das mulheres e não convive com os outros homens.
maricom [mæɾikó] *s. m.* Homossexual.
marmelo [mæɾmélɐ] *s. m.* Gás; flatulência.
marosca [mæɾóʃkɐ] *s. f.* Tramóia; partida.
marrada [mæɾáɾɐ] *s. f.* Zona da cara em que a barba ficou mal cortada.
marreca [mæɾékɐ] *s. f.* Corcunda; corcova.
marreco, a [mæɾéku, ɐ] *adj.* Corcundo; corcovo.
martelo [mæɾtélu] *s. m.* Tipo de penteado, que consiste num tufo de cabelo dobrado. *Quando era moça, usava um popo de martelo.*
marzoguena [mæɾzɔgẽnɐ] *adj.* Que não se dá bem com ninguém.
masgar [mæʒgár] *v.* Esmagar.
mata-bicho [mátɛbíʃu] *s. m.* Aguardente que se toma pela manhã.
matação [mætɛsẽw] *s. f.* Lucro. *Premêro tiras-le a matação e depòs vendezi-o.*
matadoa [mætɛdóɐ] *s. f.* Metadona.
matar a formiga [mætáɾɛfurmíɣɐ] *períf. gram.* Dormir a sesta.
matar o bicho [mætárubíʃu] *períf. gram.* Beber um copo de aguardente.
matar [mætár] *v.* Fazer a matança do porco. *Costumo matar no principio do Inverno.*
matarrábia [mætɛɾábɪɐ] *s. f.* Beterraba.
matrimónio [mætrímóniu] *s. m.* Carro com motor de moto, onde só cabem duas pessoas.
mazela [mæzélɐ] *s. f.* Problema.
mãzera [mẽzére] *s. f.* Pega do cajado.
mêa-gaiola [mêɛgɛjólɐ] *s. f.* Copo de vinho pequeno.
mêa-governeta [mêɛgɛvɪrnétɐ] *s. f.* O. m. q. *mê-gaiola.*
mêa-lata [mêɛlátɐ] *s. f.* Copo de vinho de 1/4 de litro.
mechila [miʃílɐ] *s. f.* Mochila.
meguena [mígẽnɐ] *s. f.* Mediana, tipo de pão espanhol.
melga [mélɣɐ] *s. f.* Bebedeira.
melharengo [miʎɛrẽɣu] *adj.* Mulherengo.
melbiço, a [miʎísu, ɐ] *adj.* Gémeo.
mendindas [mẽdíɲɛʃ] *adj.* Forreta.
menina do olho [minínɐduólɐ] *s. f.* Pupila.
mensaja [mẽsáʒɐ] *s. f.* Mensagem.
mentrosão, ona [mẽtruzẽw, zõnɐ] *adj.* Aldrabão.

merçol [mirsóʎ] *s. m.* Moela.

merecer [mirisér] *v.* Valer. *Dêxe tar, nã mereç'a pena.*

meroal [merwát] *s. m.* Guardador de gado.

mesarável [mizeravél] *adj.* Forreta. Miserável, que vive na penúria.

meter a língua na caixa [mitéreʎígwenekáʃe] *perif. gram.* Calar-se. *Ela fêzia meter a língua na caixa.*

meter a penada⁵²¹ [mitérepináde] *perif. gram.* Dar palpites.

meter o colharão [mitérukuʎeréw] *perif. gram.* Intrometer-se na conversa.

meter-se a requerimentos [mitérsiæririkirimétuʃ] *perif. gram.* Pedir para ir trabalhar.

meter-se dentro [mitérsidêtru] *perif. gram.* Dominar; inteirar-se do assunto. *Eles são capazes de se meter dentro desse assunto.*

mexorfada [miʃorfáde] *s. f.* Mistura. Mexerufada; garrafada de remédio. *Tava bem mal, mas tomê aquela mexorfada e fequê bom!*

migana [miǵêne] *s. f.* Mediana, tipo de pão espanhol.

miganinha [migeníne] *s. f.* Espécie de batata com forma de amêndoa, que provém da lenchuga e que é doce.

mimória [mimórje] *s. f.* Memória.

mindinguente [mĩdĩǵéti] *adj.* Forreta.

miner [minér] *v.* Minar.

minga [mĩǵe] *s. f.* Órgão genital masculino.

mentir [mĩtir] *v.* Mentir.

mintira [mĩtĩre] *s. f.* Mentira.

mintroso, a [mĩtrózo, óze] *adj.* Mentiroso.

mirentes [mirétiʃ] *s. m. pl.* Olhos.

mocâneco [mokêniku] *s. m.* Mecânico.

moçaterona [muʃeterónne] *s. f.* Moça de tamanho grande.

mocheda [moʃéde] *s. f.* Tufo (de cabelos). *Arrancô-le uma mocheda de cabelos.*

moço-de-letras [mósudilétrɛʃ] *s. m.* Aquele que sabe ler e escrever.

moda [móde] *s. f.* Cantiga; música.

moguengo [muǵégu] *s. m.* Moganga; variedade de abóbora.

mole [móli] *adj.* Fresco. *Vô comprar pão mole p'ra comer com quêjo mole.*

morrer no narcedôro [murérnunersidóru] *perif. gram.* Esmorecer; terminar quando está a começar a ter vigor.

mosca [móʃkɛ] *s. f.* Birra; amúo. *Tá ca mosca porque o pai nã a dexô sair.*

mostro [móʃtru] *s. m.* Mosto.

motreco [mutréku] *s. m.* Pedaco de pão, geralmente duro.

mucedéde [musidédi] *s. f.* Mocidade.

muçoile, a [musójli, e] *s. m.* Rapaz ou rapariga com idade compreendida entre os 12 e os 20 anos.

mulharengo [muʎerégu] *adj.* Mulherengo.

⁵²¹ Cfr. CARREIRO, 1948: 306.

mundial [mũdjáɫ] *s. f.* Hemodiálise.

munete [munéti] *s. m.* Careta.

murta [múrte] *s. f.* Multa.

N

nã andar sozinho [nẽẽdársɔʒĩɲu] *perif. gram.* Estar com os copos; estar bêbedo.

nã dar carrera dreta [nẽdárkɐréredréte] *perif. gram.* Não fazer as coisas adequadamente; não estar no seu juízo perfeito.

nã dar más passo nem chancada. [nẽdármaʃpásunẽʃkádɐ] *perif. gram.* Não fazer mais nada.

nã deixar criar musgo na estrada [nẽdesjárkriármúzɣunẽʃtrádɐ] *perif. gram.* Ir a um sítio com bastante frequência. *Vinhim cá uns indevidos que já nã dexevim criar musgo na estrada.*

nã estar com olhos nem gastos [nãĩʃtárkõóluʒnẽgáʃtuʃ] *perif. gram.* Não estar com rodeios, com meias medidas.

nã estar sozinho [nẽtársɔʒĩɲu] *perif. gram.* Estar bêbedo.

nã fazer bom de [nẽfɛzêrbõdi] *perif. gram.* Não conseguir fazer nada de; não dominar. *Ele não faz bom dela.*

nã gramar nem com molho de tomate [nẽgrɛmárnẽkõmóluditumáti] *perif. gram.* Detestar; odiar. *O mê marido nã gramava a Refer nem com molho de tomate.*

nã haver froxeza de nada [nẽẽvérfruʒɛzɛdinádɐ] *perif. gram.* Não se temer a gastos; haver abundância de tudo. *Naquele casamento nã hove froxeza de nada.*

nã havia cá tu tia [nẽẽvíɛkatutíɐ] Expressão utilizada em situações em que se fala de alguém com desprezo e não há vontade de lhe valer, de ajudar.

nã ir munto católeco [nẽĩrmútuketóliku] *perif. gram.* Ir com os copos.

na mesma correnteza [nɛmɛʒɛkɐrɛtɛzɐ] *perif. gram.* A seguir, sem ser preciso fazer desvio. *Na mesma correnteza vesetê a familia toda.*

nã morrer de cornada de grilo [nẽmurédikurnádɛdigrílu] Expressão utilizada quando nos referimos a alguém que se acautela muito, que é muito cauteloso. *Como ele é, nã morre de cornada de grilo.*

nã poder alimpér potes [nãpudérɛĩpɛrpótis] *perif. gram.* Ser traído pelo cõnjuge.

nã ter falta (de) [nẽtérfáɫte] *perif. gram.* Ser bem dotado de. *Ela não tem falta de altura.*

nã ter os cinco alquêres bem medidos [nẽtérusʃíkaɫkériʒbémidíduʃ] *perif. gram.* Não ter o juízo perfeito.

nã trazer puto tostão [nẽtrɛzɛrpútutuʃtẽw] *perif. gram.* Não trazer dinheiro nenhum.

nalga [náɫɐ] *s. f.* Nádega.

narça [nársɐ] *s. f.* Bebedeira.

narcer [nɛrsér] *v.* Nascer.

narezẽum [nɛrizẽw] *s. m.* Nariz grande.

narezudo, a [nɛrɪzúdu, ɐ] *adj.* Que tem o nariz grande.
nariz-de-pecareta [nɛrɪʃdɪpɪkɛrɛtɛ] *adj.* Que tem o nariz grande.
nascer c'o cu virado pro lado da Fontanhera [nɛrsɛrkukúviráduproládudɛfõtɛjnɛrɛ] *perif. gram.* Ser mal disposto, mal humorado. *Nasceste c'o cu virado pro lado da Fontanhera, ninguém te pode aturar!*
nefta [néfte] *s. f.* Erva aromática usada, essencialmente, para temperar as azeitonas.
neninho [nɛníɲu] *s. m.* Dedo mínimo.
nicoso, a [nikózu, ózɐ] *adj.* Esquisito.
nol-da-graganta [nótɔɛgrɛgãtɛ] *s. m.* Maçã-de-adão.
nol-da-sopa [nótɔɛsópɐ] *s. m.* Maçã de Adão.
nomeado, a [nomjádu, ɐ] *adj.* Que tem boa fama.
nonos [nónuʃ] *adj. pl.* Ímpares. *Queres pares ou nonos?*
nôte-do-galo [nótɪdugálu] *s. f.* Noite de Natal.
nuvrite [nuvríti] *s. f.* Nevrose.

O

ó agarra! [ɔɛgáɾɐ] Expressão enfática equivalente a *ó linhas!*. *Assim qu'o pai o largô, ó agarra, aí vai ele!*
ó linhas [ólɪɲɐʃ] *O. m. q.* *ó agarra!*
ó meio batatas [ɔmɛjubɛtátɛʃ] Expressão utilizada quando alguém interrompe um diálogo com outra conversa pelo meio.
ó patas! [ɔpátɛʃ] *O. m. q.* *ó agarra!*
ó pé coxo [ɔpékóʃu] *perif. gram.* Assente apenas num pé.
o tanas da Fonte Soto [utɛnɛzɔɛfótisótu] Expressão equivalente a "Vai dar uma volta!"
ó tiozinho tem cá talêgues [ɔtiuzíɲutékátɛlégɪʃ] *perif. gram.* Aos caídos.
obreguer [ɔbrɪgɛr] *v.* Obrigiar.
ocupéda [ɔkupɛdɛ] *adj.* *O. m. q.* *acupéda.*
odiença [ɔdjɛsɐ] *s. f.* Audiência.
ódio [ódju] *s. m.* Ódio.
ól [ól] *s. m.* Óleo.
olha [ólɐ] *s. f.* Sopa.
olhar-de-bruxa [ɔláɾɔdɪbrúʃɐ] *s. m.* Olhar das mulheres quando menstruadas, que causa danos nas carnes da matança.
orda [órdɐ] *s. f.* Ordem.
orelhada [ɔɾɪláɔɛ] *s. f.* Bofetada.
orener [ɔɾɪnɛr] *v.* Urinar.
orvalhado, a [ɔɾvɛládu, ɐ] *adj.* Húmido.
orvelhena [ɔɾvɪléɛɛ] *s. f.* Amendoim.

orvilha [orvílɐ] *s. f.* Ervilha.

os Janêros estão lá em cima [uʃjɛnúruʃtẽwĩláésímɐ] Expressão utilizada quando se pretende frisar que a idade já é avançada.

os Janêros já sã muntos [uzɛnúruzásẽmútuʃ] O. m. q. *os Janêros estão lá em cima.*

osiedo, a [ozjédu, ɐ] *adj.* Propenso a; tendente a. *Ele é munto osiedo a gripes.*

ovelha ranhosa [unéleɾɛɾóʒɐ] *s. f.* Pessoa que se destaca pela negativa no seio de um grupo. *No nosso rancho, a Manela era sempre a ovelha ranhosa.*

P

pachoveda [pɛʃovéde] *s. f.* Asneira; tolice. *Tive toda a tarde a dzer pachovedas.*

padera [padéɾɐ] *s. f.* Rabo grande.

paderia [paderiɐ] **1.** *s. f.* O. m. q. *padera.* **2.** *s. f.* Padaria.

padrastão [pɛdrɛʃtẽw] *s. m.* Designação atribuída ao padrasto quando trata mal os enteados.

padrinho [pɛdrĩɲu] *s. m.* Designação usada pelos enteados para se referirem ao padrasto.

pagar ó levantar da era [pɛgárolivẽtárdɛéɾɐ] *perif. gram.* Pagar só quando o trabalho está pronto.

pai-padrinho [pájɛdrĩɲu] *s. m.* O. m. q. *padrinho.*

palerma [peléɾmɐ] *s. m.* Homem que se deixa mandar pela mulher.

palhaça [pɛláʒɐ] *s. f.* Queda.

palpetér [paʃpitér] *v.* Calcular; prever. *Logo palpetê que vinhas.*

pana [pɛnɐ] *s. f.* Fazenda.

panasca [pɛnáʃkɐ] *s. m.* Homossexual.

pancista [pɛsíʃtɐ] *s. m.* Homem que tem a barriga grande.

panelera [pɛniléɾɐ] *s. f.* Lésbica.

panelero [pɛniléɾu] **1.** *s. m.* Aquele que faz panelas. **2.** *s. m.* Homossexual.

pangaiada [pɛgɛjáde] *s. f.* Boémia; diversão. *Andô toda a nôte na pangaiada e agora nã s'alevanta.*

pangalhada [pɛgɛláde] *s. f.* O. m. q. *pangaiada.*

pão-da-vida [pẽwdevidɐ] *s. m.* Saúde. *Aquele rapaz parece que nã come o pão de vida.*

pão-de-lór [pẽwdilór] *s. m.* Pão-de-ló.

pão-de-ralo [pẽwdirálu] *s. m.* Pão feito da farinha que ficou no ralo, confeccionado para dar aos criados.

papa-açorda [pápasórde] *adj.* Sem personalidade; que se deixa mandar por todos.

papa-reformas [páɾɛrifórmɛʃ] *s. m.* Carro com motor de moto, onde só cabem duas pessoas, adquirido regularmente por pessoas de idade avançada, muitas vezes reformadas.

paparrato [papɛrátu] *s. m.* Massa das farinheiras, que se frita às colheradas.

papas do cu p'a caldera [pápeʒdukúpakaɫdéré] *s. f. pl.* Papas de milho, tradicionalmente confeccionadas no Dia de Todos os Santos.

pardalinho [pərdəlĩɲu] *s. f.* Copo de whisky pequenino.

pardelha [pərdéɫɐ] *s. f.* Bebedeira.

pardelhão [pərdiɫéw̃] *s. f.* Grande bebedeira.

parilético, a [pərilétiku, ɐ] *adj.* Epilético.

parir [pərir] *v.* Dar à luz.

parte [párti] *s. f.* Partida; pirraça. *Aquele malandro fez-me cá uma parte!*

pascoença [pəʃkwése] *s. f.* Pessoa que faz tudo devagar.

passadinhas [pəsədĩɲɐʃ] *s. f. pl.* Primeiros passos do bebé.

passar o casaco [pəsárukezáku] *perif. gram.* Bater; sovar. *O pai passava-lhe o casaco, cand'ele se portava mal.*

passareta [pəsəréte] **1.** *s. f.* Passarinha; baço do porco. **2.** *s. f.* Parte externa dos órgãos genitais femininos.

passarinho [pəsərĩɲu] *s. m.* Vagina.

passar-se à cortina [pəsársakurfĩne] *perif. gram.* Esquecer-se. *Qu'ria dzer-te o nome dela, mas passô-me à cortina.*

passar-se dos carretos [pəsársiduʃkərétuʃ] *perif. gram.* Desorientar-se; perder o tino.

pastana [pəʃtêne] *s. f.* Pestana.

patalô [pətəló] **1.** *s. m.* Pessoa que anda de forma esquisita, desengonçada. **2.** *s. m.* Pessoa que não é muito inteligente.

pataquinhos [pətəkĩɲuʃ] *s. m. pl.* Tostões.

patarra [pətáre] *s. f.* Patilha.

patas-de-galinha [pátɛʒdigeĩɲɐ] *s. f. pl.* Rugas existentes nos cantos dos olhos.

patear [pətjár] *v.* Morrer.

patroa [pətróɐ] *s. f.* Esposa; mulher.

pavão [pəvêw̃] *s. m.* O. m. q. *papa-açorda.*

paxom [paʃó] *s. f.* Paixão; desgosto.

peça [pése] *s. f.* Música; moda; canção.

pecanino, a [pikənínu, ɐ] *adj.* Pequenino.

pecareta [pikəréte] *s. f.* Nariz grande.

peda [pédɐ] *s. f.* Rabo.

peganhoso, a [piɣɛɲózu, ózɐ] *adj.* Gozão; que tem por hábito gozar e chatear.

pegar (com) [piɣár] *v.* Gozar. *Peguê com ela derivado ó corte do cabelo.*

pela [pélɐ] *adj.* Forreta.

pelacho, a [piláʃu, ɐ] *adj.* Nu.

peleto, a [pilétu, ɐ] *adj.* O. m. q. *pelacho.*

pelhêgo [pilégu] *s. m.* Corpo.

pelico [pilíku] *s. m.* Fato feito com peles de animais.

pelma [péɫmɐ] *s. f.* Pessoa desgraçada; com pouca apresentação. *Aí anda aquela pelma!*

pelota [pilóte] *s. f.* Bola.

pemento-de-cor [pimétudikór] *s. m.* Colorau.

penalty [penátti] *s. m.* Copo de vinho grande.

penca [pékvə] 1. *s. f.* Nariz grande. 2. *s. f.* Pessoa que coxeia.

penegar [pinigár] *v.* Sofrer; penar.

penheta [pijéte] *s. f.* Pinhata; primeiro domingo da Quaresma.

penhota [pijótə] *s. f.* O. m. q. *cangalho*.

pequéda [pikédə] *s. f.* Picada.

pequer [pikér] *v.* Picar.

perder o norte à terra [pirdérunórtatérə] *perif. gram.* Desorientar-se; não saber às quantas anda.

pereta [piréte] *adj.* Pirata; ladino.

periletro, a [perilétru, ə] *adj.* Epiléptico.

pernão [pirněw̃] *adj.* Ímpar. *Queres par o pernão?*

pestotira [piʃtótirə] *s. f.* Vagina.

petêra [pitére] *s. f.* Ferida.

pexinho-da-horta [peʃĩjudəórtə] *s. m.* Alimento confeccionado a partir de feijão-verde, que, depois de frito, assume uma forma semelhante à do peixe.

pica-pau [píkapáw] *s. m.* Intenção; vontade. *Estou c'o pica-pau de cair a casa.*

piela [pjélə] *s. f.* Bebedeira.

pilada [piládə] *adj.* Diz-se da castanha descascada e seca.

pindêro [pīdéro] *s. m.* Pandeiro.

pindríco [pīdríku] *s. m.* Coisa pequena pendente; berloque.

pindura [pīdúre] *s. f.* Cacho de uvas.

pingada [pĩgádə] *s. f.* Fatia de pão duro, frita em azeite ou pingo de toucinho e polvilhada com açúcar e canela.

pintar [pītár] *v.* Roubar.

pintiér [pītjér] *v.* Pentear.

pipa [pípe] *s. f.* Pessoa que bebe muito e aguenta.

pipi [pipí] *s. m.* Vagina das crianças.

pireta [piréte] *adj.* Pirata; esperto; que engana os outros.

pisco [píʃku] *s. m.* Pessoa que come pouco.

pi-shért [piʃért] *s. f.* T-shirt.

p'las largas [pləʒlárgeʃ] *perif. gram.* .Em abundância. *Desde que venderam na casa, têm sempre comida p'las largas.*

pleia [pléje] *s. f.* Discussão. *Houve aí um bocado de pleia entre eles.*

pléria [plérje] *s. f.* Partida; brincadeira; piada. *Que pléria fzeistes p'ra te vires a rir?*

plético, a [plétiku, ə] *adj.* Epiléptico.

plíce [plísi] *s. f.* Peliça; samarra; casaco grosso.

plumonia [plumuníə] *s. f.* Pneumonia.

pobre-sopas [póbrisópəʃ] *s. m.* Alguém que não é bom nem mau; inócuo.

polero [puléro] *s. m.* Espécie de palco elevado, localizado no cimo de umas escadas, onde normalmente só cabia a pessoa que actuava.

políteco, a [pulítiku, ɐ] *adj.* Zangado. *Eles andem polítecos um c'ó otro.*

poltricas [połtríkɛʃ] *s. f. pl.* Gracinhas. *Este bebé agora tá na fase de fazer poltricas.*

polvarinto [połvɛrítu] *s. m.* Polvorosa; agitação. *Chegô aí ela, pôs tudo em polvarinto.*

popa [pópɐ] *s. f.* Totó; carrapito.

pôr a cavar [pórekevár] *perif. gram.* Mandar embora; despedir.

pôr a trazer [póretrezér] **1.** *perif. gram.* Começar a usar o vestuário novo no dia-a-dia. *Já comprastes umas calças novas, já podes pôr as ôtras a trazer.* **2.** *perif. gram.* Divulgar uma informação. *Contaste-le a novedéde, dêxa qu'ela depressa a põe a trazer.*

pôr o sentido [pórusětídu] *perif. gram.* Interessar-se por.

pôr um par de cornos [pórũpárdikórnu] *perif. gram.* Trair.

porquêro [purkéru] *s. m.* Guardador de porcos, o. m. q. *mêroal dos porcos.*

pôr-se em pelêto [pórsēpilétu] *perif. gram.* Despir-se.

portera [purtéɾɐ] *s. f.* Porta do forno de cal, composta por quatro pedras, duas por baixo e duas por cima.

poco-mas-o-menos [pókumázoměnuʃ] *adj.* Que é inferior; reles.

prander [prědér] *v.* Prender.

prantar [prětár] *v.* Pôr; ficar. *Prantarem-se logo no siite certo.*

pravoera [prėvuéɾɐ] *s. f.* Parvoeira.

precurar [prėkurár] *v.* Perguntar.

precurér [prėkurér] *O. m. q. precurar.*

pregar uma falsa [priğárũmfáɫsɐ] *perif. gram.* Defecar. Esta expressão era utilizada quando iam defecar como desculpa para não trabalharem.

perigoso, a [priğózu, ózɐ] *adj.* Perigoso.

preguntar [priğũtár] **1.** *v.* Perguntar. **2.** *v.* Procurar. *Nunca preguntô uma moça p'ra namorar.*

preinha [prěɲɐ] *adj.* Grávida.

presa [prězɐ] *s. f.* Buraco que se faz no monte da farinha, antes de se começar a amassar a massa.

presente [prižětí] *s. m.* Oferta dada pela pessoa que fez a matança, composta por carne fresca, uma morcela, uma cacholeira cozida e uma porção de *paparratos* (Cfr.).

proibido, a [prubídu, ɐ] *adj.* Proibido.

procurar agrado [prøkuráɾɛgrádu] *perif. gram.* Namorar.

procurar [prøkurár] *v.* Perguntar.

procurer [prøkurér] *O. m. q. procurar.*

promonia [promuníɐ] *s. f.* Pneumonia.

prua [prúɐ] *s. f.* Bebedeira. *Que grande prua o Manel apanhó ontem!*

psicólico [psikólíku] *s. m.* Psicólogo.

pulmonia [pulmuníɐ] *s. f.* *O. m. q. promonia.*

punhada [puɲáɾɐ] *s. f.* Bofetada.

punheta [puɲétɐ] *s. f.* Prato confeccionado a partir de bacalhau cru desfiado. *Nã tenho grande fome, comi lá na taverna uma punheta de bacalhau.*

pupino [pupínu] *s. m.* Pepino.
puta [púte] *s. f.* Prostituta; meretriz.
putanhero [puteɲéru] *s. m.* Mulherengo.
puxar conversa [puʃárkõvérsɐ] *perif. gram.* Namorar. *Ele, naquela altura, andava sempre a qu'rer puxar conversa.*

Q

quartela [kwartélɐ] *s. f.* Cautela; cuidado.
quebrado, a [kibrádu, ɐ] *adj.* Que tem uma hérnia.
quebradura [kibrədúɾɐ] *s. f.* Hérnia.
quéida [kéjɔɐ] *s. f.* Queda.
queijo-mole [kézumóli] *s. m.* Queijo fresco.
quemar [kemér] *v.* Queimar.
quemo [kému] *s. m.* Picante. *Este queijo tem munto quêmo.*
quente com' o lume [kétikõmólúmi] *adj.* O. m. q. *quente.*
quente [kétɨ] *adj.* Diz-se da mulher que acede facilmente a cortesias.

R

rabiar [ɾɐbjár] *v.* Resmungar.
ralado, a [ɾɐládu, ɐ] *adj.* Preocupado.
ralar [ɾɐlár] *v.* Preocupar. *Tô ralada com eles, chove tanto e eles na estrada.*
ralo [ɾálu] *adj.* Raro.
rambóia [ɾɐbójɐ] *s. f.* Pândega; boémia. *Foste p'a rambóia e agora ñã consegues trabalhar!*
rambulhada [ɾɐbuláɔɐ] *s. f.* O. m. q. *rambóia.* *O melhor das sortes era a rambulhada do jantar.*
ramela [ɾɐmélɐ] *s. f.* Remela.
rampolia [ɾɐpulíɐ] *s. f.* O. m. q. *rambóia.*
rançoso, a [ɾɐsõzu, ózɐ] *adj.* Diz-se dos alimentos, quando já são velhos e têm uma cor amarelecida. *O pior que me podem dar é tocinho rançoso.*
randa [ɾédɐ] *adj.* Boémio; que gosta de beber uns copos.
rander [ɾédér] *v.* Render.
rangotango [ɾɐgõtɛgu] *s. m.* Tipo de baile repetitivo. *Os balhos agora são só rangotango.*
ranhoso, a [ɾɐɲõzu, ózɐ] **1.** *adj.* Que apresenta o ranho a cair-lhe do nariz. **2.** *adj.* Chato; maçador.

raparegona [ɾɐpɐɾigõnɐ] *s. f.* Rapariga grande.

rata [ɾátɐ] *s. f.* Vagina.

real-d'água [ɾiátɔdágwɐ] *s. m.* Rabo.

rebela [ɾibélɐ] *s. f.* Contrariedade; obstáculo. *Se nã hover rebela, cand'é qu'acaba este processo!*

rebimbar [ɾibĩbár] *v.* Resmungar.

rebucedo [ɾibusédu] *s. m.* Rebuçado.

regabofe [ɾégɐbófɨ] *s. m.* Anarquia. *Quando o chefe sai, isto vira um regabofe.*

reguler [ɾigulér] *v.* Regular.

relaço, a [ɾilásu, ɐ] *adj.* Vadio; relaxado.

remáteco [ɾemétiku] *s. m.* Reumático.

remeido [ɾiméjdu] *s. m.* Remédio.

remelica [ɾimilíkɐ] *s. f.* Remela pequena.

rengo, a [ɾéngu, ɐ] *adj.* Coxo. *Já vai rengo de uma perna.*

repasto da manhã [ɾipástudɐmɐɾjɛ] *s. m.* Pequeno-almoço.

reposer [ɾipozér] *v.* Repousar.

repunar [ɾipunár] *v.* Repugnar; ter nojo de.

reseda [ɾizédɐ] *s. f.* Risada.

résio, a [ɾézju, ɐ] *adj.* São.

resquebre [ɾiʃkébrɨ] *s. m.* Refrão; estribilho.

restolhada [ɾiʃtuládɐ] *s. f.* Prato confeccionado a partir de batatas, cebolas e alhos fritos

rezar padres nossos castelhenos [ɾizárpadɾiznósuʃkɛʃtiálénuʃ] Dizer maldades.

risa [ɾízɐ] **1.** *s. f.* Risada. **2.** *s. f.* Algo que diverte; divertimento. *É uma risa c'aquela cachopa.*

robar uma rapariga [ɾobárũmɐɾɐpɐɾígɐ] *perif. gram.* Ir buscar a rapariga para viverem juntos.

rober [ɾobér] *v.* Roubar.

roçador-de-balsas [ɾusɔdórdibáʃɐ] *s. m.* Trabalhador do campo. *P'la tua ropa, tu nã debes ser roçador de balsas!*

rola [ɾólɐ] *s. f.* Vagina.

rolha [ɾólɐ] *adj.* Ruim.

rombo, a [ɾõbu, ɐ] *adj.* Estragado. *A agulha já está romba.*

ronca [ɾóke] *s. f.* Instrumento musical, feito a partir de uma quarta furada no fundo e com a boca tapada com pele de coelho, com uma cana enfiada, que produz um som semelhante a um ronco.

ronha [ɾõɾɐ] *s. f.* Preguiça.

ropa-de-baxo [ɾópɐdibáʃu] *s. f.* Roupa interior.

ropa-de-trazer [ɾópɐditɾɛzér] *s. f.* Roupa de usar no trabalho ou por casa.

ropa-velha [ɾópɐvéʎɐ] *s. f.* Iguaria confeccionada a partir de restos de couves, batatas e bacalhau cozidos, típica do almoço do dia de Natal.

rosca [ɾóke] **1.** *s. f.* Bebedeira. *Já tás ca rosca, já nem oves nada.* **2.** *adj.* Matreiro; que

fica sempre à espera que os outros façam o serviço que lhe compete a si. *Tenho uma colega qu' é cá uma rosca!*

rotar [ROTár] *v.* Arrotar.

rote [Róti] *s. m.* Arroto.

rua cheia sem ninguém [Rúɛʃéɐsɛ̃nĩgẽ] *s. m.* Criatura que parece ser uma grande coisa, mas na realidade não é nada; alguém que tem uma aparência que se destaca, mas que é desprovido de essência.

S

sabugo [səbúgu] *s. m.* Rabo.

sachenero [səʃinéru] *s. m.* Talhante.

sachina [səʃínɐ] *s. f.* Chacina; grande quantidade de mortes.

safrenho, a [səfrɛ̃nu, ɐ] *adj.* Habitante da parte norte do concelho de Marvão; da Sáfara.

sair fora dos testos [səírfõrɛduʃtɛʃtuʃ] *perif. gram.* Não ir ao encontro das suas ideias.

salapismo [sələpíʃmu] *s. m.* Pessoa que não tem muita iniciativa, acanhada.

saluçar [səlusár] *v.* Soluçar.

saluço [səlúsu] *s. m.* Soluço.

salvar [saɫvár] *v.* Passar sem tocar. *Salvê a parede e foi enquanto me lá pus.*

sanapismo [sənəpízmu] *s. m.* O. m. q. *salapismo*.

sandalha [sɛ̃dáʎɐ] *s. f.* Sandália.

saragoça [sərəgósɐ] *s. f.* Tipo de tecido, de textura grossa.

sarangonhar [sərəɣɔnár] *v.* Deambular; matar tempo. *Não tens o trabalho acabado e andas a sarangonhar.*

sarvente [sərvɛ̃ti] *s. m.* Servente.

sastefeto, a [səʃtífɛtu, ɐ] *adj.* Satisfeito.

sastesfação [səʃtíʃfɛsɛ̃w] *s. f.* Satisfação.

seca-adegas [sékadéɣɛʃ] *adj.* Pessoa que bebe muito e aguenta.

secretário, a [sikritárju, ɐ] *adj.* Que guarda segredo.

segada [segádɐ] *s. f.* Barulho; confusão.

segurar-se [sigurársi] *v.* Poupar. *É a tal coisa d'agente se segurér e nã comprar o que lhe apetece.*

seguro, a [sigúru, ɐ] *adj.* Poupado; forreta.

selada [siládɐ] *s. f.* Salada

sem avanar as orelhas [sɛ̃vɛnárɛzɔréʎɛʃ] *perif. gram.* Sem hesitar. *Agarrou-se a fazer o trabalho sem avanar as orelhas.*

semanta [simɛ̃tɐ] *s. f.* Surra; sova.

sementinhas [simɛ̃tĩɲɛʃ] *s. f. pl.* Erva-doce.

senel [sinét] *s. m.* Sinal.

sengue [ségi] *s. m.* Sangue.

senisga [sinízgə] *s. f.* Pessoa pequena.

ser amante (de) [séreméti] *perif. gram.* Gostar de; apreciar. *Sou pouco amante de peixe.*

ser amigo (de) [séremígu] *perif. gram.* Gostar de; ter prazer em. *Ele é munto amigo de trabalhar.*

ser bom d'abocar [sérbódəbukár] *perif. gram.* Ser de fácil trato; ter bom feitio. *Ela nunca foi boa d'abocar.*

ser com'a caminete da carrêra a fugir [séfkōmakaminétidəkərérafuzír] Expressão utilizada quando se presencia a realização de uma actividade com rapidez. *Ela escreve depressa, é com'a que é a caminete da carrêra a fugir.*

ser com'a magarça [sérkōmámegársə] *perif. gram.* Ser mau, ruim. *És tão mau, qu'és com'a magarça.*

ser das quintas (de) [sérdə]kítə] *perif. gram.* Ter nascido no mesmo ano. *O João e o Manel são das minhas quintas.*

ser formoso, a (em) [sérfurmózu, ózə] *perif. gram.* Fazer algo bem. *Ela é formosa no cantar.*

ser o ai Jasus [séruajzəzúz] *perif. gram.* Ser o encanto de; o alvo de todas as atenções. *Aquela menina agora é o nosso ai Jasus.*

ser quinto [sérkítu] *perif. gram.* Ser do mesmo ano na incorporação militar. *O tê pai é mé quinto.*

ser um ai que te avias [séruajktəvíə] *perif. gram.* Ser rápido. *Só tens d'encontrar o siite, depois é um ai que te avias.*

ser um bocadinho de pão [séruəbukədípnudipéw] *perif. gram.* Ser muito bom.

ser um moro pro trabalho [séruémórurpótrəbálu] *perif. gram.* Trabalhar muito.

servir-se (de) [sirvírsi] *perif. gram.* Abusar sexualmente de uma fêmea. *Chegô aí, serviu-se dela e depôs nunca más le disse nada.*

sezêma [sizémə] *s. f.* Eczema.

sigurar [sigurár] *v.* Segurar.

siguro, a [sigúru, ə] *adj.* Avarento; forreta.

simpáteco, a [sīpátiku, ə] *adj.* Simpático.

simples [sípliʃ] *s. f.* O. m. q. quente.

sinais [sináj] *s. m. pl.* Tipo de toque dos sinos da igreja, indicativo da morte de alguém nascido ou residente na terra. *Tô a ovir fazer sinais, quem é que terá morrido?*

slenço [slésu] **1.** *s.m.* Silêncio. **2.** *adj.* Silencioso. *O cantar da mea-note é um cantar munto slenço.*

sobretudo de madêra [subritúdudimədəre] *s. m.* Caixão; urna.

soidades [sojdádiʃ] *s. f. pl.* Saudades.

soldador [sɔɫdədór] *s. m.* Curandeiro.

somblante [sōbléti] *adj.* Sonâmbulo.

sonso, a [sósu, ə] *adj.* Inosso.

sopapo [supápu] *s. m.* Murro; soco; bofetada.

sovaco [suváku] *s. m.* Surpresa. *Apanhô-me de sovaco, até m'assuté.*

sovela [suvélə] *adj.* Forreta.

suã [swé] *s. f.* Espinha dorsal dos porcos.

subir o cascalho [subírukɛʃkálɯ] *perif. gram.* Irritar-se. *Inda banão, subi-le o cascalho e respondê-le mal.*

súcia [súsɲɛ] *s. f.* Grupo; parceria. *Nã gosto de beber sozinho, só em súcia.*

suciar [susjár] *v.* Beber em conjunto com.

suíço [suísu] *s. m.* Patilha; suíça.

sujêto, a [suzétu, ɐ] **1.** *s. f.* Fulano. Designação informal, algo pejorativa, com que se faz referência a alguém cujo nome se ignora ou não se menciona. *Aquela sujêta é que m'atendeu lá nos Correios.* **2.** *s. f.* Namorado.

sulterada [suʔterádɐ] *s. f.* Diarreia.

sultura [suʔtúɐ] *s. f.* Diarreia.

sunisga [sunízɣɐ] *s. f.* Pessoa pequena.

suquepa [sukéɸɐ] *s. f.* Socapa.

surbeca [surbékɐ] *s. f.* Surrobeca; tipo de tecido.

survir [survír] *v.* Servir.

sustança [suʔtɛ́ɸɐ] *s. f.* Energia; robustez.

sustentativo, a [suʔtɛ́tɛ́tívu, ɐ] *adj.* Que sustenta; sustentador. *A cerveja é uma bebida sustentativa.*

T

tal ó quei [tálókéj] *perif. gram.* Mais ou menos; assim assim. *Como andava tal ó quei, decidi começar a limpeza.*

talagão [tɛlɛgɛ̃w̃] *s. m.* Pessoa grande.

talegas [tɛléɣɛʃ] *s. f. pl.* Seios de grande volume.

talhada [tɛláɗɐ] *s. f.* Fatia. *O mê lancho é uma fatia de pão e uma talhada de tocinho.*

talhar-se [tɛlársi] *v.* Decompor-se. *Cozi o leite, mas ele talhou-se.*

taloqueda [tɛlokédɐ] *s. f.* Pancada.

taludo, a [tɛlúdu, ɐ] *adj.* Crescido; encorpado.

tampero [tɛpéru] *s. m.* Tempero.

tamprar [tɛprár] *v.* Temperar.

tander [tɛdér] *v.* Tender.

tantar [tɛtár] *v.* Tentar.

tapona [tɛpónɐ] *s. f.* Bofetada.

tarrafia [tɛɾɛfíɐ] *s. f.* Pirraça; partida.

tarríval [tɛrívɛʃ] *adj.* Terrível.

tatalear [tɛtɛljár] *v.* Balançar de bêbado.

techote [tɛʃótɪ] *s. m.* Dichote; piada.

telemóval [tɛlemóvɛʃ] *s. m.* Telemóvel.

tem tacto! [tɛtátu] Expressão equivalente a "Tem cautela!"; "Tem cuidado!"

tempra [tɛ̃prɐ] *s. f.* Temperatura ideal para se cozerem os pães e os bolos. *O forno inda nã tem a tempra pó pão.*

tendal [tɛ̃dát] *s. m.* Pano do pão, com que se fazem os compartimentos para o colocar no tabuleiro.

teoreca [tjurékɐ] *s. f.* Prática. *Vocemecê já tem essa teoreca, depressa escreve o que dezemos.*

ter as velas acesas [térɛzvélɐʃɛséɛɐ] *perif. gram.* Estar ranhoso.

ter falta d' ovido [térfátɔdovídu] *perif. gram.* Ouvir mal, ser surdo.

ter má cronha [tér mákrɔ̃ɲɐ] *perif. gram.* Ser antipático.

ter manias com'a burra da ti Mari Temuda [tér mɛ̃niɐʃkómabúrɛdɛtimɛrítimúɛ] Expressão utilizada quando alguém tem que fazer as coisas à força.

ter na certeza [térnɛsirtéɐ] *perif. gram.* Acreditar. *Tenhas tu bem na certeza que o quê prometo nã falto.*

ter o coração com'o d'um burro [tér ukurɛsɛ̃w̃kómɔdúbúru] *perif. gram.* Ter bom coração.

ter os olhos invengrados [tér uzóluzivinegrádu] *perif. gram.* Estar bêbedo.

ter pêlo na venta [térpélunɛvɛ̃tɐ] *perif. gram.* Ser mau.

ter que pagar a padera igual ós outros [térkipɛgáɛɛpadérɛigwátɔzótru] *perif. gram.* Não ser exceção; não haver discriminação.

ter resgo [térRézgu] *perif. gram.* Ser apreciado; ter valor.

termenar (a) [tirminár] *perif. gram.* Decidir; determinar. *Termenê a cair a casa sozinha.*

testereda [tiʃtɛrédɐ] *s. f.* Cabeçada.

testo-de-panela [tɛ̃ʃtudipɛnɛlɐ] *s. m.* Bolo que não levedou e, por isso, ficou muito baixo.

tímado, a [tímɛdu, ɐ] *adj.* Tímido.

tinjarina [tĩʒɛrĩnɐ] *s. f.* Tangerina.

tioreca [tjurékɐ] *s. f.* Rotina. *É todos os dias aquela tioreca.*

tirar a fala [tiráɛfálɐ] *perif. gram.* Deixar de falar a alguém.

tirar as sortes [tiráɛʃsór̃ti] *perif. gram.* Ir às sortes; ir à inspecção médica com o objectivo de apurar os mancebos para cumprirem o serviço militar.

tirar pesquice [tirárpiʃkisi] *perif. gram.* Tentar saber; indagar. *Andô a tirar pesquice p'ra saber quem pescô o pego.*

tirar semelhanças [tirársimiłɛ̃sɐ] *perif. gram.* Imitar; tomar como modelo.

tirer [tirér] *v.* Tirar.

toio [tóju] *s. m.* Genica; vivacidade. *Ando sem toio pra nada.*

tomar o cordão [tumárukurdɛ̃w̃] *perif. gram.* Tradição praticada na aldeia de Porto da Espada, que consiste numa penitência da mulher no dia 25 de Março (dia da Sra. da Encarnação).

tomar sentido [tumársɛ̃tidu] *perif. gram.* Ter cuidado, atenção. *Toma sentido, senão ainda te amolas.*

tomar soberba [tumársubérbɐ] *perif. gram.* Aumentar; piorar (a doença). *O cobro tem estado a tomar soberba, já l'apanha o braço todo.*

tomar-se (de) [tumársi] v. Ficar imobilizado. *Tomou-se das pernas e teve de deixar de trabalhar.*

tonho, a [tónu, ə] *adj.* Bêbedo.

topar [topár] v. Gostar de; simpatizar com. *Ele não me topa, mas tem de m' aturar.*

toque [tókɨ] *s. m.* Música. Aquele que interpreta a música; tocador. *Hoje o balho é bom, porque o toque também é bom.*

torção [turséw̃] *s. m.* Terçolho; terçol.

toreda [torédə] *s. f.* Tourada.

tornero, a [turnéru, ə] **1. adj.** Torto, teimoso. **2. adj.** Pouco inteligente.

torta [tórtə] *s. f.* Bebedeira.

totena [toténe] **1. adj.** Parvo; com pouca iniciativa. *O filho do Jeremias é um totena.* **2. adj.** Sem jeito. *A fala da Escusa é uma fala tôtena.*

traça [trásə] *s. f.* Desejo; ânsia. *Tem andado numa traça com a vinda dos primos.*

trambelho [trēbélu] **1. s. m.** Acção; jeito. *Estou já sem trambelho para trabalhar.* **2. s. m.** Lógica. *Já não consegue conversar com trambelho.*

tramóia [tremóje] *s. f.* Cilada.

trampete [trēpéti] *s. f.* Trompete.

tramposo, a [trēpózu, ózə] *adj.* Que mete nojo; sujo.

trancada [trēkádə] *s. f.* Paulada.

trancalho [trēkálu] *s. m.* Peçaço grande. *Hoje o almoço é sopa de bajas ós trancalhos.*

transeter [trēzitér] v. Transitar.

trapalhão, ona [trəpəlḗw̃, óne] *adj.* Aldrabão; mentiroso.

trasero [trezéru] *s. m.* Rabo.

tratador, era de vida [trətədór, éredivíde] *adj.* Trabalhador; que procura singrar na vida.

trazer uma gaita [trəzérúmégájte] *perif. gram.* Não caçar nada.

reguêra [trigére] *s. f.* Risca.

trer [trér] v. Tirar.

troça [trósə] *s. f.* Fatia grande. *O mê jantar é uma sopa e uma troça de pão com zêtonas.*

troca-bolas [trókəbólɛʃ] *s. m.* Trapalhão.

troção [truséw̃] *s. m.* Terçolho; terçol.

trocer [trusér] v. Torcer.

troçolho [trusólu] *s. m.* Terçolho; terçol.

trogalhero, a [trugəléri, ə] **1. adj.** Espalhafatoso; mal vestido. **2. adj.** Tonto.

trogalho [trugálu] *s. m.* Pessoa espalhafatosa, mal vestida.

trogalho-da-mêa-nôte [trugáluðəméménóti] *s. m.* Tonto.

tropeço [trupésu] *s. m.* Pessoa que se deixa cair facilmente. Coxo.

troxas [tróʃɛʃ] *s. f. pl.* Seios de grande volume.

tuberculosa [tuberkulózə] *s. f.* Tuberculose.

tulha [túlɛ] **1. s. f.** Recipiente de cimento onde o vinho vai a cozer. **2. s. f.** Pessoa que bebe muito e aguenta.

U

úrcela [úrsilɐ] *s. f.* Úlcera.

urinas [urínɐʃ] *s. f. pl.* Rins. *Agora tenho pedra nas urinas.*

urinér urinér] *v.* Urinar.

urscla [úrʃklɐ] *s. f.* Úlcera.

urvilha [urvíʎɐ] *s. f.* Ervilha.

user [uzér] *v.* Usar.

V

vagar [veɣár] *s. m.* Tempo livre, desocupado. *Hoje tenho vagar p'ra ir à taverna.*

valentário, a [vɛlɛtárju, ɐ] *adj.* Voluntário.

vander [vɛdér] *v.* Vender.

vão [vɛw̃] *s. m.* Balanço. *Tomê vão e salvê a rebera.*

vardascada [vɛrdɛʃkádɐ] *s. f.* Agressão física posta em prática com uma vara.

vareta [vɛréte] *s. f.* Diarreia.

variante [vɛrjɛti] *s. m.* Rapaz pretendente.

variedo, a [vɛrjédu, ɐ] *adj.* Maluco. Avariado.

varunca [vɛrúke] *s. m.* Homem que se deixa mandar pela mulher.

vasar a tripa [vɛzáretripe] *perif. gram.* Defecar.

vasca [váfke] *s. f.* Birra; amuo. *Dêxa-o, já tá ca vasca.*

vasculhoso, a [vɛʃkulózu, ózɐ] *adj.* Que vasculha tudo; que bisbilhota tudo; cuscovilheiro.

vasquento, a [vɛʃkétu, ɐ] *adj.* Birrento. Maluco.

vela [véle] *s. f.* Ranho que, ao escorregar do nariz, assume a forma da chama de uma vela. *Cotadinho do cachepinho, anda ca vela acesa.*

velhaco, a [viláku, ɐ] *adj.* Mau; nocivo.

venanoso, a [vinɛnózu, ózɐ] *adj.* Venenoso.

vencer [vɛsér] *v.* Levar; viver. *Nã pode vancer esta vida assim.*

vender à carga cerrada [vɛdérakárgɛsirádɐ] *perif. gram.* Vender a olho, sem peso nem medida.

vender lampanas [vɛdérʎɛpɛnɐʃ] *perif. gram.* Travar conversas de pouca importância.

vendeu os olhos d'água e ninguém os comprô [vɛdévuzóʎuzdágwɛinĩgɛuʃkõpró] Expressão utilizada quando alguém diz que sabe muito e, afinal, não sabe nada.

venégre [vinégri] *s. m.* Vinagre.

veneta [vinéte] *s. f.* Zanga; aborrecimento. *Dê-le a veneta e bateu c'a porta.*

ventas [vĕtɐʃ] *s. f. pl.* Cara. *Fui abrir a tornera pra lavar as ventas e nã tinha água.*

ventas-de-panico [vĕtɐʃdipenĭku] *s. f.* Pessoa mal encarada.

ventejar [vĕtiʒár] *v.* Libertar gases, flatulências.

verador [verədór] *s. m.* Vereador.

verdascada [virðɐʃkádɐ] *s. f.* O. m. q. *vardascada.*

versura [virsúɾɐ] *s. f.* Viscera dos animais.

vesetér [vizitér] *v.* Visitar.

vestir-se de Carnaval [viʃtĭrsidikərnəvát] *perif. gram.* Mascaram-se.

vestir-se de velho [viʃtĭrsidivélu] *perif. gram.* Envergar *ropa-de-trazer*; vestir roupa velha.

vetrenairo [vitrinájru] *s. m.* Veterinário.

vicionado, a [visjunádu, ɐ] *adj.* Viciado.

viço [vísu] *s. m.* Vício.

vil [víʃ] *adj.* Avarento; forreta. *Lá nisso nã sã viles.*

vir à cão [vírakĕw̃] *perif. gram.* Vir à boleia.

vir c'os olhos enuvrados [vírkuzólufenuvráduʃ] *perif. gram.* Vir bêbado.

virar-se o santo contr' a esmola [virársiusĕtúkótraizmólɐ] *perif. gram.* Ser vítima do que se está a fazer aos outros.

vista [víʃtɐ] *s. f.* Pequeno lume, que se faz à boca do forno para acabar de cozer o pão, quando a temperatura nã está suficientemente quente. *O pão inda tá munto branco, temos de le fazer uma vistazinha.*

viúva [víjuvɐ] *adj.* Diz-se da tomatada simples, ou seja, aquela que nã leva qualquer outro ingrediente a enriquecê-la.

vometér [vomitér] *v.* Vomitar.

X

xaramango [ʃɐɾemĕgu] *s. m.* Pão com enchidos e toucinho.

xarepa [ʃɐɾɛpɐ] *s. f.* Pessoa com pouco importância.

xarêro, a [ʃɐɾéru, ɐ] *adj.* Habitante de São Julião (antiga Xévora).

xarifa [ʃɐɾife] *s. f.* Vagina.

xarifário [ʃɐɾifárju] *adj.* Designação atribuída ao ataque que é motivado por doenças de mulheres, doenças que estejam relacionadas com a *xarifa* (Cfr.).

xerpa [ʃɛɾpɐ] *s. f.* Acção; vigor; alento. *Ando sem xerpa niuma*

Z

zabumba [zɛbũbɛ] *s. f.* O. m. q. *ronca*.

zagal [zɛgát] *s. m.* Trabalhador jovem. Miúdo que guarda o gado.

zagalo [zɛgálu] *s. m.* O. m. q. *zagal*.

zagalona [zɛgɛlõnɛ] *s. f.* Pessoa jovem, do sexo feminino, que é desconhecida.

zaipana [zajpɛnɛ] *adj.* Esparvoado; tonto.

zambana [zɛbɛnɛ] *s. m.* Soro.

zangalhana [zɛgɛlɛnɛ] *s. f.* O. m. q. *xaramango*.

zangalhão, ona [zɛgɛlɛw̃, ónɛ] *s.* Criatura com um corpo mal feito.

zarolho, a [zɛrólu, ɐ] *adj.* Diz-se daquele que é cego de um olho.

zunicar [zunikár] *v.* Apreciar apalpando; beliscar.

5. 2 Alcunhas

Num concelho como o de Marvão, marcadamente rural, em que quase todos os habitantes se conhecem, as alcunhas ou anexins proliferam ainda mais rapidamente. Assim, atrevemo-nos a dizer que grande parte dos habitantes do concelho é detentora de uma alcunha, pela qual, frequentemente, é mais facilmente identificada do que pelo seu próprio nome.

Conscientes desta situação, no âmbito da recolha lexical, considerámos pertinente a recolha de algumas alcunhas; contudo, sem qualquer pretensão de exaustividade, reservando para trabalhos futuros o restante material recolhido.

Em localidades pequenas, o anexim pode surgir como mais um meio de identificação, uma vez que, normalmente, muita gente partilha dos mesmos nomes e/ou sobrenomes. No entanto, segundo Francisco Ramos e Carlos da Silva, estes poderão também ser motivados por “sanção, prazer, competição, inveja, paródia, discriminação...”⁵²².

A sua variedade deve-se a factores como o local onde vive ou de onde provém o visado, a profissão que desempenha, as suas características físicas ou psicológicas, os seus comportamentos, situações caricatas por que tenha passado...

Ainda que a maioria constitua, regularmente, a principal referência da pessoa, muitas são usadas só nas suas costas, pois nem sempre o povo foi “generoso” na sua atribuição e, por vezes, estas são bastantes depreciativas e até obscenas:

Adventista [ədvētíʃtɐ]

Aguardente⁵²³ [agwardéti]

Alfaiate [aʃfejáti]

Alpina [aʃpíne]

Amalçuedo [əmáʃwédu]

Amarguinha [əmɐrgíjɐ]

Bacolhes [bəkóʎiʃ]

⁵²² RAMOS, 2002: 16.

⁵²³ *Id.*: 69.

Badana⁵²⁴ [bədēnə]
Balharadas⁵²⁵ [balʰarádəʃ]
Baloço [belósu]
Banana⁵²⁶ [bənēnə]
Baranda⁵²⁷ [berédə]
Barril⁵²⁸ [bəríʃ]
Batatinha⁵²⁹ [bətɛfínɐ]
Baxinho⁵³⁰ [baʃínɐ]
Bechana⁵³¹ [bɨʃēnə]
Bejocas⁵³² [beʒókəʃ]
Bernaldinha [birnaʃdíɲɐ]
Betinho⁵³³ [bɛfínɐ]
Boa Pessoa⁵³⁴ [bóɛpísóɐ]
Boca de Sapo⁵³⁵ [bókɛdisápu]
Bode⁵³⁶ [bódi]
Boi⁵³⁷ [bój]
Borregas⁵³⁸ [burégəʃ]
Bragança⁵³⁹ [brɛgēsɐ]
Búbias [búbjɐʃ]

⁵²⁴ *Id.*: 75.

⁵²⁵ *Id.*: 78. Aqui surge registada como “bailaradas”.

⁵²⁶ *Id.*: 81.

⁵²⁷ *Id.*: 83. O local de recolha desta alcunha apontado pelos autores é Marvão.

⁵²⁸ *Id.*: 89.

⁵²⁹ *Id.*: 92.

⁵³⁰ *Id.*: 78.

⁵³¹ *Id.*: 100.

⁵³² *Id.*: 95.

⁵³³ *Id.*: 99.

⁵³⁴ *Id.*: 105.

⁵³⁵ *Id.*: 106.

⁵³⁶ *Id.*: 107. Esta alcunha foi recolhida pelos autores em Marvão.

⁵³⁷ *Id.*: 108.

⁵³⁸ *Id.*: 115.

⁵³⁹ *Id.*: 117.

Bufente [buféti]
Burrinho⁵⁴⁰ [buríɲu]
Cadáfi [kadáfi]
Cadáver [kədáver]
Cadelo [kədélu]
Caga Pregos⁵⁴¹ [káɣepréɣuʃ]
Calça Arregaçada [káʃsarigəsáɖe]
Calcachana [kaʃkɐʃéne]
Calças⁵⁴² [káʃsɐʃ]
Calhau⁵⁴³ [kɐláw]
Calhó⁵⁴⁴ [kɐló]
Câmbra Prêra [kéɓrɐprére]
Canas⁵⁴⁵ [kéneʃ]
Canhota⁵⁴⁶ [kɐnótɐ]
Canilhas⁵⁴⁷ [kɐníʎɐʃ]
Carcacinha [kɐrkɐsíɲɐ]
Careca⁵⁴⁸ [kɐrékɐ]
Carretas⁵⁴⁹ [kɐréteʃ]
Carroça⁵⁵⁰ [kɐróse]
Cartêro⁵⁵¹ [kɐrtéru]
Cata Quenhenta [kátekiɲéte]

⁵⁴⁰ *Id.*: 122.

⁵⁴¹ *Id.*: 140. Está registada como recolhida em Marvão.

⁵⁴² *Id.*: 145. Um dos locais onde foi recolhida foi Marvão.

⁵⁴³ *Id.*: 147.

⁵⁴⁴ *Id.*, *ibid.*.

⁵⁴⁵ *Id.*: 152.

⁵⁴⁶ *Id.*: 154. Um dos locais de recolha foi Marvão.

⁵⁴⁷ *Id.*, *ibid.*. Também é recolhida em Marvão.

⁵⁴⁸ *Id.*: 163.

⁵⁴⁹ *Id.*: 170.

⁵⁵⁰ *Id.*: 170. Marvão também é apontado como um dos locais de recolha.

⁵⁵¹ *Id.*: 171.

Catorze⁵⁵² [ketórzi]
Cavala [kəválɐ]
Cavalão⁵⁵³ [kəvələw̃]
Cavalinho⁵⁵⁴ [kəvəfĩɲu]
Cavalo de Pau⁵⁵⁵ [kəváludipáw]
Cerôlas⁵⁵⁶ [sirólɐʃ]
Cerveja⁵⁵⁷ [sirvéʒɐ]
Cestinho de Flores [sifĩɲudiflóriʃ]
Cevil [sivítʃ]
Chaca [ʃákɐ]
Chanquelho [ʃɛkéʎu]
Charafa [ʃɛrafɐ]
Chenês⁵⁵⁸ [ʃinéʃ]
Chera⁵⁵⁹ [ʃéɐ]
Chera a Vaca [ʃéravákɐ]
Chocolate⁵⁶⁰ [ʃukuláti]
Choréu [ʃuréw]
Chumbêro⁵⁶¹ [ʃũbéru]
Clarocho⁵⁶² [klɛróʃu]
Cobra⁵⁶³ [kóbɾɐ]
Colete d' Azinho [kulétidɛzĩɲu]

⁵⁵² *Id.*: 177.

⁵⁵³ *Id.*: 178.

⁵⁵⁴ *Id.*, *Ibid.*.

⁵⁵⁵ *Id.*: 179.

⁵⁵⁶ *Id.*: 184. Entre outros locais, também foi recolhida em Marvão.

⁵⁵⁷ *Id.*, *Ibid.*. Também foi recolhida em Marvão.

⁵⁵⁸ *Id.*: 195.

⁵⁵⁹ *Id.*: 192.

⁵⁶⁰ *Id.*: 197.

⁵⁶¹ *Id.*: 199.

⁵⁶² *Id.*: 203. Esta apenas foi registada em Marvão.

⁵⁶³ *Id.*, *Ibid.*.

Compincha [kõpĩʃɐ]
Cravenêro⁵⁶⁴ [krevinêru]
Cruja⁵⁶⁵ [krúʒɐ]
Cuco⁵⁶⁶ [kúku]
Curinha [kurĩɲɐ]
Da Ambulança [dẽbulẽsɐ]
Da Barradas [dɐbɐrãdɐʃ]
Da Gaita [dɐgãjtɐ]
Da Giesta [dɐʒɛʃtɐ]
Da Laginha [dɐlɐʒĩɲɐ]
Da Macera [dɐmɐsêrɐ]
Da Marrã [dɐmɐrẽ]
Das Albardas [dɐzãʔbãrdɐʃ]
Das Cabras [dɐʃkãbrɐʃ]
Das Gasosas [dɐʒgɐzózɐʃ]
Das Golas [dɐʒgólɐʃ]
De Rojo [dɛrõʒu]
Destó [dɛʃtõ]
Dezanove⁵⁶⁷ [dizɛnõvi]
Do Burro [dubúru]
Do Parque [dupãrki]
Dona Popas [dõnɐpõpɐʃ]
Dos Cavalos [duskevãluʃ]
Dos Espectáculos [duspetãklus]
Engenhero⁵⁶⁸ [ẽʒɪnêru]

⁵⁶⁴ *Id.*: 214.

⁵⁶⁵ *Id.*: 212. Surge registada como “Coruja”.

⁵⁶⁶ *Id.*: 217, 218. Também foi registada em Marvão.

⁵⁶⁷ *Id.*: 225.

Escusa⁵⁶⁹ [iʃkúʒɐ]
Esfrega⁵⁷⁰ [iʃfréʒɐ]
Esprancinha [iʃprẽsíɲɐ]
Estora⁵⁷¹ [iʃtóɾɐ]
Estrelado⁵⁷² [iʃtriládu]
Facadas⁵⁷³ [fɛkáðɐʃ]
Fadusco [fɛdúʃku]
Faísca⁵⁷⁴ [fɛíʃkɐ]
Farenhera⁵⁷⁵ [fɛɾijéɾɐ]
Farropo⁵⁷⁶ [fɛɾópu]
Farrusco⁵⁷⁷ [fɛɾuʃku]
Farturas⁵⁷⁸ [fɛɾtúɾɐʃ]
Fava⁵⁷⁹ [fáʋɐ]
Fedúcias⁵⁸⁰ [fidúsjeʃ]
Fera Negra [fɛɾɛnégrɐ]
Fezes⁵⁸¹ [fɛziʃ]
Foguete⁵⁸² [fugéti]
Fontes⁵⁸³ [fótiʃ]
Frasquinho de Veneno⁵⁸⁴ [frɛʃkíɲudivínẽnu]

⁵⁶⁸ *Id.*: 235.

⁵⁶⁹ *Id.*: 241. Surge como exclusiva de Marvão.

⁵⁷⁰ *Id.*, *Ibid.*.

⁵⁷¹ *Id.*: 246.

⁵⁷² *Id.*: 248.

⁵⁷³ *Id.*: 251.

⁵⁷⁴ *Id.*: 252.

⁵⁷⁵ *Id.*: 255. Marvão também surge como local de recolha.

⁵⁷⁶ *Id.*: 256.

⁵⁷⁷ *Id.*, *Ibid.*.

⁵⁷⁸ *Id.*, *Ibid.*.

⁵⁷⁹ *Id.*: 257.

⁵⁸⁰ *Id.*: 258. Surge registada como “Fedúncias”.

⁵⁸¹ *Id.*: 262.

⁵⁸² *Id.*: 267. Marvão aparece como um dos locais de origem.

⁵⁸³ *Id.*: 268.

⁵⁸⁴ *Id.*: 271. Está registada como “Frasco de Veneno”.

Gaiolas⁵⁸⁵ [gəjólɐʃ]
Galega⁵⁸⁶ [gələgɐ]
Galhanços [gəʎɛ̃suʃ]
Gasalha [gɐzáʎɐ]
Gato Bravo⁵⁸⁷ [gátubrávʉ]
Gavelas [gavélɐʃ]
Ginja⁵⁸⁸ [ʒíʒɐ]
Guarda-rios⁵⁸⁹ [gwárdeɾíwʃ]
Gudi [gúdi]
Inverna⁵⁹⁰ [ivérnɐ]
Janeca⁵⁹¹ [ʒenékɐ]
Janêro⁵⁹² [ʒenéru]
Jôna⁵⁹³ [ʒónɐ]
Jota Jota [ʒótɐʒótɐ]
Labrego⁵⁹⁴ [ləbrégu]
Lacão [ləkɛ̃w̃]
Landuna [lədúɳɐ]
Larô [ləró]
Latinhas⁵⁹⁵ [lətínɐʃ]
Latoa [lətɔɐ]
Lavadinho⁵⁹⁶ [ləvədínɳu]

⁵⁸⁵ *Id.*: 276. Também foi recolhida em Marvão.

⁵⁸⁶ *Id.*: 278.

⁵⁸⁷ *Id.*: 285, 286.

⁵⁸⁸ *Id.*: 289.

⁵⁸⁹ *Id.*: 294.

⁵⁹⁰ *Id.*: 303. Surge registada apenas no masculino – “Inverno”.

⁵⁹¹ *Id.*: 308.

⁵⁹² *Id.*, *Ibid.*.

⁵⁹³ *Id.*: 312.

⁵⁹⁴ *Id.*: 324. Apenas foi recolhida em Marvão.

⁵⁹⁵ *Id.*: 329, 330.

⁵⁹⁶ *Id.*: 330.

Levezinho⁵⁹⁷ [lɛviziŋu]
Lindinha⁵⁹⁸ [lĩdĩɲɛ]
Lucas Pires⁵⁹⁹ [lúkɛʃpíriʃ]
Lupas [lúpɛʃ]
Macaco⁶⁰⁰ [mɛkaku]
Mala Cara [málekáɾɛ]
Malaia⁶⁰¹ [mláje]
Maluco⁶⁰² [mɛlúku]
Manelinho [mɛnɛĩɲu]
Manjerico⁶⁰³ [mɛziɾíku]
Manolo, a [mɛnólu, ɐ]
Mantas⁶⁰⁴ [mɛtɛʃ]
Massa Frita [máɛfrítɛ]
Meguela [migeíɛ]
Mejado⁶⁰⁵ [miʒádu]
Menage [menáʒi]
Menina Amélia [minĩnaméíje]
Menino Jesus⁶⁰⁶ [minĩnuʒizúʃ]
Mestre Albardero [mɛʃtraɫbɛrdéru]
Mestre⁶⁰⁷ [mɛʃtri]
Mija na Salsa⁶⁰⁸ [mízɛnɛsátɛ]

⁵⁹⁷ *Id.*: 334.

⁵⁹⁸ *Id.*: 335. Esta alcunha só surge no masculino – “Lindinho”.

⁵⁹⁹ *Id.*: 339.

⁶⁰⁰ *Id.*: 342. Marvão surge como um dos muitos locais onde esta alcunha foi recolhida.

⁶⁰¹ *Id.*: 347. Surge registada apenas no plural – “Malaiais”.

⁶⁰² *Id.*: 349.

⁶⁰³ *Id.*: 354.

⁶⁰⁴ *Id.*, *Ibid.*.

⁶⁰⁵ *Id.*: 392. Esta alcunha também foi recolhida em Marvão.

⁶⁰⁶ *Id.*: 385.

⁶⁰⁷ *Id.*: 387.

⁶⁰⁸ *Id.*: 391.

Moedas⁶⁰⁹ [mwédɛʃ]
Molêro⁶¹⁰ [muléru]
Montalvã [mõtáɪvẽ]
Mula Brava [múlɛbrávɛ]
Nina [nínɐ]
Nodi [nódi]
Noguero⁶¹¹ [nugéru]
Noguita [nugíte]
Orelhas⁶¹² [ɔréʎɐʃ]
Palrão⁶¹³, **oa** [paɫɾɛ̃w̃, óɐ]
Panela de Pressão⁶¹⁴ [pənélɛdipɾisɛ̃w̃]
Pantelho⁶¹⁵ [pẽtéʎu]
Papa Açúcre⁶¹⁶ [pápasúkɾi]
Papa Galinhas⁶¹⁷ [pápeɣelĩɲɐʃ]
Papa Léguas⁶¹⁸ [pápeɫégwɐʃ]
Papa Ovos⁶¹⁹ [pápeóvuʃ]
Papa-teatros⁶²⁰ [pápetjátruʃ]
Parte Pão [pártipɛ̃w̃]
Passarita⁶²¹ [pɛsɛrite]
Patalô [pɛtɛló]
Pato⁶²² [pátu]

⁶⁰⁹ *Id.*: 397.

⁶¹⁰ *Id.*: 398. Marvão também está registado como local de recolha.

⁶¹¹ *Id.*: 411. Esta alcunha surge apenas no feminino.

⁶¹² *Id.*: 416.

⁶¹³ *Id.*: 425.

⁶¹⁴ *Id.*: 427.

⁶¹⁵ *Id.*: 480. Surge registada como “Pintelho” e também foi recolhida em Marvão.

⁶¹⁶ *Id.*: 429. Está registada como “Papa Açúcar” e também foi ouvida em Marvão.

⁶¹⁷ *Id.*: 431.

⁶¹⁸ *Id.*: 432.

⁶¹⁹ *Id.*, *Ibid.*.

⁶²⁰ *Id.*: 434. Apenas é registada em Marvão.

⁶²¹ *Id.*: 441. Também foi recolhida em Marvão.

Pé Leve⁶²³ [pélévi]
Pechorrita [piʃurítɐ]
Pedrерinho⁶²⁴ **d'Assecera** [pidreʃĩjudaseséɾɐ]
Pelé⁶²⁵ [pelé]
Pelingrinas [piligrínɐʃ]
Pensadas [pēsádɐʃ]
Penteadinho⁶²⁶ [pẽtjɛdĩɲu]
Penuja⁶²⁷ [pinúzɐ]
Pequenino⁶²⁸ [pikinínu]
Pequeno⁶²⁹ [pikẽnu]
Pêra Negra⁶³⁰ [péɾɛnégrɐ]
Perdido⁶³¹, **a** [pirdídu, ɐ]
Pica na Fava⁶³² [píkɛnɛfávɐ]
Picha de Cavalo [píʃɛdikɛválu]
Picha Negra⁶³³ [píʃɛnégrɐ]
Piconero⁶³⁴ [pikunéru]
Pífarо⁶³⁵ [píferu]
Piqui [piki]
Pirata⁶³⁶ [pirátɐ]
Pirica⁶³⁷ [piríkɐ]

⁶²² *Id.*: 446.

⁶²³ *Id.*: 452.

⁶²⁴ *Id.*: 453. Surge apenas a primeira parte da alcunha.

⁶²⁵ *Id.*: 459, 460.

⁶²⁶ *Id.*: 462.

⁶²⁷ *Id.*, *Ibid.*

⁶²⁸ *Id.*: 463.

⁶²⁹ *Id.*, *Ibid.*

⁶³⁰ *Id.*, *Ibid.*

⁶³¹ *Id.*, *Ibid.*

⁶³² *Id.*: 471.

⁶³³ *Id.*: 473.

⁶³⁴ *Id.*: 474.

⁶³⁵ *Id.*: 474, 475.

⁶³⁶ *Id.*: 482. Marvão é um dos muitos locais em que esta alcunha se utiliza.

Pisca-pisca⁶³⁸ [píʃkɛpíʃkɛ]
Pívias⁶³⁹ [pívjɛʃ]
Plona [plónɛ]
Popiço [popíʃu]
Porra Zabel [pórɐzɛbéʃ]
Prajal⁶⁴⁰ [prɛzátʃ]
Pulga⁶⁴¹ [púʎgɐ]
Puxa o Pau [púʃɔpáw]
Quedas⁶⁴² [kédɐʃ]
Quintanilha⁶⁴³ [kĩtɛníʎɛ]
Rambóia⁶⁴⁴ [rɛbójɛ]
Ramona⁶⁴⁵ [ramónɛ]
Rascalho⁶⁴⁶ [rɛʃkáʎu]
Ratana⁶⁴⁷ [rɛtɛnɛ]
Realidades [Rjɛlidádiʃ]
Regoga [riɡógɐ]
Rei do Gado⁶⁴⁸ [Réjdugádu]
Rei Preto⁶⁴⁹ [Réjprétu]
Resgata [riʒgátɐ]
Risadas⁶⁵⁰ [Rizádɐʃ]
Rolo⁶⁵¹ [Rólú]

⁶³⁷ *Id.*, *Ibid.*.

⁶³⁸ *Id.*: 484.

⁶³⁹ *Id.*: 485. Surge registada no singular.

⁶⁴⁰ *Id.*: 492. Recolhida apenas em Marvão.

⁶⁴¹ *Id.*: 495, 496.

⁶⁴² *Id.*: 498.

⁶⁴³ *Id.*: 500.

⁶⁴⁴ *Id.*: 506. Também foi registada em Marvão.

⁶⁴⁵ *Id.*, *Ibid.*. Registada exclusivamente em Marvão.

⁶⁴⁶ *Id.*: 508. Registada apenas em Marvão.

⁶⁴⁷ *Id.*: 509.

⁶⁴⁸ *Id.*: 513.

⁶⁴⁹ *Id.*: 514.

⁶⁵⁰ *Id.*: 518. Foi recolhida apenas em Marvão.

Romeringa [romiríŋe]
Russo⁶⁵² [rúsu]
Sã Marcos [sémárku]
Sabi [sabí]
Saboneta⁶⁵³ [səbunétə]
Safolas [səfóləʃ]
Salsa⁶⁵⁴/**Salsinha** [saʃsə] / [saʃsíŋə]
Sanico⁶⁵⁵ [səniku]
Sapatero⁶⁵⁶ [səpəteru]
Saragoça⁶⁵⁷ [səɾəgósə]
Sardenhera⁶⁵⁸ [sərdiŋərə]
Secreta [sikrétə]
Sem Tripas⁶⁵⁹ [sétriɸə]
Serrinha [sɛrĩŋə]
Silvina [silvĩnə]
Sobe e Desce⁶⁶⁰ [sóbidéʃi]
Sobinho [sobĩŋu]
Tabuinhas⁶⁶¹ [təbwĩŋəʃ]
Tacha⁶⁶²/**Tachinha** [táʃə] / [təʃĩŋə]
Talega⁶⁶³ [telégə]
Tico [tíku]

⁶⁵¹ *Id.*: 520.

⁶⁵² *Id.*: 523.

⁶⁵³ *Id.*: 525. Surge registada no masculino (“Sabonete”) e também foi recolhida em Marvão.

⁶⁵⁴ *Id.*: 528.

⁶⁵⁵ *Id.*: 530. Recolhida exclusivamente em Marvão.

⁶⁵⁶ *Id.*: 531, 532.

⁶⁵⁷ *Id.*: 533.

⁶⁵⁸ *Id.*, *Ibid.*. Também foi recolhida em Marvão.

⁶⁵⁹ *Id.*: 538.

⁶⁶⁰ *Id.*: 544.

⁶⁶¹ *Id.*: 549.

⁶⁶² *Id.*: 550.

⁶⁶³ *Id.*, *Ibid.*. O único local de registo apontado é Marvão.

Tinonim⁶⁶⁴ [tĩnõní]
Tlinta e Tlês⁶⁶⁵ [tlĩtẽitlẽʃ]
Tó Mô [tómó]
Tocero/a⁶⁶⁶ [toséru, ɐ]
Tocinha⁶⁶⁷ [tosĩɲɐ]
Tolan⁶⁶⁸ [tɔlɛ̃]
Tomasana [tumɛzẽɲɐ]
Torada [torádɐ]
Toranja [turẽʒɐ]
Torrado⁶⁶⁹ [tuɾádu]
Torrinha⁶⁷⁰ [tuɾĩɲɐ]
Tranquilhas [trẽkĩkĩɐʃ]
Treguera⁶⁷¹ [trigéɾɐ]
Triste⁶⁷² [trĩʃti]
Tropeça⁶⁷³ [trupésɐ]
Tuchê [tuʃé]
Turra⁶⁷⁴ [túɾɐ]
Urso [úrsu]
Varjão/ Varjã [varʒẽw][varʒẽ]
Veleza [viléʒɐ]
Venanosa⁶⁷⁵ [vinɛnózɐ]

⁶⁶⁴ *Id.*: 558.

⁶⁶⁵ *Id.*: 560.

⁶⁶⁶ *Id.*: 566. Apenas foi recolhida em Marvão e vem registada no plural: “Touceiros”.

⁶⁶⁷ *Id.*, *Ibid.*. Está registada apenas no masculino.

⁶⁶⁸ *Id.*: 562. Marvão foi um dos locais de recolha.

⁶⁶⁹ *Id.*: 565.

⁶⁷⁰ *Id.*, *Ibid.*. Marvão foi um dos locais de recolha.

⁶⁷¹ *Id.*: 570. Está registada apenas no masculino – “Trigueiro”.

⁶⁷² *Id.*: 571.

⁶⁷³ *Id.*: 572. Registada também em Marvão.

⁶⁷⁴ *Id.*: 573.

⁶⁷⁵ *Id.*: 582, 583.

Veternário [vitirnárju]

Vitinho [viíjnu]

Volta ó Mundo [vóttomúdu]

Voltinhas⁶⁷⁶ [vóttíjɲɛ]

Zandinga /Zandi [zẽdíɲɛ] / [zẽdi]

Zeca Diabo⁶⁷⁷ [zékɛdjábu]

⁶⁷⁶ *Id.*: 589.

⁶⁷⁷ *Id.*: 600.

5.3. Provérbios e máximas populares⁶⁷⁸

a boa sardinha entra p'lo portal da vinha. [ɐbósɐrdĩɲɛétrɐplupurtáɫdɐvĩɲɐ] A boa sardinha aparece quando as uvas começam a amadurecer.

a continuação do cachimbo é que faz a boca torta⁶⁷⁹. [ɛkõtɪnɐwɛsɛ̃w̃dukɛ̃ʃíbuekɪfázɐbókɛtórɛʃ] Com a experiência é que se aprende.

a ovelha más manhosa é sempre a que caga n' aferrada. [ɐvɯléɱázɱɐɲózɐsɛ̃pɪɛkɪkáɣɐnafɪrádɐ] Quem tem vícios ou baldas, mostra-os sempre.

Abril, um em cada mil. [ɐbrĩtũɛkédɐmĩt] Como o mês de Abril em Portugal, por norma, é desagradável, este não é desejado.

arde o verde por seco⁶⁸⁰. [árdɪuverdɪpurséku] Expressão usada no negócio, quando se quer enganar o comprador, para indicar que os produtos verdes vão no meio dos maduros.

arroz-doce nã é p'ra brutos⁶⁸¹. [ɐRÓzdósɪnɛ̃ɛ̃pɪɛbrútuʃ] Expressão utilizada cada vez que se come arroz-doce no sentido de gozo. Também significa “deitar pérolas a porcos”.

as premêras sã vassoras, as segundas sã senhoras. [ɐʃpɪmɛɪɛ̃ʃɛ̃vɐsórɐʃɪgũdɛ̃ʃɛ̃sɪɲórɛʃ] Máxima utilizada a respeito do casamento.

avezô-se a velha ós bredos, agora lambe-l' os dedos. [ɐvɪzósɪɐnɛ̃ɛ̃ɐzbrɛduzɐgórɛ̃ɛ̃bɪluzdédɯʃ] O que custou foi começar, agora não se pára.

cabra cega não tem sesta [kábrɛsɛ̃gɐnɛ̃tɛ̃sɛ̃ʃtɐ] Expressão utilizada quando alguém tem uma debilidade. O facto de ter uma debilidade faz com que não possa parar, para a conseguir compensar.

cabra coxa nã tem sesta⁶⁸². [kábrɛkóʃɐnɛ̃tɛ̃sɛ̃ʃtɐ] Quem tem limitações terá de se esforçar mais para atingir os mesmos objectivos.

canastra que leva sardinhas tarde ó nunca perde o chêro. [kɛnáʃtɪɛ̃kɪlévɐsɐrdĩɲɛ̃ʃtárdɪɔnũkɛ̃pɛrduʃɛ̃ru] Quem tem vícios nunca os perde.

céu apedrado ós três dias é molhado⁶⁸³. [sɛ̃wɐpɪdráduóʃtrɛ̃zɔdíɛ̃zɛ̃muɫádu] Quando o céu se apresenta nublado, significa que em breve virá a chuva.

⁶⁷⁸ Uma vez que recentemente, em 2008, foi lançado uma compilação de provérbios e frases feitas da autoria de uma portalegrense, optámos por confrontar a nossa recolha com a referida obra, a fim de averiguar quais as expressões que já se encontram registadas.

⁶⁷⁹ Cfr. MILHANO, 2008: 19.

⁶⁸⁰ *Id.*: 54.

⁶⁸¹ Cfr. CARREIRO, 1948: 311.

⁶⁸² *Id.*: 71. Esta máxima apresenta uma ligeira diferença: “Cabra manca não tem sesta.”

⁶⁸³ *Id.*: 82. Nesta obra a máxima surge ligeiramente diferente: “Céu escavado aos três dias é molhado.”

como semos assim cudemos. [kómusémuzesí kudému] Como somos, assim pensamos que são os outros.

conforme for o toque, é o balho⁶⁸⁴. [kofórmifórutókiéubálu] Consoante ajam connosco, assim nós actuaremos. Conforme for a circunstância, assim nos adaptaremos.

crecem os chaparros, minguem os sobrerros. [kréjéuʃpáruzmīgúēuʃubréruf] Crescem os rapazes e os velhos morrem. À medida que uns vão ganhando vigor, outros vão fenecendo.

do cerejo ó castanho, bem m' amanho; do castanho ó cerejo, mal me vejo⁶⁸⁵. [dusirézuokéʃtēpubémēmējnudukéʃtēpuosirézumátmivézu] Do Verão ao Outono, há abundância de comida; do Outono ao Verão escasseiam mais os alimentos.

donde vens? P'ra onde vás? Venho da Senhora das Candêas e vô p'ro Sã Brás. [dóddivéʃprēódivázvējnudēsijnórēdeʃkēdézivóprośēbrás] Em Marvão, realiza-se uma festa em honra de S. Brás (03 de Fevereiro), imediatamente a seguir ao dia da Sra. das Candeias (02 de Fevereiro).

duas horas em Marvão, nôte na mão. [dúezórezēmervēñnótinēmēw] Devido à sua orografia, no Inverno, às duas da tarde, põe-se o sol em Marvão.

em Abril, o cuco o é morto o nã quer vir. [ēbríʃtúkúkōémórtuonēkérvír] Em Abril, por norma, já se ouve cantar o cuco.

em Março, tanto durmo como faço⁶⁸⁶. [ēmársutétudúrmukómufásu] Em Março, tanto os dias como as noites estão a meio caminho entre o máximo e o mínimo.

em princípios de Março, aparta o par. Fins de Março, faz o covacho. Em meados d' Abril, ench' o covil. [ēpřisípuzdimársuepárteupárfízdimársufázukuváʃuēmjáduzdēbrítēʃukuvít] Máxima que ilustra o ciclo reprodutor das perdizes.

és c'mo compadre mãos-de-aranha, que p'ra comer sua e p'ra trabalhar arreganha. [éʃkmokōpádrimēwzderēʃnekiprékumérsúeipretrebełáreɾigēʃne] *Quem não é para comer não é para trabalhar.*

essa malta, só cum espeto quente! [ésēmáʃtesókũʃpétukēti] Expressão proferida quando se fala de alguém que não se aprecia. *Os panelêros! Essa malta, só cum espeto quente!*

ferro velho nã aprende linguages [fēruvéłunēprēdiłigwázi] Máxima equivalente a *Burro velho não aprende línguas.*

filho de burro criado a feno, s' o pai é grande, o filho nã é pequeno. [fíludibúrukriádēfēnusupájegrēdiufílunēpikénu] Máxima equivalente a *Quem sai aos seus não degenera.*

já entrô Agosto; quem malhô, malhô, quem nã malhô assim se fecô.

[záētróegóʃtukēmēłómēłokēñēmēłóesísifikó] Quem deixa passar o tempo de fazer as coisas, depois já não tem hipótese de as executar.

⁶⁸⁴ *Id.*: 90. Aqui aparece registada como: “Conforme é o toque assim é a dança.”

⁶⁸⁵ *Id.*: 111.

⁶⁸⁶ *Id.*: 125.

Jesus te valha, saco de palha! [zizúʃtiváʎesákudipáʎe] Expressão que se profere quando alguém espirra.

lume grande e água quente fazem a mulher inteligente. [lúmigrédiagwékétifázẽmuʎérĩtlizéti] Melhores condições proporcionam à mulher uma melhor acção.

Maiou pardo, pão grado⁶⁸⁷. [májupárdupẽwgrádu] Quando o mês de Maio é chuvoso, as searas são boas.

Março, emparelha o pão c' o saragaço. [mársuẽperéʎopẽwkuseregásu] Em Março, a seara assume o tamanho do saragaço.

Março, Marçagão/ de manhã focinho de cão/ à tarde bom Verão⁶⁸⁸. [mársumersẽgẽwdimẽpẽfusĩjudikẽwátárdibóvirẽw] Durante o mês de Março, os dias são húmidos pela manhã e à tarde solarengos e quentes. Máxima equivalente a *Março, marçagão, manhã de Inverno, tarde de Verão*.

Março queima a dama no palácio. [mársukémadẽmẽnupelásju] Em Março é costume fazer muito calor.

menos é nada e tarde é o que nunca vem. [mẽnuzénádẽitárdẽukinũkẽvẽ] Expressão equivalente a *Mais vale um pássaro na mão que dois a voar*.

migalhas também sã pão⁶⁸⁹. [migáʎẽʃtẽbẽsẽpẽw] O pouco também tem valor.

morte desejada, cove regada⁶⁹⁰. [mórtidizizádẽkóvirigádẽ] Quanto mais desejamos o mal a alguém, mais essa pessoa vigora, progride.

mudam-se os tempos, mudam-se os ventos⁶⁹¹. [mudẽwĩsiuʃtẽpuzmudẽwĩsiuzvẽtuʃ] O tempo faz mudar tudo.

mulher grande, saco de palha.⁶⁹² [muʎérgrẽdisákudipáʎe] As mulheres grandes normalmente têm pouca acção.

nã há gostos sem desgostos⁶⁹³. [nẽágóʃtuʃsẽdizgóʃtuʃ] A vida não é só um mar de rosas, também tem espinhos.

nã te fies em tempo que tempere de nôte nem em mulher que já foi dotro. [nẽtifizẽtẽpukitẽpẽridinótinẽẽmuʎérkizáfódótru] Há que desconfiar do tempo que é bom de noite e das mulheres antes comprometidas.

nã tires sangue onde nã vires braço. [nẽtĩriʃsẽgiódinẽvĩriʃbrásu] Não procures onde não há.

nã vale a pena pôr más no prato, porque já tá cheo. [nẽválnẽpẽpór máznuprátupúrkizátáʃẽu] Não vale a pena dizer mais, porque já se percebeu.

⁶⁸⁷ *Id.*: 168. Aqui está registada como: “Maio pardo faz o pão grado.”

⁶⁸⁸ *Id.*: 177. A autora apresenta diversos provérbios com sentido parecido, mas nenhum é totalmente igual.

⁶⁸⁹ *Id.*: 182.

⁶⁹⁰ *Id.*: 184.

⁶⁹¹ *Id.*, *ibid.*. De notar que este provérbio está registado ao contrário: “Mudam-se os ventos, mudam-se os tempos.”

⁶⁹² Cfr. CARREIRO, 1948: 312. A autora registou um adágio semelhante: “Corpo grande, corpo de palha.”

⁶⁹³ *Id.*: 201.

nem bom Pedro nem bom burro negro⁶⁹⁴. [nébópédrunébóbúrunégru] Nem os Pedros, nem os burros pretos alguma vez prestam.

no dia de São José, cada herdade tem o sê cuco ó pé. [nudíædisẽzuzékédærdáditéusekúkuopé] No dia 19 de Março, já se vêem os cucos.

no tempo dos figos nã lembram os amigos⁶⁹⁵. [nutépudufíguznélébrẽwuzemíguʃ] Quando não tenho necessidades, não preciso de amigos.

o bom azetonêro salg'as em Fevrêro; se for em Março, já é bagaço. [ubóbzetunérusátgazéfiwrérusifórémársuzáébégásu] As azeitonas devem ser salgadas em Fevereiro, passando essa altura já não prestam.

o bom soa, o mal avoa. [ubósóumátævóæ] O bem sabe-se depressa, mas o mal sabe-se ainda mais rapidamente.

o dar tira a venda⁶⁹⁶. [udártíravédæ] Se se dá algo a alguém, perde-se a oportunidade de lho vender.

o frio e a fome metem a lebre a caminho⁶⁹⁷. [ufriúieʃómimétéélébriækemíju] O. m. q. *a necessidade aguça o engenho*. Se temos necessidades, há que fazer pela vida, há que tentar superá-las.

ó levantar da êra, pago. [ɔlivětárdæérépágu] Hei-de pagar, mas não sei quando.

o poco é o espelho do muito. [opókuéʃpéʎudumútu] O gado gordo revela que há muita comida.

o premero bebe-s' intero/ o segundo até ó fundo/ o terceiro com' o premero/ e o quarto com' o segundo/ o quinto bebe-se todo/ o sexto do mesmo modo/ o sétimo bebe-se cheo/ e o oitavo duas vezes meo. [uprimérubébisítéruusigúduæteɔfúduutirsérúkômɔprimériuikwártukômɔsigúduukítubé bisitóduuséstudumézmmúduusétimubébisiféuiuojtávudúæzvézizméu] Esta lenga-lenga era muito usada nas saúdes lançadas nos casamentos ou então em disputas de tabernas.

o ruim boi em cornos medra. [urúíbójékórnuzmédre] Quem não presta, se nalguma coisa é bom, é em algo que não tem muito valor, que é insignificante.

o serviço feto não mete pressa. [usirvíusufétunẽmétiprésæ] Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje.

onde o burro cai é que leva as varadas. [ódiubúrukájékilévázverádæʃ] Há que aplicar o castigo na hora certa.

pra bem tarde e pra mal nunca. [præbétárdiipremátnúkæ] Expressão proferida quando se fala de um casamento que não deu certo.

quand' é qu' os homens fechem a navalha? - Quando s' acabô o pão. [kwédékuzóméʃfẽʃẽnenválækwédusækébóupẽw] Adivinha que ilustra a dependência que

⁶⁹⁴ *Id.*: 212.

⁶⁹⁵ *Id.*: 218.

⁶⁹⁶ *Id.*: 225.

⁶⁹⁷ *Id.*: 228.

existe em relação à navalha, usada no dia-a-dia para os petiscos.

quand' o rio soa, água leva⁶⁹⁸. [kwéduríwsóágwélévn̄] O barulho da água é sinónimo de que ela está a correr.

quando o Março dá de rabo, nã pára pastor ensamarrado nem boi ó arado. [kwédumársudádirábunēpárɐpɛstórɛsmɐrádunébójɔɐrádu] Quando neste mês chove muito, torna-se difícil guardar o gado e lavar as terras.

quando vejas o vent' alcantarilho, ata as botas e desata a fugir. [kwéduvéʒɐzuvétaʔkēteriʎuátaʒbótɛzidizátafuzír] O vento que sopra do lado de Valência de Alcântara é sinónimo de chuva.

quanto mas ruim é a lenha, mas fumo deta. [kwétumáʒruíévléjɐmáʃfúmudétɛ] Quanto pior é a pessoa, pior são os seus actos.

quem beja também abraça. [kébéʒɐtēbēɐbrásɐ] Quem faz o difícil também faz o fácil.

quem é parvo peça a Deus que o leve⁶⁹⁹. [kéɐpárvupésadéwʔkjulévi] Não há que olhar a meios para atingir os fins. Não há que ter escrúpulos.

quem mal o faz às costas o traz⁷⁰⁰. [kémáʔufáʒaʔkóʃtɛzutráʃ] Quem faz mal, transporta esse remorso.

quem mete escravelhos por cozenheros, nunca le faltô merda que comer. [kémétiʔkrɛvéʎuʃpurkuzipéruʒnúkɛlifáʔtómérdekikumér] Quem contrata pessoas de baixo valor acaba por ser alvo da sua incompetência.

quem morre de medo faz-se-le um enterro de merda. [kémórídímédufáʃsiliũétérudimérdɐ] Quem é covarde não deve ter honras no fim da vida.

quem munto burro toca algum fica p'ra trás. [kémútubúrutókɛáʔgúʃfikɐprétráʃ] Quem tem muito para fazer é impossível realizar tudo na perfeição.

quem nã come por ter comido, nã tem a vid' em perigo⁷⁰¹. [kénéʔkómipurterkumídunétévidéprigu] O fastio não é por doença, mas porque a pessoa já tem a barriga cheia.

quem nã é impostor nã é asseado. [kénééʔpiʃtórñéɛsiádu] A vaidade implica a limpeza.

quem nã pôpa água nem lenha, nã popa otra cosa que tenha⁷⁰². [kénéʔópɐágwɛnéléjɐnɛʔópɐótrɛkózɛkitéjɐ] Quem não poupa no essencial, como pode poupar no acessório?

quem nã tem péi não pode dar côce⁷⁰³. [kénétéʔɛjnɛpódidárkósi] Quem não sabe fazer, também não pode criticar. Quem não tem transporte, não pode ir, não se pode movimentar.

⁶⁹⁸ *Id.*: 275. Deolinda Milhano inclui um provérbio com o mesmo sentido, mas com uma forma diferente: “Quando o rio não faz ruído não leva água ou vai crescendo.”.

⁶⁹⁹ *Id.*: 288.

⁷⁰⁰ *Id.*: 292.

⁷⁰¹ *Id.*: 295. A versão registada é ligeiramente diferente: “Quem não come por ter comido, a doença não é de perigo.”

⁷⁰² *Id.*: 296. A versão registada apresenta diferenças: “Quem não poupa o sal e a lenha, não poupa nada que tenha.”.

quem nã tem que fazer abre o cu e apanha moscas⁷⁰⁴. [kěńětékifezérábrukúiepěņmójkəʃ] Expressão utilizada quando se fala de alguém que, devido à ociosidade, se mete na vida dos outros.

quem nã tem vacas nem bois, o antes o depôs⁷⁰⁵. [kěńětévákeņzñěbójzəitizədipóʃ] Quem precisa de auxílio tem que aguentar até que outro o possa ajudar.

quem s'ajusta p'lo Sã Meguel, nã s'assenta quando quer⁷⁰⁶. [kěsəzúʃtəplu sěmigeťnēsēsétəkwědukér] Quando se está subjugado a um patrão, têm que se cumprir as ordens.

quem tem ovelhas tem lâ/ quem tem porcos tem presunto/ quem casa com mulher viúva/ tem saudades do defundo. [kětěčvələʃtělěkětěpórkuʃtěprizútukěkázəkómułérviúvətěsəwdádizdudifűdu]

quem tem um burro e o vende lá se entende⁷⁰⁷. [kětěúúbúruuiuvédilasětědi] Se ele fez isso por algum motivo é. Há que desconfiar da fartura, há que ser cauto, pois, mesmo que desconhecido, há sempre um motivo para todas as situações, mesmo as mais inocentes.

ser com' os ramos dos sotos, vão uns e vêm otros. [sérkóməzrěmuzduʃsótuzvěwűzivěěótruʃ] Significa que é renovável.

ser com'a máquina do Ti Zé Badana, que fez umas calças enquanto a procissão deu a volta [sérkóməməákinədutizébeděnekifézúmeʃkátəszəkěkwětuəprusisěwđéwəvóʃtə] Expressão aplicada quando se quer caracterizar alguém como muito despachado, muito rápido.

ser com'ós burros de Borba, que, quando descansam, acarretam água [sérkóməzóbúruuzdibórbəkikwědudijkěsěwěkəřétěwágwə] Máxima usada se está perante alguém que nunca está parado.

ser más arreganhado qu'um cão de caça [sérməzəřigəņádukūkěwđikásə] Expressão que se utiliza quando alguém é muito friorento.

tanto vá, tanto venha, tanto mói a minha azenha. [tětuvátětuvěņetětumójjemíņazěņə] Máxima equivalente a *o que vier morre*.

três com um burro bem vão, dois carregam e um tem mão. [trě]kóůbúruběvěwđój]kəřégěwűiútěměw] Dois vão carregados pelo burro e um dirige.

tudo nos chega se a vida nos atura. [túduņufégəsevídəņuzətúřə] À medida que vamos envelhecendo, vão as doenças aparecendo.

um arrocho faz-se dum pau drêto; do torto já está fêto. [űəróʃufáʃsidűpáwdřétudótortuzáʃtáfétu] O que tem valor é aquilo que dá trabalho.

⁷⁰³ *Id.*: 298.

⁷⁰⁴ *Id.*, *Ibid.*.

⁷⁰⁵ *Id.*, *Ibid.*.

⁷⁰⁶ *Id.*: 304. Verifica-se uma ligeira diferença: “ Quem se ajusta pelo São Miguel, não sai quando quer.”.

⁷⁰⁷ *Id.*: 310.

um corpo sem denhero é um corpo sem sengue. [ũkórpusẽdĩneruẽũkórpusẽsẽgi] Expressão utilizada quando se pretende destacar a importância do dinheiro; sem dinheiro nada se faz.

um homem pensa que se benze e part' a cara. [ũómẽpẽsekisibẽziipártøkárẽ] Uma pessoa tem boas intenções e acaba por fazer asneira.

usa da vida que serás mestre⁷⁰⁸. [úzẽdẽvídøkisirázme]tri] Com a experiência é que se aprende.

vai aí um gatero, temos água. [vájẽiũgetérutẽmuzágwẽ] A presença do homem que procedia aos remendos simbolizava água em breve, à semelhança do que sucede actualmente com o amola tesouras.

viva, Senhora da Lapa, quem de novo nã morre de velho nã escapa. [vívẽsiñórẽdẽlápøkẽdinóvunẽmórĩdivẽsunẽ]kápẽ] Todos têm o destino de morrer.

⁷⁰⁸ *Id.*: 363. Aqui apresenta uma forma mais reduzida: “Usa e serás mestre.”.

Conclusão

Numa época em que a escola promove diariamente o uso do português padrão e se verifica uma grande facilidade na difusão de informação e conhecimento através dos diversos *media*, torna-se cada vez mais pertinente registar e preservar para a posteridade as variedades dialectais e locais da língua portuguesa, património imaterial riquíssimo e em vias de extinção. Tal é o caso do *Falar de Marvão*.

Ainda assim, apesar do seu inegável interesse, nunca, até ao momento, tinha este falar sido objecto de um trabalho global e abrangente sobre as particularidades do falar das gentes deste concelho. É certo que a existência de uma tese de licenciatura sobre a linguagem da aldeia da Escusa é, sem dúvida, uma mais-valia para o conhecimento dos falares do concelho; contudo trata-se de uma localidade muito peculiar, cujo modo de falar difere em vários aspectos do das outras aldeias, pelo que não é representativo do concelho em geral, que justifica um estudo abrangente e pormenorizado que não estava feito. O trabalho que agora apresentamos constitui um primeiro passo no sentido de preencher esta lacuna e deverá ter continuidade em trabalhos posteriores, uma vez que os condicionalismos de um trabalho académico desta natureza não permitiram o tratamento de todo o material recolhido, especialmente no que toca ao léxico.

As conclusões a que o presente trabalho permite chegar vêm, em grande parte, corroborar os dados dos linguistas que, no âmbito de trabalhos mais alargados, registaram peculiaridades individualizadoras nos falares da Beira Baixa e Alto Alentejo, onde se inclui Marvão; mas trazem também dados novos que consideramos relevantes para a caracterização linguística da região.

No que diz respeito às características fonéticas e fonológicas, o *Falar de Marvão* está, pois, integrado nos dialectos portugueses centro-meridionais⁷⁰⁹, mais propriamente na variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo e partilha a maior parte das especificidades já identificadas, algumas das quais de forma bastante vincada. É o caso da palatalização de [a], [ɐ] e [ɛ̃], em posição tónica e átona. No entanto, o fenómeno inverso é também muito frequente, isto é, em posição átona, a mutação de [ɛ] para [ɐ], antes de consoante alveolar velarizada, a passagem de [e] a [ɐ] e [ẽ] a [ẽ̃], bem como de [i] a [ĩ].

⁷⁰⁹ Segundo a classificação de Lindley Cintra.

O fenómeno de palatalização verifica-se também ao nível das consoantes, mais concretamente na lateral alveolar [l], para [ʎ], e na nasal alveolar [n], para [ɲ] por influência da semivogal palatal [j]. Esta representa mais um caso de assimilação, tal como a nasalização da vogal tónica quando antecede uma consoante nasal, marca fortemente caracterizadora da linguagem dos marvanenses.

Outro aspecto relevante, e até ao presente nunca identificado, do *Falar de Marvão* é a troca do [v] pelo [b] e vice-versa. Efectivamente, ainda que haja a consciência da distinção entre [b] e [v], a verdade é que muitos são os casos que ilustram a troca de uma consoante por outra. No entanto, enquanto nos dialectos setentrionais se verifica a neutralização da oposição fonológica entre as duas consoantes, em Marvão, há apenas uma troca, permanecendo a oposição.

Por outro lado, a palatalização de [ö] e [ü], registada por Cintra como um dos fenómenos mais fortemente individualizadores da variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo, não representa já um traço característico de todo o concelho; este fenómeno verifica-se essencialmente na aldeia da Escusa, registando-se alguns vestígios em Porto da Espada, que permitem concluir que este fenómeno terá ocupado, no passado, uma área mais extensa, encontrando-se em franca regressão.

O mesmo se passa com a substituição do ditongo [ẽw̃] por [ẽw̃], já só usada pelos mais idosos e com maior predomínio nas aldeias mais isoladas, como sucede em Vale de Ródão, Escusa e Porto da Espada.

No que diz respeito ao som [u], em posição final, Lindley Cintra e Helmut Lüdtke consideraram que cai ou soa como [i]. No *Falar de Marvão*, o mais frequente é enfraquecer apenas para [i], o que se verifica na oralidade e até na escrita. De notar que este é um traço muito vincado na parte norte do concelho, estendendo-se também à população mais jovem. Em localidades como Alvarrões, Portagem, São Salvador de Aramenha, Marvão, entre outras, não é significativo, à semelhança de outros fenómenos, pois são lugares que evidenciam uma menor preservação das características dialectais.

No vocalismo átono, são frequentes as supressões, acréscimos e metáteses e, quanto à acentuação, regista-se, nas formas verbais da primeira pessoa do plural do Presente do Conjuntivo, a deslocação do acento para a antepenúltima sílaba,

transformando formas graves em esdrúxulas, contra a tendência generalizada para a regularização do lugar do acento.

Quanto às características morfo-sintáticas, muitas das diferenças registadas relativamente à língua padrão são motivadas por alterações fonético-fonológicas; todavia deparámo-nos com muitas outras, entre as quais destacamos algumas particularmente relevantes.

Nos adjectivos, é de destacar, no superlativo, o uso muito marcado de diminutivos e aumentativos, bem como de comparações e metáforas com sentido de superlativação (ex: “Ele é um caloterẽum!/ A casa deles é pertechinho./ Tás sempre chẽo de frio, és más arreganhado c’um cão de caça!/ Assim que lá chegô, levô porrada de três em pipa!”).

Nos pronomes demonstrativos, salientamos o uso das formas “aqueesse(s)”, “aquessa(s)” e “aqueste(s)”, “aquesta(s)” em paralelo com as formas da norma “esse(s)”, “essa(s)” e “este(s)”, “esta(s)” respectivamente, sendo este um aspecto também em vias de extinção.

Na conjugação verbal, é de notar a flexão do gerúndio em todas as pessoas e o seu uso em vez do Infinitivo e do Futuro do Conjuntivo. Quanto à pessoa, salientamos o não uso da segunda pessoa do plural, sendo esta substituída pela forma “vocês”, seguida da forma arcaica do verbo, com –d- conservado (ex: “ganhêdes”) ou da forma correspondente à terceira pessoa do plural (ex: “ganham/ganhem”). De notar que o uso destas formas arcaicas só se verifica nas camadas mais idosas e nos locais mais isolados, registando-se igualmente uma forte tendência para o seu desaparecimento.

No *Falar de Marvão*, muitos verbos são substituídos por perífrases gramaticais, o que contribui para um enriquecimento do seu léxico e para o distinguir em relação aos falares dos concelhos circundantes. Essa variedade lexical verifica-se também nos advérbios e locuções adverbiais usados, nas preposições e locuções preposicionais, nas interjeições e expressões interjectivas, bem como ao nível das conjunções e locuções conjuncionais.

Alterações fonéticas diversas, os processos de composição e derivação, assim como o fenómeno de etimologia popular têm contribuído igualmente para uma especificidade do léxico deste concelho. Além disso, muitos dos vocábulos recolhidos são inéditos de Marvão, havendo, pois, necessidade de os estudar de forma mais aprofundada, para conhecer a sua etimologia, bem como a sua distribuição pelas várias localidades do concelho.

O estudo do *Falar de Marvão* permitiu-nos também notar a fraca influência do castelhano nesta região dialectal. Contrariamente ao que se verifica em muitas zonas de raia, como por exemplo, Ouguela, Campo Maior, Barrancos, entre outras, no concelho de Marvão não há uma forte influência do castelhano. Muitos dos falantes das localidades fronteiriças, ainda que durante muito tempo, devido à prática do contrabando, tenham passado quase mais tempo além do que aquém da fronteira, distinguem bem as características de uma língua e de outra, verificando-se uma situação de bilinguismo, que se vai perdendo à medida que avançamos mais para o interior do concelho.

O facto de termos feito uma recolha em todo o território que constitui o concelho permitiu-nos tomar consciência das principais características do falar dos marvanenses, bem como notar as assimetrias existentes entre as diferentes localidades que o constituem, as quais são motivadas essencialmente pela sua localização geográfica e grau de isolamento em relação às demais. Todavia, desenvolver um estudo comparativo mais exaustivo, bem como conhecer outros factores decisivos para o acentuar das diferenças entre o modo de falar dos marvanenses nas várias aldeias e locais do concelho é algo que urge também fazer.

Consideramos que o facto de Marvão ser um concelho muito disperso e nele haver uma baixa densidade demográfica tem sido muito favorável à manutenção do seu falar. Como referimos, algumas das suas características já só se verificam nas aldeias e lugares mais isolados, sítios em que as gentes sempre foram auto-suficientes, não precisando de sair das suas aldeias com frequência para adquirir víveres. Algumas feiras e romarias do concelho e das localidades circundantes constituíam os poucos momentos de lazer dos marvanenses e, simultaneamente, de contacto com outras gentes e outros falares. Mas os tempos mudaram e a padronização da língua, promovida pelo ensino e pelos *media*, chegou também a Marvão.

O facto de sermos naturais e residentes no concelho e ensinarmos em escolas da região permite-nos uma percepção privilegiada, não só das características peculiares que este falar ainda mantém, mas também das diferenças que já se registam entre as camadas mais idosas, pouco letradas ou analfabetas e, por isso, mais conservadoras, e as mais jovens, escolarizadas e, conseqüentemente, mais próximas da norma. Acreditamos, por isso, ser nossa responsabilidade, como marvanenses, a preservação do património em risco. Seja o presente trabalho um primeiro passo para acudir à urgência de tal preservação, tão clarividamente intuída por Leite de Vasconcelos:

“Acudamos a tudo enquanto é tempo! De ano para ano extinguem-se ou transformam-se muitas cousas e surgem outras de novo em vez delas.”

Bibliografia

ALEXANDRE, Maria do Guadalupe Tansmontano (1976). *Etnografia, Linguagem e Folclore de Castelo de Vide*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.

ALPI – *Atlas Linguístico de la Península Ibérica* (1962), vol. I: Fonética. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Arquivo Transtagano – Revista Regionalista (1933-1935). Elvas: dir. e ed. António José Correia de Carvalho.

BAYLON, Chistian, FABRE, Paul (1979). *Iniciação à Linguística*. Coimbra: Almedina. Trad. Telmo Verdelho.

BAPTISTA, Cândida da Saudade C. (1967). *O Falar da Escusa*. Dissertação de licenciatura policopiada, apresentada à Universidade de Lisboa.

BARATA, José Pedro Martins (1966). “Apontamentos sobre a fala viva de Montalvão e de Póvoa e Meadas no extremo Norte do Alentejo”. Separata da *Revista de Portugal – série A: Língua Portuguesa*, vol. XXXI, Lisboa.

BARROS, Vítor Fernando e GUERREIRO, Lourivaldo Martins (2005). *Dicionário de Falares do Alentejo*. Porto: Campo das Letras.

BERNARDO, Maria Clara Rolão e MONTENEGRO, Helena Mateus (2003). *O Falar Micaelense (Fonética e Léxico)*. Viseu: João Azevedo Editor.

BOLÉO, Manuel de Paiva (1942a) *Inquérito Linguístico*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra.

(1942b). *O Estudo dos Dialectos e Falares Portugueses*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

(1951). “Dialectologia e História da Língua. Isoglossas Portuguesas”, *Boletim de Filologia*, XII, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 1 – 44.

(1954). “Unidade e Variedade da Língua Portuguesa”. *Revista da Faculdade de Letras*, XX. Lisboa, pp. 5-28.

BOLÉO, Manuel de Paiva e SILVA, Maria Helena Santos (1962). “O Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental”. *Boletim de Filologia* XX, fasc. 1 e 2. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp.85 – 112.

BUCHO, Domingos Almeida (2000). *Dicionário Lagóia – Relação de palavras e expressões curiosas utilizadas na cidade de Portalegre*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1961). *Monsanto. Etnografia e Linguagem*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

CAPELA E SILVA, José Alves (1936). “Esboços da vida rural no concelho de Elvas – As feiras”. *Revista Lusitana* vol. XXXV, pp. 38-49.

(1939). *Ganharias*. Lisboa: Imprensa Baroeth.

(1947). *A Linguagem Rústica no Concelho de Elvas*. Lisboa: Revista de Portugal.

(1950). *Memórias Alentejanas* (2ª ed.). Elvas: Tipografia Progresso (1952).

CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M. (2006). “Evolución de las hablas fronterizas luso-extremeñas desde mediados del siglo XX: Uso y pervivencia del dialecto.” *Estudios Extremeños – Revista Histórica, Literaria y Artística* – Tomo LXII, nº II Mayo- Agosto.

Badajoz: Departamento de Publicaciones Exelentísima Diputación Provincial, pp. 623 – 635.

CARREIRO, Maria Eduarda Ventura (1948). *Monografia Linguística de Nisa*. Dissertação de licenciatura policopiada, apresentada à Universidade de Lisboa.

CARVALHO, José G. Herculano de (1962). “Notas sobre o Vocalismo Antigo Português: Valor dos Grafemas *e* e *o* em Sílabas Átonas”. *Revista Portuguesa de Filologia*, XII, pp. 17 – 39.

CASTELO JÚNIOR, Francisco Augusto (1990). *Memórias As do Oco*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre.

CASTRO, Ivo (1991) *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.

(2004) *Introdução à História do Português* (2.^a ed.). Lisboa: Edições Colibri (2006).

Censos 2001 – Resultados Definitivos do Alentejo (2001). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

CINTRA, Luís F. Lindley (1971). “Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses”, *Boletim de Filologia XXII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 81-116.

(1972). *Formas de tratamento na Língua Portuguesa*. (2.^a ed.) Lisboa: Livros Horizonte (1986).

(1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. (2.^a ed.) Lisboa: Sá da Costa Editora (1995).

COELHO, Possidónio M. Laranjo (2001), *Terras de Odiana- Subsídios para a sua história documentada. Medobriga- Aramenha-Marvão Ibn Maruan- Revista Cultural do*

Concelho de Marvão, nº 11 (ed. especial). Lisboa: Câmara Municipal de Marvão, Edições Colibri. (fac-simile da edição de 1924)

(s/d). *Marvão (Elucidário breve de uma visita a esta vila)*. (2.^a ed.) s/l: edição do autor (1982).

COSTA, Alexandre de Carvalho (1937 - 1939). “Pronúncia e Significação de Alguns Vocábulos Populares do Alto Alentejo” (1.^a, 2.^a e 3.^a Colectâneas). Separata da revista de filologia *A Língua Portuguesa*, dir. Rodrigo Sá Nogueira, vols. IV e V. Lisboa.

(1963). *Curiosidades do Falar Popular do Alto Alentejo – Distrito de Portalegre*. Portalegre: Edição da Junta Distrital.

(1964). *Nótulas Etnográficas e Linguísticas Alentejanas (Apresentadas em expressões populares)*. Portalegre: Edição da Junta Distrital.

(1968 - 69). “*Alagoa (concelho de Portalegre) – Aldeia Pitoresca do Alto Alentejo – Estudo Histórico, Etnográfico e Linguístico*”. Separata do boletim *O Distrito de Braga*, vol. IV, Braga.

(1966 - 1977). “Entretimentos Etnográficos e Filológicos” – vols. 1 – 10. Separata do *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, nº 12 – 21. Matosinhos: Papelaria e Tipografia Leixões.

(1973a). *Gentílicos e Apodos Tópicos de Portugal Continental*. Portalegre: Edição da Junta Distrital.

(1973b). “Lendas – Historietas – Etimologias Populares e outras Etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental.”. Separata do *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Série III, nº 75-78, 1971/72) Lisboa.

(1975). *Entretimentos Etnográficos e Filológicos – vol. 11*. Braga: s/ed..

(1976 – 1977). *Entretimentos Etnográficos e Filológicos – vols. 12 – 14*. Portalegre: Edição da Junta Distrital de Portalegre.

(1981- 84). *Gente de Portugal – sua Linguagem – seus Costumes*, vols. I, II., III. Portalegre: Edição da Assembleia Distrital.

(1983). *Distrito de Portalegre – Marvão – Suas Freguesias Rurais (compilação do que se tem escrito respeitante à origem dos seus topónimos)*. Águeda: Gráfica Ideal.

(1985). *Gente de Portugal – sua Linguagem – seus Costumes*, vol. IV. Portalegre: Edição da Assembleia Distrital.

(1986). *Nisa – vila concelhia do distrito de Portalegre – Gentílicos e Apodos aplicados aos habitantes da vila de Nisa e ainda algumas localidades do concelho*. Nisa: Câmara Municipal de Nisa.

CRUZ, Maria Luísa Segura da (1994). *O Falar de Odeleite*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

CUESTA, Pilar Vázquez y LUZ, Maria A. Mendes da (1971). *Gramática Portuguesa*. (1961) Madrid: Editorial Gredos.

CUNHA, Antônio Geraldo da (1982). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira (1986).

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1985). *Breve Gramática do Português Contemporâneo* (18ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa (2006).

(1987). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (4ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa (1984).

DIAS, Joaquina Rosa P. Guerreiro (1997). *Anexins e Nomes Engraçados de Campo Maior*. Campo Maior: ed. de autor.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa. (2001). Lisboa: Editorial Verbo.

Dicionário de Latim – Português (1972). Porto: Porto Editora.

Dicionário Electrónico Cândido de Figueiredo.

Dicionário Espanhol – Português/ Português – Espanhol. (2006). Porto: Porto Editora.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001). Lisboa: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, Círculo de Leitores.

DUARTE, Inês (2000). *Língua Portuguesa – Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.

ECO, Umberto (1977). *Com se faz uma tese em Ciências Humanas* (8.^a ed.). Lisboa: Editorial Presença (2001).

FARIA, Isabel Hub et al (org.) (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (2.^a ed.). Lisboa: Caminho (2005).

FELIZARDO, Hermínio (2002). *Histórias da Raia*. Portalegre: Gráfica Guedelha.

FIGUEIREDO, José Francisco (1956). *Monografia de Nisa* (fac-simile da ed. de 1989). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, Câmara Municipal de Nisa.

Ficheiro Síntese 2001 – Lugares de Marvão, enviado pelo INE – DIRECÇÃO REGIONAL DO ALENTEJO, SDGI-NPVD.

FLORÊNCIO, Manuela (2001). *Dialecto Alentejano – Contributos para o seu estudo* (2.^a ed.). Lisboa: Edições Colibri (2005).

FONSECA, Fernando Peixoto da (1959). *Noções de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora.

FREIRE, Emília. “Venhem lá falar com’em Marvão”. *Alentejo Terra Mãe* nº 6 (1º Trimestre de 2007). Évora: Fundação Alentejo Terra-Terra Mãe, pp.68 – 69.

“Falemes entã à moda d’Alpalhã” in *Alentejo Terra Mãe* nº 8 (3º Trimestre de 2007). Évora: Fundação Alentejo Terra-Terra Mãe, pp.74 – 75.

GENOUVRIER, Emile, PEYTARD, Jean (1985). *Linguística e Ensino do Português*. Coimbra: Almedina. Trad. Rodolfo Ilari.

HUBER, Joseph (2006). *Gramática do Português Antigo*. (2ª ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (1933). Trad. Maria Manuela Delille.

Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão, nºs 1, 2,3 (1991- 1993). s/l: Câmara Municipal de Marvão.

nº 7 (1997). Lisboa: Câmara Municipal de Marvão.

nº 13 (Número especial), *São Salvador de Aramenha – História e Memórias da Freguesia* (2005). Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Marvão, Junta de Freguesia de São Salvador de Aramenha.

nº 14 (Número especial), *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão* (2007). Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Marvão.

JAKOBSON, Roman (s/d). *Linguística e Comunicação*. (10ª ed.) São Paulo: Cultrix. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes (s/d).

JIMENEZ, Jesús Meneses (2005), *Ibn Maruán “El Gallego”- Crónicas del Rebelde Emeritense fundador de Badajoz en Siglo IX. Revisión critica de la etimologia de 2000 nombres de lugar*. Badajoz: Gráficas Geximp, S. L..

LOBO, Maria (2000). “Aspectos da Sintaxe das Orações Gerundivas do Português Dialectal”. Comunicação oral apresentada ao Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil, Universidade de Évora.

LÜDTKE, Helmut (1954) “Fonemática Portuguesa- II Vocalismo”. *Boletim de Filologia*, pp. 197 – 217.

(1956) *Die Strukturelle Entwicklung des romanischen Vokalismus*. Bonn: Romanisches Seminar an der Universität Bonn.

(1957), “Beiträge zur Lautlehre portugiesischer Mundarten.”
CATALÁN, Diego (ed.) *Miscelânea homenagem a André Martinet: estruturalismo e historia*. La Laguna: Universidad de la Laguna, vol. 1, pp. 106-112.

LUZ, Marilina dos Santos (1958). “Fórmulas de Tratamento no Português Arcaico (Subsídios para o seu Estudo)”. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. VII, VIII e IX. Coimbra: Casa do Castelo Editora.

MACHADO, José Pedro (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (5.^a ed.). Lisboa: Livros Horizonte (1989).

MARTIM GALINDO, José Luís (1999). *A Fala de Xálima – O falar fronteirizo de Valverde, Eljas Y San Martín de Trevejo*. Cáceres: Junta de Extremadura.

MARTINS, Adelaide, MENA, Emília e SIMÃO, Teresa (2008). *Marvão – à mesa com a tradição*. Lisboa: Edições Colibri.

Marvão- Obra Única do Homem e da Natureza (1999). Marvão: Câmara Municipal de Marvão. Documento de Pré-Candidatura de Marvão a Património Mundial.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii (1983). *Gramática da Língua Portuguesa* (5.^a ed.). Lisboa: Editorial Caminho (2003).

MATIAS, Maria de Fátima de Rezende F. (1984). “Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior,

Elvas e Olivença)”. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XVIII e XIX. Coimbra: Instituto de Língua e Literatura Portuguesas.

MEDEIROS, Maria de Jesus Chichorro de (1964). *A linguagem Micaelense em alguns dos seus aspectos*. Dissertação de licenciatura policopiada, apresentada à Universidade de Lisboa.

MILHANO, Deolinda (2008). *Dicionário de Ditados (Provérbios) e Frases Feitas*. Lisboa: Edições Colibri.

NASCENTES, Antenor (1932). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

NETO, Serafim da Silva (1952). *História da Língua Portuguesa* (6.^a ed.). Lisboa: Dinalivro (1992).

NETO, Serafim da Silva (1955). *Guia para Estudos Dialectológicos*. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia.

NUNES, José Joaquim (1919). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia* (8.^a ed.) Lisboa: Livraria Clássica Editora (1975).

OLIVEIRA, Fernão de (1536). *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional (ed. fac-similada).

OSSENKOP, Chistina (2006), “La situación lingüística actual de las variedades portuguesas en la franja fronteriza de Valencia de Alcántara” *Estudios Extremeños – Revista Histórica, Literaria y Artística* – Tomo LXII, nº II Mayo- Agosto. Badajoz: Departamento de Publicaciones Exelentísima Diputación Provincial, pp. 661 – 681.

PAULINO, Maria de Lourdes Semedo (1959). *Arronches – Estudo de Linguagem e Etnografia*. Dissertação de licenciatura policopiada, apresentada à Universidade de Lisboa.

PAVÃO, J. Almeida (1977). *Aspectos Populares Micaelenses no Povoamento e na Linguagem*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

PICÃO, José da Silva (1903). *Através dos Campos – Usos e Costumes Agrícola – Alentejanos (concelho de Elvas) (2.ªed.)* Lisboa: Neogravura, Lda. (1947).

PINHO LEAL, Augusto S. A. B. de (1875). *Portugal Antigo e Moderno*, vol. V. Lisboa: Mattos Moreira e Cia.

PIRES, António Thomaz (1913). *Vocabulário alemtejano*. Elvas: António José Torres de Carvalho.

Questionário Linguístico (volumes I e II) - Publicações do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (1974). Lisboa: Instituto de Linguística.

RAMOS, Francisco Martins e SILVA, Carlos Alberto da (2002). *Tratado das Alcinhas Alentejanas*. Lisboa: Edições Colibri.

RESENDE, André de (1996). *As Antiguidades da Lusitânia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Introd., trad. e comentário de R. M. Rosado Fernandes.

RIO-TORTO, Graça Maria (1998). *Morfologia Derivacional – Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora.

ROCHA, Maria Regina de Matos [1970]. *Costumes e Falar de Fortios*. Manuscrito existente na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SARAMAGO, João (1992). *Le Parler de l'île de Corvo – Açores*. Grenoble: Université Stendhal, Grenoble III, Centre de Dialectologie; Lisboa: INIC, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

SIMÃO, Maria de Lurdes Pinheiro (1969). *O Falar da Povoação de Alagoa – concelho de Portalegre*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.

SIMÕES, Guilherme Augusto (2000). *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*. Lisboa: Publicações D.Quixote.

SOROMENHO, Alda da Silva e SOROMENHO, Paulo Caratão (1984). *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos do Instituto Nacional de Investigação Científica.

SOTTO MAIOR, Diogo Pereira (1984). *Tratado da Cidade de Portalegre e de suas antiguidades e fundação, bispos que nella residiam, e outras antiguallas, e curiosidades*. Vila da Maia: Imprensa Nacional Casa da Moeda/ Câmara Municipal de Portalegre. (fac-simile de um manuscrito de 1619). Introd., leitura e notas de Leonel Martins.

TEYSSIER, Paul (1980). *História da Língua Portuguesa* (8.^a ed.) Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. (2001). Trad. Celso Cunha.

VASCONCELOS, J. Leite de (1890- 1892). “Dialectos Alentejanos” in *Revista Lusitana II*, Porto: Livraria Portuense, pp. 15 – 45.

(1896). “Dialectos Alentejanos” in *Revista Lusitana IV*, Lisboa, pp. 13 - 77; 215 - 246.

(1897). *Mapa dialectológico do Continente Português*. Lisboa: Guillard, Aillaud & Cia.

(1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (3.^aed.) Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (1987).

(1929). *Opúsculos – vol. IV Filologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

(1933). *Etnografia Portuguesa – vol. I*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

(2000). *Filologia Barranquenha – Apontamentos para o seu estudo*.
Águeda: Grafinal. (fac-simile da edição de 1955).

VILHENA, Maria da Conceição (1965). *Falares de Herrera e Cedillo*. Dissertação de licenciatura policopiada, apresentada à Universidade de Lisboa.

VILHENA, Maria da Conceição (2000). *Falares de Herrera e Cedillo*. Mérida: Junta de Extremadura/Gabinete de Iniciativas Transfronterizas.

Anexos

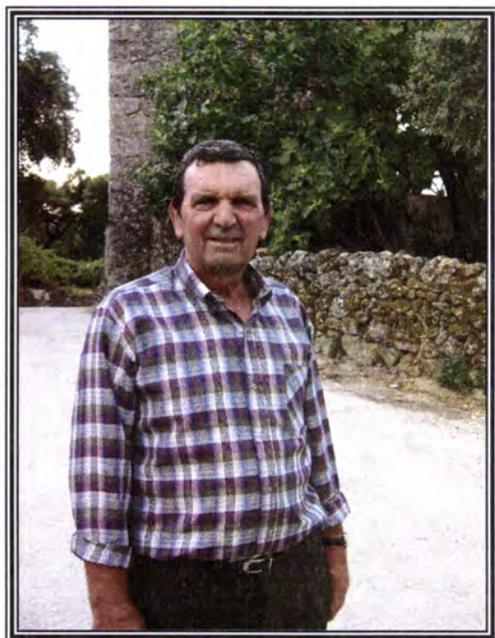
Anexo 1: Os nossos informantes **(Inquérito realizado em 2004/2005)**



Maria das Dores Freire Costa.

Natural de Ribeiro do Pinheiro (Escusa), tinha, à data do inquérito, 82 anos de idade e residia na Santa Casa da Misericórdia de Marvão. Actualmente já faleceu.

Analfabeta, ao longo da sua vida trabalhou no campo e residiu em diversos locais do concelho.



António Velez Gonçalves, conhecido

habitualmente por Tonho Velez, tinha, na altura do inquérito, 71 anos e é natural da Pitaranha, onde ainda reside. Agricultor de profissão, até à abertura das fronteiras sempre se dedicou ao contrabando (sobretudo de gado).

Em criança não frequentou a escola. Apenas teve a oportunidade de aprender algumas letras aquando da frequência do ensino de adultos, mas continua sem saber ler nem escrever com fluência.



Joaquina Gonçalves Carrilho, mais conhecida

por Ti Jaquina Galega, é natural da Pitaranha e tinha, na altura do inquérito, 82 anos. Actualmente já faleceu.

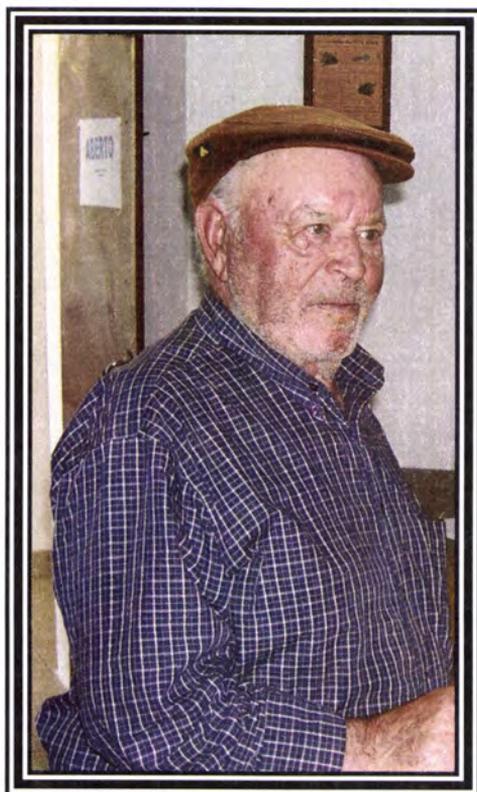
Analfabeta, contactou com as primeiras letras num curso de alfabetização para adultos, todavia, continuava sem saber ler nem escrever, sabendo apenas assinar.

A par da agricultura, até à abertura das fronteiras, dedicou-se também ao contrabando.



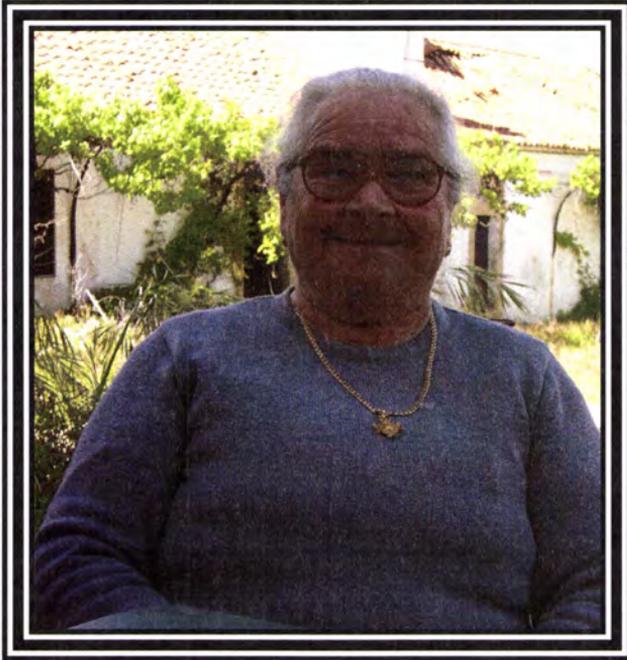
João Gavanha. Natural e residente em Porto da Espada, tinha, na altura, 89 anos.

Analfabeto, sempre trabalhou na agricultura.



Vitorino Cebolas Barreta, conhecido com *Vetrino de Rojo* ou *Vetrino da Barradas*, é natural do lugar do Jardim e reside actualmente na Escusa; tinha, na altura, 85 anos.

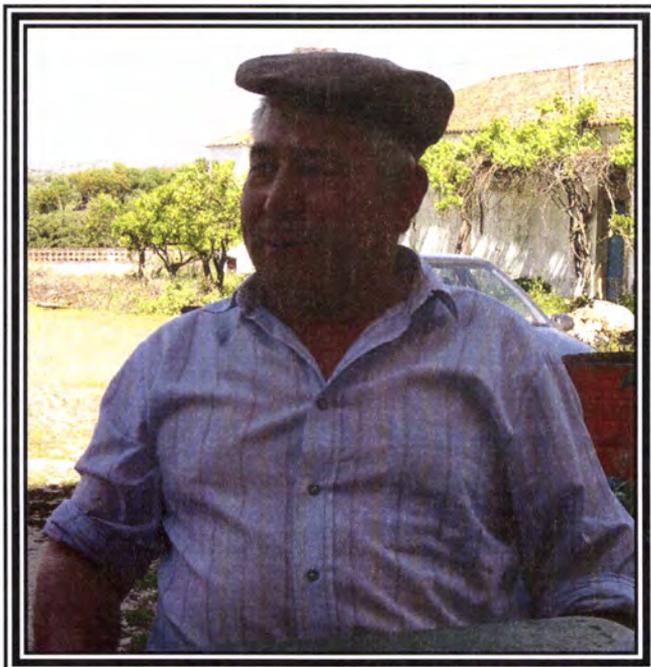
Analfabeto, ao longo da sua vida trabalhou na agricultura e nas caleiras.



Palmira dos Remédios Marujo.

Natural de Montalvão, veio em tenra idade para o concelho de Marvão. Na altura, tinha 76 anos e actualmente reside nos Barretos.

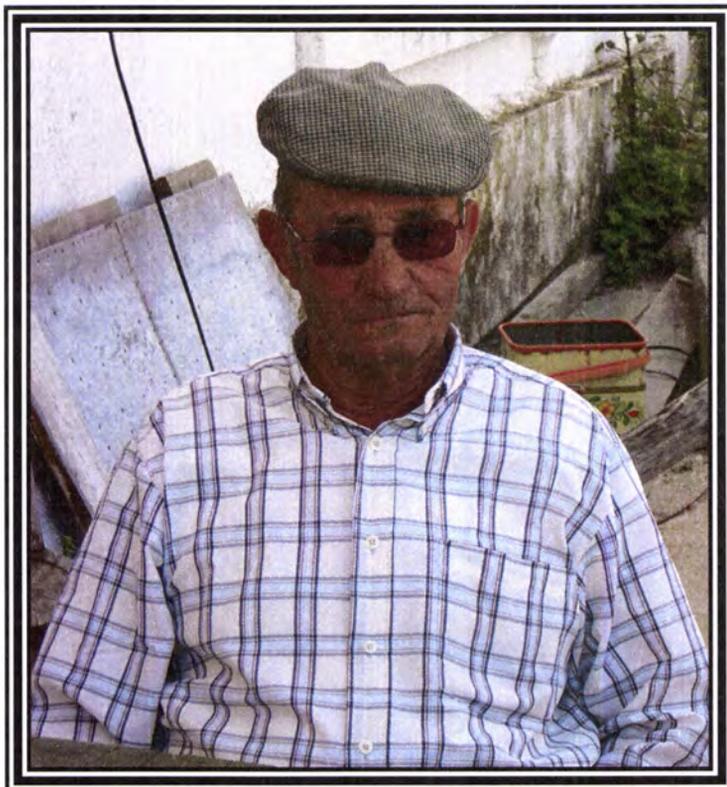
Analfabeta, ao longo da sua vida trabalhou no campo e também como doméstica na casa Sequeira.



Leonardo Matias Guilhens é natural dos Barretos, onde sempre viveu.

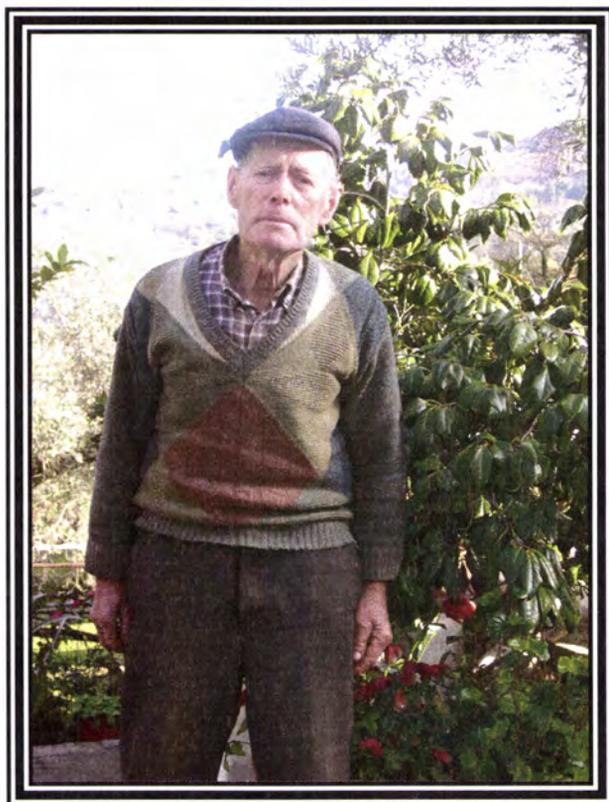
Na altura, tinha 65 anos e é analfabeto. Ainda que tenha frequentado a escola, apenas sabe escrever o seu nome.

Toda a vida se tem dedicado à agricultura.



Joaquim das Dores

Raposo, mais conhecido como *Salsa* ou *Salsinha*, é natural e residente na Beirã e, na altura, tinha 75 anos. Ainda que tenha tirado a quarta classe, pouco lê. Toda a vida se dedicou à agricultura.



José Braz Fernandes Maroco, mais

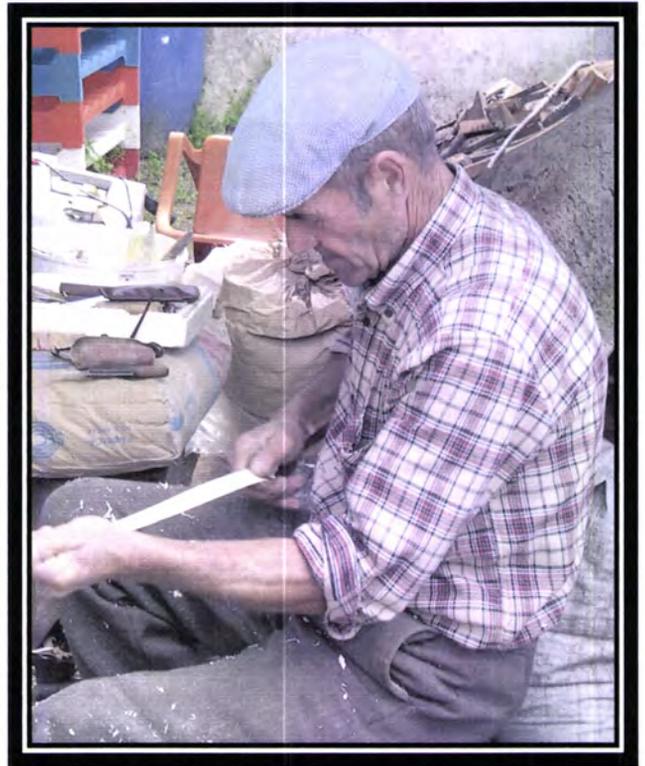
conhecido por *Ti Zé Braz*, nasceu e actualmente reside no Vale de Ródão. Na altura, tinha 75 anos. Ainda frequentou o ensino primário, mas pouco aprendeu. Ao longo da sua vida dedicou-se à agricultura e a tosquiar ovelhas, acompanhando estas actividades com o artesanato em madeira.

João Bernardo da Conceição Pereira.

Natural dos Cabeçudos, reside actualmente na Beirã. Na altura, tinha 70 anos.

Não sabe ler, apenas aprendeu a fazer contas autonomamente.

Ao longo da sua vida trabalhou como agricultor, pastor, vaqueiro e também se dedicou à tiragem de cortiça. Para além disso, nas horas vagas, elabora peças de artesanato em madeira e cortiça.



Joaquina da Conceição Viegas,

também conhecida como Jaquina Ramona, é natural de Valência de Alcântara, mas veio muito jovem para o concelho de Marvão, de onde os pais são naturais. Na altura do inquérito, tinha 69 anos, actualmente reside nos Cabeçudos e é analfabeta.

A nível profissional, trabalhou no campo, nas limpezas e vinte anos na fábrica Celtex (em Santo António das Areias), de onde é reformada.



Antónia da Conceição Pires Pena, mais conhecida como *ti Tonha Adventista*, é natural de Marvão, mas reside actualmente na Escusa.

Na altura, tinha 77 anos e, ainda que tenha frequentado o ensino recorrente, não sabe ler nem escrever, apenas assinar.

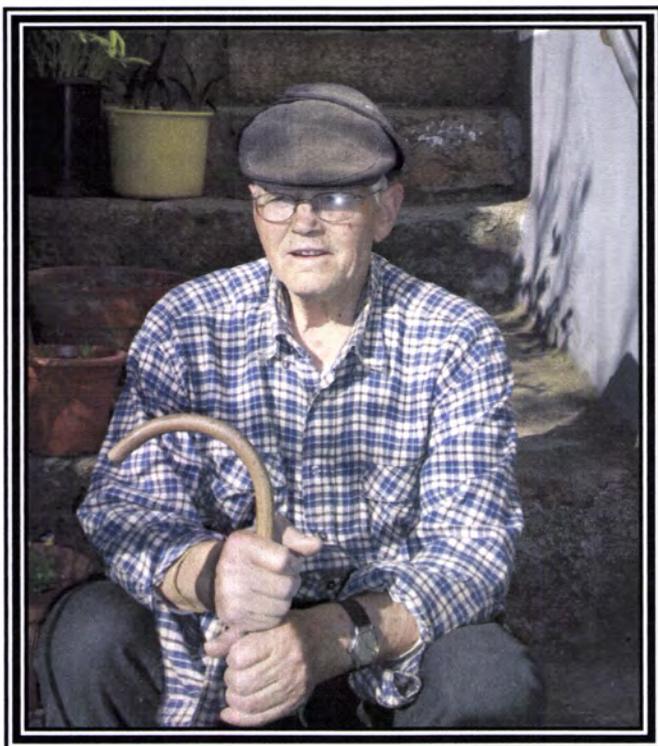
Ao longo da sua vida trabalhou no campo e numa fábrica de conservas. Durante cinco anos, viveu em Santo António das Areias.

Jacinta da Silva Candeias. Natural de São Julião, veio muito nova para o Porto da Espada, onde reside actualmente.

Na altura, contava 82 anos e é analfabeta.

Toda a sua vida foi agricultora.





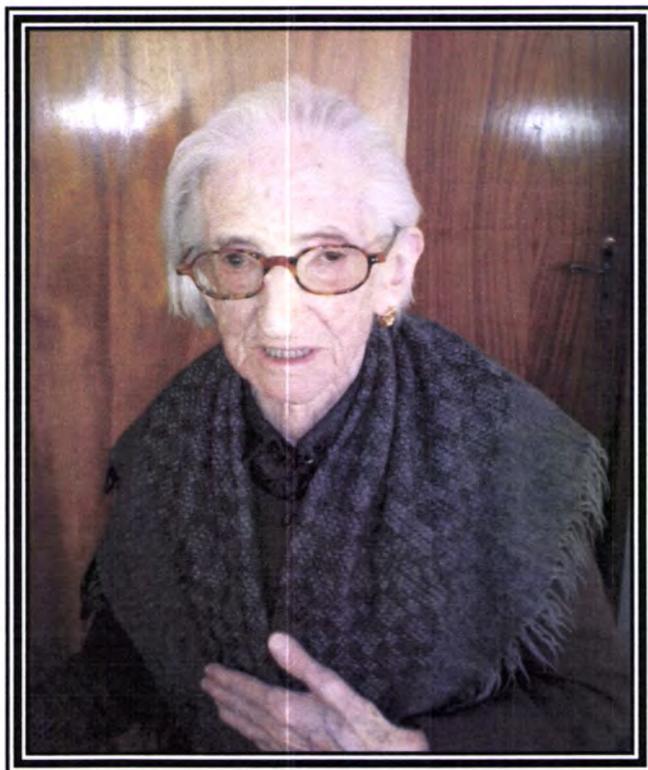
Júlio Meira Batista, mais conhecido como Julho do Bolgão ou Julho Pirata, nasceu no local do Bolgão e reside actualmente no Porto da Espada.

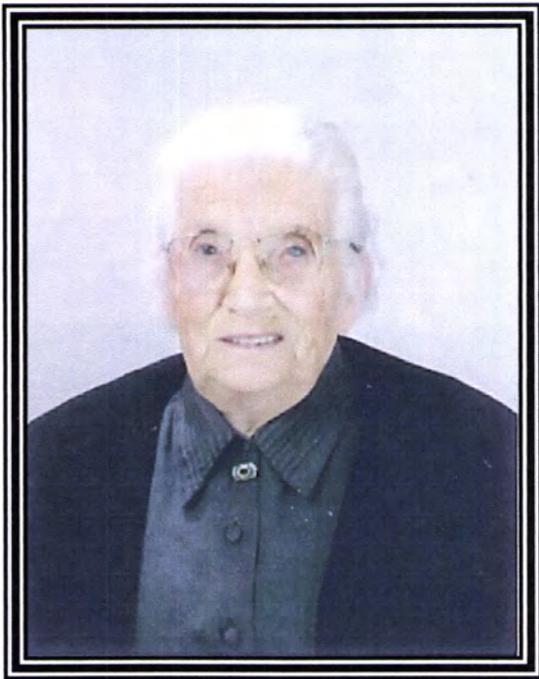
Na altura, contava 74 anos. É analfabeto, só conhece os números e sabe assinar o seu nome.

Ao longo da sua vida, dedicou-se à agricultura, andou dois anos no contrabando e foi coveiro.

Isaura Sequeira Trindade. Nasceu e viveu toda a vida no Porto da Espada. Na altura, tinha 94 anos.

Possuía a quarta classe e, ao longo da sua vida, trabalhou no campo e foi doméstica.



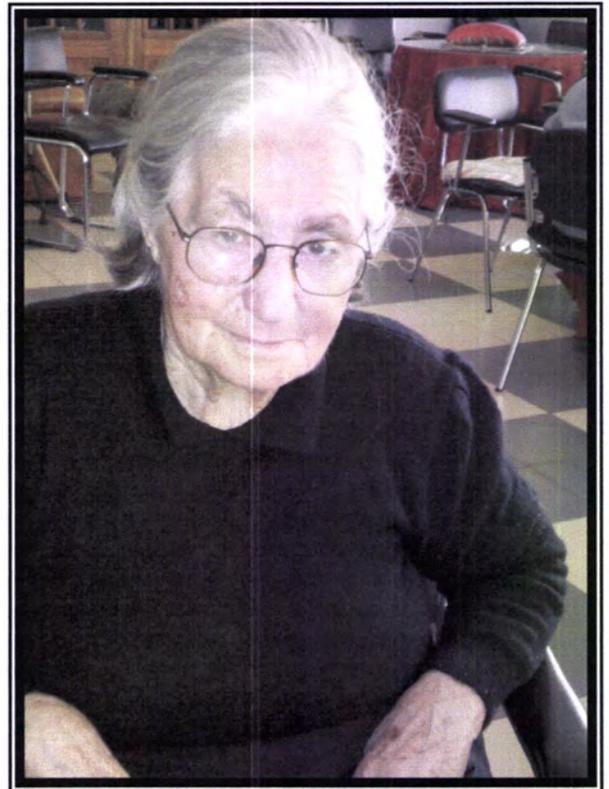


Hermínia Oliveira. Natural das Reveladas, na altura em que a inquirimos, contava 88 anos e vivia no Porto da Espada. Actualmente já faleceu.

Ao longo da vida, trabalhou no campo e era analfabeta.

Fernanda Dias. Mais conhecida como *Fernanda Sem-Tripas,* é natural de Marvão e reside no Porto da Espada. Na altura, tinha 84 anos.

Analfabeta, ao longo da sua vida serviu em casas como doméstica e trabalhou no campo.





Ana da Conceição Cebolas de Oliveira, conhecida como Ana do Mané Mora ou Ana do ti André, reside actualmente em Porto da Espada, mas nasceu no local da Coita, junto às Reveladas. Na altura, tinha 77 anos e é analfabeta.

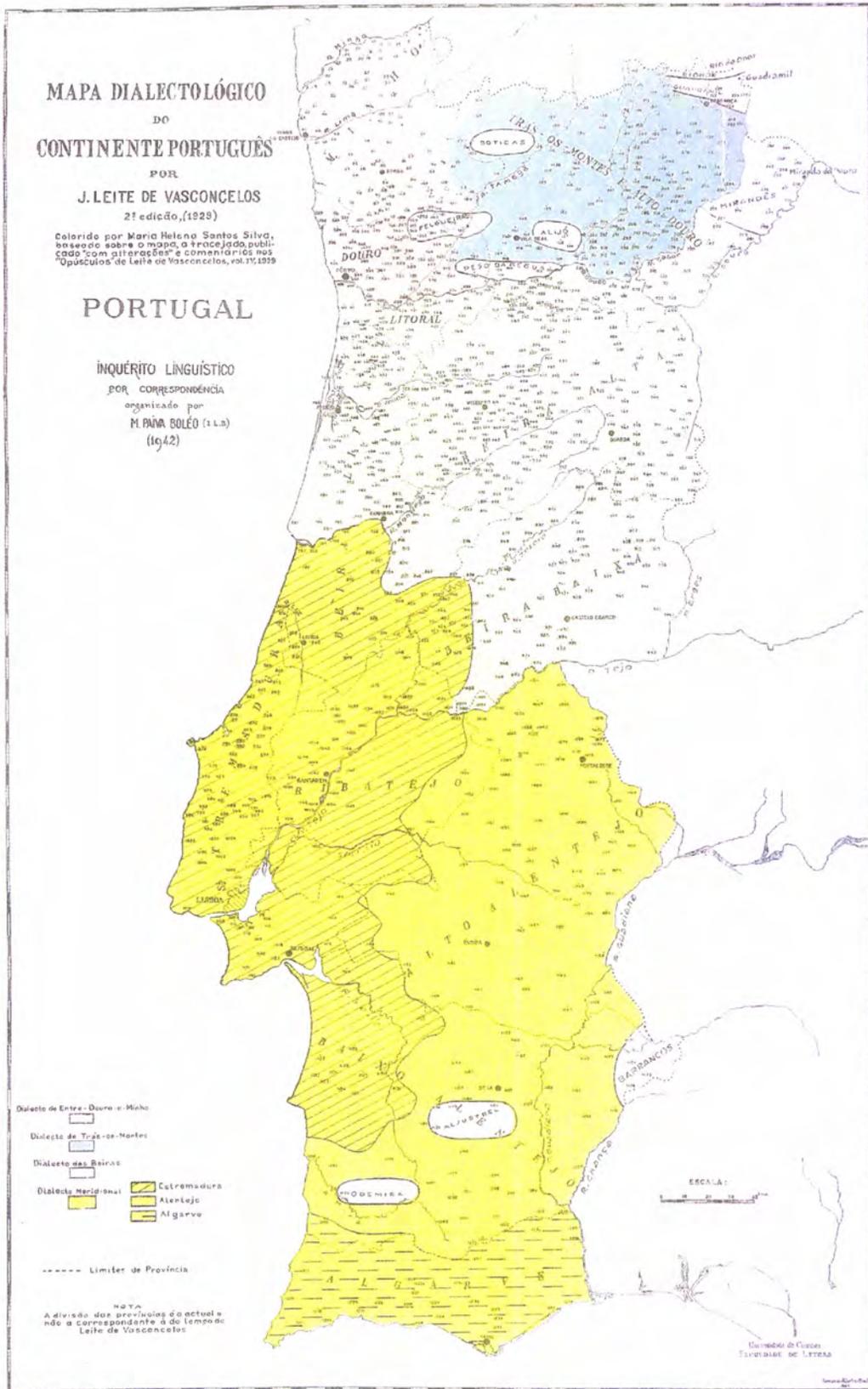
Toda a vida se dedicou ao trabalho do campo e, durante cinco anos, viveu no sítio do Ribeiro do Pinheiro, na Escusa.

Felicidade da Costa Lourença. Nasceu e residiu no Porto da Espada. Aquando do inquérito, tinha 88 anos. Actualmente já faleceu.

Tinha a segunda classe e toda a vida trabalhou no campo.

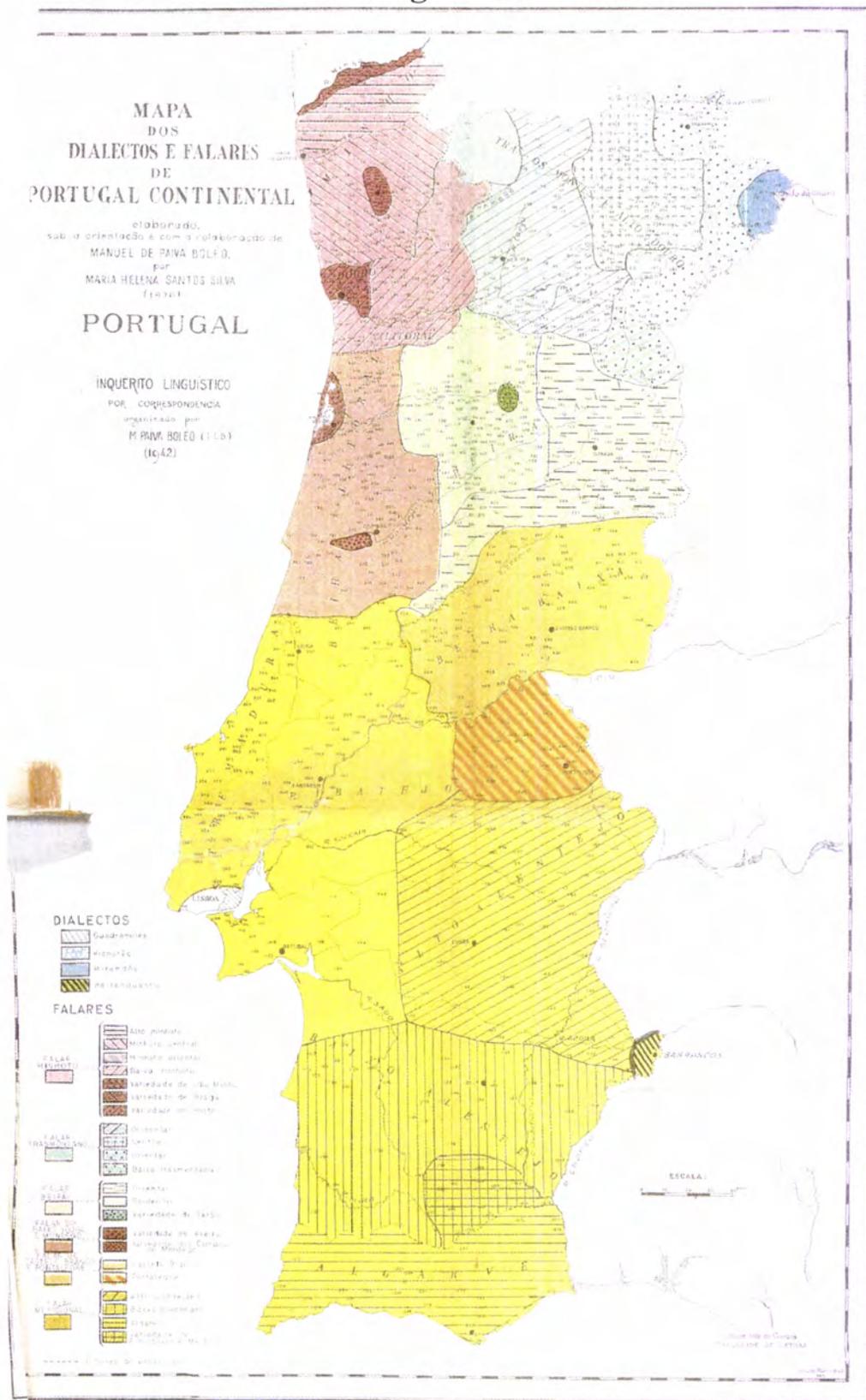
Nota: Além dos informantes principais, acima identificados, pudemos também contar com contributos de muitos outros marvanenses, que foram igualmente imprescindíveis à realização do presente trabalho.

Anexo 3: Mapa Dialectológico do Continente Português¹



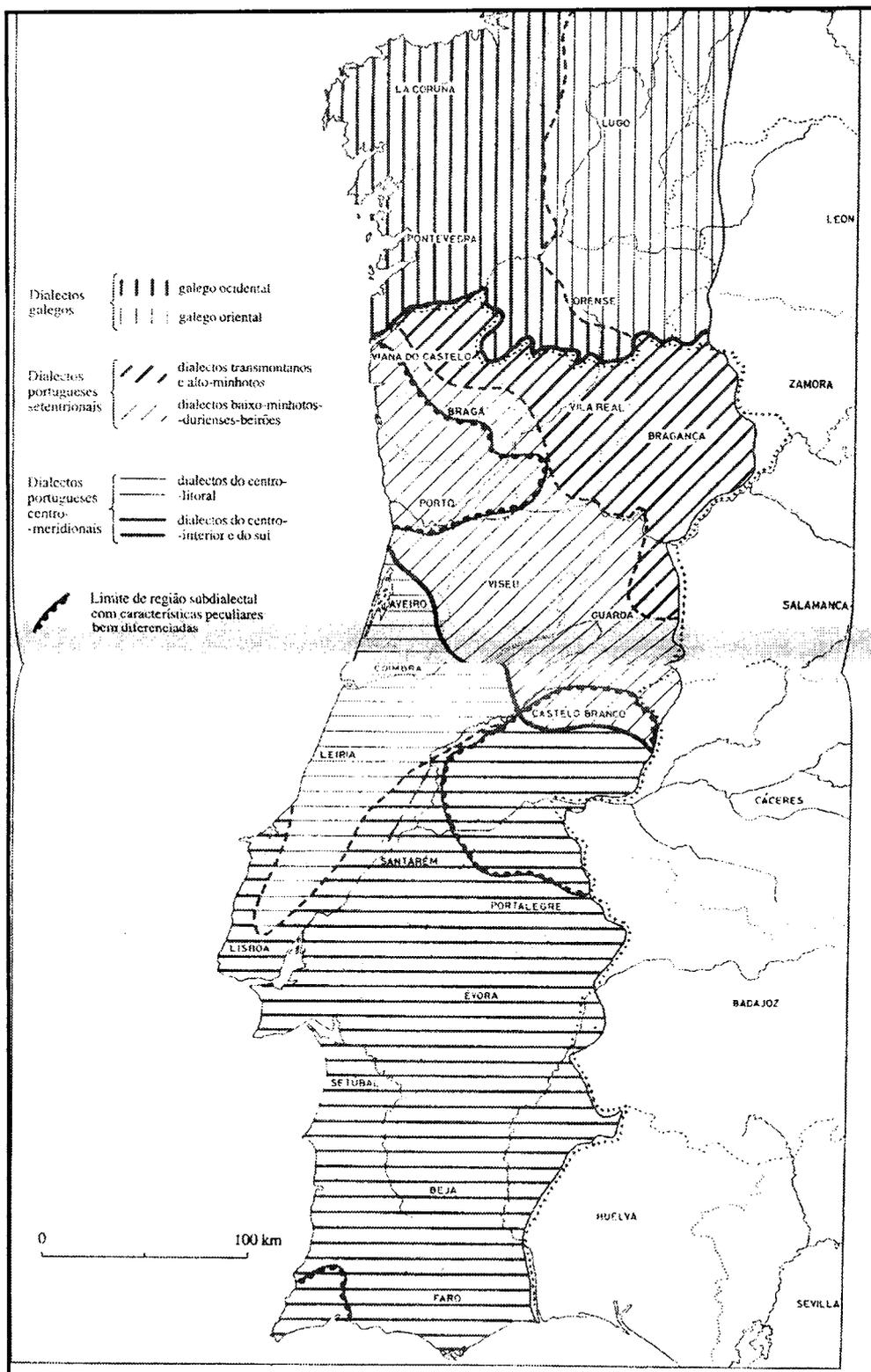
¹ Mapa retirado da obra "O «Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental»", da autoria de M. Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva.

Anexo 4: Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental¹



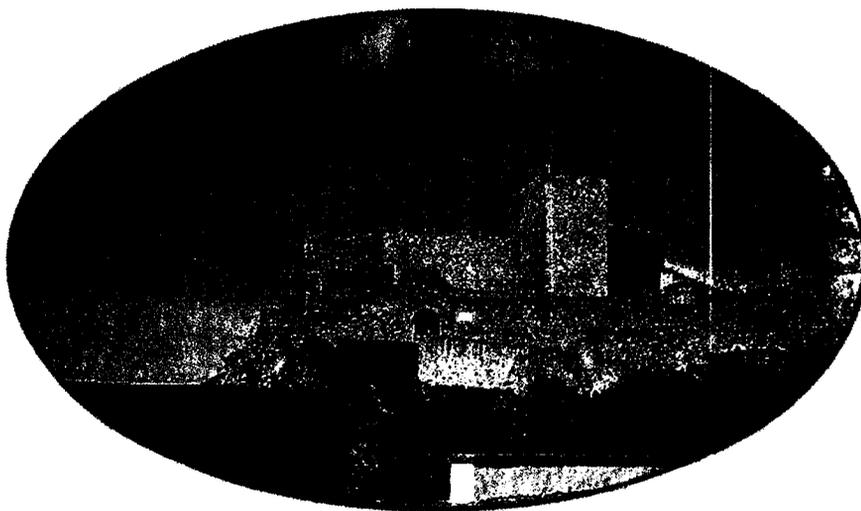
¹ Mapa retirado da obra “O «Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental»”, da autoria de M. Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva.

Anexo 5: Mapa da “Classificação dos dialectos galego-portugueses”¹



¹ Mapa retirado de CINTRA, 1971: 97.

O Falar de Marvão



Inquérito Linguístico
realizado no Concelho de Marvão

Ficha biográfica do informante

- Nome oficial: _____ Sexo
- Nome por que é conhecido: _____
- Alcuha: _____
- Caso exista, como surgiu?

- Localidade onde vive: _____ Freguesia de: _____
- Localidade onde nasceu: _____ Freguesia de: _____
- Caso não seja do concelho do Marvão, há quantos anos cá reside? _____
- Data de nascimento: _____ Idade: _____
- Naturalidade dos parentes próximos:
pai _____ mãe _____ cônjuge _____
- Quanto tempo contactou(a) proximamente com eles?
pai _____ mãe _____ cônjuge _____
- Profissão e actividades que desempenha:

- Locais onde trabalhou e durante quanto tempo:

- Escolaridade:

- Contactos com pessoas mais escolarizadas:

- Viagens e passeios que tenha feito:

- Outras experiências (ida para o ultramar/tropa/estadias mais prolongadas fora da terra...) e sua duração.

- Notas (desdentado/ usa placa / falar pausado ou rápido/ conhecimentos de cultura geral ...)

Caracterização da localidade onde reside o informante

- Nome oficial do local:

- Pronúncia do seu nome:

- Concelho de Marvão Freguesia de: _____

- Número de habitantes do local: _____

- Camadas etárias predominantes:

- Actividades predominantes:

- Nome dos habitantes desse sítio:

- Alcinha dos habitantes dada pelos das outras terras:

- Indústrias caseiras:

- Culturas agrícolas mais importantes:

- Comunicações:

- Alojamentos:

- Emigração/imigração:

- Alcinhas existentes no local e sua motivação:

Índice temático

A – O Universo

A1 – O céu e atmosfera

A 1.1 – O céu e os corpos celestes

A 1.2 – A atmosfera

A 2 – Unidades de medida

A 2.1 – Medição do tempo

A 2.2 – Numerais

A 2.2.1 – Numerais cardinais

A 2.2.2 – Numerais ordinais

A 2.3 – Outras medidas/quantidades

A 3 – A terra

A 3.1 – Os rios e os mares

A 3.2 – O terreno, configuração e constituição

A4 – As plantas

A 4.1 – Ervas, arbustos e flores

A 4.2 – As árvores

A 5 – Os animais

A 5.1 – Os mamíferos

A 5.1.1 – Animais domésticos

A 5.1.2 – Animais bravios

A 5.2 – As aves

A 5.3 – Os peixes

A 5.4 – Os insectos e outros invertebrados

A 5.5 – Batráquios e répteis

B – O Homem

B1 – O homem, ser físico e psíquico

B 1.1 – O corpo humano

B 1.1.1 – A cabeça

B 1.1.2 – Os sentidos e a sua actividade

B 1.1.3 – O tronco e os órgãos internos

B 1.1.4 – Os membros

B 1.1.5 – A pele e as infecções da pele

B 1.1.6 – A saúde e as doenças

B 1.2 – As necessidades do Homem

B 1.2.1 – O vestuário

B 1.2.2 – As refeições e a alimentação

B 1.3 – Situações e actividades físicas e psíquicas

B 1.3.1 – Os movimentos e as posições

B 1.3.2 – Os sentimentos e suas manifestações. O carácter.

B 1.3.3 – Nascimento, morte, relações de parentesco.

B 2 – O Homem e o trabalho

B 2.1 – A agricultura

B 2.1.1 – Generalidades (preparação do terreno – rega)

B 2.1.2 – Os cereais: o trigo e o milho – a ceifa e a debulha; a desfolhada

B 2.1.3 – As alfaias agrícolas

B 2.1.4 – A horta: produtos hortícolas e outros utilizados na alimentação

B 2.1.5 – As árvores e os frutos

B 2.2 – Aproveitamento dos produtos vegetais

B 2.2.1 – A vinha e o vinho

B 2.2.2 – A oliveira e o azeite

B 2.2.3 – A farinha, o pão e afins

B 2.2.4 – O sobreiro e a cortiça; a azinheira; o pinheiro

B 2.2.5 – O lenhador e o forno de carvão

B 2.3 – A criação de gado

B 2.3.1 – Generalidades

B 2.3.2 – O gado vacum



B 2.3.3 – O gado ovino; o gado caprino

B 2.3.4 – O leite e o queijo

B 2.3.5 – O porco e a matança

B 2.3.6 – O gado equino

B 2.3.7 – As aves de capoeira

B 2.3.8 – As abelhas e o mel

B 2.4 – O contrabando

B 2.5 – A caça

C – O Lar

C 1 – Espaço físico

C 2 – Mobiliário e utensílios domésticos

A – O Universo

A 1- O céu e a atmosfera

A 1.1 – O céu e os corpos celestes

1. céu:
2. céu limpo:
3. céu encoberto:
4. nuvem:
5. nuvem (pl.):
6. nuvem (dim.):
7. céu aos carneiros:
8. sol:
9. lua:
10. lua nova:
11. quarto crescente:
12. lua cheia:
13. quarto minguante:
14. circo (da lua):
15. luar:
16. estrela:
17. estrela da manhã:
18. estrela da tarde:
19. Sete-estrela:
20. via láctea:
21. estrela polar:
22. Norte:
23. Sul:
24. Este:
25. Oeste:

A 1.2 – A Atmosfera

- | | | | |
|-----|------------------------------|-----|--|
| 26. | tempo: | 49. | acoitar-se: |
| 27. | bom: | 50. | secar: |
| 28. | bons: | 51. | seco: |
| 29. | boa: | 52. | granizo/pedrisco: |
| 30. | calor: | 53. | enxurrada: |
| 31. | mau: | 54. | trovoada: |
| 32. | má: | 55. | trovão: |
| 33. | más: | 56. | trovejar: |
| 34. | frio: | 57. | relâmpago: |
| 35. | friorento: | 58. | raio: |
| 36. | tremer (de frio): | 59. | relampejar: |
| 37. | (ter os) dedos engadanhados: | 60. | arco-íris: |
| 38. | vento: | 61. | névoa: |
| 39. | ventos conforme a direcção: | 62. | nevoeiro: |
| 40. | vendaval: | 63. | orvalho: |
| 41. | furacão: | 64. | geada: |
| 42. | remoinho: | 65. | gelo: |
| 43. | chuva: | 66. | pedaços de água gelada em
poças (caramelo): |
| 44. | tempestade: | 67. | pedaços de gelo suspensos nos
telhados: |
| 45. | chuva miúda: | 68. | neve: |
| 46. | chuviscar: | 69. | floco (de neve): |
| 47. | aguaceiro: | 70. | nevão: |
| 48. | chuva grossa: | | |

A 2 Unidades de medida

A 2.1 – Medição do tempo

- | | | | |
|-----|--------------------------------|-----|---------------------|
| 71. | manhã: | | Outubro: |
| 72. | meio-dia: | | Novembro: |
| 73. | tarde: | | Dezembro: |
| 74. | noite: | 83. | as estações do ano: |
| 75. | os dias da semana: | | Primavera: |
| | segunda-feira: | | Verão: |
| | terça-feira: | | Outono: |
| | quarta-feira: | | Inverno: |
| | quinta-feira: | 84. | dias dos santos: |
| | sexta-feira: | | |
| | sábado: | | |
| | domingo: | | |
| 76. | hoje: | | |
| 77. | ontem: | | |
| 78. | ante-ontem: | | |
| 79. | trás-ante-ontem: | | |
| 80. | amanhã: | | |
| 81. | depois de amanhã: | | |
| 82. | os meses do ano ¹ : | | |
| | Janeiro: | | |
| | Fevereiro: | | |
| | Março: | | |
| | Abril: | | |
| | Maio: | | |
| | Junho: | | |
| | Julho: | | |
| | Agosto: | | |
| | Setembro: | | |

¹ Saber se existem outros nomes diferentes para os designar. Ex: nomes de santos...

A 2.2 – Numerais

A2.2.1 – Numerais cardinais

85.	um,uma:	104.	vinte:
86.	dois, duas:	105.	trinta:
87.	três:	106.	quarenta:
88.	quatro:	107.	cinquenta:
89.	cinco:	108.	sessenta:
90.	seis:	109.	setenta:
91.	sete:	110.	oitenta:
92.	oito:	111.	noventa:
93.	nove:	112.	cem, um cento:
94.	dez:	113.	duzentos:
95.	onze:	114.	trezentos:
96.	doze:	115.	quatrocentos:
97.	treze:	116.	quinhentos:
98.	catorze:	117.	seiscentos:
99.	quinze:	118.	setecentos:
100.	dezasseis:	119.	oitocentos:
101.	dezassete:	120.	novecentos:
102.	dezoito:	121.	mil:
103.	dezanove:		

A2.2.1 – Numerais cardinais

122.	primeiro:	129.	oitavo:
123.	segundo:	130.	nono:
124.	terceiro:	131.	décimo:
125.	quarto:	132.	décimo primeiro ...:
126.	quinto:	133.	centésimo:
127.	sexto:	134.	milésimo:
128.	sétimo:	135.	último:

A 2.3 – Outras medidas/ Quantidades

- 136. 12 unidades (dúzia):
- 137. 6 unidades (meia dúzia):
- 138. 10 unidades (dezena):
- 139. 25 unidades (quarteirão):
- 140. 50 unidades:
- 141. metade:
- 142. quarto:
- 143. 1 litro:
- 144. ½ litro:
- 145. ¼ litro/ meia latinha:
- 146. 10 litros (de azeite)²*:
- 147. 15 litros (de cereal)*:
- 148. 15 quilogramas (arroba)*:
- 149. 18 litros de vinho (almude)*:
- 150. uma pequena porção num
saco/taleigo (taleigada):
- 151. 1000 quilogramas (tonelada):
- 152. salamim:

² *Verificar as quantidades associadas a cada designação.

A3 - A Terra

A 3.1 – Os rios e os mares

- | | |
|--|---------------------------------|
| 153. regato: | 177. lodo: |
| 154. ribeiro: | 178. poça: |
| 155. ribeira: | 179. pedaços de água gelada nos |
| 156. parte de terreno direito
(várzea/varja): | poços: |
| 157. margem: | 180. charco: |
| 158. pego: | 181. mar: |
| 159. açude: | 182. costa: |
| 160. vau ³ : | 183. praia: |
| 161. seixo: | 184. areia: |
| 162. calhau: | |
| 163. rio: | |
| 164. mouchão: | |
| 165. ponte: | |
| 166. pontão: | |
| 167. foz: | |
| 168. nascente (o ou a?): | |
| 169. bolha: | |
| 170. local onde nasce a água
(alheirão): | |
| 171. fonte: | |
| 172. chafariz: | |
| 173. lagoa: | |
| 174. charca: | |
| 175. lama: | |
| 176. lamaçal: | |

³ Sítio pouco fundo de um rio, por onde se pode passar a pé; baixio.

A3.2 O terreno, configuração e constituição

- | | |
|--|---|
| 185. serra: | 210. granito: |
| 186. encosta voltada a norte: | 211. caminho: |
| 187. encosta voltada a sul: | 212. caminho longo: |
| 188. serrano: | 213. caminho estreito (vereda): |
| 189. monte: | 214. caminho em terra batida
(carteira): |
| 190. montanha: | 215. calçada: |
| 191. cabeço: | 216. atalho: |
| 192. cume: | 217. buraco: |
| 193. cume levado e agudo de um
monte, marco geodésico no cimo de
um monte (talefo(e)/ picoto): | 218. buraco (dim.): |
| 194. penha: | 219. vala: |
| 195. fraga: | 220. cova: |
| 196. vale: | 221. cova grande (covanchão): |
| 197. nave: | 222. zona de terra muito húmida
(valagão): |
| 198. covão (parte mais funda da
encosta das serras): | 223. muro: |
| 199. desfiladeiro: | 224. cerca: |
| 200. barranco: | 225. parcela de terra (talhão): |
| 201. barroca: | 226. parcelas de terras sobrepostas
(arrifes): |
| 202. barroco: | 227. pequena parcela de terra
(cartachal): |
| 203. lapa: | 228. prédio pequeno (cartachal): |
| 204. laje: | 229. terra não cultivada, povoada
por ervas bravas e pedras (marrada): |
| 205. fenda: | |
| 206. lousa: | |
| 207. argila: | |
| 208. calcário: | |
| 209. xisto: | |

A 4- As Plantas

A 4.1 – Ervas, arbustos e flores

- | | |
|-------------------------------------|------------------------------|
| 230. urtiga: | 258. venenoso (pl.): |
| 231. trevo: | 259. venenoso (fem.): |
| 232. joio: | 260. trufa/túbera: |
| 233. unha-gata: | 261. avenca: |
| 234. balanco ⁴ /palanco: | 262. feto: |
| 235. papoila: | 263. esteva: |
| 236. abrótea/abroita: | 264. murta: |
| 237. macela/camomila: | 265. baga da murta: |
| 238. alfavaca: | 266. giesta: |
| 239. borragem ⁵ : | 267. urze: |
| 240. labaga: | 268. tojo: |
| 241. erva-cidreira: | 269. tojo (pl.): |
| 242. chicória: | 270. cardo: |
| 243. manjerona: | 271. alcachofra: |
| 244. alecrim: | 272. cacto: |
| 245. alecrim (pl.): | 273. piteira: |
| 246. rosmaninho: | 274. carapiteiro |
| 247. alfazema: | 275. figueira-do-inferno: |
| 248. arruda: | 276. chorão: |
| 249. zimbro: | 277. cana: |
| 250. anis: | 278. canavial: |
| 251. erva-doce: | 279. junco: |
| 252. tomilho: | 280. medronheiro: |
| 253. musgo: | 281. medronho: |
| 254. cogumelo: | 282. buxo: |
| 255. míscaro: | 283. loendro: |
| 256. fungo: | 284. roseira brava: |
| 257. venenoso: | 285. fruto da roseira brava: |
| | 286. espinho: |
| | 287. silva/balsa: |

⁴ Planta herbácea nociva afim das aveias.

⁵ Planta que normalmente existe junto dos ribeiros.

288. amora:
289. aglomerado de silvas
(balseirão):
290. hera:
291. madressilva:
292. campainhas:
293. margarida:
294. bonina:
295. boas-noites:
296. lírio:
297. cravo:
298. flor que dá o cravo:
299. malmequer:

300. violeta:
301. gladiolo:
302. girassol:
303. roseira:
304. rosa:
305. hortense:
306. malva:
307. carvalhinha/crisanto:
308. sécia:
309. manjerico:
310. dália:
311. flor:
312. flor (dim.):

A 4.2 – As árvores

- | | |
|---|---------------------------------|
| 313. árvore: | 333. cipreste: |
| 314. árvore (dim.): | 334. cedro: |
| 315. raiz: | 335. loureiro: |
| 316. raiz (pl.): | 336. sabugueiro: |
| 317. tronco: | 337. salgueiro: |
| 318. casca: | 338. choupo: |
| 319. ramo: | 339. faia: |
| 320. rama: | 340. videeiro: |
| 321. galho: | 341. amieiro: |
| 322. folha: | 342. ulmeiro(olmo, ulmo): |
| 323. folhagem: | 343. freixo: |
| 324. árvore sem folhas: | 344. plátano: |
| 325. rebento: | 345. olaia (árvore-da-judeia) : |
| 326. rebentar: | 346. podar: |
| 327. pernada ou ramo inútil
(poldra/ladrão): | 347. enxertar: |
| 328. carvalho: | 348. técnicas de enxertia: |
| 329. bugalho: | - garfo: |
| 330. moita (carvalho novo ou
rebentos?): | - mesa: |
| 331. chaparro (carvalho jovem): | - bolha: |
| 332. eucalipto: | - escudo: |
| | - ... |

A 5 - Os animais

A 5.1 – Os mamíferos

A 5.1.1 – Animais domésticos

349. cão:	359. açular/atiçar:
350. cão (pl.):	360. (cão) raivoso:
351. cão (dim.- cãozinho/canito):	361. raivoso (pl.):
352. cadela:	362. raivoso (fem.):
353. cachorro:	363. gato:
354. cachorro (pl.):	364. gata:
355. ladrar:	365. miar:
356. uivar:	366. barulho dos gatos com o cio:
357. ganir:	367. pêlo:
358. assobiar:	

A 5.1.2 – Os animais bravios

368. lobo:	383. ratazana:
369. lobo (pl.):	384. morcego:
370. lobo (fem.):	385. coelho:
371. lobato:	386. coelho pequeno (caçapo/láparo):
372. raposa:	387. lebre:
373. texugo:	388. lebre jovem (lebracho):
374. doninha:	389. lebre grande:
375. furão:	390. toca:
376. lentra:	391. lura/loura/lousa:
377. fuinha:	392. cama da lebre:
378. ginete:	393. corço:
379. gato bravo:	394. veado:
380. ouriço cacheiro:	395. javali:
381. toupeira:	396. javali(pl.):
382. rato:	

397. javali (fem.):
398. javali macho já com alguma
idade (navalheiro):
399. navalhas:
400. amoladeiras:

401. escudo:
402. escudeiro:
403. cama dos javalis:
404. javalis pequenos (listados):
405. conjunto de javalis pequenos:

A 5.2. – As aves

- | | |
|----------------------------------|---|
| 406. pássaro: | 435. corvo: |
| 407. cria de pássaro (borracho): | 436. corvo (pl.): |
| 408. ninho: | 437. gralha: |
| 409. fisga: | 438. pega: |
| 410. funda: | 439. gaio: |
| 411. gaiola: | 440. pica-pau: |
| 412. bico: | 441. melharuco (será o
milharouco?): |
| 413. asa: | 442. poupa: |
| 414. poisar: | 443. cavalinho rinchão: |
| 415. voar: | 444. noitibó: |
| 416. (ele) voa: | 445. cuco: |
| 417. calhandra: | 446. mocho: |
| 418. milheirinha: | 447. mocho (pl.): |
| 419. picanço: | 448. coruja: |
| 420. mengengra: | 449. bufo: |
| 421. cotovia: | 450. milhafre: |
| 422. andorinha: | 451. cegonha: |
| 423. toutinegra: | 452. perdiz: |
| 424. rouxinol: | 453. perdigão: |
| 425. tordo: | 454. perdigoto: |
| 426. tordo (pl.): | 455. perdigoto (pl.): |
| 427. melro: | 456. canto da perdiz: |
| 428. carriça: | 457. bando de perdizes: |
| 429. alvéola: | 458. codorniz: |
| 430. pintassilgo: | 459. galinhola: |
| 431. pardal: | 460. rola: |
| 432. pardal (fem.): | 461. outros: |
| 433. estorninho: | |
| 434. papa-figos: | |

A 5.3 – Os peixes

462. peixe:	482. solha:
463. peixe (dim.):	483. linguado:
464. peixe azul:	484. pescada:
465. peixe branco:	485. marmota:
466. barbatana:	486. pescadinha:
467. guelra:	487. tamboril:
468. escama:	488. peixe-espada:
469. ova:	489. eiró:
470. cardume:	490. cação:
471. sardinha:	491. raia:
472. petinga:	492. lampreia:
473. sável:	493. truta:
474. dourada:	494. salmão:
475. pargo:	495. carpa:
476. besugo:	496. bacalhau:
477. boga:	497. perca:
478. atum:	498. achigã:
479. atum (pl.):	499. carpa:
480. chicharro:	500. pimpão:
481. carapau:	501. Outros:

A 5.4 – Os insectos e outros invertebrados

- | | |
|-----------------------------|-------------------------------|
| 502. borboleta: | 523. louva-a-deus: |
| 503. lagarta: | 524. gafanhoto: |
| 504. traça: | 525. grilo: |
| 505. mosca: | 526. ralo: |
| 506. varejeira: | 527. cigarra: |
| 507. moscardo: | 528. carraça: |
| 508. mosca dos cavalos: | 529. aranha: |
| 509. mosquito: | 530. aranha (diversos tipos): |
| 510. melga: | 531. teia: |
| 511. piolho: | 532. lacrau: |
| 512. lêndea: | 533. centopeia: |
| 513. pulga: | 534. bicho de conta: |
| 514. pulga (masc.): | 535. lombriga: |
| 515. percevejo: | 536. sanguessuga: |
| 516. besouro: | 537. lesma: |
| 517. escaravelho: | 538. caracol: |
| 518. vaca-loura: | 539. caracol (pl.): |
| 519. joaninha: | 540. caracoleta: |
| 520. pirilampo: | 541. casca: |
| 521. libelinha/ tira-olhos: | 542. bicho: |
| 522. formiga de asa: | |

A 5.5 – Batráquios e répteis

- | | |
|-------------------------|-------------------|
| 543. rã: | 551. escorpião: |
| 544. rã (pl.): | 552. lagarto: |
| 545. girino/peixe sapo: | 553. lagartixa: |
| 546. coaxar: | 554. osga: |
| 547. sapo: | 555. cágado: |
| 548. salamandra: | 556. tartaruga: |
| 549. cobra: | 557. fura-pastos: |
| 550. víbora (bíbaro): | 558. Outros: |

B – O Homem

B1- O Homem, ser físico e psíquico

B 1.1 – O corpo humano

B 1.1.1 – A cabeça

559. cabeça:	583. bofetada/estalada:
560. cabeça (aum.):	584. ruga:
561. alto da cabeça:	585. rugas nos cantos:
562. nuca:	586. boca:
563. moleirinha:	587. lábios:
564. partir (a cabeça):	588. beiços:
565. miolos:	589. dente:
566. cabelo:	590. dente do siso:
567. (cabelo) liso:	591. gengiva:
568. (cabelo) crespo:	592. palato:
569. carapinha:	593. língua:
570. caracol:	594. úvula:
571. caracol (pl.):	595. queixo:
572. (cabelo) encaracolado:	596. queixada:
573. madeixa:	597. barba:
574. trança:	598. bigode:
575. poupa/poupo:	599. patilhas:
576. carrapito/totó:	600. pêra:
577. (a) careca:	601. pescoço:
578. (o) careca:	602. pescoço (pl.):
579. testa:	603. garganta:
580. fontes:	604. amígdalas:
581. cara:	605. maçã de Adão:
582. faces:	606. cachaço:

B 1.1.2 – Os sentidos e a sua actividade

607. olho (no sing. usa-se ou é substituído por <i>vista</i>):	624. cega:
608. olho(pl.):	625. cegar:
609. pupila:	626. míope:
610. pálpebra:	627. olhar:
611. pestana:	628. (ele) olha:
612. sobranceira:	629. orelha:
613. ramela:	630. ouvir:
614. remeloso:	631. ouvir muito bem:
615. remeloso (pl.):	632. surdo:
616. treçolho/ terçol?:	633. nariz:
617. treçolho (pl.):	634. nariz (pl.):
618. vesgo:	635. nariz (dim.):
619. ver:	636. nariz grande:
620. zanolho:	637. pessoa com nariz grande:
621. zanolho (pl.):	638. narina/venta:
622. zanolho (fem.):	639. cheiro bom:
623. cego:	640. cheiro mau:
	641. cheirar:

B 1.1.3 – O tronco e os órgãos internos

642. costas:	653. ventre:
643. espinha:	654. umbigo:
644. arrepio:	655. intestino:
645. (a) corcunda:	656. hérnia:
646. (o) corcunda:	657. obrar (lascar?):
647. peito:	658. diarreia:
648. seio/mama/maminha:	659. urinar:
649. pulmão:	660. rim:
650. estômago:	661. rim (pl.):
651. fígado:	662. bexiga:
652. fel:	663. urina:

B 1.1.4 – Os membros

664. ombro:	693. quadril (pl.):
665. sovaco:	694. nádegas:
666. braço:	695. rabo:
667. cotovelo:	696. açoite:
668. pulso:	697. coxa:
669. mão:	698. virilha:
670. mão (pl.):	699. língua:
671. mão (dim.):	700. perna:
672. (mão) direita:	701. curva da perna:
673. (mão) esquerda:	702. joelho:
674. canhoto:	703. canela:
675. canhoto (pl.):	704. tornozelo:
676. canhoto (fem.):	705. pé:
677. palma da mão:	706. pé (pl.):
678. palmada:	707. pé (dim.):
679. dedo:	708. calcanhar:
680. mínimo:	709. calo:
681. anelar:	710. joanete:
682. maior:	711. bolha:
683. indicador:	712. pisadela:
684. polegar:	713. pontapé:
685. nó do dedo:	714. manco:
686. nós:	715. coxo:
687. unha:	716. coxo (pl.):
688. espiçãõ:	717. coxo (fem.):
689. panarício/unheiro:	718. muleta:
690. punho:	719. canejo:
691. maneta:	720. endireita:
692. quadril:	

B 1.1.5 – A pele e as infecções da pele

721. pele:	733. antraz:
722. comichão:	734. lobinho:
723. cócegas:	735. verruga:
724. fazer cócegas:	736. borbulha:
725. chaga:	737. frieira:
726. ferir:	738. fugagem:
727. sangue:	739. impingem:
728. veia:	740. impingem (pl.):
729. pus:	741. erisipela/fogo-de-santo-antão:
730. cicatriz:	742. sarna:
731. cicatriz (pl.):	743. cobro:
732. furúnculo:	

B 1.1.6 – A saúde e as doenças

744. são:	761. ranhoso (fem.):
745. são (pl.):	762. fanhoso:
746. sã:	763. fanhoso (pl.):
747. sã (pl.):	764. fanhoso (fem.):
748. doença:	765. soluçar:
749. mal:	766. soluço:
750. mal (pl.):	767. espirrar:
751. médico:	768. tosse:
752. curandeiro:	769. tossir:
753. remédio:	770. xarope:
754. mezinha:	771. enxaqueca:
755. chá:	772. náusea:
756. constipação:	773. ter náuseas:
757. ranho:	774. vômito:
758. assoar:	775. vomitar:
759. ranhoso:	776. úlcera:
760. ranhoso (pl.):	777. asma:

778. diarreia:
779. difteria/garrotilho:
780. tosse convulsa:
781. papeira:
782. sarampo:
783. varicela:
784. rubéola:
785. paralisia:
786. reumatismo:
787. tensão arterial:
788. colesterol:
789. diabetes(a ou os?):
790. tuberculose:
791. pneumonia:

792. trombose:
793. ataque epiléptico:
794. epilepsia:
795. quebranto:
796. mau-olhado:
797. epidemia:
798. hemorróidas:
799. úlcera:
800. apêndice:
801. gravidez:
802. estar grávida:
803. aborto:
804. menopausa:
805. Outras:

B 1.2 – As necessidades do homem

B 1.2.1 – O vestuário

806. camiseta:	835. colete (roupa interior):
807. camisa:	836. soutien:
808. t-shirt:	837. casaco:
809. saia:	838. casaca:
810. bainha:	839. gola:
811. folho:	840. calças:
812. folho (pl.):	841. vinco:
813. avental:	842. cinto:
814. avental (pl.):	843. fivela:
815. bata:	844. fato:
816. corpete:	845. novo:
817. blusa:	846. novo (pl.):
818. colete:	847. novo (fem.):
819. xaile:	848. forro:
820. lenço de assoar:	849. forro (pl.):
821. lenço da cabeça:	850. alfaiate:
822. formas de colocar o lenço na cabeça:	851. capa:
823. brinco:	852. capote:
824. cordão:	853. capuz:
825. anel:	854. capuz (dim.):
826. anel (pl.):	855. gorro:
827. meias:	856. chapéu:
828. meias sem pé:	857. chapéu (pl.):
829. liga:	858. chapéu (dim.):
830. cuecas:	859. boina:
831. ceroulas:	860. boné:
832. camisola:	861. barrete:
833. camisa de dormir:	862. peúga:
834. pijama:	863. sapato:
	864. bota:

865. sebo:	872. alpargata:
866. atacador:	873. sandália:
867. atar:	874. sandália (dim.):
868. nó:	875. nu:
869. soca:	876. nu (pl.):
870. soca (pl.):	877. nua:
871. chinela:	878. lavagem da roupa (barrela):

B 1.2.2 – As refeições e a alimentação

879. mata-bicho (a aguardente tomada pela manhã ou o pequeno-almoço?):	900. cru:
880. pequeno-almoço ⁶ :	901. cozer:
881. almoço:	902. assar:
882. almoço (pl.):	903. fritar:
883. sesta:	904. estalar:
884. jantar:	905. escalfar:
885. merenda:	906. refogar:
886. lanche:	907. mexer:
887. ceia:	908. esturrar-se:
888. fome:	909. comida com sabor a esturro (que sabe a bispo?):
889. matar a fome:	910. caldo:
890. comer:	911. molho:
891. comilão:	912. molho (pl.):
892. comilão (pl.):	913. pimenta:
893. comilão (fem.):	914. sal:
894. empanturrar-se:	915. insonsa (comida):
895. arrotar:	916. bolo:
896. arrote:	917. bola:
897. arrote (pl.):	918. filhó:
898. beber:	919. filhós (pl.):
899. gole:	920. azevia:
	921. doce:
	922. guloso:

⁶ Averiguar a que horas são tomadas as várias refeições.

923. guloso (pl.):

924. guloso (fem.):

925. nomes de comidas:

B 1.3 – Situações e actividades físicas e psíquicas

B 1.3.1 – Os movimentos e as posições

926. ir:	937. levantar-se:
927. vir:	938. deitar (botar):
928. andar:	939. deitar fora (aventar):
929. sair:	940. pôr:
930. descer:	941. dormir:
931. subir:	942. sono:
932. cair:	943. bocejar:
933. tombo:	944. sonhar:
934. acocorar-se:	945. sonho(substantivo):
935. ajoelhar-se:	946. rressonar:
936. deitar-se:	947. insónia:

B 1.3.2 – Os sentimentos e suas manifestações. O carácter.

948. beijo(substantivo):	961. susto:
949. beijar:	962. medroso:
950. sentir:	963. medroso (pl.):
951. gostar de:	964. medroso (fem.):
952. trair:	965. cobarde:
953. rir:	966. fanfarrão:
954. chorar:	967. vaidoso:
955. chorar muito, compulsivamente:	968. vaidoso (pl.):
956. soluçar:	969. vaidoso (fem.):
957. corar:	970. vaidosa (aum.):
958. gozar (fazer pouco):	971. mentiroso (pl.):
959. pessoa que gosta muito de gozar com as outras:	972. mentiroso (fem.):
960. medo:	973. mentir:
	974. aldrabão:

975. aldrabão (pl.):
976. aldrabão (fem.):
977. gastador:
978. tacanho⁷:
979. avarento/seguro:
980. usuário:
981. emprestar:
982. prazo:
983. dívida (calote/cão...):
984. pessoa que tem muitas dívidas:
985. pessoa que dá tudo o que tem:
986. preguiçoso:
987. papa-açorda:
988. espertalhão:
989. alcoviteira:
990. namorar com (falar com):
991. namoro:
992. ir namorar (ir gajiar):
993. união de facto (estar junto com/estar amancebado com):
994. amizade colorida:
995. pretendente:
996. pessoa por quem nos interessamos:
997. noiva:
998. aliança de casamento:
999. a festa do casamento:
1000. o marido:
1001. a mulher:
1002. mulherengo (galinheiro):
1003. mulher que trai o marido:
1004. mulher/rapariga que facilmente acede a cortesias:
1005. homem traído pela mulher:
1006. homem que se deixa mandar pela mulher:
1007. homossexual:
1008. lésbica:
1009. bissexual:
1010. ciumento:
1011. ter ciúmes de:

⁷ Avaro, mesquinho.

B 1.3.3 – Nascimento, morte, relações de parentesco

- | | |
|---|---|
| 1012. designações atribuídas às crianças conforme as idades (bebé, cachopo, rapaz ...): | 1032. brinquedos e jogos de criança: |
| 1013. enjeitado: | 1033. andar de gatas: |
| 1014. engravidar: | 1034. andar ao pé coxinho: |
| 1015. abortar: | 1035. dar um passo grande (dar uma escanchada): |
| 1016. aborto: | 1036. baloiço: |
| 1017. enxoval da criança: | 1037. o cunhado: |
| 1018. dar à luz: | 1038. o sogro: |
| 1019. parto: | 1039. a sogra: |
| 1020. parteira: | 1040. o genro: |
| 1021. bebé morto: | 1041. a nora: |
| 1022. fraldas: | 1042. padrasto: |
| 1023. mamar: | 1043. madrasta: |
| 1024. dar de mamar: | 1044. como tratam os enteados a madrasta?: |
| 1025. desmamar: | 1045. enxoval: |
| 1026. sono dos bebés: | 1046. funeral: |
| 1027. berço: | 1047. caixão: |
| 1028. madrinha: | 1048. casa mortuária: |
| 1029. padrinho: | 1049. cemitério: |
| 1030. irmãos gémeos: | 1050. missa do funeral: |
| 1031. filho varão: | 1051. velar o corpo: |

B 2. O homem e o trabalho

B 2.1. A agricultura

B 2.1.1 – Generalidades (preparação do terreno - rega)

- | | |
|---|---|
| 1052. campo: | 1078. semear: |
| 1053. parcela de terreno de cultura: | 1079. semear ao lanço: |
| 1054. baldio (terra sem dono): | 1080. semear ao rego: |
| 1055. pousio: | 1081. semente: |
| 1056. folha ⁸ : | 1082. semeador: |
| 1057. arrotear: | 1083. bolsa onde é transportada a
semente: |
| 1058. roçar: | 1084. terra de sequeiro: |
| 1059. roça: | 1085. terra de regadio: |
| 1060. roçadeira/roçadeira: | 1086. água: |
| 1061. decruar ⁹ / arrelvar: | 1087. rega: |
| 1062. alqueivar (dar a 2ª lavra?): | 1088. regar: |
| 1063. alqueive (terra pronta a semear
ou pousio?): | 1089. presa: |
| 1064. lavar: | 1090. tanque: |
| 1065. sulco: | 1091. poço: |
| 1066. lavrador (o que lavra o campo): | 1092. poço (pl.): |
| 1067. charrua: | 1093. rego por onde passa a água
(regadeira/ regueira): |
| 1068. charrueco: | 1094. rego: |
| 1069. grade: | 1095. parte de terra usada para mudar
a água de um lado para o outro
(cobradreira): |
| 1070. rastro: | 1096. cavar: |
| 1071. gradar: | 1097. enxada: |
| 1072. engaço: | 1098. cabo: |
| 1073. ancinho: | 1099. enxadão: |
| 1074. estrume: | 1100. cegonha: |
| 1075. margear: | 1101. pau de cegonha: |
| 1076. belga: | 1102. eixo: |
| 1077. embelgar: | |

⁸ Porção de terreno que recebe culturas alternadas.

⁹ Dar a primeira lavra ou cava à terra.

1103. vara ou corda a que se prende o
balde:
1104. nora:
1105. roda da água:
1106. alcatruz:
1107. lugar onde os alcatruzes
despejam a água:
1108. pião:
1109. almanjarra/almajarra¹⁰:
1110. sarilho:
1111. roldana:
1112. cabaço:
1113. monda:
1114. mondar:
1115. sacho:
1116. sachola:
1117. picareta:

¹⁰ Pau de nora: atafona a que se prende o animal
que puxa a nora.

B 2.1.2 – Os cereais: o trigo e o milho – a ceifa e a debulha, a desfolhada

- | | |
|---|--|
| 1118. trigo: | 1147. vassoura para limpar o palhiço
do grão na eira (coanha ou baleio?): |
| 1119. centeio: | 1148. coanhar/baleiar: |
| 1120. aveia: | 1149. pá: |
| 1121. cevada: | 1150. pás: |
| 1122. seara: | 1151. padejar: |
| 1123. espantalho: | 1152. crivo: |
| 1124. espiga: | 1153. rabeiras ¹¹ : |
| 1125. eixo da espiga: | 1154. rasa: |
| 1126. pragana/saruga: | 1155. rasoira: |
| 1127. ceifa: | 1156. rasar: |
| 1128. ceifar/segarr: | 1157. saco: |
| 1129. ceifeiro: | 1158. arca: |
| 1130. ceifeiro (fem.): | 1159. celeiro: |
| 1131. foice: | 1160. almiara ¹² (ou almiada?): |
| 1132. foicinha: | 1161. palheiro: |
| 1133. dedeiras: | 1162. milho: |
| 1134. manada: | 1163. bandeira: |
| 1135. gavela. | 1164. maçaroca: |
| 1136. paveia: | 1165. barba: |
| 1137. molho: | 1166. camisa: |
| 1138. molho (pl.): | 1167. desfolhada: |
| 1139. corda feita de palha para atar
molhos (vencelho/vencilho ou
megalho/baraço?): | 1168. carolo: |
| 1140. restolho: | 1169. carolo (pl.): |
| 1141. forcado: | 1170. espigueiro: |
| 1142. meda: | 1171. canastro: |
| 1143. eira: | |
| 1144. calcadouro: | |
| 1145. debulha: | |
| 1146. debulhar: | |

¹¹ Moinha, pragana do grão depois de joeirado. Parte ruim do grão.

¹² Meda de trigo ou de palha.

B 2.1.3 – As alfaias agrícolas

1172. jugo ou canga:	1200. junta:
1173. tamoeiro:	1201. jungir:
1174. brasão:	1202. arado:
1175. trasga:	1203. relha:
1176. peça:	1204. dente:
1177. brocha:	1205. rabiça:
1178. jugo de tábua:	1206. cabrito (no arado quadrangular):
1179. gola:	1207. temão
1180. cambalhão:	1208. garganta (no arado de garganta):
1181. arco:	1209. cabeça (no arado de garganta):
1182. ensogadura:	1210. apo (no arado de carreta):
1183. partizela:	1211. teiró:
1184. canzil:	1212. pescaz:
1185. coleira:	1213. aiveca:
1186. almofada para proteger a cabeça do animal:	1214. mexilho:
1187. jugo de trave simples:	1215. sega:
1188. cangalho:	1216. charrua:
1189. mourão:	1217. rabiça:
1190. passadeira:	1218. folha:
1191. vergueiro:	1219. bico:
1192. jugo de molhelhas	1220. aguilhada:
1193. molhelha:	1221. aguilhão:
1194. gamela:	1222. arrelhada:
1195. messa:	1223. barbilho;
1196. jugo ou canga para um só animal:	1224. carro:
1197. jugo ou canga para muares.	1225. fueiro:
1198. jugo ou canga para muares: nomes das partes fundamentais:	1226. chavelha:
1199. soga:	1227. sobrado:
	1228. pinalho:

1229. pombela:
1230. cheda:
1231. gato:
1232. travessa:
1233. sobreposta:
1234. berbião:
1235. coucilhão:
1236. treitoura:
1237. apeladouro:
1238. carro de chedas ao cabeçalho:
1239. soalho:
1240. cabeçalho:
1241. espera:
1242. apostalho:
1243. marmela:
1244. cantadoura.
1245. concão:
1246. carro saloio:
1247. leito (do carro):
1248. descanso:
1249. moço:
1250. mesa:
1251. cadeia:
1252. sobrecadeira:
1253. boneca:
1254. estronca:
1255. amarradeira:
1256. varão:
1257. carreta alentejana:
1258. vara:
1259. rabeira:
1260. taleira:
1261. taleirão:
1262. limão:
1263. contra-limão:
1264. tendal:
1265. taipal:
1266. cace:
1267. chiar:
1268. travão:
1269. eixo:
1270. moente:
1271. margarida:
1272. cabeça do eixo:
1273. cavilha:
1274. roda:
1275. periferia da roda:
1276. aro da roda:
1277. roda do carro de eixo móvel:
1278. meão:
1279. camba:
1280. abraçadeira ou gato:
1281. meia-lua:
1282. sobrerrelha:
1283. buracos da roda:
1284. roda de raios:
1285. pina:
1286. raio:
1287. bucha:
1288. cubo:
1289. maça:
1290. viela:
1291. rodeira:
1292. carroça:
1293. molim:
1294. barrigueira:
1295. zorra:
1296. arreo:

1297. cabresto:
1298. arreata:
1299. albarda:
1300. enxalmo:
1301. cilha:
1302. arrocho:
1303. torto:
1304. torto (pl.):
1305. torto (fem.):
1306. cangalhas:
1307. armação para transportar
recipientes:
1308. armação para transportar pedras:

1309. alforge:
1310. sela:
1311. peitoral;
1312. retranca:
1313. suadouro:
1314. estribo:
1315. loro:
1316. espora:
1317. freio:
1318. rédeas:

B 2.1.4 – A horta: produtos hortícolas e outros utilizados na alimentação

1319. horta:
1320. viveiro:
1321. hortelão:
1322. hortelão (pl.):
1323. hortelão (fem.):
1324. couve:
1325. couve (dim.):
1326. local onde há muitas couves
plantadas:
1327. repolho:
1328. local onde há muitos repolhos
plantados:
1329. grelo:
1330. alface:
1331. agrião:
1332. espinafre:
1333. beldroega:
1334. salsa:

1335. coentro:
1336. poejo:
1337. hortelã:
1338. orégão:
1339. orégão (pl.):
1340. feijão:
1341. vagem:
1342. vagem novinha, acabada de se
formar (unha-gata):
1343. vagem (pl.):
1344. ervilha:
1345. lentilha:
1346. fava:
1347. grão:
1348. grão (pl.):
1349. tremoço:
1350. tremoço (pl.):
1351. amendoim/alcagoita/ervilhana:

<i>1352.</i> amendoim (pl.):	<i>1368.</i> pimento:
<i>1353.</i> batata:	<i>1369.</i> gaspacho:
<i>1354.</i> descascar:	<i>1370.</i> pimentão:
<i>1355.</i> pelar:	<i>1371.</i> malagueta:
<i>1356.</i> pele:	<i>1372.</i> pepino:
<i>1357.</i> pele (pl.):	<i>1373.</i> beringela:
<i>1358.</i> cebola:	<i>1374.</i> abóbora:
<i>1359.</i> réstea:	<i>1375.</i> mogango:
<i>1360.</i> alho:	<i>1376.</i> fritos feitos com mogango:
<i>1361.</i> nabo:	<i>1377.</i> cabaça:
<i>1362.</i> nabiça:	<i>1378.</i> melancia:
<i>1363.</i> parcela de terra onde se semeiam as nabiças, os espinafres...:	<i>1379.</i> melão:
<i>1364.</i> cenoura:	<i>1380.</i> melão (pl.):
<i>1365.</i> rabanete:	<i>1381.</i> meloal:
<i>1366.</i> tomate:	<i>1382.</i> morango:
<i>1367.</i> salada:	<i>1383.</i> morangueiro:

B 2.1.5 – As árvores e os frutos

<i>1384.</i> fruto:	<i>1398.</i> escada:
<i>1385.</i> fruta:	<i>1399.</i> pomar:
<i>1386.</i> maduro:	<i>1400.</i> maçã:
<i>1387.</i> meio maduro (inchado):	<i>1401.</i> maçã (pl.):
<i>1388.</i> amadurecer:	<i>1402.</i> maçã (dim):
<i>1389.</i> temporão:	<i>1403.</i> macieira:
<i>1390.</i> serôdio:	<i>1404.</i> pêro:
<i>1391.</i> núcleo central do fruto:	<i>1405.</i> pêra:
<i>1392.</i> caroço:	<i>1406.</i> pereiro/a:
<i>1393.</i> caroço (pl.):	<i>1407.</i> marmelo:
<i>1394.</i> sumo:	<i>1408.</i> marmelada:
<i>1395.</i> escora:	<i>1409.</i> nêspêra:
<i>1396.</i> escorar:	<i>1410.</i> pêssego:
<i>1397.</i> colher:	<i>1411.</i> damasco:

1412. damasqueiro:
1413. ameixa:
1414. ameixoeira /ameixeira/
ameixieira:
1415. abrunho:
1416. cereja:
1417. cerejeira:
1418. espécie de cola que surge no
tronco das cerejeiras e ginjeiras:
1419. ginja:
1420. laranja:
1421. gomo:
1422. gomo (pl.):
1423. limão:
1424. limão (pl.):
1425. limoeiro:
1426. tangerina:
1427. romã:
1428. romaneira/romeira/romanzeira:
1429. figo:
1430. alfarroba:
1431. amêndoa:
1432. amendoeira:
1433. noz:
1434. noz (pl.):
1435. nogueira:
1436. avelã:
1437. aveleira/aveloeira:
1438. castanha:
1439. magusto:
1440. castanhas secas/piladas:
1441. ouriço:
1442. castanheiro:
1443. castanheiro bravo:
1444. conjunto de castanheiros
bravos:
1445. souto:

B 2.2 – Aproveitamento dos produtos vegetais

B 2.2.1 – A vinha e o vinho

1446. videira:	1470. vindima:
1447. parreira:	1471. rebuscar/rabiscar:
1448. vinha:	1472. tina:
1449. latada:	1473. cuba:
1450. bacelo:	1474. vinho:
1451. mergulhão:	1475. lagar:
1452. ramo da videira seca, para queimar (sarmento?):	1476. lagar (pl.):
1453. enxertar:	1477. pisar:
1454. garfo:	1478. lagareta:
1455. cepa:	1479. prensa:
1456. gavinha ¹³ :	1480. vara:
1457. podão:	1481. fuso ¹⁴ :
1458. podar:	1482. concha:
1459. parra:	1483. laburdo:
1460. ramo tenro da videira (pâmpano/talo/ rebento?):	1484. peso:
1461. cortar as pontas da parreira (despampanar?):	1485. mosto:
1462. tirar as parras (desparrar):	1486. local onde se esmagam as uvas:
1463. uva:	1487. fermentar/cozer:
1464. nome atribuído às uvas verdes (agraço?):	1488. bagaço:
1465. cacho/pendura:	1489. aguardente:
1466. uma pequena parte do cacho (esgalho):	1490. alambique:
1467. bago:	1491. borra:
1468. grainha:	1492. pipa:
1469. engaço:	1493. aduela:
	1494. aro:
	1495. torneira:
	1496. pé:
	1497. trasfegar:
	1498. taberna:

¹³ Elo vegetal que liga a videira a uma estrutura.

¹⁴ Parte do lagar que serve para apertar o molho das uvas.

1499. taberneiro:
1500. bêbedo:
1501. bebedeira (diversas
designações):

1502. pessoa que bebe muito e
aguenta (pipa, seca-adegas, esponja,
...):

B 2.2.2 – A oliveira e o azeite

1503. oliveira:
1504. ladrões/ aguieiros¹⁵:
1505. esladroar/limpar:
1506. candeia:
1507. azeitona:
1508. oliveira brava
(zambujo/zambujeiro):
1509. apanha (da azeitona):
1510. varejar:
1511. vara:
1512. ripar:
1513. pano para onde caem as
azeitonas (toldo/tondo?):
1514. tulha:
1515. azeite:
1516. moinho:
1517. rasto:
1518. galga:
1519. veio:
1520. massa:
1521. seira:
1522. adufa:
1523. alguergue¹⁶/encapachador:

1524. azeite virgem:
1525. azeite de boa qualidade:
1526. azeite de má qualidade:
1527. bagaço:
1528. estrafegar:
1529. tarefa:
1530. água-russa:
1531. local para onde correm os
restos do lagar (ladrão):
1532. talha:

¹⁵ Rebentos que tiram a força à oliveira.

¹⁶ Pedra do lagar onde se colocam as seiras da
azeitona.

B 2.2.3 – A farinha, o pão e afins.

- | | |
|---|---|
| 1533. moinho: | 1562. pão: |
| 1534. azenha: | 1563. pão (pl.): |
| 1535. mó: | 1564. pão (dim): |
| 1536. mó (pl.): | 1565. broa: |
| 1537. moer: | 1566. broa (dim.): |
| 1538. moo: | 1567. forno: |
| 1539. moa: | 1568. forno (pl.): |
| 1540. mói: | 1569. pequeno lume que se faz na boca do forno quando este não está suficientemente quente (visto): |
| 1541. móis: | 1570. meter o pão no forno: |
| 1542. moas: | 1571. meto: |
| 1543. moem: | 1572. metes: |
| 1544. moam: | 1573. metem: |
| 1545. moeu: | 1574. metam: |
| 1546. moleiro: | 1575. rodo: |
| 1547. farinha: | 1576. rodo (pl.): |
| 1548. triga-milha: | 1577. tabuleiro: |
| 1549. peneirar: | 1578. poia (que significados tem?): |
| 1550. peneira: | 1579. lar: |
| 1551. farelo: | 1580. côdea: |
| 1552. o que resulta quando se peneira o farelo (ralão/rolão): | 1581. miolo: |
| 1553. recipiente onde se amassa o pão: | 1582. migalha: |
| 1554. fermento: | 1583. padeiro: |
| 1555. levedar/fintar: | 1584. bolos de azeite: |
| 1556. amassar: | 1585. boleimas: |
| 1557. amassadura: | 1586. bolos que se fazem na Páscoa: |
| 1558. fermentar: | 1587. bolos com um ovo no meio: |
| 1559. fermentada (massa): | 1588. broas que se fazem na Páscoa: |
| 1560. bocado de massa que se guarda para a próxima vez: | 1589. bolos que fintam durante toda a noite: |
| 1561. tender: | |

B 2.2.4- O sobreiro e a cortiça; a azinheira e o pinheiro

- | | |
|---|---------------------------|
| 1590. sobreiro ¹⁷ : | 1615. rolha: |
| 1591. sobreira: | 1616. azinheira: |
| 1592. lenha de sobreira: | 1617. bolota: |
| 1593. chaparro: | 1618. azinho: |
| 1594. montado: | 1619. azinhal: |
| 1595. lande: | 1620. pinheiro: |
| 1596. as primeiras landes que caem: | 1621. pinheiro manso: |
| 1597. lande serôdia, que cai em
Janeiro (janeirinha?): | 1622. pinheiro bravo: |
| 1598. cálice da bolota: | 1623. pinha: |
| 1599. cortiça: | 1624. pinhão: |
| 1600. 1ª cortiça (virgem?): | 1625. agulha: |
| 1601. 2ª cortiça (mansa?): | 1626. caruma: |
| 1602. 3ª cortiça: | 1627. resina: |
| 1603. cortiça de boa qualidade: | 1628. sangrar o pinheiro: |
| 1604. cortiça de má qualidade: | 1629. pinho: |
| 1605. arrancar a cortiça: | 1630. pinhal: |
| 1606. face interior da cortiça
arrancada: | |
| 1607. face exterior da cortiça
arrancada (costa?): | |
| 1608. machado: | |
| 1609. refugio da cortiça: | |
| 1610. pilha: | |
| 1611. fardo: | |
| 1612. sobreiro a que já se tirou a
cortiça: | |
| 1613. cocho: | |
| 1614. tarro: | |

¹⁷ Qual a diferença entre sobreiro e sobreira?
Será o facto de já se lhe ter tirado a cortiça?

B 2.2.5 – O lenhador e o forno de carvão

1631. lenhador:

1632. lenha:

1633. rachar:

1634. cavaco:

1635. acha:

1636. lenha miúda:

1637. lenha fina/chamiço/a:

1638. lenha de sobreira:

1639. lenha de azinheira:

1640. lenha de castanheiro:

1641. toco:

1642. toco (pl.):

1643. cepo:

1644. cunha:

1645. serra (diversos tipos):

1646. serrar:

1647. carvão:

B 2.3 – A criação de gado

B 2.3.1 – Generalidades

- | | |
|---|-------------------------------------|
| 1648. pastor: | 1672. prado: |
| 1649. pastor (pl.): | 1673. prado bravo: |
| 1650. vaqueiro: | 1674. prado cultivado: |
| 1651. cabreiro: | 1675. feno: |
| 1652. aquele que guarda o gado;
pastor (zagal): | 1676. gadanha: |
| 1653. safões: | 1677. forragem: |
| 1654. fundilho ¹⁸ : | 1678. tipos de forragem: |
| 1655. polaina: | 1679. local onde se guarda a palha: |
| 1656. samarra: | 1680. cercado: |
| 1657. cajado: | 1681. curral: |
| 1658. pau: | 1682. curral (pl.): |
| 1659. pau usado para bater o
gado(jangoto/arrocho/tanganho...): | |
| 1660. bolsa de coiro usada pelos
pastores para levar o farnel (surrão?): | |
| 1661. cabana: | |
| 1662. gado: | |
| 1663. conjunto de vacas: | |
| 1664. conjunto de cabras: | |
| 1665. conjunto de ovelhas: | |
| 1666. rebanho pequeno: | |
| 1667. rês: | |
| 1668. rês (pl.): | |
| 1669. apascentar: | |
| 1670. tocar/bater o gado: | |
| 1671. canada ¹⁹ /canadão: | |

¹⁸ Polainas com fivelas.

¹⁹ Carreiro situado no meio dos campos, geralmente murado.

B 2.3.2 – O gado vacum

- | | |
|--|--|
| 1683. boi ²⁰ : | 1712. gamela: |
| 1684. touro: | 1713. comedouro: |
| 1685. touro jovem (novilho): | 1714. ruminar: |
| 1686. vaca: | 1715. pança: |
| 1687. vaca jovem: | 1716. bosta: |
| 1688. vaca turina: | 1717. estrumeira: |
| 1689. vaca aluada: | 1718. atar uma corda dos cornos a
uma pata: |
| 1690. cobrir: | 1719. espárias/secundina: |
| 1691. bezerro: | 1720. doenças que afectam o gado
vacum: |
| 1692. bezerro (fem.): | |
| 1693. bezerro (dim.): | |
| 1694. preparado de leite em pó e água: | |
| 1695. lamber: | |
| 1696. abortar: | |
| 1697. machorra/ alfeira (que não cria,
estéril): | |
| 1698. vaca que pare pela primeira vez: | |
| 1699. teta: | |
| 1700. úbere/ amojó: | |
| 1701. corno: | |
| 1702. corno(pl.): | |
| 1703. corna: | |
| 1704. cornos virados para cima: | |
| 1705. cornos virados para baixo: | |
| 1706. cornos virados para a frente: | |
| 1707. pata: | |
| 1708. unha: | |
| 1709. mugir/ordenhar: | |
| 1710. estábulo/arribana: | |
| 1711. manjedoura: | |

²⁰ Qual a diferença entre boi e touro?

B 2.3.3 – O gado ovino; o gado caprino

1721. carneiro:	1735. acto de tosquiar:
1722. ovelha:	1736. lâ:
1723. ovelha nova (malata):	1737. cardar:
1724. badana (ovelha muito velha e magra?):	1738. bode:
1725. ovelha que ainda nunca criou (machorra):	1739. cabra:
1726. ovelha ou cabra que não se tapou (forra):	1740. capar:
1727. ovelha com o rabo comprido:	1741. capado:
1728. chocalhos usados pelas ovelhas e pelas cabras:	1742. cabrito:
1729. anho/cordeiro:	1743. recinto onde se guardam os cabritos recém-nascidos:
1730. balir:	1744. mocha:
1731. encerrar o gado:	1745. berrar:
1732. lugar onde se encerram:	1746. berro:
1733. acarro:	1747. caganita:
1734. tosquiar:	1748. pau usado para apanhar o gado ovino e caprino (garrota?):
	1749. doenças que afectam este tipo de gado:

B 2.3.4 – O leite e o queijo

1750. leite:	1757. queijo:
1751. mungir:	1758. coalho:
1752. ferrado:	1759. coalhar:
1753. aprisco ²¹ ou apricho?:	1760. soro/atabefe:
1754. nata:	1761. miolinhos de coalhada que ficam no fundo do recipiente para onde se deita o soro:
1755. manteiga:	1762. requeijão:
1756. manteigueira:	1763. cincho:

²¹ Casa feita de ramagens onde se recolhem as ovelhas para se abrigarem ou serem ordenhadas.

1764. francela:
1765. queijo fresco:

1766. queijo feito só com leite de
cabra:

B 2.3.5 – O porco e a matança

1767. porco:
1768. porco (pl.):
1769. porco (fem.):
1770. varrasco:
1771. marrã:
1772. porca em cio:
1773. bácoro²²:
1774. leitão:
1775. leitão (pl.):
1776. leitão (fem.):
1777. porco gordo (cevado/cevão):
1778. pessoa que guardava porcos:
1779. pocilga/chiqueiro/malhada:
1780. vara:
1781. lavagem /lavadura²³:
1782. pia:
1783. masseirão:
1784. focinho:
1785. foçar:
1786. arganel:
1787. roncar:
1788. matança:
1789. magarefe:
1790. chamuscar:
1791. raspar:

1792. instrumento para raspar:
1793. chamberil:
1794. desmanchar:
1795. tripa:
1796. tripa delgada:
1797. tripa grossa:
1798. bofe:
1799. véu da tripa (intertinho):
1800. bucho:
1801. cachola:
1802. barbela:
1803. lombo:
1804. febra:
1805. osso:
1806. osso (pl.):
1807. tutano:
1808. toucinho:
1809. manta de toucinho:
1810. toucinho já velho e com cor
amarelecida:
1811. banha:
1812. pingo:
1813. torresmos:
1814. rojões:
1815. espádua:
1816. presunto:
1817. chispe:
1818. salmoura:

²² Que diferença existe entre *bácoro* e *leitão*?

²³ Preparado confeccionado com cereais, restos de comida, frutas...

1819. salgadeira:
1820. enchido:
1821. chouriço:
1822. chouriço de tripa de porco:
1823. chouriço feito com a tripa do
recto(guarda-fumeiro):

1824. par de chouriços ou farinheiras
(cangalho):
1825. paio:
1826. morcela:
1827. farinheira:
1828. cacholeira:

B 2.3.6 – O gado equino

1829. cavalo:
1830. égua:
1831. parelha:
1832. manada:
1833. garanhão:
1834. poldro:
1835. pileca:
1836. relinchar:
1837. garupa:
1838. casco:
1839. coice:
1840. espojar-se:
1841. peia:

1842. burro:
1843. burro (fem):
1844. cria da burra:
1845. zurrar:
1846. (ele) zurra:
1847. mula:
1848. macho:
1849. besta:
1850. besta que não se deixa montar
(cerreira):
1851. local onde dormem as bestas:

B 2.3.7 – As aves de capoeira

1852. galo:
1853. galinha:
1854. galinha nova (franga):
1855. crista:
1856. galador:
1857. galar:

1858. capão:
1859. pinto:
1860. pinto (dim.):
1861. frango:
1862. frango (dim.):
1863. ovo:

1864. ovo (pl.):
1865. gema:
1866. clara:
1867. galadura:
1868. ninho:
1869. choca:
1870. chocar:
1871. choco:
1872. choco (pl.):
1873. goro:
1874. goro (pl.):
1875. papo:
1876. moela:
1877. galinha:
1878. galinha/galo sem penas no
pescoço:
1879. capoeira:
1880. galinheiro:

1881. cacarejar:
1882. peru:
1883. peru (fem.):
1884. pato:
1885. pato (fem.):
1886. cria da pata:
1887. ganso:
1888. ganso (fem.):
1889. pombo:
1890. pombo (fem.):
1891. borracho:
1892. arrulhar:
1893. casal:
1894. conjunto de pombos:
1895. pombal:
1896. cocó:
1897. cocó (fem.):

B 2.3.8 – As abelhas e o mel

1898. abelha:
1899. abelha mestra:
1900. zangão:
1901. ferrão:
1902. picada de abelha (ferroada):
1907. favo de mel:
1908. cera:
1909. mel:
1910. crestar:
1911. crestadeira²⁴:

1903. vespa:
1904. colmeia:
1905. enxame:
1906. cortiço:

²⁴ Instrumento com que se tiram os favos do cortiço.

B 2.4 – O contrabando

- 1912. carga:
- 1913. contrabandista:
- 1914. pessoa que denunciava o acto do
contrabando:
- 1915. engajadores²⁵:
- 1916. carabineiros:
- 1917. falangistas:
- 1918. patrulha:
- 1919. noite enluarada:
- 1920. noite muito escura:
- 1921. bolso/algibeira:
- 1922. alcofa:
- 1923. lanterna:
- 1924. candonga:
- 1925. caminho de cabras:

²⁵ Indivíduos que passavam pessoas para o outro lado da fronteira.

B 2.5 – A caça

1926. presas/peças:

1927. caça à noite (espera):

1928. preparar o terreno para uma
espera:

1929. caça ao javali e às raposas
(batida):

1930. gancho:

1931. porta:

1932. homem que acompanha os cães
nas batidas(matilheiro):

1933. monte de pedras onde se
escondem os coelhos bravos:

1934. a primeira peça que se caça na
temporada venatória:

1935. não apanhar caça:

1936. apanhar muita caça:

1937. caçar para fazer um petisco
conjunto (caçada para a panela):

1938. merenda que se leva para a caça
(bucha):

1939. carabina:

1940. flober:

1941. espingarda/trabuco/...:

1942. bala:

1943. zagalote:

C – O Lar
C 1 – Espaço físico

- | | |
|---|--|
| <p>1944. hall de entrada:</p> <p>1945. despensa/arrecadação:</p> <p>1946. casão:</p> <p>1947. sótão:</p> <p>1948. piso acima do 1º andar
(sótão/sobrecama?):</p> <p>1949. águas-furtadas:</p> <p>1950. quarto:</p> <p>1951. sala de estar:</p> <p>1952. cozinha:</p> <p>1953. chaminé:</p> <p>1954. salgadeira:</p> <p>1955. lava-loiça:</p> <p>1956. armário/estante para guardar a
loiça:</p> <p>1957. borralheira²⁶:</p> <p>1958. poial:</p> <p>1959. friso:</p> <p>1960. pilheira:</p> <p>1961. casa de banho:</p> <p>1962. bidé:</p> <p>1963. lavatório:</p> <p>1964. banheira:</p> <p>1965. polibã:</p> <p>1966. sanita:</p> <p>1967. toalheiro:</p> <p>1968. alpendre:</p> <p>1969. pátio:</p> <p>1970. curral:</p> | <p>1971. terraço:</p> <p>1972. alegrete:</p> <p>1973. fenda na parede:</p> <p>1974. gateira:</p> |
|---|--|

²⁶ Confrontar com a designação usada para referir um local onde há muito pó (borralheira).

C 2 – Mobiliário e utensílios domésticos:

1975. vasilhas para a água (cântaros, cantarinhas ...):
1976. banco com três pernas:
1977. mesa pequena e baixa:
1978. ventoinha:
1979. candeeiro de petróleo:
1980. candeeiro de mão:
1981. vela:
1982. fósforos:
1983. isqueiro:
1984. trempe:
1985. canudo:
1986. abanico:
1987. tenaz:
1988. serviço de jantar:
1989. conjunto de pratos de loiça (cantareira):
1990. chocolateira:
1991. cafeteira:
1992. sertã²⁷:
1993. tacho:
1994. panela:
1995. tampa da panela:
1996. panela de ferro:
1997. marmita:
1998. escumadeira:
1999. caço/concha:
2000. faca grande:
2001. faca para trincar carne:
2002. navalha muito pequena:
2003. pedra de amolar:
2004. panela de barro:
2005. caldeirão:
2006. infusa²⁸:
2007. base para poisar os recipientes quentes:
2008. pano para limpar as mãos:
2009. grau/gral:
2010. tigela:
2011. tigela grande:
- caneca:
2012. caneca de chá:
2013. caneca de café:
2014. garrafa de vinho:
2015. garrafão de vinho:
2016. jarro de vinho (cajeirão):
2017. alguidar de barro:
2018. bacia (de esmalte):
2019. alguidar:
2020. alguidar (dim.):
2021. cestos de vime, palha, cana...:
2022. potes de barro (talhas):
2023. utensílios de latão (amarelos?):
2024. cama:
2025. cama de ferro:
2026. rádio:
2027. televisão:

²⁷ Qual a diferença entre *sertã* e *tacho*?

²⁸ Recipiente para líquidos com uma asa lateral.

2028. frigorífico:

2029. camilha:

2030. saia da camilha:

2031. tapete:

2032. capacho:

2033. torcida/morcela:

Anexo 7: Documento de demarcação do termo de Marvão em 1264

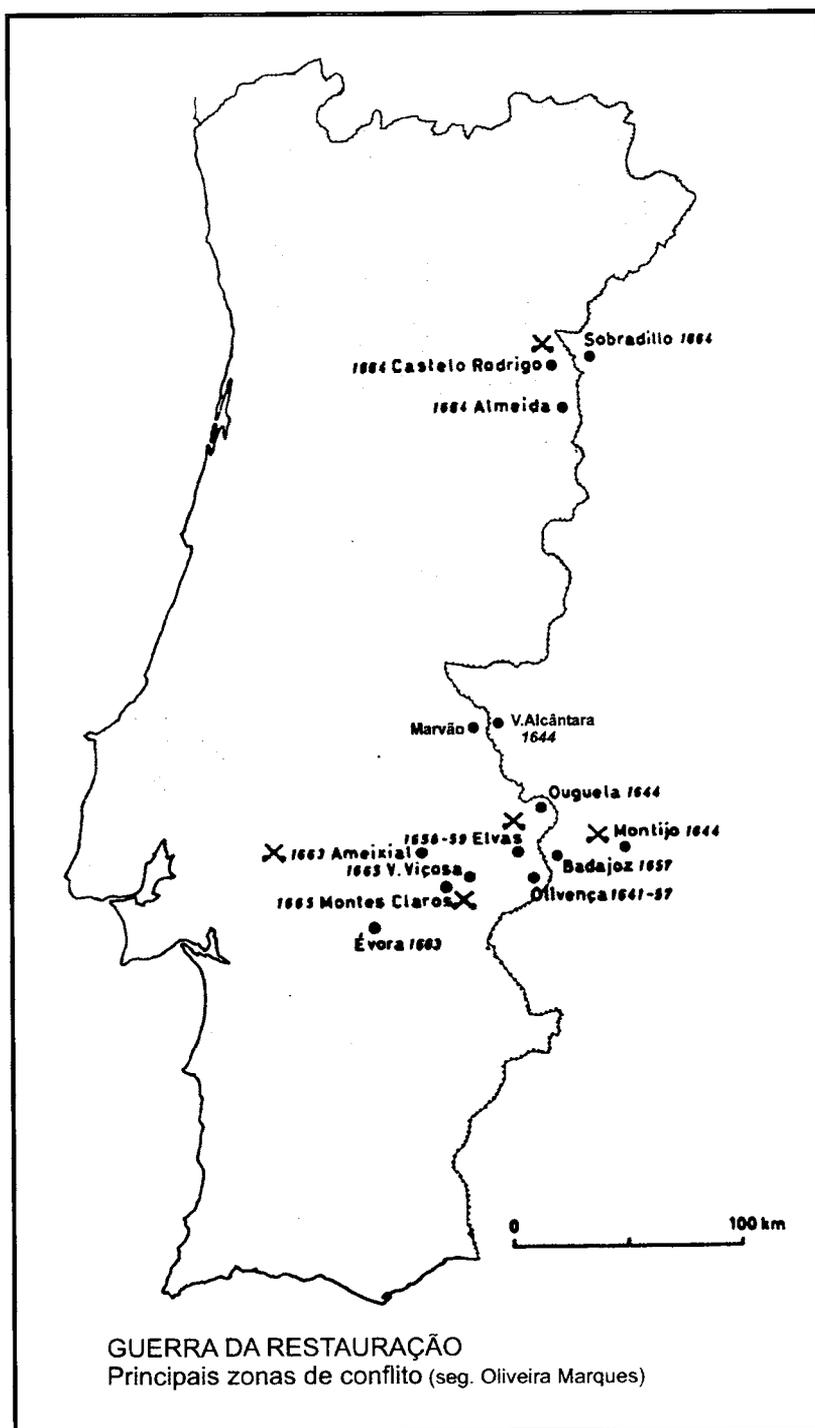
et cum omnibus ingressibus et egressibus in
 et cum omni iure regali et iure patronatus
 ecclesiarum quod ibi habere uel habere debet. Do-
 natus et concedo predictis Episcopo et ecclesie per-
 tinentiam ipsam castri cum omnibus supradic-
 tis ut ipsi et successores eorumdem habeant
 et possideant ipsum castri cum omnibus sup-
 radicte iure hereditario in perpetuum. ne aut
 ista uel donatio inuoluntate uoluntate obtineat fir-
 mitatem Cartam istam mandam in te sic
 in et meo sigillo proprio sigillari. Fficta
 causa donationis et perpetue firmitudine.
 Anno cantuariensi. v. lxxviii. E. h. cc.
 lxxviii. **D**ominus almaricus garce. of. Do-
 minus Gonsalvus petri. of. Comendator de
 merula of. qui estiam certe nomine Ro-
 xae que se no palen leet. Dominus Gou-
 cune secundus Rex portug. al. Dominus
 Rex granens portugulensis. Rodericus
 comitis de biterne. te. Alfonsus martin
 se inde dñi regis te. Egeas laurentis de
 cuna. te. Martine glis portanus mano-
 te. Martine martin copanus te. Mar-
 tine nunnz ceuadatus. te. Iohis mene-
 di. echan. te. Dominus durandus froy-
 Cancellarius dñi regis. fernandus pe-
 serbanus curio. Notant.

Carta de marua. io Carta do termo q
 He for dno com declaracão das cõstas

Antônio...

Demarcação do Termo de Marvão por D. Sancho II na era de MCCLXIV

Anexo 8: Mapa das principais zonas de conflito durante a Guerra da Restauração¹



¹ Mapa cedido pelo Professor Doutor Jorge Pestana Oliveira.